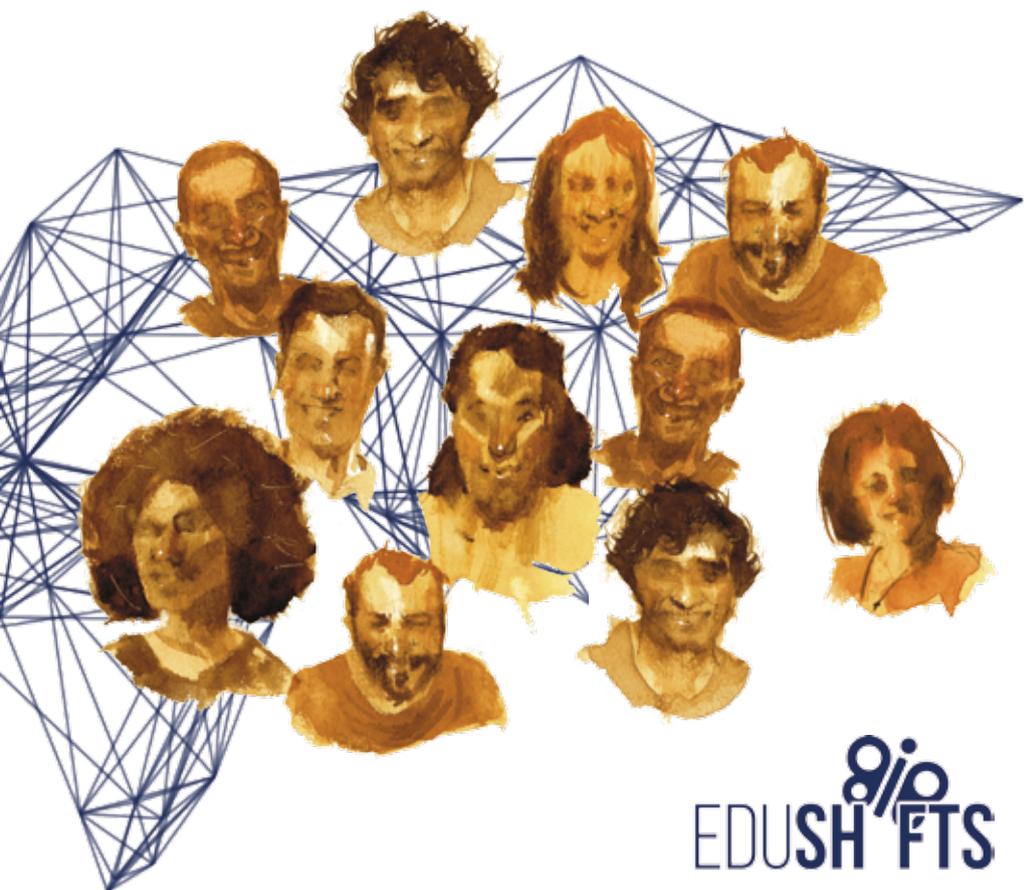


# EDUSHIFTS

O FUTURO DA EDUCAÇÃO É AGORA

PHILIPPE GREIER | TATHYANA GOUVÊA



810  
EDUSHIFTS

# **EDU**SHIFTS

**O FUTURO DA EDUCAÇÃO É AGORA**

**ADEBAYO** AKOMOLAFE

**AXINIA** SAMOILOVA

**FLÁVIO** BASSI

**FLOR** DILLON

**FLORIS** KOOT

**GALORIAN**

**GERALD** HUETHER

**HELENA** SINGER

**JOSÉ** PACHECO

**KU** KAHAKALAU

**MANISH** JAIN

**PHILIPP** MÄNTELE

**PHILIPPE** GREIER

**TATHYANA** GOUVÊA

**THEREZITA** PAGANI

**THOMAS** HEIDE

**TIÃO** ROCHA

**YAACOV** HECHT

# EDUSHIFTS

## O FUTURO DA EDUCAÇÃO É AGORA

PHILIPPE GREIER | TATHYANA GOUVÊA



**EDUSHIFTS**

# AGRADECIMENTOS

Um projeto como este, feito a tantas mãos, precisaria ter muitas páginas de agradecimento. Falaremos de forma geral, mas sabendo da importância e carinho de cada um para que esse livro acontecesse.

Primeiramente aos autores, que aceitaram o convite deste livro, esperamos que essas ideias floresçam!

Aos tradutores voluntários, que tão gentilmente se dispuseram a colaborar com este projeto, e à revisora Gabriela Alberghini Malheiros, que teve um grande trabalho de adequação de linguagem diante de uma obra que deu voz a tanta gente.

À Salim Thaifa, Galorian, Maria Popova e Ira Branitskaya, que colaboraram com a campanha de financiamento coletivo, à Laís Guedes, Roberto Rodrigues, Mike Curtis, Teresa Frith, Pedro Barrera, Nick Van Breda, Eileen Walz e David Beatly, pelo apoio ao projeto, à Ivar Troost, Thais Avelino e André Tessmann pelo suporte da plataforma que sustentará o jogo-distribuição deste livro, e à equipe da CONANE que nos acolheu para o lançamento da obra.

À Dora Murano, que elaborou o projeto gráfico, e a Daniel Araújo, que ilustrou as páginas que se seguem, pela parceria e por acreditarem o tempo todo em nosso sonho.

Ao Porvir pela plataforma InnoveEdu que utilizamos no capítulo sobre experiências, e por todas as pessoas e entidades que ajuda-

ram na divulgação desse projeto.

A cada um dos colaboradores da campanha de financiamento coletivo que apoiou este, bem como outros projetos de educação transformadora, acreditando, impulsionando e realizando mudanças em prol de um mundo mais justo e fraterno. E a você, caro leitor, que faz uma nova realidade ser possível, construindo confiança em tempos de mudança.

Nosso muito obrigado a todos vocês!

Tathyana e Philippe

## APOIADORES DA CAMPANHA DE FINANCIAMENTO COLETIVO (ATÉ 10 DE JUNHO DE 2017)

Alexander Spitzer	Joshua Harrower
Aksinya Samoylova	Luca Rischbieter
Alex Bretas	Luis Boscardin
Alys Mendus	Maria Parelho das Neves
Ana Aguirre Uriz	Marianne Osório
Anat Shapira	Marija Popova
Barbara Ertl	Marion Bedat
Carola Keller	Martin Kanatschnig
Catherine Becker	Martin Kirchner
Cecília de Queiroz	Mathias Haas
Chad Green	Matthias Greier
Ciska Jansz	Michael Arnoldus
Claud Sutcliffe	Milton Dawes
Dalilah Pichler	Murguia Ramiro
Daniel S. Caixão	Nick van Breda
David Beatty	Nueesch Samuel
David Eggleton	Ofira Roll
Dror Yaron	Olga Lazareva Barbo
Eileen Walz	Olga Rozumane
Einat Shimshoni	Patrícia Dionízio
Erik Mooij	Rodolfo Neto
Erika Kitabayashi	Rumi Moiz
Escola Trilhas Ltda	Ryan Shollenberger
Fabian Szulanski	S. Doll-Steinberg
Família Gouvêa	Sarah Morais
Fernando André	Swaroop Kagli
Francine Danniau	Téia Capitano
Francisco Nobrega	Ulrike von Ruecker
Guido Crolla	Valmir Marques Medeiros
Harald Katzenschlaeger	Vanessa Pinheiro
Ivar Troost	Willian Barberino
Jean Sigel	Xaver Inglin
Jeroen Spierings	Yudith Rosenthal

# PREFÁCIO

## PRIMEIRA EDIÇÃO

Esta primeira edição foi lançada no dia 15 de Junho de 2017 na III Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação (CONANE), em Brasília - Brasil.

Mil cópias da edição em inglês foram impressas na Ucrânia e parte delas, depois de um longo trajeto, chegaram a Brasília para darmos início ao jogo de lançamento deste livro. Os participantes da CONANE e os vários autores desse livro receberam esses exemplares com o objetivo de distribuí-lo ao redor do mundo. A ideia é que o livro seja lido por quem o receber, mas que na sequência a pessoa passe a obra a diante. As trajetórias dos livros poderão ser acompanhadas pela plataforma [www.edushifts.world](http://www.edushifts.world) e assim vamos testar a teoria de que apenas 6 contatos separam qualquer pessoa do mundo!

Para a elaboração desse livro contamos com a colaboração de muitos voluntários, aos quais somos extremamente gratos, mas também tivemos alguns custos com ilustração, editoração, impressão e logística. Para cobrir esses gastos fizemos a campanha de financiamento coletivo ([www.edushifts.world](http://www.edushifts.world)), que segue aberta até atingirmos essa meta e que continuará posteriormente para o desenvolvimento da plataforma que dará suporte às interações dessa rede e a novos projetos como este. Colabore com o valor que puder e nos ajude na divulgação dessa campanha!

Nesta mesma plataforma [www.edushifts.world](http://www.edushifts.world) você encontra de forma totalmente gratuita essa obra completa em inglês e em português. Esperamos que ela traga muitas inspirações e conexões a todos!

Fraterno abraço,

Tathyana e Philippe

# SUMÁRIO

5 | AGRADECIMENTOS

9 | PREFÁCIO

13 | INTRODUÇÃO

19 | EDUCANDO PARA UMA ERA DE SABEDORIA

Philippe Greier

35 | REIMAGINE A EDUCAÇÃO

Adebayo Akomolafe | Manish Jain

47 | A ESCOLA SCHETININ E O FUTURO DA EDUCAÇÃO

Axinia Samoilova

77 | EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Flávio Bassi

93 | UNIVERSIDADE VIVA INKIRI

Flor Dillon

109 | O CHAMADO PARA O EDUCALIPSE

Floris Koot

139 | UMA NOVA CONSCIÊNCIA SOCIAL

Galorian

- 145 | RISCO DE COLAPSO!  
Gerald Huether
- 165 | MUDANÇA DE PARADIGMA  
Helena Singer
- 183 | APRENDER EM COMUNIDADE  
José Pacheco
- 191 | ILHA À VISTA  
Kū Kahakalau
- 215 | A ACADEMIA DE INOVAÇÃO SOCIAL EM UGANDA  
Philipp Mäntele
- 231 | ENTREVISTA A THEREZITA PAGANI  
por Tathiana e Philippe
- 257 | SE EU SOU O UNIVERSO, COM QUEM ESTOU FALANDO?  
Thomas Heide
- 263 | ENTREVISTA A TIÃO ROCHA  
por Tathiana e Philippe
- 277 | DE UM PARADIGMA DE PIRÂMIDE A UM PARADIGMA DE REDE  
Yaacov Hecht
- 299 | EXPERIÊNCIAS INSPIRADORAS  
Tathiana Gouvêa
- 317 | SOBRE OS AUTORES E TRADUTORES VOLUNTÁRIOS

## INTRODUÇÃO

*O instante é de uma iminência que me tira o fôlego.*

*O instante é em si mesmo iminente.*

*Ao mesmo tempo que eu o vivo,  
lanço-me na sua passagem para outro instante.*

(Clarice Lispector)

Educar é simultaneamente preservar o passado a partir do que esperamos para o futuro, no presente instante. A ação educativa é tão espontânea que poderíamos dizer que para a espécie humana ela é natural, ou seja, produzir e transmitir cultura é da natureza humana. Mas tal ação, nos últimos séculos, ganhou maior complexidade, acompanhando as modernas sociedades industriais, passando a ter um lugar e uma ciência dedicados a ela: a escola e a pedagogia. Sua ampla expansão por todo o planeta evidencia como ambas serviram aos propósitos do homem dos séculos XVIII, XIX e XX.

Alguns filósofos, médicos e pedagogos fizeram pesadas críticas a este modelo hegemônico de educação ao longo do último século, mas a sociedade em pouco respondeu. No século XXI, com o avanço das tecnologias digitais, da modernidade líquida (apresentada por Bauman como um processo mais impactante do que a própria Revolução Industrial), e mudanças na compreensão do que é tra-

balho e geração de valor, novos modelos de preparação do homem para a vida adulta começam a ser demandados.

Neste cenário, pensadores do século XX são retomados, novas escolas são criadas ao redor do mundo e muitos agentes, de grandes empresas a professores de pequenas cidades, passaram a pensar em novas práticas educacionais que façam mais sentido para os jovens e para o mercado de trabalho, para as famílias e o planeta, para as democracias estatais e para o bem-estar de cada um.

Em 2013 eu dei início à minha tese de doutorado sobre este tema. Ela foi publicada com o título “O movimento brasileiro de renovação educacional no início do século XXI”. Para sua elaboração eu visitei diversas escolas pelo Brasil e conheci projetos e organizações que dão diferentes estímulos a essas iniciativas. Uma delas foi a ONG “Presente!”, criada por Philippe Greier. Achei interessante esse grupo de europeus recém-chegados ao país, que não falavam português, sem recursos financeiros, com o objetivo de conhecer e conectar escolas. Achei muito diferente a forma com que se organizavam, sem que ninguém soubesse qual seria o próximo passo, tudo sendo construído com os recursos humanos e financeiros que aparecessem. Não imaginei que fossem conseguir muita coisa, mas cinco meses depois os reencontrei em Brasília, para a Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação (CONANE), que Philippe estimulou que fosse realizada no lugar de vários eventos dispersos, como se planejava fazer na época.

A I CONANE foi um marco neste movimento, conectando mais de 400 educadores, dando voz a um processo relevante mas até então silencioso. Depois disso, CONANEs regionais surgiram, uma II CONANE Nacional e agora, em 2017, a III CONANE Nacional acontecerá junto ao Encontro das Américas (ENA), onde teremos o lançamento deste livro!

A ideia deste projeto surgiu em 2015, quando eu estava terminando de escrever a tese, sistematizando de forma teórica aquelas vivências. Philippe seguia viajando pelo mundo, desenvolvendo projetos, conectando pessoas e escolas. Pensamos em unir minha

vontade de sistematizar e compartilhar ideias acerca de novos modelos educacionais à rede de Philippe, e assim nasceu o projeto do livro “EDUshifts”.

Convidamos diversos autores que ao longo de 2015 e 2016 compartilharam conosco seus textos, doando seus direitos autorais (cabendo a ressalva de que as opiniões e os conteúdos veiculados em cada um dos textos ainda são de responsabilidade exclusiva e integral de cada autor, sendo necessárias as devidas referências a cada um deles). Depois passamos a buscar tradutores voluntários que nos ajudassem na produção do livro nos vários idiomas e, por fim, encabeçamos uma campanha coletiva de captação de recursos a fim de levantar fundos para a revisão profissional dos textos, assim como para ilustração, editoração e impressão da obra.

O livro será lançado em inglês (cópia impressa e digital) e em português (cópia digital). Foi desenvolvido 100% online, utilizando-se recursos digitais de compartilhamento e cogestão, sendo disponibilizado de forma gratuita. Envolveu dois coordenadores, 18 autores, 25 tradutores, 1 ilustrador, 1 designer, 2 revisores e 2 coordenadores para campanha de captação de recursos, pessoas de mais de 20 países espalhados por todos os continentes.

Viver a elaboração deste livro não poderia ter sido uma experiência mais imersiva dos conteúdos que se apresentam nas páginas que se seguem. Foi incrível compreender o potencial que há na rede: pessoas do mundo inteiro doando saberes, tempo e recursos para um projeto de outras pessoas que elas não conheciam, amigos de amigos ou colegas de Facebook. Se uma palavra pudesse resumir o que foi esse projeto, e espero que ela seja um indício do futuro, essa palavra seria generosidade. Pessoas se doando às outras em prol de um projeto.

De forma semelhante vemos essa mesma dedicação nas experiências relatadas neste livro, tanto por autores convidados, quanto no texto Experiências Inspiradoras, que busca dar exemplos de projetos atuais que já desenvolvem os conceitos apresentados pelos autores em seus textos sobre o futuro. Esse texto foi escrito

com base na plataforma InnoveEdu, da parceria formada pelo PorVir, Wise, edSurge e InnovationUnit.

Os capítulos autorais foram escritos de forma livre, sem restrição ao formato, tamanho ou conteúdo; apenas convidamos que cada autor escrevesse “algumas páginas sobre suas crenças e sonhos para a educação do futuro”, e o resultado foi uma diversidade de textos, de formatos acadêmicos a entrevistas repletas de histórias, de relatos de experiências a proposições filosóficas, alguns mais extensos, outros bem breves, porém todos envolventes, intrigantes e propositivos.

Philippe Greier abre o livro discorrendo sobre a transformação educacional, evidenciando que este processo já se faz presente entre nós. Adebayo Akomolafe e Manish Jain fornecem exemplos ao redor do mundo de propostas educacionais que servem de alternativa ao modelo convencional. No texto de Axinia Samoilova temos um relato de uma experiência educacional russa com ponderações a partir de Makarenko. Com Flávio Bassi refletimos sobre as competências transformadoras adotadas pelo programa da Ashoka. Flor Dillon detalha a experiência de educação livre Inkiri, uma universidade viva no sul da Bahia (Brasil). Floris Koot vai além da crítica à educação tradicional e nos apresenta possibilidades para a educação do futuro. Galorian amplia o universo de educação e nos oferece uma reflexão sobre a sociedade em rede e suas possibilidades. Gerald Huether nos traz as contribuições mais avançadas sobre o cérebro humano e seus impactos para a educação. Helena Singer nos fala sobre movimentos sociais e aponta as razões de estarmos em um contexto favorável para mudança. José Pacheco reflete sobre a educação em comunidade e nos relata sua experiência na Escola da Ponte, em Portugal. Ku Kahakalau escreve sobre a tradição e modernidade da cultura nativa havaiana. Philipp Mäntele oferece detalhes de sua experiência educacional em Uganda. Therezita Pagani compartilha sua vasta experiência como educadora por meio do brincar. Thomas Heide, em um texto denso e breve, nos brinda com um novo paradigma para pensar a educação. Tião

Rocha nos aproxima do olhar da Terra e da tradição para pensar a educação do futuro, e Yaacov Hecht, em um artigo bastante didático, explica as bases da educação democrática. Encerro este livro trazendo algumas experiências ao redor do mundo que ilustram os conceitos e propostas apresentados ao longo dos demais textos.

Que este livro possa nos inspirar a criar o futuro que queremos!  
Com carinho,

Tathyana Gouvêa

# EDUCANDO PARA UMA ERA DE SABEDORIA

O TESTEMUNHO UTÓPICO DE UM  
VIAJANTE DO TEMPO EM 2184

*Philippe Greier*

Caros habitantes do começo do século XXI,

Eu lhes trago uma mensagem de esperança. Progressivamente, a sua sociedade está se dando conta de como as decisões de todos dão forma ao nosso futuro coletivo. E nessa jornada coletiva de educação, é essencial espalhar essa mensagem, não somente enquanto conhecimento, mas também enquanto sabedoria derivada da experiência. Porque ao vivermos tendo esse discernimento como um valor básico faz toda a diferença. A possibilidade de vermos nosso planeta florescer com realidades locais saudáveis se torna uma realidade.

Grande parte do trabalho será substituído por robôs e grande parte da tomada de decisão será feita por inteligência artificial. Mas ter pessoas conscientes, independente de idade e meio social, parece ser benéfico para a sociedade de diferentes maneiras, e muitas vezes, em um nível pessoal. Os perigos da poluição e devastação mundiais terminaram. Não que todos os problemas tenham sido resolvidos e a política ainda não cause confrontamentos, mas como um todo, vocês estão muito melhores. A natureza se tornou mais presente, até cidades adentro, que se tornaram verdadeiros jardins, plenos de arte e aprendizado. Já não estamos na era dourada de uma só nação, mas estamos vivendo o tempo das pequenas



comunidades, que se espalham em todo o planeta. E para que essa esperança se torne realidade, é preciso fazer da ideia de que tudo e todos importam se torne um valor global.

Na sua época, já há uma consciência cada vez maior sobre a urgência de desviar o destino da humanidade do curso em que está indo. Na época em que vivo, essa esperança se tornou realidade. Porém, isso não significa que a sua realidade tem a minha como destino certo. Para isso, vocês precisam enxergar tanto a necessidade como a possibilidade desse destino. Vejam-no então como uma espécie de sonho preditivo. Mas vamos começar por onde vocês estão agora, e como podem trazer uma mudança muito necessária na percepção coletiva e na sociedade.

## A REALIDADE SOCIAL DO COMEÇO DO SÉCULO XXI

Quando olhamos de volta desde o ano 2184 para o começo do século XXI, nos questionamos. Porque tão poucas pessoas perceberam o perigo em que sua sociedade se encontrava? Era por que o poder e o avanço tecnológico eram vistos como o ápice da civilização? A percepção do ocidente como sendo o ápice da civilização já havia se tornado uma ameaça ao longo do século XX. Avisos oriundos de outros conjuntos de crenças, tais como os de povos indígenas, mal eram levados a sério. Dentro do mundo ocidental, o sistema predominante não havia sido questionado, ao passo que suas desvantagens se tornavam cada vez mais claras. A pressão sobre as florestas e o aumento de zonas desérticas no oceano aconteceram fora da bolha da mídia convencional ou, que era, como poderia se

---

1 O que é civilização? Pode-se argumentar que não é nada mais do que o quanto uma sociedade ou cultura é classificada em comparação com os paradigmas, valores e normas da sociedade que faz essa classificação. As sociedades industriais com o avanço mais tecnológico proclamam-se o ápice da civilização. A soma da riqueza, dos avanços tecnológicos e da liberdade pessoal eram vistos como a prova dessa afirmação. Na verdade, essa alegação baseava-se na quantidade de poder que detinham sobre todas as outras culturas, cegos à sabedoria que estas possuíam.

dizer, uma quantidade massiva de propaganda para vender bens de consumo e uma liberdade possível de ser comprada ao atingir a riqueza. Poucas mentes conseguiam pensar para além dela, então as questões mais críticas eram, em sua maioria, evitadas. Isso apesar de cientistas reconhecidos darem avisos, tais como Stephen Hawking, uma figura muito conhecida que compartilhou seguidamente sua preocupação em relação ao futuro da humanidade<sup>2</sup>.

Agora, mais do que em qualquer outro momento de nossa história, nossa espécie precisa trabalhar em conjunto. Enfrentamos desafios ambientais impressionantes: mudanças climáticas, produção de alimentos, superpopulação, dizimação de outras espécies, doenças epidêmicas, acidificação dos oceanos etc. Juntos, eles são um lembrete de que estamos no momento mais perigoso no desenvolvimento da humanidade. Agora temos a tecnologia para destruir o planeta em que vivemos, mas ainda não desenvolveram a capacidade de escapar dele<sup>3</sup>.

Ao mesmo tempo, o mundo ocidental usou a promoção de seus sistemas de crenças como uma desculpa para avançar seu poder político. Isso não era essencialmente diferente do modo como os espanhóis no século XVI, e as potências coloniais dos séculos XVII e XVIII usaram a fé cristã como uma desculpa para conquistar e colonizar, alegando querer trazer a “luz” aos colonizados. Naquele momento, o Ocidente passou a usar principalmente o “avanço da democracia” como sua desculpa para pressionar os governos a “escolher” as elites que aceitariam as empresas ocidentais para estabelecer novos mercados e locais de produção ou obter “direitos” para saquear os recursos naturais. As corporações tornaram-se mais poderosas do que os países. Elas subornavam ou até mesmo compravam os governos para não impedir seu auto enriquecimento em detrimento da paz, das liberdades e, essencialmente, de todo o ecossistema.

---

2 <http://www.salon.com/2017/04/30/its-the-end-of-the-world-and-we-know-it-scientists-in-many-disciplines-see-apocalypse-soon/>

3 <https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/dec/01/stephen-hawking-dangerous-time-planet-inequality>

## A NECESSIDADE DE MUDAR OS PARADIGMAS DOMINANTES

O mundo natural ficou gravemente danificado durante o final do século XX e início do século XXI. Este dano provocou mudanças climáticas, guerras e desastres. E ainda a maioria das pessoas pensava que o auge do sucesso era ter um papel poderoso dentro dessas estruturas globais prejudiciais. Como alguém poderia questionar os poderes que buscam “iluminar as pessoas atrasadas”? Como alguém poderia questionar um sistema educacional que oferece acesso à elite e promete poder, segurança e riqueza? Ou até mesmo um sistema visto como o destaque da civilização<sup>4</sup>? Não se pode. Estar em primeiro dentre muitos certamente cega os sentidos essenciais.

A civilização ainda não está preparada e educada para um futuro mais brilhante. Os cidadãos sentem-se tomados por suas histórias pessoais, lutando com a dor que os impede de evoluir para uma sociedade libertada. As realidades são baseadas na escassez ao invés da ideia de abundância. As pessoas estão paralisadas por causa do medo ou da falta de compreensão de como liderar em tempos de incerteza, mas com paradigmas cambiantes. Felizmente é esse o momento em que pessoas começam a acordar, e muitas realidades começam a florescer de esperança. Mas de início, o mundo chegará ao limite para começar a se distanciar dele.

As lutas pelo poder político e a falta de alternativas na governança criam incerteza entre as pessoas. A desconexão entre o sistema político e os cidadãos está se tornando óbvia. Os tomadores de decisão no poder foram apanhados em sua própria rede de interesse próprio. Muitos deles construíram uma realidade tão desconectada do que a maioria das pessoas vive que a sua reali-

---

<sup>4</sup> Seria a Finlândia realmente um exemplo de educação de sucesso, ou seria o melhor exemplo de otimização de um sistema falho?

dade se tornou uma gaiola na qual eles mesmos tomam decisões. A violência deslocou-se para o centro das sociedades dominantes ocidentais, e tornou-se óbvio que o medo mantém as pessoas em movimento e em evolução. O nacionalismo extremo e o aumento da pobreza entre a classe média dominante desencadearam um movimento contra que não se limitou às fronteiras regionais e nacionais. Ele trouxe a sociedade a um ponto onde muitos sentem a necessidade de sair de suas caixas e colaborar. As restrições que as pessoas sentem nessa época, suas jaulas auto reafirmadas e zonas de conforto percebido no mundo moderno estão se quebrando cada vez mais.

Esse é o momento em que as pessoas entendem que sua única chance de evitar uma catástrofe global é trabalhar juntos e colaborar para além do mercado e dos interesses nacionais. Mais e mais pessoas têm a certeza de que precisam deixar ir o que a educação tem cultivado por gerações e gerações. As pessoas começam a questionar e reavaliar o que eles vinham tomando por certo. É necessário desaprender o que eles aceitaram como verdade e como as únicas realidades existentes. É desafiador dado que sua maneira de pensar e de agir estava atrelada à educação a que tiveram acesso, enraizada em sistemas baseados no pensamento capitalista e linear, embora a transformação da sociedade peça uma educação que sirva ao todo e não apenas à necessidade de negócios para trabalhadores educados.

## O DESPERTAR PARA NOVAS NARRATIVAS EDUCACIONAIS

Então como aconteceu a mudança? Como aqueles que sentiram a necessidade de mudança fizeram isso acontecer? As escolas e as universidades foram espelhos da sociedade existente que refletem em grande parte como as sociedades foram desafiadas. A educação no século XXI não é mais uma preocupação exclusivamente nacional. Quase todo o sistema educacional em todo o mundo sofre

com desafios semelhantes. A educação tradicional tem servido ao sistema predominante e às estruturas de poder baseadas na padronização e na centralização. No entanto, as informações e os conhecimentos têm crescido exponencialmente. Problemas causados pelo desenvolvimento não-linear não podem ser resolvidos pela separação e hierarquias rígidas. Grande parte da sociedade ainda está tentando enfrentar os desafios do mundo com uma forma de pensamento linear. A boa notícia é que há outras soluções surgindo.

As escolas públicas e as universidades, ainda que em pequeno número, já se desenvolveram e algumas se abriram tremendamente a diferentes formas de educação. Professores de todo o mundo trabalham horas extras para compensar as deficiências do sistema. Mas eles precisam urgentemente de apoio. E a ajuda está chegando lentamente e sob o radar da mídia tradicional e sistemas educacionais governamentais, alternativas estão sendo descobertas.

## A EMERGÊNCIA DE SOLUÇÕES LOCAIS

Soluções locais - algumas também dentro ou com o apoio dos sistemas de educação pública - surgiram. Educadores pioneiros, professores e diretores, pais frustrados e nativos digitais progressistas participam de movimentos cívicos distribuídos para superar desafios que surgiram por causa de sistemas educacionais ultrapassados. Abordagens multiculturais e interdisciplinares da educação permitem criar uma perspectiva única sobre os problemas dos sistemas predominantes, e identificar as soluções mais inovadoras. Todos os dias, milhões de pessoas dedicam seu tempo, energia e inspiração para ajudar os outros a aprender e evoluir.

Um número crescente de iniciativas de pais e alunos vem surgindo. Os pais estão procurando para seus filhos soluções que lhes trarão uma educação personalizada com base nos sonhos e necessidades da geração jovem. Sua nova abordagem em relação à vida vai ajudá-los a sair de processos dolorosos e criar espaços seguros

que permitem às pessoas desenvolver plenamente o seu potencial. Cada indivíduo tem diferentes necessidades e habilidades que precisam ser atendidas. Em um momento de aceleração e de uma crescente complexidade, os diplomas<sup>5</sup> perderam o seu significado e os alunos são confrontados principalmente com perguntas como: “Quem sou eu? O que eu realmente quero fazer? Quais são os meus valores? O que me pertence ou não e o que devo seguir para ser mais eu mesmo? Como combinar minha paixão com meu propósito? Eu quero trabalhar para criar uma vida ou viver para trabalhar? Eu quero trabalhar?”<sup>6</sup>.

Para entrar na era da sabedoria, as pessoas precisam de uma preparação que lhes permita cumprir seu potencial. Redes pessoais se tornam comunidades de apoio do caminho de aprendizagem de alguém e criam esse espaço seguro. É mais válido saber quem confiou em você e o que você pode realizar do que ter a certificação de uma única instituição que deu uma compreensão limitada das habilidades e talentos de alguém.

A transformação da educação muitas vezes não foi claramente enxergada pelo público em geral. A percepção das realidades ainda é enviesada pela educação tradicional. A discussão pública é dominada pela mídia dominante influenciada por uma perspectiva ocidental. A transformação ocorre em lugares inesperados. Em todo o mundo ocorrem eventos transformadores que impactaram a transformação global da educação. Esses eventos não acontecem no mundo ocidental, ainda que eles pudessem ter uma influência imediata em grande escala<sup>7</sup>.

---

5 Dado que estou falando com pessoas do século 21 gostaria de salientar que ao falar com os meus pares em 2184 ninguém entende o conceito de diplomas ou certificações. Nossos talentos, habilidades e experiências são transparentes para toda a sociedade e a comunidade cuida coletivamente de nosso desenvolvimento e nos ajuda a aplicar nossos talentos no processo de materializar pensamentos e realidades.

6 Comparar Philippe Greier sobre o Edu on Tour no livro *Caíndo no Brasil*

7 Existem fortes movimentos em torno de escolas alternativas também em países como a Alemanha (Schule im Aufbruch) ou Israel (Cidades Educadoras).

## A OCUPAÇÃO ESTUDANTIL NO BRASIL

A ocupação de escolas no Brasil foi um grande exemplo. Algo surpreendente aconteceu em 2015 e 2016<sup>8</sup>, mostrando o que era possível de ocorrer em um sistema educacional nacional tradicional que estivesse falhando. Foi no ano de 2015 que o estado de São Paulo decidiu reestruturar seu sistema educacional e fechar as escolas públicas sem incluir alunos ou professores nesse processo.

Em resposta, os estudantes resistiram. Eles começaram um movimento para ocupar suas escolas enquanto o governo de São Paulo começava a impor sua decisão<sup>9</sup>. E os alunos conseguiram. Depois de lutas violentas e um clamor público, o governo teve que parar sua intenção.

Em 2016, o governo brasileiro tinha sido responsável pela criação de uma lei, denominada PEC 241, que cortou investimentos em educação e sistema de saúde. A lei refletia o absurdo daquele tempo. O país tinha sofrido graves crises, especialmente por conta de práticas de corrupção que chegavam até os mais altos círculos políticos, enquanto as pessoas no poder decidiram cortar o orçamento para a educação. Mais uma vez, a forte reação dos estudantes forçou o governo a retroceder na maior parte das reformas planejadas relativas às escolas.

O sistema escolar brasileiro em geral não estava muito em ordem naquela época. Muitas crianças iam para a escola para passar apenas quatro horas. Havia uma falta de recursos básicos como livros, mesas de escola, ou cadeiras. Em geral, os professores estavam mal preparados e reputados. Eles tinham um salário muito baixo e pouco acesso a formação. Os professores de línguas não falavam a língua que tinham para ensinar. As dificuldades ocorreram devido aos enormes desafios geográficos e econômicos que o país teve de enfrentar. Na região Nor-

---

8 <https://www.nytimes.com/2015/12/16/opinion/brazils-students-occupy-their-schools-to-save-them.html>

9 <https://www.facebook.com/notes/lilian-labbate-kelian/occupy-schools-students-in-s%C3%A3o-paulo-demanding-a-role-in-improving-education/1088740951166037/>

te, as crianças eram ensinadas em barcos ou precisavam deles para viajar para a escola. Em algumas regiões, as escolas eram o local onde recebiam comida, uma vez que suas famílias eram muito pobres.

Entretanto, a falta de recursos e infraestrutura ruim permitiram uma grande cultura de inovação e soluções de baixo para cima. Isso associado a uma riqueza de patrimônio cultural e indígena e emparelhado com uma educação emocionante em escolas de samba, comunidades de capoeira e vibrantes ecossistemas de artistas e artesanato compuseram o berço perfeito para uma educação universal e soluções inovadoras de aprendizagem. A região em torno do Brasil tornou-se um ecossistema vibrante de mudança e uma das principais referências na era da pós-verdade para a transformação da educação, apoiados por uma rede estruturada de educação alternativa na América do Sul<sup>10</sup>. Outras regiões que experimentaram uma rápida transformação foram a Índia, Nova Zelândia e Ucrânia, de maneira distribuída. Portanto, a mudança de educação será mais uma evolução, que tem que acontecer urgentemente, do que uma revolução.

## CAMINHO DE APRENDIZAGEM UNIFICADO: DA CONCORRÊNCIA À COOPERAÇÃO

Por muito tempo escolas alternativas, iniciativas educacionais e movimentos sociais têm agido de maneira solitária e isolada. As soluções inovadoras não são de conhecimento público. Às vezes, nem mesmo são conhecidas entre si, ainda que trabalhem na mesma região. A riqueza desse vibrante ecossistema ganha vida quando educadores e tomadores de decisão começam se abrir para a colaboração<sup>11</sup>.

---

10 Leia a análise de Ilkka Kakko sobre a Era do Pós-Verdade e suas consequências sobre as organizações de nosso tempo. <https://www.slideshare.net/ilkkakakko/new-book-ilkka-kakko-oasis-way-and-the-postnormal-era-how-understanding-serendipity-will-lead-you-to-success>

11 Leitura complementar: <https://charleseisenstein.net/essays/institutes-for-technologies-of-reunion/>

Quando chegar o momento em que forças e soluções existentes serão combinadas, diferentes realidades educacionais se manifestarão.

Com o passar do tempo, movimentos civis e projetos educacionais progressistas aprendem a conectar-se e comunicar-se uns com os outros de maneira eficiente. Compartilhar experiências, aprendizados, recursos e ferramentas ajuda todos a evoluírem a passos rápidos. Inovadores da educação juntam forças com pais, alunos e profissionais de diversas áreas, muitos deles com diferentes visões e métodos. Mas existe uma intenção mútua e uma necessidade de aliviar o sofrimento que tem se mantido nos sistemas educacionais há gerações. Por causa da urgência dessa transformação, não é hora de discutir se a desescolarização, os modelos alternativos de escolarização, como Montessori e Waldorf, a educação democrática, ou até mesmo a educação tradicional é o modelo certo ou não. É hora de adotar uma grande variedade de soluções a fim de fornecer uma opção saudável aos alunos.

## DESCOBRINDO A ESSÊNCIA DA APRENDIZAGEM

Comunidades locais e profissionais automaticamente cuidarão da qualidade do processo de aprendizagem. O controle de qualidade natural ocorrerá em um processo auto organizado que se ative pela conectividade cada vez mais ampla e pela alta transparência proporcionadas pela tecnologia. O processo mental de aceitar ser incapaz de controlar esse processo é o maior entrave para a sociedade. A confiança é essencial, tanto a confiança nesse processo de aprendizado coletivo como a confiança uns nos outros enquanto indivíduos sem soluções pré-definidas. A idade da sabedoria se baseia em confiança.

Por meio desse processo, instituições tradicionais, como escolas e universidades, descobrem a liberdade de usar sua autonomia criativa. Cada vez mais organizações públicas se especializam de acordo com o interesse e o conhecimento informal e *expertise* de sua equipe docente. Ao longo do tempo, elas desenvolvem confiança para participar desse processo contínuo de transformação, que

é ativado pelo apoio de comunidades locais, outras escolas e pioneiros com experiência em educação. A equipe docente participa ativamente desse desenvolvimento, junto com alunos e pais. Todos são tratados de modo igualitário. Todos desfrutam desse processo de aprendizado, pois ele os liberta de estruturas nocivas. Muitas vezes não é uma questão jurídica, mas sim de ter o pensamento correto e a coragem para dar um passo para sair desse dilema.

Esse desenvolvimento permite o surgimento de espaços de aprendizagem informais. Espaços protegidos e seguros em que se possa aprender sem uma programação. Onde se possa testar e experimentar. E errar. É a hora em que as pessoas começam a ver oportunidades de aprendizado em toda parte, em qualquer hora e local.

É também por isso que não há necessidade de comparar nem discutir diferentes métodos ou sistemas educacionais. No âmbito pessoal, alguns preferem o Montessori, outros, o sistema democrático; e poucos, até o ambiente tradicional de aprendizagem. O que importa é que haja variedade e as pessoas tenham a capacidade de escolher e decidir, para seu próprio bem, o que é melhor para elas e para seus filhos. A escola moderna é distribuída, auto organizada e independente do local.

## UMA PROFUNDA TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE FEITA POR UMA COMUNIDADE INTERGERACIONAL.

Quando entendemos que é possível libertar crianças e alunos dos currículos e ambientes de aprendizagem padronizados, começamos a ver as possibilidades de realizar nossos próprios sonhos e paixões. Oportunidades de trabalho *freelancer*, redes fluidas e companhias abertas serão uma realidade para grande parte da sociedade. É tempo de superar o medo de errar e entender a diversidade como um acelerador da transformação e do estilo de vida livre. Assim criaram-se espaços seguros.

Alternativas para educação, aprendizado não tradicionais e ambientes de trabalho ganham impulso à medida em que mais pes-

soas buscam estilos de vida alternativos e estão prontas para pedir demissão e se prepararem para um futuro melhor. As pessoas começam a acreditar que são capazes de mudar a humanidade e de acelerar a mudança. É a descolonização de um pensamento fixo.

Os *millennials* e nativos digitais têm crescido com tecnologia da informação e naturalmente utilizam seus benefícios. Eles identificam métodos alternativos de aprendizado e melhores práticas em educação como oportunidades para fins de desenvolvimentos pessoal e aprendizado coletivo. A geração jovem promove jornadas de aprendizagem para comunidades e universidades alternativas utilizando tecnologia para se conectarem, e para ampliar a experiência de aprendizado.

Nos ambientes de aprendizagem, as pessoas podem se conectar com os instrumentos de mudança mais influentes. Crianças e *millennials*. Crianças que não foram manipuladas por um sistema ultrapassado e por seu valor de ensinar a pensar, a pensar diferente ou a usar a tecnologia mais recente se tornaram de grande valor para boa parte da sociedade. Idosos, inovadores, empreendedores sociais, advogados, ex-consultores de negócios e banqueiros, aprendizes permanentes que aprendem uns com os outros. Esse método multicultural e intergeracional permite que certas partes da sociedade criem perspectivas originais sobre os problemas e vislumbrem diferentes realidades possíveis.

Ocorrerá um longo processo de mudança de interesse e de poder. Há muitos anos, a existência do mundo tem se fragmentado. Partes da sociedade continuarão na energia da sobrevivência e da concorrência, enquanto mais e mais pessoas não aceitarão o *status quo*, e serão capacitadas em grupos de interesse menores e em comunidades locais. Uma nova geração de instrumentos de mudança foi educada em tecnologias sociais, como a arte de anfitriar, a comunicação não violenta ou o *Dragon Dreaming*. Quem se sente motivado a agir e está disposto a despender esforços e recursos pessoais para transformar sistemas danificados promove uma consciência de modo auto organizado. As pessoas entenderão que

o mecanismo de mercado existente não se enquadra na interdependência autônoma e crescente de aprendizes e trabalhadores<sup>12</sup>.

Transformar a educação requer novos modelos econômicos. As comunidades locais começam a aplicar princípios dos modelos econômicos alternativos em escala maior. Durante uma fase de transição, a renda básica é usada para desaprender os conceitos do capitalismo. Os princípios econômicos compartilhados se aplicam desde que todos se tornaram criadores de conhecimento e podem ser compensados. Riqueza e poder estão sendo realocados por meio de elementos da economia de oferta. A educação democratizada é financiada pelos mais abastados, que são o 1% mais ricos. Essa dinâmica faz com que as soluções reduzam a fome mundial, a pobreza, o crime, as necessidades médicas e as falhas na educação. As pessoas entenderão que podem viver em igualdade e abundância.

## DESAFIO MÚTUO: USO CONSCIENTE DE TECNOLOGIA

Nos primórdios, o uso da tecnologia da informação apenas reforça estruturas desatualizadas, com a hierarquia nos processos de aprendizagem. Distribuir tablets e seguir currículos padronizados não necessariamente significa inovação. A tecnologia não apenas permite várias formas de individualizar o modo como as pessoas estão aprendendo. As necessidades pessoais e os hábitos de aprendizagem são identificados e supridos por meio de jogos de computador e programas educativos compostos individualmente. As soluções tecnológicas dão acesso virtual a conhecimento especializado sobre áreas de interesse, o que possibilita a criação e compartilhamento de conhecimento entre pares.

A incerteza gerada pelo uso da tecnologia ainda é bastante difundida, sobretudo na educação. Historicamente, a tecnologia tem sido usada ao longo dos séculos para segregar. Até o século XXI,

---

12 <https://www.theguardian.com/books/2015/jul/17/postcapitalism-end-of-capitalism-begun>

os seres humanos criaram uma sociedade desarmônica em que as comunidades pobres e desfavorecidas têm acesso limitado a tecnologia. Essa vantagem tem sido muito usada para criar dependência e desigualdade. Pessoas se perdem nesse processo. O brilhante futuro dos ambientes de aprendizagem individualizados, como também o uso de robôs como professores, parece mais distante mesmo que a tecnologia já esteja presente e que futuristas proeminentes ajudem a ver possíveis cenários futuros. Em geral, essas tecnologias não só se fortaleceram exponencialmente, segundo a lei dos retornos acelerados de Ray Kurzweil<sup>13</sup>, mas também se tornaram mais acessíveis a pequenos grupos e indivíduos<sup>14</sup>.

Pela primeira vez na história, a tecnologia pode ser usada para construir pontes e conectar várias realidades e não apoiar estruturas de poder preliminares. O que importa para este desenvolvimento é que o mundo ocidental esteja conectado com esses valores e comece a ouvir e aprender com outras culturas. Com a orientação e liderança de nativos, o Ocidente pode aprender a conectar-se consigo mesmo. As tribos indígenas preservam a conexão com a natureza e valores práticos que foram esquecidos no mundo ocidental, por meio da industrialização e de uma forma nociva de concorrência. Juntas, as pessoas podem se conscientizar da ameaça de IA e de robôs, da tecnologia, e a usar o medo para permanecer alerta.

Nesse ínterim surgiu uma nova confiança. E ao evoluir como um coletivo global, cada vez mais comunidades começaram a acreditar na possibilidade de uma utopia na terra. De que os mares e rios fiquem limpos, sem plásticos e cheios de peixe e de vida. De que o ar seja fresco e limpo por toda parte, de modo que possamos beber água da chuva. De que as cidades não apenas sejam verdes e pacíficas, mas que todas as pessoas tenham onde ficar e morar. De que a comida seja saudável e deliciosa. De que as máquinas não precisem de energia e in-

---

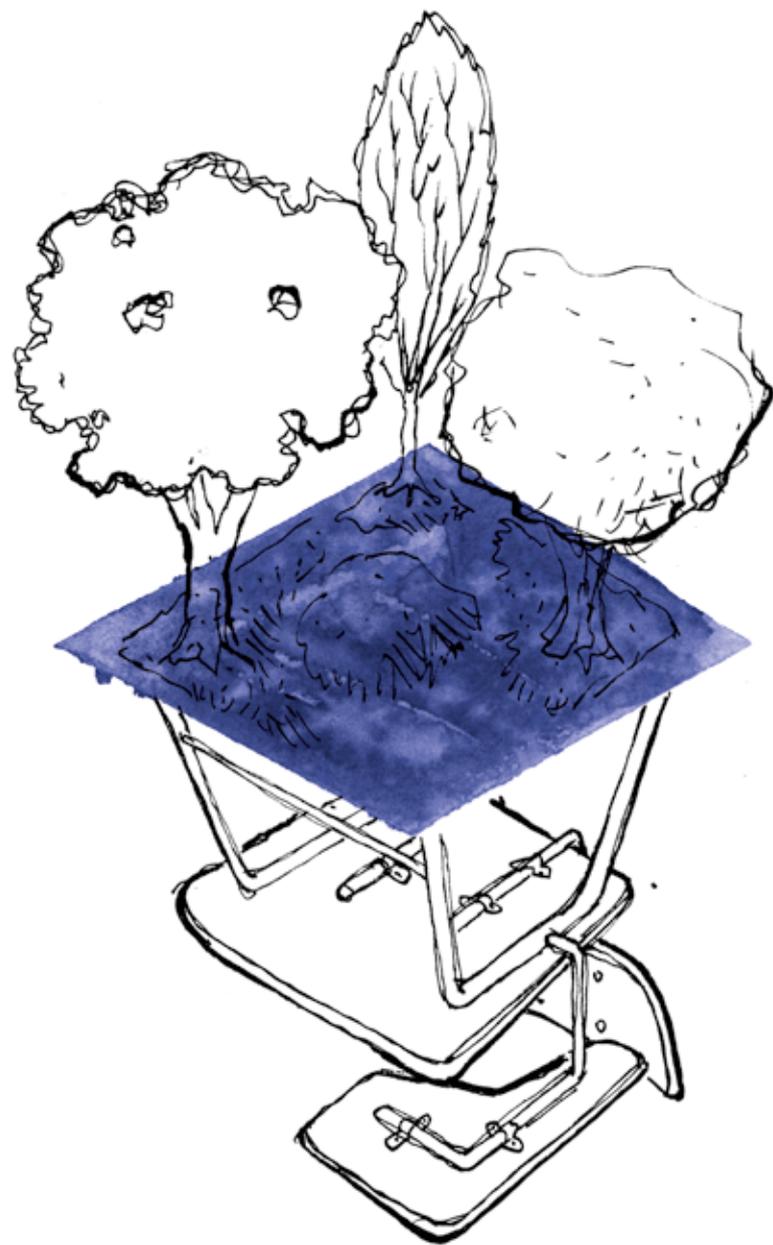
13 <http://www.kurzweilai.net/the-law-of-accelerating-returns>

14 <http://www.salon.com/2017/04/30/its-the-end-of-the-world-and-we-know-it-scientists-in-many-disciplines-see-apocalypse-soon/>

clusive a forneçam. De que o trabalho seja feito por robôs, permitindo que as pessoas dediquem seu tempo a causas sociais.

## MEU CALOROSO CONVITE

Então, é assim que muitos de vocês, pessoas do século XXI, entraram nesse caminho de esperança. E esperamos que esta mensagem ajude a dar o impulso necessário para transformar a esperança na realidade da qual falo. Esta mensagem contém muitos elementos sobre como mudar paradigmas educacionais. A evolução da educação é desencadeada pela transformação da sociedade. A tecnologia e a inovação social possibilitam essa transformação, e seu fundamento é a consciência coletiva. Esta e outras mensagens deste livro podem ser tornar a chave para abrir esse destino, pelo qual muitos de nós almejamos. Pessoas são em culturas prósperas em um ecossistema natural crescente. Essa história está prestes a ser escrita. E você é um dos autores.



# REIMAGINE A EDUCAÇÃO

DÊ NOME A UMA COR E SE TORNE  
CEGO A ELA

*Adebayo Akomolafe | Manish Jain*

Ao redor do mundo, ir à escola é uma parte tão comum da infância atual que questionar sua legitimidade, ou mesmo hesitar um pouco, significa atrair reprovações e duras críticas. De que outra forma se espera que alguém aprenda, a não ser que vá à escola? Como poderia alguém se tornar bem-sucedido em um mundo cada vez mais competitivo, se não conseguindo um emprego que lhe pague bem o suficiente? Não é um crime até mesmo considerar negar a uma criança o direito à educação? Isso não está previsto em acordos e leis internacionais? Então, por que nós fazemos essas perguntas?

E, assim por diante, seguem os possíveis (e muito familiares) questionamentos com os quais nos deparamos como cidadão que, parte de uma cultura industrial de massa, evoluiu para crer que a educação institucional e formal - com sua hierarquia de diplomas, baterias de testes, exércitos de professores, preços exorbitantes e viés ocidental - é a única forma legítima de se pensar a aprendizagem. A escola - assim como outras instituições consideradas insubstituíveis antes dela - é percebida como “natural” e “indispensável”, suportada por governos, promulgada por acadêmicos, defendida por ONGs destemidas, assim como em discursos de serviço público, e promovida até mesmo pela esquerda mais progressista.

O fundamentalismo da educação formal é tão intrínseco à nossa maneira de entender o mundo - especialmente no chamado Sul Global, onde o imperativo de “correr atrás” ainda vigora - que, até quando se admite uma crise na educação, o fazemos para reclamar que ela não é suficiente. Recentemente, perturbações no cenário educacional na África, em particular na África do Sul, inspiraram narrativas que lamentam “influência indevida dos sindicatos, professores com pouco domínio do conteúdo, e pouco tempo de aprendizado” como sendo as razões pelas quais as crianças da África do Sul não estariam realmente aprendendo<sup>1</sup>. Na Índia, um artigo reconhecendo as falhas do documento “Right to Education Act” (ou a “Lei do Direito à Educação”) observou que “mais da metade dos alunos de 5º ano não são capazes de ler» e pediu urgência por transformações no cenário do aprendizado no país<sup>2</sup> - principalmente, através da venda de mais soluções tecnológicas para lubrificar as engrenagens exaustas da escola tradicional.

O que pode facilmente escapar à nossa percepção, em momentos como esse, quando rachaduras inesperadas estão visíveis em nossas construções sociais, é que a escola em si é uma crise de imensas proporções. E que a tentativa de consertá-la, ou a problematização da falta de acesso a ela, é também parte de uma prática mundial que exclui e silencia uma verdade perturbadora: existem outras formas de aprender e viver no mundo.

Um velho ditado zen insiste que “dar nome a uma cor” é “cegar os olhos”. É uma observação importante, cujas implicações afetam o conhecimento materialista atual: a identidade de uma coisa ou objeto é criada pelo relacionamento. Relacionamentos criam objetos, e não o contrário. Azul só é azul devido a um sis-

---

1 <http://city-press.news24.com/News/education-in-south-africa-a-system-in-crisis-20160531>

2 [http://www.indiawest.com/news/global\\_indian/india-s-education-crisis-morethan-half-of-th-graders/article\\_81d46666-43ee-5066-84fo-6fo754e16af2.html](http://www.indiawest.com/news/global_indian/india-s-education-crisis-morethan-half-of-th-graders/article_81d46666-43ee-5066-84fo-6fo754e16af2.html)

tema específico que o mensura. Mude o sistema e a própria ontologia do objeto muda - como ocorre quando a luz se comporta ora como partícula, ora como onda, dependendo da medição. O que é importante nesse ponto é perceber que ver também significa excluir algo da equação. Quanto mais vigorosamente você procura medir um fenômeno, maiores as chances de estar silenciando suas potenciais complementações. Ou seja, nomear uma cor é impedir que os olhos percebam outras realidades.

A escolarização é uma prática moderna de “nomear” e “domesticar” a aprendizagem. Levar em conta sua expansão errática significa também se debruçar sobre as dinâmicas históricas, sociais e espirituais que a tornaram realidade - particularmente, a jornada da indústria ocidental para recriar o mundo todo em uma versão monocromática de cidadãos-consumidores.

Mesmo os projetos bem-intencionados que almejam trazer “educação” para o Sul Global - salvar os ignorantes, as crianças pobres, libertar mulheres e o povo oprimido - carregam uma bagagem de influências epistemológicas e histórico-coloniais, das quais ainda se desenrolam múltiplas exclusões. Com cada ferramenta educacional importada, e cada livro didático comprado generosamente para uma criança necessitada de educação, um mundo de aprendizagem é extinto.

O fardo do homem branco, seu profundo desejo de salvar ou libertar seus “irmãos e irmãs de cor” matando tudo o que é indígena e selvagem dentro de cada um de nós, ajudou a espalhar essa instituição monocultural por todo o planeta. Mas é preciso questionar se essas boas intenções levaram à maior liberdade ou maior escravidão dos educados e “desenvolvidos”. Dados do Banco Mundial atrelando a alfabetização e frequência escolar a benefícios como diminuição da mortalidade infantil e desigualdade de gênero, até o aumento de salário, nos cega para uma série de outras consequências insustentáveis trazidas pela educação formal: o excesso de consumo, perda do senso de comunidade, demissões, dívidas, poluição, suicídio e controle das corporações.

Agora, aqueles de nós que são recipientes da escolarização devem encarar perguntas desconfortáveis como pessoas “educadas”: nós temos, de fato, mais ou menos poder diante do sistema econômico global dominante e sobre nossas próprias vidas? Nós estamos mais felizes e “em casa” do que éramos quando desprovidos de educação, incompletos e supostamente necessitados de intervenção?

Essa última questão é crucial, especialmente agora que nossas casas assumem novo formatos e contornos. De certa forma, a escolarização, como parte de uma visão de mundo mais ampla, contribui para a jornada de fuga dessa geração: fuga da intimidade com a terra, com contexto, com espaço e limitações, com corpos, com a comunidade. Assim como Ícaro em sua ânsia por ascensão, os efeitos da escolarização foram para desobjetificar o mundo, tratá-lo como um domínio de recursos e *commodities* mortos, negar a vibração do planeta e pavimentar um caminho concreto que nos leva linearmente do nascimento a uma cidadania leal e consumista (mesmo quando adicionamos à equação a nobreza de ter se tornado um “pensador crítico”). Quando nos sentamos em carteiras escolares o dia todo, rompemos com as características particulares que compartilhamos com nossos ancestrais, com espírito, com luto, com o tempo, com a iminência da idade, com a gratidão, um com o outro. Internalizamos a arrogância (que se mescla a um profundo senso de inferioridade) de que nossas avós, e todos que vieram antes delas, era “ignorantes”, “primitivos” e “retrógrados”.

Nosso discurso contemporâneo sobre educação silencia e deslegitima a ideia de que há diversas visões do cosmos, diversas naturezas e culturas, diversos letramentos, muitos ângulos de conhecimento e muitas possibilidades além da visão tradicional do que a aprendizagem, o saber e o ser podem ser. Ao encolher o compromisso com diversidade cultural, escolas e todo o universo educacional que elas compreendem excluem a biodiversidade, as várias maneiras de encarar o bem estar e os estilos de vida que vão além do sistema financeiro dominante.

A escolarização inculca em nós a crença de que somos incapazes de aprender ou sermos civilizados sem instituições que nos ensinem, avaliem, organizem ou rotulem. Como estudantes, pais, amantes ou filhos, nós não conseguimos confiar em nossas próprias capacidades ou uns nos outros. Consequentemente, temendo estragar os filhos ou deixá-los para trás, pais consentem em terceirizá-los a um processo padrão que mais apela a uma ideologia de externalidade do que às formas de ver, desejar e ansiar particulares àquele contexto social. Mas nossos mapas já não servem para entender nossos territórios.

A crise está na escolarização, e não no fato de que crianças indianas não saibam ler, mas na presunção de que ler é essencial para o aprendizado, que o saber textual triunfa sobre a experiência e a intuição, e de que não saber ler é prova de inferioridade. Não no fato de que muitos africanos não possam pagar para que seus filhos frequentem a escola, mas na insistência de que aprender está dissociado do ordinário, do brincar, da indigeneidade do mundo - tanto que precisamos criar condições especiais, construir fábricas esterilizadas e salas de aula que transmitam os ideais universais de homens caucasianos barbudos. Não no fato de que não há mais empregos ou mesmo carteiras o suficiente para receber uma população fervilhante de adolescentes abandonados, mas na prática que nega a abundância ao nosso redor para permitir uma economia baseada em escassez e um sistema político anorético.

Ao redor do mundo, as pessoas estão começando a atravessar campos de recuperação - estão se reacostumando com a “polivocalidade” do mundo que nunca antes haviam percebido. Estão expandindo suas definições de Eu. Começaram a reparar que a escola pouco tem a ver com aprendizagem - trata-se de acessar um estilo muito específico de vida; parte de uma arquitetura que se diz universal, proclamando a diversidade contextual enquanto trabalha duro para removê-la.

Esse movimento para os limites da escolarização está tornando possível regenerar novas práticas que criticam e reimaginam

muitas dimensões-chave da educação. Um aspecto crucial dessa recuperação e lembrança está em andamento enquanto pessoas ao redor do mundo aderem a um movimento de aprendizagem auto concebida, abrindo espaço para que aqueles desencantados pela escola redescubram suas mãos, corações, mentes e lares como ferramentas base para o aprender.

### NÃO ESCOLARIZADOS (*HOMESCHOOLERS* E *UNTSCHOOLERS*): “NÓS PODEMOS DEFINIR NOSSO PRÓPRIO CURRÍCULO”

Milhões de pessoas ao redor do planeta estão escolhendo dizer “não!” para o regime escolar instituído verticalmente e, no processo, estão balançando as normas pré-estabelecidas que ditam como alunos aprendem, o que ele ou ela deveria aprender, por que e quando deveria aprender e com quem. Há uma mudança fundamental de paradigma que vai do professor que ensina ao estudante que aprende - de estudante como um recipiente passivo do conteúdo para o estudante como um co-criador ativo de significado.

Acima de tudo, elas estão criando espaço para que novas perguntas geradoras sejam exploradas pelos estudantes, reimaginando e co-criando uma prática enriquecedora de aprendizagem colaborativa: *o que você gostaria de aprender ou desaprender? Que problemas gostaria de solucionar em sua vizinhança? Quais sonhos você tem para sua comunidade? Qual sua ideia de felicidade? Quem é você e como sua vida e sua comunidade se relacionam com outras comunidades? Quais produtos você usa todos os dias - como eles são feitos, de onde vêm, como você pode fazê-los?*

A partir dessas questões, os estudantes clamam suas escolhas quanto ao local, tempo, modo e com quem querem aprender. Eles não apenas teorizam soluções para crises diárias acerca de comida, energia, lixo, água, transporte, construção, etc., mas verdadeiramente começam a trabalhar para resolvê-las por meio de

práticas “mão na massa”, projetos e protótipos, os quais podem ser testados e receber feedback em tempo real. Os processos passam a ser tão importantes quanto o produto final. Sendo assim, para explorar genuinamente cada uma dessas questões, é preciso desafiar o sistema tirânico do cronograma escolar; afinal, esses estudantes não estão restritos à monotonia de aprender algo por somente quarenta e cinco minutos. As pausas espontâneas entre perguntas, quando estamos apenas brincando livremente ou sem fazer nada, tornam-se etapas tão importantes quanto o tempo envolvido nas perguntas em si.

Adicionalmente, quem aprende nesses ambientes não se sente pressionado a demonstrar alta performance através de testes, prêmios ou evitando punições; em vez disso, conseguem se relacionar, até fortalecer, suas motivações intrínsecas. O erro é visto como uma dádiva, como uma experiência de aprendizagem e um convite para descentralizar nossa posição em relação ao nosso ecossistema de aprendizado - não como um buraco negro do qual nada retorna.

Shikshantar, um centro de recursos para crianças escolarizadas em casa (*homeschoolers*) e crianças desescolarizadas (*untschoolers*) na Índia é exemplo de como as pessoas estão lutando para recuperar o aprendizado auto concebido fora das amarras da escola tradicional. Administrada por sistemas democráticos e processos de tomada de decisão coletivos, Shikshantar está trabalhando para acabar com a fragmentação entre gerações e busca construir espaços de aprendizagem colaborativa intergeracionais com pelo menos 3 gerações interagindo, compartilhando, construindo e cometendo erros juntas.

### ECOVERSIDADES: “NOSSO APRENDIZADO É EM REDE”

Projetos como a Swaraj University, na Índia; a Unitierra, no México; a Red Crow College em Alberta, no Canadá; a Free Home University, e outras 50 organizações pelo mundo estão conduzindo

do importantes experimentos que estão fertilizando os campos hegemônicos do Ensino Superior. Originados a partir de movimentos pela justiça social e ambiental, movimentos indígenas, artísticos e de impacto social, essas universidades procuram romper com a exclusividade do ensino superior e estão formando estudantes “prontos para a comunidade”, ao invés de “prontos para a indústria”.

É um ponto que deve ser enfatizado: nada vem do seu próprio universo. Ecovertidades estão pedindo às pessoas que se voltem umas para as outras, que ouçam o sagrado de suas terras, que se vejam como parte do mundo ou do que a natureza faz. Elas nos convidam a prestar atenção em nossas relações no espaço de aprendizagem, a desaprender e ver que não estamos sozinhos como indivíduos, mas sim que vivemos em rede.

Ecovertidades criam novos ritos de passagem como rupturas que recordam os jovens a viverem em relacionamento e harmonia com a vida. Uma dessas práticas, na Swaraj University, é o *cycle yatra*, que convida participantes a embarcar em uma expedição de bicicleta ao longo de vários dias - sem todo o aparato moderno com o qual seus pares estão habituados. Portanto, quem participa do *cycle yatra* deixa para trás seu dinheiro, telefones, comida e até planejamento. Inevitavelmente, eles aprendem a confiar em seus colegas, a compreender o grupo como interdependente (ou até mesmo como intradependente), a confiar na abundância que surge quando se está em relacionamento com o ecossistema. Outras ecovertidades estão criando ritos de passagem inspiradores para explorar temáticas como o amor, a morte, o conflito, a identidade de maneiras colaborativas.

Também parecem ser compartilhadas por ecovertidades como a Swaraj University as práticas que desafiam e mesmo desconstróem a hierarquia de diplomas, a cultura de extrema competição, a fria distância do conhecimento institucional e a necessidade de avaliações padrão. Não é necessário possuir um mestrado ou doutorado para compartilhar seu conhecimento em

uma ecovertidade. A livre distribuição de conteúdo (*copylefting*) também faz sentido nesses espaços disruptivos, limiares de descolonização da educação: ao questionar o regime de direitos autorais e patente, assim como a ideia incrédula de que é possível haver “donos” do conhecimento, estamos nos situando em um mundo em que o saber deixa de ser um bem escasso, que pode ser comprado caso você tenha os recursos exclusivos para adquiri-lo, e passamos a ser contribuidores ativos do conhecimento comum. Ainda vale a pena mencionar que as ecovertidades estão reciclando a ideia de disciplinas, acabando com categorias e limites para a aprendizagem - assim, levando a relacionamentos mais autênticos e profundos, polinizando diálogos cruzados e dando uma visão holística do engajamento na vibração e celebração do mundo.

## CIDADES EDUCADORAS E ECOVILAS: “O ENCANTAMENTO NUNCA É ESCASSO”

Ecovilas, cidades educadoras e cidades em transição (cidades em movimento de se tornarem sustentáveis) são projetos locais desenhados para devolver aos seus cidadãos o poder tomado por grandes corporações, e pela crença em uma globalização impessoal, que busca aplainar diferenças e contextos para tornar a circulação do lucro mais conveniente. Essas iniciativas, por outro lado, querem tornar a cadeia de produção-consumo mais íntima, a governança mais simples, o engajamento mais relevante e local, e a aprendizagem mais acessível e embutida na rotina. Elas estão nos convidando a reimaginar nossas noções de espaço e contexto quando pensamos em um novo mundo de Educação, lembrando-nos de que a aprendizagem não está restrita aos ambientes esterilizados, controlados, virtuais das escolas ou dos cursos online abertos (MOOCs).

Cidades educadoras e ecovilas descartam a ideia de uma escola isolada, baseada na escassez, e reconhecem diversos ambientes de aprendizagem e conhecimento como parte de um ecossiste-

ma de aprendizagem vibrante. Casas, escritórios, parques, feiras, mercados, cafés, ruas e calçadas, prédios históricos, lixões, fazendas urbanas e festivais transformam-se em dimensões vivas, animadas e saturadas do nosso cenário educacional - em vez de telas em branco que propagam o anonimato e o desencanto. Aprender é visto, então, como espontâneo, disperso, selvagem, instável, promíscuo, emergente, descentralizado, distribuído e, principalmente, incorporado enquanto as paredes de concreto das escolas são destruídas tijolo a tijolo.

Projetos de aprendizagem de serviços e empreendedorismo social são considerados ricos pontos de partida para a aprendizagem que envolve local e contexto. As pessoas estão refletindo de forma diferente sobre os bens comuns e a comunidade, dedicando tempo a desenvolver economias e moradia compartilhadas, a cultura da doação, e plataformas que promovem a troca de habilidades. Desconectar-se e passar tempo do lado de fora, em contato com árvores, campos, montanhas, rios, desertos, animais é parte intrínseca desse convite.

Ao invés de tentar produzir mais e mais dinheiro, conquistar bons empregos ou trabalhar pelo crescimento da economia global, a educação se torna um lugar de encontro: trata-se de criar uma ponte entre ser humano e universo.

\* \* \*

O chamado para revolucionar a educação, portanto, não é tanto uma tentativa de criar um novo mundo quanto um convite para se debruçar sobre o mistério de um mundo com o qual estamos nos reconectando. Estamos sendo chamados para improvisar-com, transformar-com, aprender-com, falhar-com, ver-com e identificar-com o mundo à nossa volta. O movimento em direção à aprendizagem auto dirigida, enfatizado nesse artigo, não consiste em soluções finais ou respostas fixas, mas em reflexos causados pela promiscuidade material do mundo atual que,

constantemente, nos despertam. São exercícios que vão se desdobrando, lembrando-nos de que há outras cores nesse espectro cromático, e de que o caminho para esses espaços alternativos de poder é prestar atenção nos “espaços negativos” em meio ao sistema atual (como o fracasso, a ignorância, o analfabetismo, o subdesenvolvimento, o desencanto e o desespero), e reconhecer neles aliados que ainda não conhecíamos.

Portanto, deixe-nos abrir nossos olhos fechando-os bem apertados. Só assim iremos perceber que o que nos assombra são aspectos de nós mesmos - traços de novos paradigmas para uma aprendizagem mais arrebatadora -, e que podem nos levar a um mundo mais abundante.



# A ESCOLA SCHETININ E O FUTURO DA EDUCAÇÃO

*Axinia Samoilova*

É delicioso ver quão rapidamente ideias de educação alternativa estão ganhando os corações e mentes de pessoas progressivas pelo mundo. A maioria dos conceitos, contudo, vem do ocidente. Pouco é conhecido acerca das inovações pedagógicas na China, Índia ou Rússia. Sendo russa, estabelecida na Áustria, eu fico feliz de contribuir com minhas observações e *insights* sobre a tradição educacional russa e suas inovações recentes, tais como a Escola Schetinin.

Os princípios de aprendizagem da Schetinin estão sendo adotados atualmente por um número considerável de educadores alternativos. Todavia, é essencial conhecer o contexto em que surgiu esse grande professor, Mikhail Petrovich Schetinin, para entender a chave do seu sucesso. Assim, eu gostaria de fazer uma curta viagem pela história da pedagogia russa, e então, partilharei minhas impressões em primeira mão, provenientes da minha visita à escola Schetinin. No trecho final do meu artigo discutirei minha própria visão do que eu acredito ser uma educação dos sonhos para as gerações futuras<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Em virtude de algumas especificidades da tradição educacional russa, quando eu uso o

## A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA RÚSSIA E O QUE PODEMOS LEVAR PARA O FUTURO

A história da tradição educacional na Rússia possui muitas semelhanças com as de outros países, embora reflita uma personalidade e uma mentalidade nacional correspondentes.

Ainda que nos primeiros períodos da história da Rússia não houvesse literatura, música, livros, gráficos e etc. infantis, a cultura geral do povo russo era extremamente pedagógica. A pedagogia russa antiga dava grande importância para a educação de qualidades morais como honestidade, paz, trabalho duro, humildade, gentileza e um respeito pelos mais velhos. Os trabalhos da antiga literatura russa são profundamente morais. Moralidade sempre foi a pedra fundamental da educação. Um proeminente professor da antiguidade, Procopius de Cesareia (ano 6 d.C.), mencionou o senso agudo de coletividade, gentileza e justiça, e uma forte crença na magia, típicos dos eslavos.

A adoção do cristianismo em 988 levou a diversas mudanças e ao desenvolvimento na cultura de Kiev Rus. O fato de que a Bíblia foi imediatamente traduzida para o eslavo antigo teve um impacto tanto negativo, como positivo no seu desenvolvimento. A necessidade de estudar grego e latim não estava presente, e o interesse em línguas e culturas ocidentais minguou. Mais que isso, houve muita oposição às influências do ocidente desde então. Mesmo na Igreja, enquanto clérigos ocidentais estudavam filosofia e dialética aristotélica, os clérigos russos acreditavam que não se deveria analisar Deus.

---

termo “educação feita pelos professores/educadores”, o que parece ser um de seus princípios nucleares, estou me referindo aos esforços e envolvimento do professor na educação da criança como um todo. Na tradição ocidental, educação normalmente é tida como uma responsabilidade da família da criança. Na cultura russa, “educação” é vista como uma tarefa coletiva, de forma que o papel do professor ou educador é significativo. Até 1990, a educação se refere à criação de um bom ser humano e um cidadão exemplar, pelo “educar”, ou seja, por propriamente ensinar um sujeito, ou criá-lo conjuntamente.

Outra peculiaridade interessante era o amor por jogar xadrez, que era um passatempo tradicional russo, tanto para ricos como para pobres, ao contrário da Europa, onde jogar xadrez era um hobby dos ricos. Na Rússia, xadrez era jogado por adultos e crianças de todos grupos sociais. Adolescentes que jogavam xadrez desenvolviam capacidades mentais, raciocínio matemático e desenvolviam sua concentração e capacidade de raciocínio. (1)

Depois da adoção do cristianismo, a postura dos russos frente às ciências não-espirituais tornou-se um tanto cautelosa. O desenvolvimento de qualidades espirituais e morais, como o amor à pátria, sabedoria, fé, humildade e inocência receberam prioridade em contraposição às “ciências extrínsecas”, até o séc. XVII. Devido à forte ortodoxia da Igreja russa na Idade Média, o país se isolou de maiores influências.

Muito mudou quando Pedro, o Grande, começou sua reforma e “ocidentalização” do país no séc. XVII. As ideias progressivas de filósofos e educadores europeus tiveram impacto mesmo em governantes russos como Ekaterina, a Grande.

Uma das mais fascinantes personalidades que refletiram o espírito da tradição educacional russa foi Mikhail Lomonosov (1711-1765), um dos patriarcas da ciência russa. Lomonosov era filho de um pescador no distante norte da Rússia, mas sua sede por conhecimento era tão grande que ele foi a pé para Moscou a fim de estudar. Ele foi admitido na Academia Greco-Eslava em 1731. Em apenas 5 anos ele completou um curso de doze anos, sendo um dos melhores da sua turma. Ao fim, ele recebeu uma licença de dois anos para estudar nas universidades alemãs. No seu retorno para a Rússia em 1745, ele se tornou professor de química na própria Academia. Lomonosov era tido em alta conta pelos cientistas europeus de sua época; foi eleito membro honorário das academias de ciências da Suécia e de Bolonha. Trabalhou persistentemente para melhorar a qualidade da educação científica russa, e seus resultados resultaram na fundação, em 1755, do que hoje é a Universidade Estatal de Moscou.

Tendo feito importantes descobertas científicas, Lomonosov via a natureza humana hierarquicamente; sendo o nível inferior de caráter sensual, egoísta, enquanto o superior, tinha caráter espiritual e de amor pelo seu país.

O ideal de capacitar um cidadão que genuinamente amasse seu país era muito comum para todos os pedagogos russos do período do Iluminismo. Inspirado por Rousseau, muitos falaram sobre “a criação de um novo homem”, apontando para a predominância de disciplina sobre a educação. Um filósofo revolucionário da época, A.I. Radishchev, definiu o propósito da educação como “a formação de uma pessoa com uma consciência civil, elevado caráter moral, amante apaixonado de seu país, que tem como tarefa principal preparar um ‘filho da pátria’”.

Do século XVIII em diante, as ideias de educadores ocidentais, como Johann Comenius e John Locke começaram a difundir-se, e trouxeram a divisão entre os chamados “eslavófilos” e os “pró-ocidentais”. Slavophilia foi um movimento intelectual de origem no século XIX, cujo objetivo era que o Império Russo se desenvolvesse sobre valores e instituições derivadas de sua história primitiva. Eslavófilos se opuseram especialmente às influências da Europa Ocidental na Rússia. E os principais pensadores da época enfatizaram o papel dos valores tradicionais russos. O revolucionário democrata N. Dobrolubov escreveu: “Os bons livros infantis realmente deveriam refletir a abordagem holística de ser humano, despertar a curiosidade e fortalecer seus sentimentos morais”.

O estabelecimento da pedagogia como ciência na Rússia está relacionado a K. D. Ushinskii (1824-1871), que fez uma conexão entre ciência e educação. De acordo com Ushinsky, o sujeito da educação é um ser humano, por isso na educação é impossível de alcançar resultados sem utilizar os resultados das “ciências antropológicas”: filosofia, economia política, história, literatura, psicologia, anatomia, e fisiologia. Entre os avanços de Ushinsky estava o novo “método fonético analítico-sintético” para a aprendizagem da leitura e da escrita, que ainda é o principal método usado nas escolas russas.

As ideias pedagógicas de Ushinskii poderiam ser resumidas na frase: “É importante desenvolver o amor para trabalhar com crianças. Um professor que não é capaz de cultivar a relação com seus alunos é um mau professor”. Por isso é um problema aqueles professores que só são capazes de ensinar um determinado tema, uma vez que se concentram mais nesse assunto em particular do que na educação, que é o objetivo principal. A personalidade de um professor é o principal no contexto de educação, não podendo ser substituída por livros, metodologia ou punição/elogio. O objetivo do ensino é criar uma personalidade sincera que vai amar e respeitar as pessoas, além de uma atitude benevolente e gentil para o mundo. Ushinskii compreendeu a pedagogia como uma arte incorporando o papel especial de um professor: “A arte da pedagogia é impensável sem a personalidade do criador - um educador sempre vai depender da personalidade do professor, cara a cara com o aluno; o impacto do tutor individual para a jovem alma tem poder educativo, que não pode ser substituído por livros ou máximas morais, muito menos um sistema de castigos e recompensas”.

Na segunda metade do século XIX, a ideia central da filosofia e educação russas era narodnost, ou seja, amor e dedicação à pátria, sempre colocada acima de tudo. O objetivo da educação era criar uma “personalidade desenvolvida de forma holística”.

Ao mesmo tempo, a Europa e os EUA ficaram encantados com a nova tendência educacional: educação progressiva. Normalmente, os nomes associados a esse movimento são Maria Montessori, Rudolf Steiner, John Dewey e A. S. Neill. Pouco se sabe sobre o primeiro educador-praticante progressivo, o maior escritor russo, Leo Tolstoy (1828-1910). Além de seus bem conhecidos romances, ele escreveu excelentes livros escolares e fundou sua própria escola com base em ideias progressistas de liberdade tanto para professores, como para alunos. Na verdade, sua escola em Yasnya Polyana foi uma precursora direta à Escola de Summerhill de A. S. Neill. Em uma de suas principais teses, onde defendia que a escola deveria sempre permanecer uma espécie de laboratório pedagógico

para impedi-la de ficar para trás do progresso universal, encontrou ampla aceitação como premissa educacional.

As visões e práticas de Tolstoy não foram facilmente aceitas. No entanto, ele exerceu uma profunda influência sobre o curso do ensino fundamental na Rússia, desenvolvendo métodos únicos de ensinar o alfabeto e a leitura, insistindo em autossuficiência, estimulando os alunos a realizarem trabalhos manuais, além de acreditar que deveria ser permitido o máximo de liberdade possível à criança na sala de aula. Estas características de seu sistema tiveram influência na educação progressiva posterior. (2)

Leo Tolstoy acreditava que a educação deveria levar ao desenvolvimento individual de um ser humano - e o de toda a sociedade - para o bem comum. Ele acreditava que a liberdade como tal, é uma condição necessária para isso. No entanto, a fim de não criar o caos a partir da liberdade, a educação precisa de uma base sólida, que deveriam ser religião e moralidade verdadeiras. Tolstoy destacou a unidade de educação e formação (“A coisa mais importante é a palavra viva de um professor”).

Sob a influência do pensamento educacional ocidental no final do século XIX e início do século XX, a ideia de respeitar a personalidade de uma criança, suas motivações e interesses, tomou uma posição chave entre os educadores russos. Era esperado que um professor tivesse um histórico educacional amplo, liberdade pedagógica, profundo conhecimento do assunto a ser abordado e metodologia, bem como respeito e amor pelas crianças.

Um dos educadores mais interessantes dessa época foi o professor, anatomista, médico e reformador social Pyotr Lesgaft (1837-1909), que fundou o moderno sistema de educação física. Lesgaft introduziu um método de unir a educação mental à física pela explicação de exercícios por meio do uso de palavras, ao invés de simplesmente ‘exposição’, ajudando a desenvolver habilidades de linguagem e imaginação.

Outra figura importante na história da educação russa foi Stanislav Shatsky (1878-1934), educador, escritor e administrador edu-

cacional humanista no final do Império Russo e início da União Soviética. Ele procurou construir uma versão liberal e centrada nas crianças da educação comunista, que se baseou no método educativo de John Dewey, bem como em Leo Tolstoy em uma educação livre baseada na estética. Colocando essas ideias em um contexto marxista, Shatskii esperava que a educação comunista - fundada sobre os princípios de cooperação e automotivação - liberaria o potencial inato da criança e a ajudaria a se tornar um ser humano coerente. Seu aluno ideal era uma criança apreciadora de arte, cultura e música, mas que também soubesse o valor de um dia de trabalho duro - “Uma criança da alta cultura com as mãos calejadas”.

Na União Soviética, os princípios básicos da doutrina marxista sobre educação foram desenvolvidos e definidos por Lenin, o qual afirmou que em uma sociedade socialista a geração mais jovem deveria ser incutida com uma visão materialista do mundo, convicções comunistas, e altas qualidades morais. Os meios para alcançar esse objetivo são uma ampla educação científica sobre uma base politécnica, a ligação da instrução com o trabalho produtivo, e a participação dos jovens no trabalho de construção de uma nova sociedade. (3)

## ANTON MAKARENKO

O que me fascina pessoalmente é que, em poucos anos, Makarenko desenvolveu um sistema que transformou as crianças em personalidades felizes, estáveis, honestas e brilhantes. Curiosamente, em sua colônia que servia de abrigo para 600 jovens, Makarenko abandonou completamente professores e supervisores. Eles tinham como instrutores engenheiros na fábrica, mas o grupo de crianças viviam em grande parte por conta própria. Makarenko tinha total confiança em seus “filhos”, ele sabia que eles iriam se levantar pela manhã, se preparar e limpar seus quartos. Nem um único caso de criminalidade ocorreu entre as mais de 3000 crianças que passaram pelo surpreendente sistema de ensino de Makarenko, e muitos pesquisadores que analisaram o destino des-

As crianças observaram que “eles se tornaram pessoas felizes”. Apenas como comparação: hoje apenas 10% dos graduados de orfanatos estatais russos se adaptam à vida; 40% cometem crimes, outros 40% dos licenciados se tornam viciados em álcool e/ou drogas, e 10% cometem suicídio.

## QUAL ERA O SEGREDO DE MAKARENKO?

Tanto quanto eu posso concluir, a partir do estudo do trabalho de Makarenko, estes três pontos principais sintetizam sua filosofia:

- » A fé absoluta na bondade das crianças e um amor incondicional por elas. Quando um novo jovem era trazido para a colônia, Makarenko nunca lia seu “caso”, que descrevia sua biografia e crimes. “Nós não queremos saber nada de ruim sobre você. Uma nova vida começa para você agora”- ele diria.
- » A fé absoluta no poder do trabalho educativo: “Eu acredito no infinito (...) a confiança no poder ilimitado do trabalho educativo (...) Eu não sei de nenhum caso em que um caráter pleno se desenvolve sem um ambiente educativo saudável, ou, inversamente, quando um caráter deformado tenha aparecido, apesar do trabalho pedagógico correto”.
- » A estrutura organizativa da escola, com base em instrução coletiva, trabalho de valor e liberdade de autogestão.

A colônia de Makarenko foi organizada de uma maneira incomum. Os jovens foram divididos em destacamentos consistindo de dez a doze pessoas. Cada destacamento era dirigido por um dos jovens escolhidos por seus pares, e esses líderes foram nomeados comandantes. Os comandantes participavam de um conselho que tomava decisões sobre questões importantes, sendo algumas delas tomadas em assembleia geral onde todos os internos pudessem se encontrar. Mesmo que Makarenko tenha sido o diretor da colônia, ele tinha que agir de acordo com as decisões tomadas nessas reu-

niões; e foi através deste sistema que os jovens tornaram-se verdadeiramente interessados no funcionamento geral da colônia. O uso de termos militares como “comandante” e “destacamento” estavam associados com a luta revolucionária e, portanto, tinham conotações positivas para os jovens. (4)

De acordo com Makarenko disciplina não é um meio ou método de ensino, e sim o seu resultado. Isso significa que uma pessoa bem-educada tem disciplina interior como uma categoria moral.

No verão de 1928, Maxim Gorky, um proeminente escritor russo, foi à colônia e ficou alguns dias. Depois disso, ele descreveu Makarenko em termos elevados: “O organizador e homem responsável por esta colônia é Anton Makarenko, sem dúvida, um grande professor. Os meninos e meninas na colônia claramente o amam e falam dele em tom de tal orgulho como se eles próprios houvessem criado a instituição”. (5)

Com base na literatura pedagógica e sua própria pesquisa e experiência, Makarenko acreditava que a educação e formação adequadas eram os fatores mais importantes para influenciar de forma positiva a formação e o desenvolvimento de um indivíduo. Seu ponto de vista contrastava com as normas práticas de seu tempo. No início do século 20, a maioria dos professores acreditava que cada indivíduo tinha um número de características congênitas que determinavam a sua personalidade. Makarenko não concordava que as pessoas são “inicialmente boas” ou “inicialmente más.” Ele estava certo de que todos, especialmente as crianças e adolescentes, careciam de respeito e compreensão.

Makarenko também rejeitou a punição física, uma medida comum em seu tempo, e acreditava na liberdade de escolha. Para que as crianças tivessem tal liberdade, ele sempre incluía pelo menos uma opção que definitivamente não seria escolhida pelas crianças, e esse método provou ser muito bem-sucedido. (6)

De acordo com Maslow, se as necessidades básicas não são satisfeitas, as pessoas não vão sequer pensar em satisfazer as necessidades mais avançadas. Foi esse o raciocínio que levou Makarenko

a rejeitar a privação de alimentos como punição. Ele não deixava as crianças sem jantar, como os outros muitas vezes sugeriam, e sim sempre alimentava as crianças antes de ter qualquer conversa séria com elas; além de também garantir que outras necessidades básicas fossem cumpridas, de modo que as crianças se sentissem seguras, garantindo que os mais velhos estivessem cuidando dos mais jovens.

Ele mostrou afeto para as crianças, enfatizando que a Colônia era a sua família, fazendo com que elas se sentissem dignas, atribuindo tarefas e elogiando-as por concluí-las com sucesso. Makarenko estava convencido de que para realmente amar e respeitar uma pessoa é preciso ter altas expectativas, mas somente quando as necessidades básicas, de segurança, amor, e autoestima são preenchidas, ele poderia esperar que seus jovens buscassem a autorrealização. (7)

As seguintes disposições estruturais e pedagógicas parecem ter feito a Colônia funcionar, e entregar os resultados educacionais mais surpreendentes.

O negócio. Os colonos tinham um negócio real que os alimentou e os disciplinou. Inicialmente, os colonos estabeleceram a agricultura apenas para se alimentar, e mais tarde se envolveram na produção a sério. Tendo construído uma unidade técnica em menos de um ano, os alunos começaram a produzir brocas elétricas, e mais tarde dominaram a produção de uma câmera fotográfica, “Leica”. A câmara “Leica” consistia de 300 partes de uma precisão de até 0,001 milímetros - para aqueles tempos era uma inovação considerável. A produção na Colônia não tinha simplesmente um bom custo-benefício, mas era altamente rentável: a comunidade declarou ao Estado um lucro de 4,5 milhões de rublos por ano. Os alunos eram pagos; o dinheiro era usado para suas necessidades pessoais e das crianças mais novas na comuna. Colonos egressos tinham bolsas para estudar em universidades. O dinheiro foi guardado e dado às crianças para sua vida mais tarde, depois de deixarem a colônia; e uma quantidade considerável acumulada para

as necessidades comuns. A colônia mantinha uma orquestra, um teatro, uma estufa de flores, organizava viagens e outros eventos culturais. O ponto principal aqui é que tudo isso formou sua identidade: dos 16 aos 19 anos de idade, as crianças tornaram-se os mestres e chefes de produção.

O núcleo da coletividade. Os colonos eram educados por um núcleo de colonos mais velhos e respeitados, com forte impacto decisivo sobre os mais jovens, já imbuídos dos valores da Colônia, e que naturalmente construíram o núcleo da equipe, servindo assim como “fermento” para alimentar os colonos recém-chegados, tornando-os parte do sistema. Crianças introduziam uns aos outros às novas regras da vida em seu próprio linguajar, tendo como grupos das mais variadas idades outra ferramenta de integração.

Autogerenciamento. De acordo com Makarenko, se nem o negócio real, nem um núcleo saudável da coletividade não estão lá, a auto-gestão é impossível e até mesmo prejudicial. Se a base do coletivo é sã, a autogestão o fortaleceria e o poliria, tornando-se uma escola de liderança e gestão. Por isso, Makarenko desenvolveu um sistema muito interessante do trabalho em equipe que fazia de todos um líder e gestor numa base rotativa; para mais detalhes veja o seu romance, intitulado “O Poema Pedagógico”.

Enquadramento físico. Makarenko implementou e observou as seguintes regras e rituais que, ligadas ao comportamento, através do corpo físico dos colonos, os ajustava às novas regras de vida: levantar-se a tempo de lavar, limpar o chão, não cuspir, etc. - estas coisas se tornaram naturais e normais para aqueles que anteriormente eram mendigos, ladrões ou prostitutas. O treinamento físico e a marcha regular deu-lhes uma postura reta e resistente que, segundo Makarenko, fornecia algo essencial para o núcleo profundo de uma personalidade. Ao ler suas obras é fundamental lembrar a situação sócio-política peculiar na qual ele viveu e o contexto de delinquência juvenil dos estudantes.

Makarenko sentia que a sociedade, o coletivo, como era chamado, era de extrema importância. Ele rejeitou a ideia de que a socie-

dade era um mecanismo de pressão que necessariamente retirava de todos as suas identidades individuais. No entanto, ele também não acreditava em seguir cegamente as autoridades superiores que controlavam a sociedade. E mesmo que ele acreditasse que o coletivismo é um componente importante de uma sociedade saudável, ele também viu o autogoverno como uma parte essencial do coletivismo. Ele achava que todos deviam ter direito à palavra. Makarenko também reconheceu e elogiou o individualismo em cada aluno e ele sabia dos pontos fortes e fracos de cada um. Estes desvios da linha de pensamento do Partido Comunista eventualmente lhe custaram o emprego. (8)

Muitas das ideias de Makarenko apareceram nas obras de educadores, pesquisadores e psicólogos nas décadas posteriores. Só para citar alguns: Erving Goffman (1963), Donald Winnicott (1965), Robert Rosenthal e Lenore Jacobson (1968), Thomas Szasz (1974), Albert Bandura (1977), Heinz Kohut (1977), John Bowlby (2005).

No Japão as suas obras são consideradas uma leitura obrigatória para os gestores. Praticamente todas as empresas japonesas são baseadas nos padrões da Colônia de Makarenko. Nas últimas décadas, o sistema de Makarenko retornou para a Rússia como os métodos estrangeiros de “*brainstorm*”, “trabalho em equipe”, “*team building*”, “melhora da motivação dos funcionários” - tudo o que já estava lá no ano de 1920 e 1930.

Em 1988, a UNESCO nomeou Anton Makarenko como um dos quatro maiores educadores do século XX, juntamente com Maria Montessori, Georg Kerschensteiner e John Dewey. Infelizmente, a herança preciosa do Makarenko é ignorada pela maioria dos profissionais da educação nos países ocidentais.

Vamos resumir: há algo que podemos chamar de uma tradição educacional russa? Obviamente, alguns princípios surgiram ao longo da história:

- » Educação infantil é a base do ensino, e deve desempenhar um papel primordial;

- » O professor é crucialmente importante; quando amplamente educado, amoroso e respeitado, serve como um exemplo inspirador para as crianças;
- » Educação idealista é a união entre moralidade, bondade e esforço pelo Bem Comum;
- » A coletividade é considerada o melhor lugar para o crescimento individual;
- » É necessário ter profundo amor e dedicação ao país de origem.

Quando eu conheci recentemente o mais proeminente (e incrível) educador russo da atualidade, Mikhail Petrovich Schetinin, percebi o quanto ele absorveu tudo isso. Eu chegaria a chamá-lo de educador russo arquetípico!

Apesar da impopularidade permanente da Rússia no Ocidente, eu acredito que há algumas coisas que podem ser aprendidas a partir de suas grandes tradições e experiências pedagógicas. O que eu tenho observado nos últimos dezoito anos da minha vida na Europa é a falta de respeito e de compreensão do papel de um professor. Especialmente em termos de educação progressiva, a discussão está centrada em uma criança que se torna “o centro do Universo”, mas um professor, como uma personalidade que inspira e guia, está ausente dessa discussão. Será esta uma visão verdadeiramente equilibrada do processo educacional?

Deixem-me fornecer-lhes um pequeno exemplo da experiência de meus próprios dias de escola: quando criança, eu era uma autodidata apaixonada e combatente ao sistema. Eu cresci na União Soviética e o sistema foi muito limitante para mim. Somente décadas depois eu percebi quantas contribuições valiosas eu tinha bebido de minha educação escolar soviética e das tradições educativas russas. Minhas notas eram boas, mas não excelentes. No entanto, como uma autodidata, eu tomei grande interesse em assuntos que foram muito além do programa da escola geralmente intensa. Eu me ensinei a ler e escrever em eslavo antigo, explorei astronomia,

fiz o meu próprio acompanhamento de jornais sobre vários temas, estudei história da arte, e sem qualquer ajuda externa - tudo isso com 12 anos de idade, e sem *internet*. Na minha adolescência eu me apaixonei pela filosofia (que não fazia parte do currículo), e aos 15 anos eu me encontrei escrevendo tratados filosóficos. Eu era uma pessoa totalmente autossuficiente e feliz, embora um pouco desligada dos meus pares. Mas, mesmo sendo minha própria professora, eu ainda sonhava em ter alguém para me mostrar o caminho. Nos últimos anos letivos, alguns professores se tornaram meus melhores amigos. Eles gostavam de me convidar para as suas casas e passar um tempo comigo porque eu mostrava interesse genuíno em aprender além do currículo.

Mas e aqueles que não são autodidatas? Eles provavelmente precisarão ainda mais de orientação e exemplos inspiradores. A família deveria desempenhar um papel aqui, mas nem todos os pais são capazes de servir como uma inspiração. Estou profundamente convencida de que este é o papel do professor. Caso contrário, a mídia ou a “mídia social” vão ocupar esse papel e então... você sabe o que acontece. Como um provérbio russo diz: “O lugar santo não pode ficar vazio”.

Outra característica educacional russa típica que me fascina é o idealismo e orientação centrada no Bem Comum. Os valores do pensamento educacional ocidental são tradicionalmente mais individualistas e, quando perseguidos apaixonadamente, tendem a trazer personalidades egocêntricas. Quando uma criança sabe que o propósito da educação é conseguir um bom emprego e uma vida melhor, é uma coisa. Já quando uma criança sabe que ela, além de sua própria vida, pode ser uma valiosa contribuição para o aperfeiçoamento da humanidade, essa sim é uma motivação que dá significado especial totalmente diferente à vida, e que inspira a estudar.

Há outra coisa que eu acho extremamente importante na abordagem russa da educação: o pensamento sistêmico. Infelizmente, neste artigo não consigo explorar o tema. Isto é o que tornou possível para a União Soviética construir suas indústrias e ciências

dentro de duas a três décadas que sucederam um estado em geral muito pobre da educação após a Revolução de Outubro. Os EUA descobriram esta abordagem da aprendizagem na década de 1960, e na Europa ela está sendo descoberta recentemente. O pensamento sistêmico não é um tema, mas sim uma abordagem metodológica que permeia o currículo, permitindo uma compreensão mais profunda de qualquer assunto, bem como ver a inter-relação dos fenômenos da vida. Ela desenvolve uma mente afiada e ensina como aprender de forma rápida e profunda.

## A ESCOLA SCHETININ EM TEKOS, RÚSSIA

O nome “Escola Schetinin” está se tornando popular entre os educadores ocidentais modernos, especialmente na parte de língua alemã da Europa. As informações online sobre esta escola excepcional são muito limitadas. Eu tive sorte o suficiente para ter visitado a escola em julho de 2015, e estou muito feliz de ser capaz de fornecer algumas informações em primeira-mão, bem como uma análise e os antecedentes históricos desta instituição de ensino altamente interessante.

O fundador da escola é um acadêmico da Academia Russa de Educação, Mikhail Petrovich Schetinin, um dos professores mais notáveis e visionários educacionais do nosso tempo.

Mikhail Petrovich Schetinin nasceu em 1944 no sul da Rússia e recebeu a sua formação pedagógica como professor de música (ele estudou o acordeão). Quando começou a ensinar, estava interessado em compreender a natureza da genialidade. Como você preserva a genialidade em uma criança? Sua observação mostrou-lhe a necessidade de uma abordagem holística na educação, que envolve o uso dos hemisférios esquerdo e direito do cérebro na mesma medida. Schetinin então começou suas primeiras experiências pedagógicas em 1974, quando se tornou diretor de um complexo escolar que combinava ensino secundário com escola de música, esporte, dança e arte. No entanto, este experimen-

to, assim como os dois que se seguiram, falharam - eles foram fechados pelas autoridades, por diversas razões, principalmente por sua natureza alternativa em comparação com o Sistema -. Foi apenas o último experimento escolar em Tekos, no Sul da Rússia, na costa do Mar Negro, iniciado em 1994, que se tornou uma verdadeira história de sucesso - um exemplo franco de uma abordagem holística alternativa à escolaridade.

A escola em Tekos existe desde 1994 e é impressionante tanto devido aos seus resultados educacionais, como seu desenvolvimento holístico. Ingressando na escola aos 12 anos, uma criança é capaz de terminar o currículo do ensino secundário da Rússia (que é mais difícil do que a maioria dos currículos ocidentais) dentro de um ou dois anos, obtendo um ou dois diplomas de ensino superior aos 18 anos de idade. Ao mesmo tempo, torna-se certificado em duas disciplinas, tais como cozinheiro ou construtor, bem como em um conjunto de outras habilidades profissionais, como pintura, dança, artes marciais, e até mesmo apicultura. Mas acima disso - e o que é definitivamente mais importante e interessante - uma criança transforma sua personalidade em bela, estável, amplamente educada, não só intelectualmente, mas no coração. A ideia central do método de Schetinin não é sobre a criação de prodígios, mas sobre a criação de belos seres humanos, plenamente desenvolvidos mentalmente, fisicamente e espiritualmente. As crianças da Escola Tekos se tornam amorosas, carinhosas, generosas; elas têm senso de coletividade e são responsáveis, fortes e claras sobre os seus ideais e objetivos, pois se percebem como parte de um todo, não só responsável, mas, na verdade, capaz de contribuir para o aperfeiçoamento da humanidade. Não é este o tipo de pessoas que precisamos desesperadamente hoje, quando o mundo parece estar se desintegrando em termos ecológicos, econômicos e sócio-políticos? Schetinin sonhava em criar “A Escola do Terceiro Milênio”, o que acabou por ser um excelente modelo do que o mundo precisa, nos tempos altamente exigentes em que vivemos.

## QUAL É O SEGREDO DO SCHETININ ENTÃO?

Mikhail Petrovich descobriu o seu “segredo” já nos primeiros anos de ensino. Seus estudantes, na época de música, mostraram resultados incríveis, e quando perguntado: “Como é que você trabalha as peças de música?”, ele respondeu “Nós trabalhamos o ser humano”. Esta declaração resume os princípios fundamentais da tradição educacional da Rússia, ou seja, trabalhar com a alma de uma criança, como principal objetivo da educação. O sucesso nos estudos segue automaticamente.

A organização estrutural e algumas ferramentas de trabalho com os coletivos, Schetinin tomou emprestados de Anton Makarenko, tais como: grupos de idade variada que produziam materiais ou produtos educacionais, ou discussões coletivas, no fim do dia, sobre resultados/sentimentos/percepção de si mesmo e dos outros. Semelhante à Colônia de Makarenko, a Escola Tekos tem grupos de 5 a 6 pessoas, com um líder sênior se reportando ao conselho, representado por ex-alunos entre 18 a 25 anos de idade, com qualificação pedagógica em determinada área do ensino superior, e que cresceram com altos ideais inspirados por Schetinin e, por isso, servem de modelo maduro e natural de autoridade para os mais jovens.

Cada grupo escolhe um tema ou campo educacional como sendo central para os seus membros - pode ser matemática, química, biologia e história, etc. O grupo de aprendizagem pode ampliar a iniciativa para expandir o campo educacional, ou para criar um campo totalmente novo para a escola, por exemplo, oceanografia. O trabalho envolve vários níveis de atividade do aluno:

1. Eu aprendo (estudando temas);
2. Eu estou aprendendo como ensinar (conhecimento e compreensão dos métodos de ensino);
3. Eu ensino (ensino mútuo dos estudantes);
4. Eu ensino como ensinar (o nível de transmissão - métodos de Ensino).

Outra chave principal e que é o ponto crucial na aprendizagem: as crianças sabem que eles aprendem não só para si, mas também para os outros. Inicialmente, há este sentimento colaborativo e coletivo de estar conectado, e a necessidade de passar o conhecimento adiante. É uma motivação e um acesso totalmente diferentes à aprendizagem. Na minha opinião, isso é o que o torna especialmente eficaz.

“Não temos estudantes. Todo mundo é um professor ou expert. Os alunos criam manuais, tutoriais, e usamos esses livros como sistema de desenvolvimento das próprias crianças, porque no futuro os livros escolares russos serão feitos pelos alunos. Assim, todo mundo é um pesquisador na nossa escola. Damos especial atenção às histórias, dança, canto, artesanatos populares, e a arte marcial popular russa, que não se baseia na agressão, mas no amor “. M. Schetinin (9)

Em se tratando de inovação educacional, muitos professores consideram interessantes e úteis essas duas principais técnicas desenvolvidas por Schetinin e seus alunos:

- » Imagem Sistemica / Schemata - O método não é inteiramente novo; tem sido diversificadamente introduzido e utilizado por vários formadores da Rússia (e provavelmente do mundo). Na verdade, já no século 17, um autor de um livro escolar sobre aritmética fez um quadro sistêmico de Matemática. O método não deve ser confundido com um mapa mental. Uma imagem sistêmica não é apenas um retrato de um tema ou de todo assunto, mas serve como uma ferramenta para se compreender e memorizar o conhecimento de forma mais rápida e eficaz.
- » O método de imersão - Como Schetinin define (para não ser confundido com o popular “método de imersão linguística”): um estudo intenso de um assunto dentro de um curto período de tempo, normalmente semanal. Qualquer assunto, como matemática ou história, pode ser estudado ao longo

de toda uma semana, deixando as crianças sentirem sua profundidade através da imersão. No entanto, é importante lembrar-se de misturar as metades do cérebro direito e esquerdo – as aulas monotemáticas devem ser intercaladas com atividades físicas ou artísticas, como esportes, música, coreografia ou pintura. Uma vez que o método de imagens sistêmicas (Schematas) tem sido bem desenvolvido ao longo do tempo na Escola Tekos, os alunos normalmente cobrem o programa inteiro da matéria dentro de uma semana.

O próprio Schetinin, no entanto, adverte contra a idealização de qualquer metodologia: “*No programa, a ausência de metodologia pode por si só garantir o sucesso na criação das crianças como um todo (...) A metodologia que usamos não é a coisa principal, e sim o significado, o objetivo que pretendemos através dele. Isso significa que nós podemos mudar o método, mas o importante é que o propósito siga uma linha de caminho significativa para não se desviar*”. E o significado, de acordo com Mikhail Petrovich é o ser humano harmonioso contribuindo para a beleza e sustentabilidade do mundo.

“... os anos estão atrás de nós agora. Eu me apeguei à convicção de que o homem pode fazer tudo! É precisamente através da compreensão desta frase que nossa escola funciona, todo o complexo escolar, toda a comunidade tem se desenvolvido. Nosso propósito não é “hábitos, conhecimentos e técnicas”. *Não são os exercícios sem fim e a aprendizagem mecânica, ou a informação mastigada. Pelo contrário, é a criação do homem para viver em harmonia, para agir em harmonia com a sociedade - um homem que, quando vê e analisa os fenômenos da vida que o cerca, pode sentir a sua interligação, pode perceber o mundo como um todo. E não importa o que ele se torne - um engenheiro, físico, químico, construtor, professor etc.- ele vai entender que está saindo para um mundo integral, completo e unificado*”. (M. Schetinin)

Três princípios parecem construir a base da filosofia educacional de Mikhail Schetinin:

1. A escola não é uma preparação para a vida. A escola é a própria vida!

Nós estamos sendo ensinados que durante os nossos anos na escola devemos nos ‘preparar’ para a vida, então nós vamos para a escola e estudamos, e também nos ‘preparamos’ para a vida, e, finalmente, a vida começa - o que é uma ideia absurda. Muitas pessoas refletem que a escola era a parte mais sombria de suas vidas - provavelmente não era vida alguma então?

Schetinin acredita que podemos e devemos fazer todo dia na escola uma experiência de vida, onde uma criança está ativamente engajada em atividades significativas (jardinagem, construção, pintura, culinária, limpeza, dança, apicultura, etc.). A alegria de criar coisas reais e fornecer ajuda real é o mais edificante.

*“Em nosso mundo de hoje todo o currículo educacional é dividido em camadas diferentes, isoladas umas das outras. O mundo da percepção transforma-se em ‘corredores’ isolados a tal ponto que às vezes é difícil para o aluno acreditar que todos eles são parte integrante de um todo único. A arte tira a sua própria força a partir do fato de que ele sintetiza fenômenos fracionados, oferece um sistema holístico de educação e criação das crianças, e inculca uma visão de mundo holística (...) Mas a arte não pode resolver completamente esta pergunta se as crianças não estão imersas em um ambiente onde valores de vida genuínos são afirmados - uma atmosfera de trabalho compartilhado e pesquisa, onde cada lição é permeada com um senso de criatividade”.* (M. Schetinin)

2. Conhecer cada e toda criança. Investir amor e fé em cada um deles. Schetinin conhece e compreende todos os seus alunos profundamente e completamente. Ele os ama tremendamente, e este amor é sentido a cada minuto. Não há necessidade de dizer o quanto os alunos o amam e o respeitam. Amor e respeito mútuos criam a base para a cooperação florescente. Sendo ele próprio uma personalidade marcante, Schetinin estabelece altos padrões pedagógicos: “Potencializar a bondade ao absoluto é o nosso trabalho como professores”.

3. Todas as crianças devem saber o significado de sua vida, entender suas raízes e ver a meta no futuro. E a meta para Schetinin é nada menos que o bem comum, o bem-estar de sua Pátria e a

transformação do mundo inteiro. Ele estabelece metas muito altas para as crianças, mas isso é o que os inspira e eles estão absorvendo essa filosofia com gratidão. Os melhores exemplos da história da humanidade nos mostram que as pessoas, guiadas por ideais e objetivos elevados, fazem maravilhas e trazem uma melhoria real para a espécie humana. Agora vamos honestamente nos perguntar quais os objetivos que estabelecemos para as nossas crianças?

*“Temos de compreender o mundo, temos de compreendê-lo e esse é o nosso dever. Quando compreendemos, quando entendemos o que acontece, quando agimos para o bem de tudo - que é o nosso trabalho. Este trabalho é incessante e quando o próprio professor vive e trabalha desta maneira, é isto que as crianças precisam. Ele não é apenas um contador de histórias, ele é um fazedor (...) No nosso processo educativo, trabalhamos com base em uma harmonia de três partes: “eu vejo - eu analiso - eu ajo”.* (M. Schetinin)

Como resultado de tal sábia filosofia sobre educação, os graduandos têm uma habilidade fantástica: eles estão sempre procurando a melhor solução para a melhoria de qualquer coisa que entram em contato com as mãos ou com a atenção. Recentemente algumas crianças estavam realizando seus exames finais na faculdade de direito, e, depois de fornecer todas as suas respostas: eles ofereceram uma melhoria real na lei abordada em cada questão do exame - para o espanto dos examinadores. Atualmente a escola inteira está trabalhando em um projeto chamado ‘Professor Universal’. Em cooperação com um colégio pedagógico russo, eles desenvolveram um currículo para um professor universal do ensino secundário que seria capaz de ensinar todas as disciplinas (por exemplo, para as escolas das aldeias).

Os métodos que Mikhail Petrovich usa são tradicionais e não-inovadores, mas provavelmente foram esquecidos por educadores modernos. Ele inspira as crianças através de “contação” de histórias diárias (de tudo, a partir de contos de fadas para lendas, histórias de heróis de guerra e de pessoas que salvam as vidas de outras, bem como suas experiências pessoais). É notável que os maiores ideais que as crianças

têm como modelos são heróis reais e santos, pessoas que agem com benevolência com seus companheiros. Deixe-me dar-lhes mais alguns detalhes e impressões que eu tive ao visitar a Escola Tekos:

- » O dia começa às 5h30 e termina às 21h. Nesse meio tempo, eles estudam, constroem casas, envolvem-se em pintura artística e artesanato, cantam à cappella em oito vozes, praticam artes marciais e dança folclórica com habilidade profissional, cozinham suas refeições, realizam trabalhos administrativos e escrevem seus próprios textos. À noite, eles sempre levam uma hora para refletir sobre o dia e suas relações uns com os outros, e com o mundo.
- » Todas as instalações escolares, incluindo espaços de estudo, um auditório, escritório administrativo, área para cozinhar, sala de jantar, banheiros, chuveiros, hall de entrada e outras instalações são projetados e construídos pelos alunos. Todas essas obras são cheias de graça e beleza que refletem a natureza interna e habilidades exteriores dos alunos e da excelente qualidade das atividades escolares. “Não é adequado que nós coloquemos a nossa atenção na música, artes visuais e dança; essas atividades devem fazer-se sentir na escola cotidianamente, e este é um ponto crucial” (M. Schetinin).
- » Uma vez por semana eles têm política como tema, assistindo notícias importantes, analisando e discutindo tudo o que está acontecendo no mundo.
- » As crianças têm smartphones na escola, que eles usam para acessar informações rapidamente sobre os assuntos em que estão trabalhando. Para TV e jogos não há desejo, muito menos tempo.
- » Todos os alunos têm uma postura surpreendentemente reta e digna, e impressionam a todos com sua bela língua russa. A maneira com que se comunicam entre eles e com convidados é admirável, cheia de simpatia e respeito, de uma maneira

raramente encontrada em adolescentes modernos. Eles são atenciosos e dedicados.

- » A metodologia de aprendizagem exigiria outro artigo, é um tema fascinante e muito amplo. Eu me limito a observar que os princípios fundamentais são Sistematização e Integração de todas as disciplinas. Um aluno aprende a absorver a essência de um assunto, encontrar as interligações com outras disciplinas e ver o mundo como um sistema complexo interdependente. Eles aprendem a descobrir o macrocosmo no microcosmo; eles aprendem a ver a Unidade.
- » Outra coisa que chama a atenção é a combinação de disciplina e flexibilidade, de uma forma que eu nunca experimentei em qualquer lugar.
- » Código de vestimenta: As meninas optam por não usar saias curtas ou cosméticos. Saias e vestidos na altura dos joelhos são o padrão feminino de vestimenta. Sem jeans, e calças esportivas apenas para os esportes. Meninos usam principalmente camisas e calças, e roupas de estilo militar para as artes marciais.
- » As crianças estão interessadas em estudar (e a qualquer hora do dia!). Eu dei algumas aulas de alemão às 19h e seu interesse ainda estava fresco (tendo em mente que se elas levantam diariamente às 5h30).
- » Mesmo que atinjam tais resultados surpreendentes, as crianças continuam a ser muito humildes.
- » O colégio está sob a jurisdição do Ministério da Educação da Federação Russa. Ele não cobra mensalidades, e embora a escola não se auto promova, não há vagas.
- » Há alunos na escola de mais de 40 nações e diferentes religiões.

Lembrando as palavras de K.Ushinsky sobre pedagogia ser uma arte, eu penso que Makarenko, Schetinin e outros grandes professores nunca poderiam ser replicados por causa de suas abordagens verdadeiramente artísticas frente aos corações e mentes das crianças. Pedagogia é uma arte, a maior de todas as artes, e até mesmo por conhecer todos os segredos dos grandes mestres não podemos copiar e colar seu trabalho - só podemos nos inspirar por eles. Eu também - inspirada por esses e outras grandes exemplos pedagógicos - sinto o desejo de contribuir para a mudança de paradigma global na educação.

A história do mundo da educação nos ensina que o esforço para a abordagem educativa mais adequada é um desejo perene. No entanto, parece que hoje estamos em uma situação única. Pela primeira vez na história da humanidade, a comunidade educativa global está em busca de uma transformação do sistema. Até agora os países têm desenvolvido os seus sistemas de acordo com os seus interesses e políticas nacionais. Desde que o mundo se tornou uma aldeia global, nós descobrimos uns aos outros muito mais de perto e entendemos a necessidade de uma abordagem comum. Acredito firmemente que, apesar de todos os problemas atuais, a humanidade caminha para a unidade global de valores e aspirações. Por que não podemos tirar o melhor de todas as experiências educacionais culturais e combiná-las de tal maneira que nossos filhos podem ser educados de uma forma verdadeiramente integrada e holística?

## O FUTURO DA EDUCAÇÃO JÁ COMEÇOU

Quando olhamos para os problemas atuais e acontecimentos que a humanidade enfrenta, como o terrorismo, aumento da desigualdade, as alterações climáticas, o fundamentalismo, a cidadania global, a ascensão da classe criativa, inovações e guerras culturais, qual é o primeiro impulso de um professor ou pai amoroso? Equipar as crianças com habilidades, conhecimento e sabedoria, não só para sobreviver nesse período de transição complicada, mas

também para participar de sua transformação. Precisamos de uma nova geração de personalidades moralmente sofisticadas, psiquicamente estáveis e saudáveis que possam levar a sociedade para fora da confusão que a humanidade se encontra agora.

A minha visão em relação à escolarização para esta tarefa é a combinação de educação (idealista, espiritual e ética), alto desenvolvimento intelectual e educação do coração em conexão com artes e natureza. Esses itens estão compartimentados em sistemas educativos modernos. A escolaridade clássica concentra no desenvolvimento intelectual, superestimando a inteligência matemática e linguística. Já a educação progressiva está mais preocupada com a Inteligência Emocional e a Espiritualidade. Por que não podemos então ter todos esses aspectos integrados? Podemos, e o exemplo da escola Schetinin nos mostra de forma brilhante como isso é possível.

## RESTAURANDO A IMPORTÂNCIA DE UM PROFESSOR

Outro ponto importante a ser mencionado é o fascínio moderno pela mídia digital e uma crença de que através da utilização da Internet e das novas tecnologias, as crianças podem aprender muito mais fácil e rapidamente. Eu também acredito nisso. No entanto, eu gostaria de fazer um alerta sobre negligenciar o papel do educador. A escola não é apenas um lugar para transferência de conhecimento, é muito mais. O papel social e psicológico de uma escola, em geral, e um professor, em particular, é muitas vezes subestimado. Se olharmos mais perto para a história da humanidade, veremos que ela nos fornece uma visão deslumbrante para a interconexão da história humana com a história da educação em todas as partes do mundo. Por exemplo, o cristianismo, que se espalhou pela palavra e pela espada, estabeleceu-se tão bem em grande parte por causa de seu sistema educacional que introduziu nos países menos desenvolvidos.

O binômio guru-discípulo (um mestre e seu aprendiz, um professor e seu aluno, um mentor e seu estagiário) é um dos arqué-

tipos mais profundamente enraizados na consciência coletiva. Se for suprimido, como parece estar atualmente, particularmente na cultura ocidental, isso leva a uma situação em que os professores não podem ensinar, e as crianças não podem aprender com eles. A transferência de conhecimento é apenas um aspecto da relação entre um professor e um aluno. O outro aspecto é a transferência da bondade moral e ética, isto é o que nenhuma das tecnologias digitais pode fazer. Esse tipo de padrão de educador exigirá, é claro, personalidades de professores desse calibre, professores que acreditam em si mesmos e, principalmente, em seus alunos.

## MINHA IDEIA PARA O FUTURO DA ESCOLARIDADE

Eu gostaria de contribuir com minha própria visão sobre o futuro da educação, com base em minha vasta gama de estudos e experiências: um diploma universitário em linguística, pedagogia e comunicação intercultural, além de vivência certificada como psicóloga. Cresci na União Soviética, sou russa por origem e tenho vivido na Europa Ocidental há 18 anos, com 10 anos de experiência como Gerente de Recursos Humanos, um grande interesse em culturas do Oriente Médio, indiano e chinês e 20 anos de prática de meditação e ativismo social. Uma combinação de tudo o que a aprendizagem e a experiência me fornecem é uma perspectiva única sobre para qual direção o mundo está se dirigindo, e que tipo de educação nossos filhos podem precisar.

A escola dos meus sonhos educaria crianças de grandes mentes e corações: um brilho intelectual e uma penetração aguda em cada assunto seriam equilibrados com uma grande consciência para o Bem Comum, com o esforço de contribuir para a melhoria da humanidade, amor e compaixão. Gostaria de criar as condições que vão cultivar e fazer surgir idealistas talentosos, bem equipados para o mundo moderno e com uma prontidão para torná-lo melhor. Gostaria de ver alunos saindo de uma escola com personalidades fortes e felizes, coletivamente conscientes e bem-sucedidos no sentido real da palavra.

A minha visão da futura educação primária e secundária inclui o seguinte conjunto de abordagens: Aprendizagem Global, Aprendizagem Coletiva, Pensamento Sistêmico, pelo menos 2 línguas estrangeiras, Educação Artística, Consciência da Natureza, Ética Mundial, Meditação, e Educação do Coração.

O conjunto padrão de matérias curriculares comuns como uma língua nativa, matemática, ciências, história e literatura constrói uma base de conhecimento natural.

Aprendizagem Global é uma disciplina pedagógica relativamente nova que se preocupa em explorar as interconexões entre pessoas e lugares ao redor do mundo. Permite que as crianças observem as similaridades e as diferenças que existem no nosso mundo hoje e que se relacionam com suas próprias vidas. Educação Global não é uma matéria, mas uma dimensão que atravessa o currículo, um filtro extra para ajudar as crianças a dar sentido a todas as informações e opiniões que o mundo está jogando para eles. Combina atividades metodológicas - ativas e baseadas em discussões experienciais, uma visão cuidadosa, cooperativa e aberta sobre a experiência em sala de aula e preocupações básicas - descobrir todas as culturas, as causas da pobreza, a desigualdade e o meio ambiente.

O pensamento sistêmico é uma disciplina que diz respeito à compreensão de um sistema examinando as ligações e interações entre os componentes que compõem a totalidade desse sistema definido, baseado na teoria dos sistemas. Pensamento sistêmico não é apenas sobre as ferramentas para ajudar as crianças a verem o mundo através de uma lente melhor; ele também pode dar-lhes uma maior compreensão de por que as coisas acontecem de certa maneira. As coisas são circulares no pensamento sistêmico e reconhecer a natureza complexa das relações de causa e efeito pode ajudar a entender por que as mesmas acontecem. É uma habilidade crucial com a complexidade de hoje e altamente útil na aprendizagem de qualquer assunto (o aprendizado através de imagens sistêmicas na Escola Tekos descrita anteriormente mostra sua alta eficácia).

A Aprendizagem Coletiva entende que qualquer aprendizagem é um processo coletivo. Como sabemos da neurociência, o cérebro humano não existe na singularidade. Um cérebro só pode se desenvolver como parte de outras redes cerebrais. A compreensão de conexão e interdependência é vital para as pessoas modernas. Traz o aprendizado a um nível qualitativamente diferentes. Algumas ferramentas, como o trabalho coletivo em imagens sistêmicas (método Schetinin), o torna ainda mais vibrante.

Educação Artística significa tanto ensinar as crianças a criar verdadeiras obras de arte - como pintura, artesanato, envolvimento em performances artísticas como dançar e cantar - inspirando-os, ao mesmo tempo, a apreciar a cultura e a compreensão da estética.

Consciência da Natureza traz de volta nossa conexão com a natureza. Como pessoas modernas, percebemos a natureza como algo fora do nosso ser. Isso leva, no final das contas, a desastres ecológicos causados pelo homem. Educação da natureza inclui uma ampla gama de ferramentas, de discussões até habilidades de sobrevivência em lugares selvagens, o que conecta as crianças com a natureza, a comunidade e a eles próprios.

Ética Mundial constrói uma compreensão das religiões e culturas no mundo de hoje, o que é, mais do que nunca, crucial. O conhecimento e o respeito por todas as religiões e ensinamentos de grandes mestres espirituais e filósofos é um dever educativo. A Ética Mundial torna as crianças conscientes da conexão, estabelece uma sólida base espiritual para seu desenvolvimento pessoal, e é uma matéria religiosamente neutra.

Meditação vai se tornar uma parte do currículo no futuro de maneira semelhante ao esporte em razão de seus óbvios benefícios para os estudos e para o bem-estar. Inúmeros estudos sobre meditação em todo o mundo oferecem muitas provas disso. Além dos benefícios geralmente conhecidos como melhor atenção, menos stress e humor equilibrado, a meditação fornece um impacto muito especial sobre a aprendizagem. Uma breve meditação após algum aprendizado intensivo fornece um impacto semelhante no

cérebro como sono profundo, semelhante à aquisição das novas informações feita por um computador.

O Trabalho Útil entende a finalidade e o valor de qualquer trabalho, seja esse criativo, físico ou intelectual, feito para os outros ou em prol do Bem Comum, permitindo que as crianças permaneçam como personalidades sensíveis, atenciosas e generosas e, obviamente, contribuindo para um futuro melhor do mundo inteiro.

A Educação do Coração é uma bela paráfrase da Inteligência Emocional. Devido às rápidas mudanças no ambiente econômico, social e político que observamos hoje (e enfrentaremos uma transformação ainda maior amanhã), a próxima geração só sobreviverá se as pessoas aprenderem a cooperar, a amar e cuidar umas das outras. Estas e outras qualidades humanas universalmente valorizadas poderiam e deveriam ser sustentadas e fortalecidas nas crianças.

Atualmente estou escrevendo um livro sobre o futuro da educação, onde vou expandir todas essas ideias e fornecer uma visão sobre a história mundial da educação, com muitos detalhes até agora desconhecidos para os leitores ocidentais.

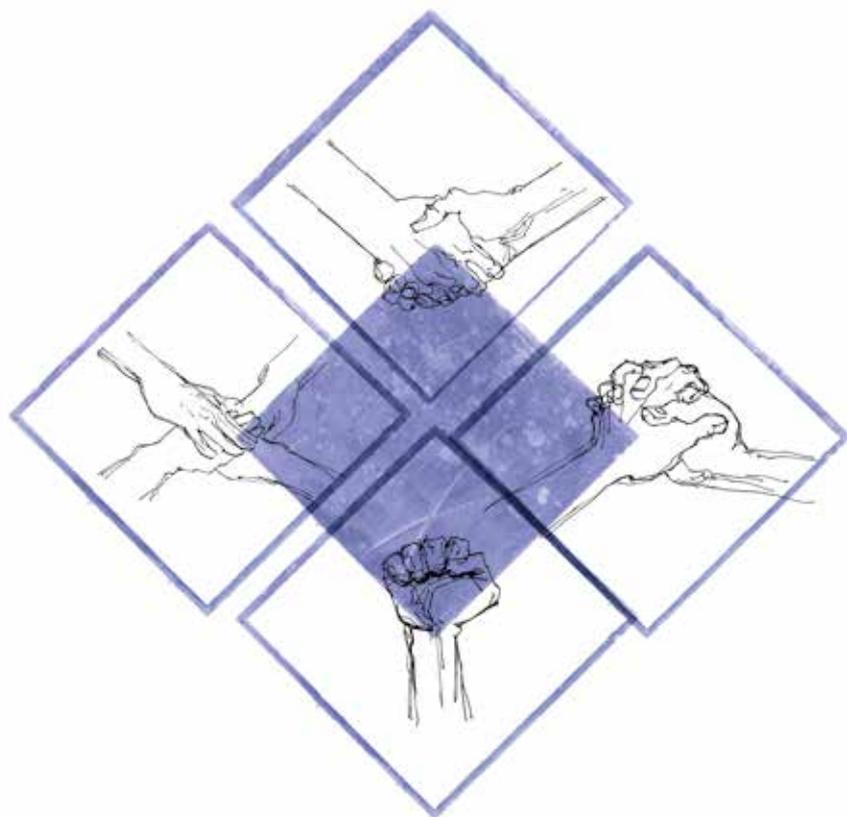
## REFERÊNCIAS

- 1) [http://www.booksite.ru/ancient/reader/spirit\\_2\\_01.htm](http://www.booksite.ru/ancient/reader/spirit_2_01.htm)
- 2) <http://www.ourcivilisation.com/smartboard/shop/smmnsej/tolstoy/chap4.htm>
- 3) <http://encyclopedia2.thefreedictionary.com/pedagogy>
- 4) <https://www.beds.ac.uk/jpd/volume-4-issue-2/key-pedagogic-thinkers-anton-makarenko>
- 5) Gorky 1976:112
- 6) Moos, 1961
- 7) Maslow, 1943
- 8) <http://www.newfoundations.com/GALLERY/Makarenko.html>
- 9) <http://co-creatingournearth.blogspot.co.at/2014/06/a-new-way-of-educating-our-children.html>

# EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

A EMPATIA E O PROTAGONISMO  
SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO

*Flávio Bassi*



Eu iniciei minha trajetória de educador popular trabalhando junto a povos e comunidades tradicionais no Brasil, desde povos indígenas até comunidades caiçaras e ribeirinhas. Há mais de dez anos, quando atuava em uma comunidade quilombola na região do Vale do Ribeira, no extremo sul do estado de São Paulo, me deparei com a fala de uma jovem que ecoa até hoje. As comunidades quilombolas da região receberiam sua primeira escola pública com currículo e práticas diferenciadas para servir aos seus anseios e modos próprios de pensar e viver. Traria o nome de Maria Chules Princesa, em memória de uma anciã, admirada e temida por sua grande força e coragem.

Líderes comunitários, aliados da sociedade civil e gestores públicos discutiam intensamente os planos para a escola, mas notamos que as crianças e os jovens quilombolas, os maiores interessados, não estavam sendo ouvidos, alheios ao processo todo. Então realizamos uma oficina com eles para sabermos o que queriam para a sua futura escola. Como seria uma educação verdadeiramente quilombola, uma escola em que se sentissem acolhidos, em casa, com a qual se identificassem? Fizemos várias perguntas geradoras para fomentar a discussão, mas eles se engajaram pouco na conversa. Até que perguntamos de forma mais concreta: “Como vocês querem que seja a nova escola de vocês?”. Depois de uma

longa pausa, uma jovem de 13 anos, Geisiane, rompeu o silêncio: “*Flavio, não me faça sonhar*”, disse em tom resignado.

Muitos anos depois, me dei conta de que a resposta da Geisiane não indicava só os sentimentos de impotência e desesperança, os quais nós mesmos acabamos compartilhando à época, mas também trazia um alerta. Se a Geisiane não queria compartilhar suas ideias por medo de que fossem novamente ignoradas ou frustradas, com seu pedido ela também nos comunicava que tinha, sim, sonhos. Era como se ela nos dissesse que o problema não estava nela; ela estava pronta, cheia de ímpeto e vontade, mas o mundo ao redor não estava pronto para acolhê-la. A partir desse momento, passei a me dar conta cada vez mais que crianças e jovens já são todos transformadores. Eles têm em si todos os “quereres” e “fazeres” do mundo; enquanto nós – adultos, comunidades, escolas, governos, etc. – é que não estamos prontos para eles. Como seria então possível pensar uma escola para eles, deles, sem recuperar esse interesse e confiança no mundo, na capacidade de sonhar?

Desde então, conheci muitas Geisianes, que só fizeram multiplicar os relatos do quanto a educação formal e as instituições e relações sociais estão apartadas do potencial transformador que cada criança e jovem carrega dentro de si. Com isso cresceu também a minha convicção de que, no mundo de hoje, não é mais possível pensar no futuro da educação sem levar em conta esse grande desencontro. Por isso, ao invés de apenas multiplicarmos pedagogias e elegeer novas abordagens metodológicas ao sabor dos ventos ou das teorias do momento, devemos repensar a educação, redefinindo os termos nos quais se funda a sua conversa, caminhando rumo a um novo paradigma, com modelos e arranjos capazes de formar crianças e jovens empáticos e transformadores da realidade. Não seria essa a essência da educação? Educar para a transformação positiva pessoal e do mundo? Isso nunca vai sair de moda ou deixar de ser “tendência”, porque a agência transformadora está no cerne da nossa própria natureza humana.

Em 2012, após uma longa trajetória na Ashoka – a organização social mundial que fundou o campo do empreendedorismo social há

35 anos e reúne mais de 3.200 inovadores sociais de 86 países – fui presenteado com a oportunidade de concretizar essa visão liderando seu programa global “Escolas Transformadoras” (*Changemaker Schools*), primeiro na África e hoje na América Latina. Escolas Transformadoras é uma comunidade global de equipes de escolas de ensino fundamental e médio que priorizam a empatia, o trabalho em equipe, a criatividade, a liderança compartilhada e o protagonismo social como valores e competências chaves na formação de seus educandos. Estas escolas estão liderando uma transformação na educação ao acolher e cultivar as crianças e jovens como transformadores (*changemakers*) – sujeitos que possuem o conjunto de habilidades e competências transformadoras, além de conexão com um propósito que lhes permitam gerar ideias e tomar iniciativas para resolver problemas sociais, bem como influenciar mudanças positivas no mundo. Esse conjunto de competências é um recorte com base num estudo detalhado das estratégias e abordagens de mais de 700 inovadores sociais da Rede Ashoka no mundo todo, que se propuseram ao mesmo desafio. Assim, ao delimitar essas competências como chaves para enfrentar o desafio de nosso tempo, não pretendemos sugerir que sejam as únicas competências e habilidades necessárias para promover uma educação transformadora; trata-se de um ponto de partida no caminho para formar sujeitos ativos, empáticos, críticos, colaborativos e protagonistas do mundo.

## AS COMPETÊNCIAS TRANSFORMADORAS<sup>1</sup>

Para participar do mundo é preciso, em primeiro lugar, se interessar por ele. O encantamento com o mundo desperta a vontade de tomá-lo para si, cuidar do mundo, cuidar do outro, com a in-

---

<sup>1</sup> Utilizamos “competências” por convenção e simplificação, mas entendemos que compreendem também uma série de habilidades relacionadas. Por exemplo, no currículo nacional brasileiro, empatia é definida como uma habilidade ao passo que trabalho em equipe é entendido como uma competência.

tenção de garantir a sua continuidade e transformação. As competências transformadoras podem ser compreendidas como aquelas fundamentais para que, no nosso contexto globalizado e fluido, crianças e jovens criem sentido e senso de responsabilidade pelo mundo, e assumam um papel protagonista nas mudanças, renovações e cuidados demandados pelas diferentes realidades de hoje e de amanhã.

## EMPATIA

A empatia desempenha um papel fundamental na criação de novas ideias e na transformação da realidade, uma vez que significa a capacidade de compreender as muitas perspectivas dos problemas complexos de hoje, juntamente à capacidade de colaborar para resolvê-los. Também compreende ser capaz de ouvir as ideias dos outros tanto quanto articular as suas próprias, liderar uma equipe num dia e participar como membro da mesma equipe no outro. A empatia demanda capacidade para conhecer seus próprios sentimentos e ideias, dos outros e muito mais que isso, conectar-se com elas, saindo do seu “eu” para adentrar uma visão mais profunda do mundo, a partir de outros olhares sobre ele.

Essa nossa capacidade de assumir a perspectiva dos outros é parte que mais nos torna humanos, sendo essencial para a nossa imaginação. A empatia nos ajuda a trabalhar melhor em equipes, valorizando as contribuições únicas que cada indivíduo pode trazer. Quando apreciamos as motivações, medos, pontos fortes e fraquezas dos outros, podemos trabalhar de forma mais produtiva e em conjunto, na resolução de problemas complexos que afetam a todos nós. Nesse sentido ela é também a peça-chave do processo democrático. Portanto, a empatia – o conectar-se com aquilo que lhe é externo, mas lhe toca profundamente – é uma habilidade-chave da vida em sociedade, e ainda mais relevante para participar de um mundo globalizado em constante mudança como o de hoje.

## TRABALHO EM EQUIPE

Entendemos por trabalho em equipe a capacidade de cooperar e trabalhar em parceria, na diversidade, empreendendo ações conjuntas em prol de resultados comuns. Ela se constrói principalmente através da vivência dos educandos com seus pares, em grupos auto organizados, em um ambiente democrático e ético, onde todos podem trazer contribuições e o aprendizado coletivo é mais importante que o individual. É através da convivência cooperativa na sala de aula e fora dela, que os educandos se constituem como grupos sociais mais amigáveis, abertos às diferenças e com objetivos coletivos; especialmente em uma sociedade que tem buscado cada vez mais o foco no indivíduo e na realização pessoal, a cooperação é uma competência fundamental para a construção do espírito coletivo, tão necessária às transformações.

Assim, podemos pensar no educador como um mediador das relações e dos conflitos, sempre no sentido de permitir aos alunos a crescente autonomia e auto-gestão de seus próprios grupos. Portanto, uma escola que proporciona experiências em diferentes formas de agrupamentos e dinâmicas de gestão dos grupos, é sobretudo onde educadores e gestores trabalham também de forma cooperativa. Os educandos assim poderão agir a fim de construir um mundo mais acolhedor, que pertença não somente a ele, mas a todos. Ouvir o outro não enriquece somente a reflexão, mas também a ação. Sujeitos de transformação sabem disso e são cooperativos pois reconhecem que somente com o outro poderão realizar intervenções verdadeiramente impactantes e positivas. Num mundo dinâmico e diversificado como o nosso, esse olhar é determinante para a capacidade de intervir positivamente nos mais variados contextos.

## LIDERANÇA COMPARTILHADA

Na realidade fluida das sociedades “mundializadas”, o conceito de liderança, assim como tantos outros, precisou ser revisitado a fim de adaptar-se às novas demandas da realidade complexa da

atualidade. As relações entre as pessoas mudaram, criando origens mais transitórias e flexíveis. Os modelos hierárquicos de liderança, marcados tradicionalmente pelo autoritarismo e pela rigidez, perderam espaço e hoje se valoriza o oposto: a liderança deve acontecer em conjunto, num movimento democrático e participativo, oferecendo voz e ação a todos os envolvidos em seu exercício.

No contexto escolar, liderar apenas “na frente da sala” não é suficiente; é preciso também saber liderar “no fundo” da sala, mesmo que não se esteja em destaque. Desta forma, a ideia de liderança compartilhada deve ser envolvida por um modelo flexível e aberto, que inspira e engaja e não provoca o afastamento, mas sim a atração. A imposição de regras tampouco cabe dentro deste novo olhar sobre liderança; o que se manifesta, ao contrário, é a horizontalidade e a pluralidade. Portanto, aquele que lidera iniciativas de qualquer natureza deve estar aberto a este processo dialógico e participativo, características da liderança do século XXI: o afeto, a comunicação e o trabalho em equipe configuram-se como pilares da visão sobre liderança compartilhada.

Em termos práticos, podemos pensar a escola como um campo fértil (e ideal) para trabalhar essa competência; contudo, para que ela seja de fato compreendida e apreendida pelas crianças e jovens, é necessário que esteja presente em toda a estrutura escolar – desde a diretoria até a sala de aula, para que o aluno vivencie os valores, ideias e as práticas de uma liderança compartilhada. Paulo Freire, por exemplo, reforça esse pensamento quando se opõe às relações hierárquicas e propõe uma educação que se constrói em comunhão, numa relação horizontal. Educador e educando, sob o olhar de Freire, assumem papéis transitórios e flexíveis, dispondo de parceria, rumo a possibilidades equivalentes de intervenção e autonomia.

## PROTAGONISMO SOCIAL

Longe de ser um ferramental, o protagonismo social dialoga com o que temos de mais essencial enquanto espécie humana: somos iniciadores por natureza. A cada nascimento, ressurgem a espe-

rança da renovação e transformação do mundo. Trata-se, portanto, de uma qualidade que nos é inerente, mas que deve ser cuidada para que floresça com vigor e potencialidade. Protagonismo social é a capacidade de tomar iniciativas para a transformação positiva da realidade social, buscando ativamente engajamento e participação no seu entorno. O protagonista social toma como causa aquilo que pertence ao coletivo, sai da condição de sujeição e parte para ação; é aquele que questiona modelos prontos e assume postura ativa nos processos de transformação da realidade.

O desenvolvimento desta competência inicia ainda na primeira infância quando é dada à criança a oportunidade de participar e decidir sobre o seu, ainda pequeno, entorno. Através de sua participação nos assuntos que lhe despertam interesse e das possibilidades de ter voz e escolha no seu pequeno universo, este olhar de iniciativa se amplia para a escola, o bairro, a cidade, o país e finalmente o mundo, conforme as possibilidades de engajamento que o meio social oferece. Ele se desenvolve também pelo despertar do pensamento crítico, que traz consciência para os problemas à sua volta e sobretudo pela criatividade necessária para elaborar novas soluções e ações para a mudança da realidade.

A ênfase na criatividade é fundamental, pois prioriza uma aprendizagem ativa, a valorização da autoria dos alunos, com estímulo a diferentes linguagens e formas de expressão, bem como incentivo para criar soluções novas a problemas por meio da experimentação e vivência de diferentes realidades. Protagonismo social requer liberdade e está assim intimamente ligado ao processo criativo e crítico; é a capacidade de ampliar o campo em que se atua e construir a realidade que se deseja.

Como vimos, essas competências-chave para uma educação transformadora que estamos propondo estão ligadas ao respeito, à diversidade e, sobretudo, aos direitos humanos. Antes de habilidades e competências, são valores básicos que, sem dúvida, podemos aprender. Em um sistema desigual, como o brasileiro e tantos outros pelo mundo, devemos lutar para que todas as crianças e jovens

possam ter acesso a uma educação que proporcione o alcance de sua máxima potência, enquanto um direito de todos.

Posto isso, fica claro que o domínio das três competências tidas hoje como básicas — leitura, escrita e aritmética — já não garante uma base educacional plena que prepare adequadamente crianças e jovens para o futuro. Em tempos de aumento de interações entre culturas e grupos sociais, precisamos criar condições para que as novas gerações aprendam a criar e sustentar relações horizontais. A escola precisa ser um espaço em que o ensino das artes seja tão importante quanto o da matemática; em que um projeto social realizado em equipe na escola seja tão importante quanto um projeto de ciências no laboratório. Precisa, portanto, dar conta das diferentes dimensões do saber: aprender a conhecer, fazer, conviver e principalmente, ser, conforme nos ensina o célebre relatório organizado por Jacques Delors em 1996 para a UNESCO. Se não o fizermos, estaremos falhando com as novas gerações que não terão a base fundamental necessária para prosperarem, com felicidade, no futuro.

É importante dizer que não há um manual de como cultivar as competências transformadoras nas escolas: as realidades são muito diversas. O que funciona em uma escola pode não ser apropriado em outra e as escolas — de fato, cada sala de aula — pode, num dado momento, ter bons resultados em uma área e apresentar dificuldade em outra. Por isso, o mais importante é construirmos uma visão compartilhada com expectativas que façam sentido tanto para educandos, quanto para educadores, e assim formarmos uma comunidade de aprendizagem capaz de compartilhar ideias e experiências, as quais permitam que as competências afluam e sejam cultivadas na prática. Construir um mundo em que cada um possa ser um agente de transformação requer, que olhemos para além das abordagens convencionais de mudança da escola. Estamos falando de mais do que criar ou replicar um novo programa ou currículo, lançar uma nova escola experimental ou lançar uma campanha de *advocacy*. Estamos falando de uma mudança de mentalidade e visão sobre a educação.

## APOIANDO-SE NOS OMBROS DE GIGANTES

Os princípios que fundam esse conjunto de habilidades e competências não são, evidentemente, novos, encontrando eco em uma série de referências históricas e contemporâneas com as quais claramente dialogamos. Uma das mais importantes encontra-se em Paulo Freire pois, em grande medida, o sentido mesmo da pedagogia proposta era a transformação da sociedade que só poderia ser levada a cabo ao superarmos uma educação bancária e autoritária, e construirmos uma educação crítica, problematizadora e dialógica.

Paulo Freire vai além da superação de uma educação tradicional, e constrói uma teoria e prática de educação crítica e libertadora a serviço da formação cidadã, e transformação social. Podemos encontrar todas as dimensões que buscamos nas Escolas Transformadoras na sua obra que é, naturalmente, muito mais ampla e complexa. Pensamos que a “leitura de mundo” que Freire propõe é a condição fundante de qualquer processo de transformação pessoal e social e nós entendemos empatia também nessa chave. A questão da cooperação, da liderança colaborativa, aparece diversas vezes em seus estudos. A hoje célebre afirmação de que nós apenas nos educamos em comunhão e mediados pelo mundo, pode em grande medida ser vista como uma síntese mesma do que entendemos por educação transformadora.

Outra referência importante nessa linha é Célestin Freinet, pioneiro das chamadas Escolas Democráticas. Para ele, além das técnicas pedagógicas, o aspecto político e social ao redor da escola não devia ser ignorado pelo educador. A sua pedagogia traz uma preocupação com a formação de um ser social que atua no presente. Para Freinet, o professor devia mesclar seu trabalho com a vida em comunidade, criando associações, conselhos, eleições, ou seja, as várias formas de participação e colaboração, direcionando assim o movimento pedagógico em defesa da fraternidade, respeito e crescimento de uma sociedade cooperativa e feliz.

Henri Wallon e sua pedagogia política humanamente comprometida é outra referência fundamental, pois ele traz uma concep-

ção integral (holística) de educação, aprofundando a compreensão da importância da afetividade e das emoções. As emoções, para Wallon, têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. São manifestações das mais íntimas necessidades, desejos e intenções que provocam impacto nas pessoas do entorno. Assim, na escola, uma professora bem observadora pode identificar os momentos de tensão, desconforto, medo, e outras expressões, no aluno, que podem dificultar, e mesmo impedir, sua aprendizagem. Ele assim inaugura uma proposta mais holística de educação em que a cognição é entendida como um conjunto de quatro “campos funcionais”: o movimento, a afetividade, a inteligência e a pessoa.

Em diálogo com esse movimento de alargar o que se entende por cognição, Lev Vygotsky propõe que a imaginação é a base da atividade criadora e da experiência, podendo também ser construída a partir da mobilização da imaginação do indivíduo. Em relação a esse aspecto, afirma Vygotsky: *“Isto significa que tudo o que edifica a fantasia influi reciprocamente em nossos sentimentos, e ainda que essa construção em si não concorde com a realidade, todos os sentimentos que ela provoca são reais e efetivamente vividos pelo ser humano que os experimente”*. Dessa maneira, o exercício da atividade criadora passa a ser fundamental na educação, devendo-se criar um ambiente educativo que estimule e respeite a livre expressão de criatividade da criança. Curiosamente, Vygotsky também se ocupou de compreender o fenômeno da empatia, originalmente no contexto da estética, mas com implicações interessantes para se pensar as ações educativas.

Muito em linha com o pensamento que fundamenta nossa iniciativa está o filósofo norte-americano John Dewey. Dewey é um dos pioneiros do movimento de educação progressiva nos EUA que influenciou fortemente os criadores da Escola Nova no Brasil, como Anísio Teixeira. Um de seus principais objetivos é educar a criança como um todo. O que importa é o crescimento – físico, emocional e intelectual. O princípio é que os alunos aprendem melhor realizando tarefas associadas aos conteúdos ensinados. Atividades manuais e criativas ganham destaque no currículo e as crianças

passam a ser estimuladas a experimentar e pensar por si mesmas. Também foi um grande defensor da cooperação e das práticas conjuntas entre educandos. Nesse contexto, a democracia ganha peso, por ser a ordem política que permite o maior desenvolvimento dos indivíduos, no papel de decidir em conjunto o destino do grupo a que pertencem. Dewey defendia a democracia no interior das escolas. Dizia, *“afinal, as crianças não estão, num dado momento, sendo preparadas para a vida e, em outro, vivendo”*, argumentando que o aprendizado se dá justamente quando os educandos são colocados diante de problemas reais. A educação, na visão “deweyana”, é uma constante reconstrução da experiência, de forma a dar-lhe cada vez mais sentido e habilitar as novas gerações a responder aos desafios da sociedade. Educar, portanto, é mais do que reproduzir conhecimentos, é incentivar o desejo de desenvolvimento contínuo, preparar pessoas para que sejam capazes de transformar.

Maria Montessori é outra referência incontornável. De fato, a Ashoka a reconhece não só como médica e pedagoga que era, mas como um dos exemplos históricos de empreendedora social, no sentido em que ela cria uma nova abordagem que tem vasta aplicação (com um método claro) gerando uma mudança de paradigma na sociedade. Montessori acreditava que nem a educação, nem a vida deveriam se limitar às conquistas materiais. Os objetivos individuais mais importantes seriam encontrar um lugar no mundo, desenvolver um trabalho gratificante e nutrir paz e densidade interiores para ter capacidade de amar. A educadora acreditava que esses seriam os fundamentos de quaisquer comunidades pacíficas, constituídas de indivíduos independentes e responsáveis. Embora tenha um olhar prioritário para a transformação do indivíduo, essa meta coletiva é vista até hoje por seus adeptos como a finalidade maior da educação montessoriana. Como poucos, ela desenvolveu um olhar sensível e amoroso para a criança, colocando-a no centro de tudo, e privilegiando a sua liberdade de escolha, seu pensamento livre e sua autonomia.

A educação holística talvez atinja uma de suas concepções mais plenas com Rudolf Steiner e sua pedagogia Waldorf. A obra de Steiner

é complexa e multifacetada, mas no contexto das Escolas Transformadoras, nos interessa especialmente a educação do querer (“will”) e como essa dimensão na criança e no jovem deve ser trabalhada de forma profunda. Na pedagogia Waldorf, faz-se pouca menção à questão do protagonismo por um viés mais instrumental. O que importa — além do sentir e do saber — é cultivar o querer profundo, e interconectado com o todo, de modo a permitir que o sentido de agência se desenvolva não importando para quê será empregada. Há muitos outros pontos de interseção entre a pedagogia de Steiner e essa nossa visão, mas vamos nos ater a essa concepção de educação da vontade e sua relação com a transformação da realidade. Sobre isso, diz Steiner:

*“(…) parte da atuação moral tem como base o conhecimento do mundo dos fenômenos em questão. (...) O agir moral pressupõe, assim, ao lado da intuição e da fantasia moral, também a capacidade de transformar o mundo das percepções sem violar a ordem natural interna dos objetos aos quais as ações se dirigem. Tal capacidade chama-se técnica moral. Ela pode ser aprendida, como a ciência em geral pode ser aprendida.”* (STEINER, R. A Filosofia da Liberdade. Cap. XII, 1918).

Há dois pontos que chamam a atenção aqui: a natureza, diríamos, ética da transformação que se empreende, e a “técnica moral” como algo que pode ser ensinado e aprendido, fundamental para nosso argumento de que os desenvolvimentos morais e cognitivos caminham lado a lado. Uma outra referência, pouco lembrada, mas com repercussões bastante profundas para a formação cidadã, é Jiddu Krishnamurti, tipicamente associado apenas a uma filosofia da espiritualidade, mas que se preocupou bastante em pensar a educação.

Para Krishnamurti, a escola é um lugar onde se aprende sobre a totalidade e a plenitude da vida. A excelência acadêmica é absolutamente necessária, mas uma escola inclui muito mais do que isso. É um lugar onde tanto o professor quanto o aluno exploram, não só o mundo exterior, o mundo do conhecimento, mas também seu próprio pensamento, seu próprio comportamento. É assim um meio no qual as grandes questões existenciais poderiam ser exploradas numa at-

mosfera de liberdade e responsabilidade. Ele achava que se os jovens e os velhos viessem a ser despertados do seu condicionamento de nacionalidade, religião, preconceitos, medos e desejos, o que inevitavelmente leva ao conflito, eles poderiam trazer para suas vidas uma qualidade totalmente diferente. Estava fundada uma concepção bastante transcendente de empatia que em certa medida dialoga com a concepção de “cidadania planetária” de Paulo Freire. O legado de Krishnamurti encontrou expressão em diversas escolas fundadas a partir de seus ensinamentos, inicialmente na Índia e depois na Europa e nos EUA.

Podemos também fazer referência a uma série de outros teóricos de diversas áreas do conhecimento. Por exemplo, a empatia encontra forte amparo em Hannah Arendt quando desenvolve esse conceito no âmbito da filosofia política. Para ela, seremos tanto mais humanos quanto maior a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro. Sobre a competência de cooperação e trabalho em grupo, além de liderança compartilhada, podemos buscar em Bernard Lievegoed uma conceituação bastante elaborada sobre a centralidade do trabalho coletivo nas ações transformadoras, o que influenciou muito os campos, relativamente recentes, tanto da psicologia quanto da pedagogia social. Há ainda referências mais contemporâneas de grande destaque, como Frans de Waal em sua discussão ampla sobre a empatia, ao fazer uma leitura desse fenômeno na natureza, assim como dezenas de outros trabalhos recentes.<sup>2</sup>

## UMA NOVA NARRATIVA PARA UMA NOVA OPORTUNIDADE HISTÓRICA

Mas, se tantos já argumentaram e construíram obras inteiras sobre a importância dessa visão de educação, porque ainda precisamos defendê-la? A primeira resposta, mais óbvia, é que essa

---

<sup>2</sup> Uma seleção destes trabalhos (em inglês) pode ser consultada online em nosso site global “Start Empathy”: <http://startempathy.org/why/reading-room>.

visão ainda está longe de ser concretizada. Em segundo lugar, pela sua natureza diversa e, na maioria dos casos, restrita a nichos disciplinares, essas filosofias e pedagogias não assumiram a natureza de uma grande narrativa, sobretudo um discurso acessível a qualquer cidadão, e não apenas a estudiosos. Finalmente, a construção dessa narrativa se justifica pelo momento histórico único que estamos vivendo.

Nas últimas décadas, as inovações e avanços tecnológicos, sobretudo nas áreas de comunicação e transporte, transformaram de maneira marcante as formas de produção e disseminação de conhecimento, assim como as relações entre as pessoas e destas com seu entorno. Alcançamos um período onde as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas, delineando os contornos de uma ordem nova e diferente. Esse cenário exige novos sistemas de compreensão do mundo, de produção de conhecimento e novas formas de relação social. A nova ordem social pede posturas proativas, busca criatividade e iniciativa.

Isso significa que precisamos desafiar o paradigma atual de educação, que ainda prepara as novas gerações para um mundo hierárquico, vertical, dividido em áreas e departamentos do saber, num modelo de educação bancário, que reproduz apenas as desigualdades vigentes. Ao contrário, é preciso pensar “além de si”, além dos muros. Precisamos construir um novo paradigma que prima pela relação dialógica, pelo espaço de autoria e protagonismo, pela solidariedade, pelo espírito crítico e por práticas transformadoras da realidade social. Queremos que todos reconheçam a empatia, o trabalho em equipe, a liderança compartilhada, a criatividade e o protagonismo social como competências tão importantes quanto o ensino da matemática. Estas são competências e habilidades que podemos aprender e cultivar, portanto, precisamos levá-las a sério.

Mas formar crianças e jovens transformadores não basta, pois não dá conta, por si só, de recuperar a esperança de muitos jovens como a Geisiane de que seus anseios e ideias serão acolhidos, e

poderão se expressar no mundo. Para isso é preciso também construir um ecossistema que conduza a mudanças sociais e institucionais, capazes de incluir a empatia e o protagonismo social como novos paradigmas tanto na educação quanto nas expectativas e experiências oferecidas às novas gerações. Queremos que todos possam tomar os desafios sociais para si, assim teremos maiores chances de endereçar os problemas mais prementes do mundo, e construir uma sociedade mais justa. Por isso buscamos dar visibilidade para as equipes das escolas que estão inovando, e incentivar que elas expandam suas experiências e se conectem. Trabalhamos para que estas escolas colaborem com empreendedores sociais, legisladores, acadêmicos, comunicadores, participando das discussões e ações sobre a formação docente, sobre a avaliação do ensino, sobre as expectativas dos pais na formação de seus filhos, dentre muitas outras. Só assim vamos construir a demanda social por uma educação e uma sociedade pautada pelos paradigmas da empatia e do protagonismo social.

No Brasil, por exemplo, temos um universo rico de iniciativas que estão repensando a educação a partir dessa premissa de que todos podem ser transformadores. As dez primeiras escolas brasileiras já foram reconhecidas, integrando-se a uma comunidade que conta atualmente com mais de 200 Escolas Transformadoras em 28 países<sup>3</sup>. Trata-se, portanto, de uma demanda e de uma narrativa comuns de âmbito global que atravessam as mais variadas pedagogias, sistemas públicos e privados, áreas urbanas e rurais, contextos históricos e culturais, em todos os continentes.

Hoje, a Geisiane e todos nós podemos nos permitir sonhar com essa mudança, pois ela já está acontecendo.

---

3 Para conhecer nossa comunidade global de Escolas Transformadoras, acesse: [www.ashoka.org/meet-changemaker-schools](http://www.ashoka.org/meet-changemaker-schools) e para os perfis detalhados das Escolas Transformadoras no Brasil, visite: [www.escolastransformadoras.org.br](http://www.escolastransformadoras.org.br).

# UNIVERSIDADE VIVA

## INKIRI

PIRACANGA- BA

*Flor Dillon*



Desde 2014 a Universidade Viva Inkiri, localizada ao sul da Bahia, na comunidade de Piracanga, vem realizando o sonho de muitos jovens, com um modelo de educação bem diferente do tradicional. Como um projeto único, a Universidade abre as portas para que os jovens possam expressar a sua verdade interior em todos os aspectos das suas vidas. Graças a esse espaço protegido, eles têm a possibilidade de quebrar hábitos, conceitos e padrões e viver uma experiência completamente diferente, experimentando novas formas de ser e agir no mundo. Acreditamos que para formar indivíduos, e ajudá-los a colocar seus dons e talentos para o mundo, é preciso antes ajudá-los a curar a sua criança ferida e compreender o seu passado, só assim estarão mais preparados para enfrentar desafios e construir relacionamentos saudáveis.

É apostando nessa educação livre de formas e definições que a comunidade vem evoluindo esse trabalho, pois os jovens são o futuro de um novo mundo que está sendo construído a cada momento. Na Universidade Viva Inkiri, eles têm a chance de se experimentar e autoconhecer, escolhendo projetos para trabalharem durante três meses, nos quais recebem um direcionamento dos guardiões, que os ajudam a trilhar seus caminhos individuais e coletivos. Acreditamos na singularidade de cada pessoa e sabemos

que cada um traz consigo dons e talentos para serem compartilhados no mundo, e quando não estamos expressando nossa verdade, escolhemos um caminho de dor e angústia, que são gerados por essa desunião entre nosso corpo e espírito. Diferente das universidades tradicionais, os projetos têm como norte a veracidade, com isso, os jovens tomam consciência de buscar a verdade dentro deles, que constitui sua essência.

A universidade segue três pilares para que os jovens possam acordar valores dentro deles: a vivência em comunidade, o serviço desinteressado e a auto responsabilidade. Vivendo em comunidade, aprendem a criar acordos e regras que ajudam na harmonia da casa, respeitar seus espaços, o dos outros e o de todos. As partilhas - reuniões semanais feitas na casa - abrem espaço para os jovens exporem seus sentimentos, situações e incômodos com todos, se tornando vulneráveis e transparentes em suas relações. É nessas reuniões que eles ganham coragem de olhar para suas sombras, egos, defesas, e feridas e abrem espaço para uma grande união e compaixão entre todos. Estamos fazendo um movimento em direção ao amor, por isso é preciso se responsabilizar pelo despertar dos valores espirituais, pois sabemos que muitos conflitos e violências que hoje temos na nossa sociedade existem devido a esse jogo de armadilhas que criamos, na qual acreditamos em uma grande ilusão que somos separados de todos.

A essência de todo esse trabalho está no serviço desinteressado, acreditamos que nele conseguimos transformar e revolucionar a forma com que os jovens se expressam no mundo. Outro pilar que sustenta esse trabalho é a auto responsabilidade, porque você descobre que a raiz de tudo o que está ocorrendo fora está dentro de você e para de responsabilizar os outros, ou seja, todo o jogo de acusação e de vitimização do ser humano é transmutado, fortalecendo o poder pessoal de cada um.

A Uni recebe jovens de 18 a 28 anos provenientes de diversas regiões do Brasil e do mundo, não focando apenas na comunidade e na região que se localiza. Desse modo, o impacto acaba por

não ser local e concentrado, mas disperso geograficamente e não por isso menos relevante, já que muitos jovens após o término do programa retornam a seus locais de origem, prontos para atuarem como agentes de mudança.

Durante o período da Universidade, que varia de três a seis meses, os jovens são convidados a abandonar antigos hábitos e, para tanto, não é permitido o consumo de álcool, tabaco e qualquer outro tipo de droga e entorpecente. O trabalho proposto pela Uni requer que se abra mão destas distrações, para que os indivíduos tenham a chance de realmente entrar em contato consigo mesmos.

O objetivo do trabalho da Universidade Viva Inkiri está além da transmissão de conteúdo e preparação de indivíduos para o mercado de trabalho, como em uma instituição de ensino superior tradicional, por essa razão a estruturação em cadeiras disciplinares e um conteúdo programático a ser seguido parecem insuficientes, e não dão conta do desafio de ajudar a preparar jovens para um novo mundo.

## ESTRUTURA

A aldeia universitária é composta por três casas com quartos individuais e duplos que têm em comum uma sala e cozinha comunitárias, espaço de arte, espaço de música, centro de permacultura e hortas, além de marcenaria, sala de terapias e um templo para meditações, yoga, e realização de partilhas e vivências. A aldeia ainda conta com banheiros secos, sistema de tratamento de águas cinza (círculo de bananeiras), programa de separação de lixo, captação de água da chuva, e assim como toda a comunidade de Piracanga, utiliza apenas a captação da luz solar como fonte de energia elétrica.

Cada universitário, além de ser responsável por seu próprio quarto - limpando-o, realizando manutenções e até mesmo tendo liberdade para melhorá-lo e deixá-lo mais pessoal -, também toma sob sua responsabilidade algum espaço comum, zelando para que o ambiente sempre esteja propício para convivência.

A convivência é o grande pilar da aldeia universitária, jovens vindos de diversas partes do Brasil e do mundo, compartilham similaridades e diferenças, e são desafiados a experienciar a vida em comunidade, criando os seus próprios acordos e regras. Nesse processo, os coordenadores da Universidade exercem o papel de facilitadores, sempre abrindo espaço para o diálogo. Os próprios coordenadores são jovens, o que aproxima e cria uma relação bem menos formal.

A Universidade não possui aulas, os jovens escolhem dois projetos para desenvolverem durante quatro dias da semana, um no período da manhã e outro à tarde, dois dias são reservados para realizar trabalhos dentro da própria aldeia, para que os jovens tenham a oportunidade de manifestar na matéria. Há ainda um dia livre, os sábados, e os universitários são livres para aproveitar a praia ou até mesmo dar uma esticada até Itacaré, a cidade mais próxima.

Os jovens que frequentam a Universidade têm a possibilidade de participarem de diversos projetos dentro das áreas existentes em Piracanga. Dentre estes estão:

### COZINHA ALQUIMIA

Aqui o jovem explora suas habilidades como um cozinheiro, aprende muito sobre a cozinha vegana e explora sua criatividade. Primeiramente, eles passam um tempo fazendo um curso que irá prepará-los para atender a demanda do restaurante que serve hóspedes da comunidade.

### ESCOLA DA NATUREZA

Os jovens entram em contato com a permacultura (cultura permanente) e com a possibilidade de se reconectarem com a natureza. As áreas de atuação são:

Agrofloresta – Ajudam no sonho de transformar Piracanga em uma agrofloresta, plantando espécies que agregam benefícios ao terreno, para que um dia todos possam colher os frutos desse trabalho.

Banheiro seco – Aprendem a utilizar essa tecnologia eficiente que não polui a água, e ainda transforma as fezes em adubo e biofertilizantes para os sistemas de produção de agroflorestas, fechando assim um ciclo.

Tratamento biológico da água – Como Piracanga é independente de um sistema de abastecimento, o tratamento da água é realizado por sistemas vivos sustentados por plantas e microrganismos. Os jovens assim, além de entrarem em contato com essa tecnologia, são convidados a repensar sua relação com a água e a utilizar apenas produtos biodegradáveis.

Templo laboratório - Local de produção da “Plante!”, linha de produtos biodegradáveis que garantem a pureza das águas e a saúde da terra.

Jardinagem – Os jovens têm a possibilidade de participar desde o início do processo: o berçário de sementes, o preparo de mudas e da terra até o plantio e design de canteiros.

Gestão de resíduos sólidos – Todos os materiais descartados são limpos, coletados e separados para serem ressignificados. A base de todo esse processo está na crença enraizada de que lixo não existe, e pode ser sempre transformado, sendo assim um recurso.

### ESCOLA DE MÚSICA

São oferecidas diversas aulas relacionadas com instrumentos, canto, dança, e expressão do corpo. O projeto abre possibilidades para os jovens explorarem seus dons e se expressarem. As principais áreas de atuação dessa escola são:

WebRádio Piracanga - Veículo de difusão do Amor em forma de música, programas e palavras inspiradoras. Um canal capaz de fortalecer outros projetos, ideias e iniciativas que dignifiquem a humanidade e o planeta como um todo - [www.radiopiracanga.com](http://www.radiopiracanga.com)

Terapias - O “Caminho da Música” é um retiro para músicos e não músicos, experiência única de imersão e conexão com a

sua música interior. O Projeto de Música oferece também vivências integradas aos cursos realizados em Piracanga e uma meditação sonora realizada todas as manhãs no Centro Cultural das Rosas.

Shows e Eventos - Garante a qualidade energética e musical dos eventos de Piracanga zelando pela boa vibração de ambientes e pessoas nos diversos momentos de nossa realidade.

Produção Musical “Casa Som” - Estúdio de Gravação, Mixagem e Masterização que registra fonograficamente obras musicais que caracterizam Piracanga, além de composições autorais que estejam alinhadas com o trabalho da comunidade.

## ESCOLA INKIRI

Esse projeto abre as portas para observar e acompanhar o trabalho que vem sendo desenvolvido por essa escola, na direção de uma nova educação.

## AÇAI DO MAR

Lanchonete comandada pelos jovens da comunidade Inkiri, local de encontro da galera, e onde os universitários podem desenvolver suas habilidades, aventurando-se pela culinária vegana.

## TEATRO

Espaço que abre a oportunidade de descobrir talentos escondidos através de dinâmicas de atuação, de expressão e espontaneidade. É possível também participar de apresentações fortalecendo todo trabalho feito.

## MARCENARIA

Lugar onde a criatividade e a manifestação na matéria acontecem. Muitos móveis e objetos são produzidos dentro da comunidade e esse espaço abre as portas para transformar ideias em realizações.

## BIOCONSTRUÇÃO

Construções sustentáveis que buscam utilizar materiais naturais, utilizando barro, areia e piaçava. Muitas casas na comunidade utilizam esse modelo, e é possível participar, aprender e acompanhar o processo dessas construções de perto.

## ESCRITÓRIO

Um lugar onde as decisões e a união dos projetos da universidade são consolidadas, transformando todo esse processo possível. Aqui é possível desenvolver habilidades comunicativas, financeiras e administrativas.

## ALGUNS EXEMPLOS DE CURSOS OFERECIDOS SÃO:

- » Meditação das Rosas (facilitado pelos professores de Piracanga)
- » Leitura de Aura 1 (facilitado pelos professores de Piracanga)
- » Reiki (facilitado pelos professores de Piracanga)
- » Retiro de Silêncio (facilitado pelos coordenadores da Uni)

## DEPOIMENTOS

### ANGELINA ATHAIDE – FUNDADORA DE PIRACANGA

“Era uma vez, em um dia cheio de sol, estava eu sentada em uma rede em frente ao rio, desfrutando da beleza de Piracanga, quando vi duas jovens de olhos brilhantes se aproximarem de mim, se sentaram na grama verde e me falaram com estas palavras: ‘Angelina, temos um sonho, queremos criar uma Universidade Livre em Piracanga’. Rita, tinha 18 anos e Aline 21 anos, duas jovens muito diferentes vindo de dois continentes diferentes, uma era europeia e a outra da América do Sul. Uma tinha passado sua vida

estudando e a outra vivia viajando e buscando sua liberdade. O entusiasmo nelas era irresistível e as escutei. Tenho que confessar que no início pensei que era uma loucura o que estavam falando, uma universidade no meio da selva, na praia, longe das cidades, me parecia impossível, mas o entusiasmo destas duas jovens alegres era contagiante e eu continuei a escutar em silêncio. De repente, um milagre se passou dentro de mim, o impossível me pareceu possível, percebi que estava escutando algo tão novo e genial que a minha mente tinha ficado enrolada no medo do desconhecido, mas meu coração dava saltos de alegria e cada palavra que elas falavam abria espaços de alegria dentro de mim.

Quando terminaram de me contar o sonho, eu tentei ficar calma e lhes pedi para fazerem um projeto para apresentar para a comunidade. Elas sorriram, com aquele sorriso vitorioso de quem sabe que ganhou, e me apresentaram o projeto, completo, até desenhos tinha. Perdi minha calma e saltei de alegria, foi uma das ideias mais geniais que jamais escutei e assim nasceu a Universidade Livre, de um sonho de duas jovens de unir a aprendizagem à liberdade e assim descobrirem quem são de verdade!

A Universidade é um dos maiores tesouros de Piracanga, com um pouco mais de 2 anos de idade, tendo mais de 180 jovens passado por lá. Foi criada por jovens para jovens, sendo esse o seu maior milagre, talvez a sua maior vantagem. Eles ganham a experiência de viver em comunidade e aprendem a viver em união, a servir, a dar seu melhor e a respeitar o outro. A maioria deles saem de Piracanga curados, felizes, sabendo quem são, cheios de força para criarem seus sonhos, amando seus pais, agradecendo à vida, com a consciência de que é possível mudar o mundo, com paz e amor.

Aqui os jovens aprendem a conhecer sua alma, suas personalidades e diversas perspectivas interiores, descobrindo as verdades do seu coração. Muitas portas estão abertas para aprenderem e descobrirem seus dons e talentos, como cozinhar, plantar, cantar, pintar e a terem auto responsabilidade com suas tarefas. Além

disso, eles aprendem a escutar e a serem escutados, aprendem a conhecer Deus, o Deus de seus corações, e o Deus que habita nas árvores e nos pássaros, aprendem a escutar o rio e os corações humanos, aprendem sobre a amizade e irmandade, a amar e ser amados.

Hoje a Universidade tem três guardiões, a Flor, a Soraya e o Manu, jovens que dedicam grande parte de suas vidas a criar e recriar, a sustentar e servir a Uni. Os jovens chegam de vários lugares do mundo em busca de cura, em busca de liberdade, em busca de evolução, em busca de si mesmos. Eles são respeitados, honrados, amados e têm a liberdade de criar o que acreditam. Poderia relatar em páginas todos os milagres que vi acontecer com os jovens que viveram na Uni.

Tenho aprendido muito com os jovens na Uni, sobre responsabilidade, união e integridade, sobre serviço e verdade, aprendo sobre liberdade e amor, alegria e celebração. Como são leves e criativos - assim como acredito que sejam todos os jovens do mundo -, apenas necessitam que oportunidades lhes sejam dadas, pois o mundo de hoje fecha as portas para eles. Como vamos mudar o mundo e criar novas possibilidades para a humanidade, se nós não temos a humildade de olhar para o mundo que criamos e ver que algo está errado e que necessitamos urgentemente mudar? Essa mudança vem através dos jovens, naturalmente quando lhes são dadas as condições necessárias, eles criam mundos maravilhosos que ultrapassam nossas velhas perspectivas e abrem as portas para uma Nova Era”.

MARÍA FLORENCIA MARTINENA DILLON  
26 anos, Argentina - Coordenadora da Uni

“O maior impacto que podemos trazer à sociedade é através dos jovens, é a possibilidade que vejo de fazer diferença, a partir de um lugar de consciência, de amor e de reconexão com o ser. Ao longo de nossas vidas muitos acontecimentos fortes acontecem, criam feridas e mágoas, que depois se reproduzem em nossas vidas

cotidianas, em nosso trabalho e nas nossas dinâmicas familiares. Com isso, precisamos ir na raiz, se realmente queremos construir um mundo diferente e trazer mudanças verdadeiras.

O processo acontece de forma muito acolhedora, como se fosse uma volta ao útero materno, os jovens são incentivados a acessarem suas memórias do que aconteceu com a sua família, e histórias que ficam se repetindo em suas vidas, como programas. Ao longo da vida vamos criando diversas personalidades com amigos, famílias, na faculdade e no trabalho, e com o tempo acreditamos ser realmente essa pessoa. Durante o período do curso na Universidade Viva Inkiri você começa a ver quem você verdadeiramente é, e tudo aquilo que você criou ao longo da sua vida. A ideia é enxergar os diversos desafios que temos na vida e limitações, que estão impedindo de viver o nosso verdadeiro propósito. Abrimos um espaço para o jovem ter esse tempo para desconstruir aquilo que o separa de sua pureza, e da sua união com o todo. O ambiente lhe proporciona enxergar e descobrir o que realmente acontece dentro de você. Tudo que está ocorrendo no externo, até mesmo sentimentos como insegurança, medo, raiva, competitividade, é um convite para você olhar para dentro.

Nas partilhas - reuniões que acontecem semanalmente na universidade -, dissolvemos todos esses padrões e máscaras, e nos relacionamos com as pessoas não a partir do que elas são ou fazem, e sim através de seus corações. Perdemos então o vício de nos identificar e nos relacionar a partir da personalidade, a partir do medo e da superficialidade.

A essência da Universidade é você realmente ter a possibilidade desse encontro consigo mesmo, onde você corta os velhos hábitos e vícios e volta para você. Tudo que acontece com o grupo, tanto com os universitários, como comigo, coordenadora, é porque estamos comprometidos com o trabalho, tanto na matéria, como no interior.

A Universidade é sustentada por coordenadores que estão se trabalhando e por uma comunidade inteira – uma minicidade –

que está inteira se trabalhando. Para que as mudanças realmente aconteçam, precisamos de pessoas apoiando-a, como o apoio que recebemos da Angelina, fundadora da comunidade, dos professores de leitura de aura, dos guardiões dos projetos e sem eles nada seria possível. Esse livro, por exemplo, é uma sementinha que pode abrir muitas portas para que mais pessoas conheçam esse projeto, porque na universidade acontecem coisa mágicas, transformações e processos de limpeza, de cura, e de reencontro com o espírito.

Todo o sistema está criado com base na confiança, no amor, no comprometimento com nosso trabalho interior, nossa verdade e não no medo, é exatamente isso que nos leva para frente, e faz com que inspiremos mais pessoas a procurarem esse trabalho, e também querer trabalhar. O impacto na sociedade é esse: nós somos a construção do futuro, e para isso precisamos olhar para nossa criança ferida, precisamos olhar para nossos ressentimentos, para nossas mágoas, para nosso egoísmo”.

ÍCARO TAVARES CAVALCANTI

24 anos, Recife - Universitário

“A experiência aqui está sendo incrível porque temos algo que a educação lá fora não nos proporciona, que é justamente a liberdade de poder experimentar tudo que a gente quer. A educação lá fora é meio moldada, visando o mercado de trabalho mesmo, e não tanto a felicidade da pessoa. E aqui, o que a gente mais vê é essa busca por essa felicidade, o seu encontro com sua essência, para depois você poder levar isso para o mundo. A educação lá fora prega você primeiro saber o que vai fazer e depois você se encontrar. Aqui não, aqui fazemos o movimento contrário a isso.

Cursei Psicologia, Direito e Educação Física, mas em nenhuma faculdade eu me sentia completo. Foi aí que eu descobri que não era o curso que não me fazia sentir incompleto, e sim, eu mesmo não ter me encontrado com quem eu era. Que pouco importa o que eu vá fazer, mas eu tenho que estar em contato com quem eu sou, com a minha essência primeiro.

Lá fora é como se a gente tivesse que encontrar o que fazer pra depois encontrar a essência, como se a essência fosse um passatempo pra gente procurar só no final de semana. E aqui, a gente aprende de uma forma diferente, que esse é o primeiro passo.

Nesse momento não tenho intenção de cursar uma faculdade convencional após o término da Uni, mas se tivesse, faria com certeza com a cabeça muito melhor do que as outras três vezes que eu tentei fazer, porque agora eu sinto que eu estou finalmente em contato com quem eu sou. Eu acho que aqui prepara muito para o mundo”.

### RAPHAELA PRADO

24 anos, Rio de Janeiro – RJ - Ex-universitária e atual moradora de Piracanga

“Em julho de 2013 fiz a Universidade Viva Inkiri, e o que me trouxe para Piracanga inicialmente foi justamente a possibilidade de novos modelos educacionais. Eu conheci Piracanga numa palestra sobre a Escola Inkiri no Rio de Janeiro, e lá também descobri a universidade. O que me chamou a atenção para a Uni foi essa possibilidade de ver que todas as coisas para mim ainda utópicas, na verdade eram mais do que reais, tanto no sentido de novas formas de se relacionar, de se organizar, de aprender, como de viver mesmo. Foram seis meses muito ricos, pois a Universidade oferece uma estrutura bastante completa para a gente, e o que aprendi de mais rico é você conseguir se conectar com seu olhar individual, no seu ser, e ao mesmo tempo conectado no todo, a experiência da vida comunitária, das relações e da consciência de que tudo que está à sua volta é material para o seu próprio aprendizado, sobretudo para aprender sobre si mesmo.

O projeto da Universidade oferece uma coisa que eu até então não conhecia, que é esse resgate de você mesmo, de se fortalecer na prática e nas ações que serão exercidas no dia-a-dia, no que você quer aprender e o que te interessa, mas sempre com um olhar voltado para expansão de si, de superar os seus limites, as ideias que você tem sobre si mesmo, do que você é bom, do que você é ruim e

se dar conta de que essa ideia que a gente veio ao mundo para fazer uma coisa só, para mim, tornou-se uma grande ilusão.

É a oportunidade de se reconectar na rede de aprendizagem coletiva: estar a todo tempo aprendendo, seja lavando louça, indo para o projeto de permacultura, ou pra sala das artes, mas principalmente nas relações do grupo e no aprendizado de reconstruir vínculos afetivos de confiança, que eu acredito ser a base, a gente voltar a confiar em si mesmo, e assim confiar um no outro, para poder passar por tudo que acontece junto.

Eu me formei na faculdade e depois vim pra Uni, acho que as duas coisas se complementaram, na minha história. A universidade tradicional é uma forma, mas que hoje em dia, a grande maioria das pessoas enxerga como a única. Elas têm muitos pontos positivos e funcionam para certos tipos de pessoa. Nos esquecemos que a universidade é só uma forma. E a Uni daqui te conecta de volta com a visão de que as formas são múltiplas, é só você encontrar a sua e se permitir experimentar e confiar que não tem só um caminho.

A faculdade - a minha pelo menos - trouxe pouca prática e pouca consciência do que eu estava aprendendo para aplicar no mundo lá fora, na minha ‘vida profissional’, trazendo essa separação: a sua vida profissional, a sua carreira e você e a sua vida. Sinto que a Uni traz a consciência de que essas duas coisas estão juntas, que não há uma separação, a sua escolha de atuação na matéria é só mais um veículo de conexão com você mesmo, que deve ser muito bem valorizado, escutado para então escolher para onde você quer direcionar sua energia na sua vida. Acredito que seja algo que estamos passando adiante, plantando a semente nas pessoas, e seria bastante interessante trazer essa consciência para universidade tradicional também. Nela, também estamos em relações comunitárias, em processos de autoconhecimento todo tempo juntos, só que cada um na sua, mais inconsciente, com mais separação e sinto que é só fortalecer, abrir o olho sobre o vínculo que já está feito e se fazer responsável pela sua história, pelo que você pode fazer dentro disso tudo, e não ficar só reagindo e criticando o sistema.

Desde que eu comecei na Uni, eu estou no projeto da natureza e hoje em dia, eu moro e trabalho com a pessoa que seria, no mundo lá fora, a minha chefe, ela é a líder do projeto, e tornou-se minha melhor amiga. Os projetos são uma porta de muito aprofundamento em si mesmo e de mudar a minha ação prática na vida, sair do redemoinho e cair na real. Talvez se eu tivesse ido fazer uma faculdade de biologia eu não sei se teria despertado em mim a mesma consciência em relação à natureza, do que me despertou o meu trabalho aqui, a Uni foi a porta de entrada para eu estar onde eu estou hoje. A Uni foi um portal, me possibilitou adentrar uma parte de mim que em 5 anos de universidade convencional eu não conseguia acessar, e em 6 meses, nela mudou tudo. Viva a Universidade Viva, eu amo ela”.

#### ANTONIA SZEMEREY

22 anos, Alemanha - Estudante na Universidade Viva  
Inkiri

“A Universidade Viva Inkiri é um lugar onde posso experimentar muitas áreas diferentes sem que as pessoas depositem demasiada pressão sobre mim. Em uma universidade tradicional, tudo o que você faz, é um dever, você não tem espaço para criar e propor coisas novas, e se você não realizá-las, você tem o risco de falhar. Tudo o que eu fiz na minha vida sempre foi sob pressão, e aqui eu sinto que tenho tempo para realmente saber o que estou procurando na minha vida. A Uni é um lugar onde eu posso descobrir o que me faz feliz, o que eu gosto de fazer, e o que eu gostaria de fazer para o resto da minha vida.

Se houvesse mais universidades semelhantes à Uni, os jovens teriam mais clareza sobre si mesmos e para onde estão indo. Muitos amigos estão frequentando universidades tradicionais, mas não estão realmente felizes. Eles muitas vezes não sabem por que estão fazendo isso, e onde eles estão se formando. A vida pode ser linda e você pode apreciar as coisas que se está fazendo, e falo não apenas sobre fazer algo para ganhar dinheiro, você pode realmente escolher o que gostaria de fazer.

Minha experiência na Uni aconteceu num dado momento da minha vida em que eu não sabia realmente em qual sentido queria ir, e o que exatamente gostaria de estudar. Consequentemente, vim com a intenção de descobrir no que eu era realmente boa, e ganhar a confiança com os projetos oferecidos. Aqui, eu tenho espaço para descobrir quais são meus talentos - a Uni definitivamente gerou um grande impacto na minha vida, e na forma como eu vejo o mundo”.

# O CHAMADO PARA O EDUCALIPSE

ESCOLARIDADE DESASTROSA E OS  
PROBLEMAS DO MUNDO

*Floris Koot*

Eu acho que nós precisamos questionar profundamente a abordagem dominante sobre educação e enquadrar mudanças essenciais. Independentemente de todas as boas intenções, acredito que muito da educação atual está prejudicando as pessoas, a nossa sociedade e o nosso planeta. Eu vejo a chamada para um “educalipse”<sup>1</sup> cada vez mais premente. O que está em jogo é maior do que muitos estão cientes ou se atrevem a aceitar. É o medo da mudança? Estranho, porque as soluções são realmente mais divertidas, significativas e envolventes para o aprendizado de todos. Então aqui vai: vamos mergulhar de cabeça e ver o quão profunda é a “toca do coelho”.

## COMO EU COMECEI A MINHA JORNADA RUMO A UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO

Era um belo dia de setembro, e eu tinha acabado de começar a escola primária aos cinco anos. Fiz um típico desenho de criança para minha professora, que parecia ser muito legal. Casa, pes-

---

<sup>1</sup> Ou como enquadram seu chamado para inovação educacional, revolução ou transformação.



soas, árvore, nuvens e um sol. Da minha cadeira eu podia olhar para o céu, que era muito azul, com belas nuvens brancas. Essa é a realidade que eu tinha tentado desenhar no meu papel em branco. Quando eu o entreguei para minha professora, ela olhou para ele e me disse: “Você deve desenhar nuvens com o azul”. Isso me chocou. Como a minha tentativa de desenhar nuvens brancas em papel branco poderia ter dado “errado”? Eu achava que a escola deveria contar e ensinar a sua verdade, e aqui havia um claro conflito com o que eu achava que era a verdade. Sem contar que o desenho foi um presente, não o resultado de uma prova. A partir de então eu decidi que, se alguma vez houvesse um conflito entre as minhas próprias observações e o jeito da escola ensinar as coisas, eu seguiria as minhas próprias convicções. Por isso eu acho que é uma loucura quando a escola lhe ensina respostas, ainda que não lhe ensine como conectá-las às suas observações pessoais, nem ensina como pesquisar ou lidar com as diferenças.

Ao longo da minha educação, tenho me chocado com a quantidade surpreendente de ensinamentos que seguem costumes ou convicções ao invés de se pautar por uma abertura para o que está realmente aí. De versões nacionalistas da realidade<sup>2</sup> a premiar as respostas pré-concebidas. Eu vivenciei a maior parte da minha educação como uma luta para obrigar e satisfazer os outros. Meu verdadeiro eu se escondeu, uma vez que sentia que ninguém estava interessado nele, ou que ninguém iria aceitá-lo. O meu verdadeiro eu, o que eu considero como tal, só ressurgiu muito mais tarde. Em torno de mim eu vejo muitas pessoas que já passaram pelo mesmo

---

2 Por exemplo, na minha própria escola do ‘Ocidente livre’ onde estudei para ser professor de história, por volta de 1980, pude encontrar apenas uma versão russa da crise dos mísseis de Cuba. Era um livro americano heroico, em que após cada argumento russo, estava o contra-argumento americano. Só depois de 2000 eu vi um documentário mais equilibrado que mostrou como os americanos poderiam na verdade ser vistos como os perdedores do stand-off, como eles recuaram com seus foguetes nucleares na Turquia. Fatos agora abertamente publicados aqui ([https://en.wikipedia.org/wiki/Cuban\\_Missile\\_Crisis](https://en.wikipedia.org/wiki/Cuban_Missile_Crisis)), teremos que esperar, por ora, pelos fatos reais equilibrados sobre questões como o quão longe pode chegar o controle da NSA e com base nos interesses de quem nós estamos tão pesadamente envolvidos na guerra na Síria.

padrão. Muitos deles foram se esconder para viver e parecem até mesmo aceitar isso como “a maneira como as coisas funcionam”.

Muitos se preocupam: “O que se espera exatamente de mim aqui? Qual é a resposta que ‘eles’ estão procurando?”. Eu considero esses efeitos da educação como prejudiciais e redutores do verdadeiro potencial, em vez de ajudá-lo a se desenvolver. Eu mesmo descobri que a pergunta “O que você adoraria fazer?” assusta muitos jovens. Recentemente conheci alguns alunos que preferem fazer uma prova com respostas pré-definidas do que discutir seus próprios desejos. Como isso se explica?

Uma vez eu dei uma oficina em uma escola “tradicional” sobre ativismo social. As crianças eram educadas, faziam perguntas e colaboravam. Mas eu continuava a ter esse sentimento estranho sobre a aula, o que nunca sinto com os estudantes da minha escola alternativa<sup>3</sup>. No final, o professor da turma observou que fui o terceiro orador convidado em uma rodada, e eles logo fariam uma prova sobre as histórias que ouviram. E de repente eu entendi o sentimento de que havia algo errado. De maneira chocante, faltava a curiosidade sobre como a minha aula poderia se aplicar à vida deles. Nenhum deles tinha perguntas para si mesmo. Eles só tinham anotado o que poderia ser perguntado depois. Não admira que eles não tivessem sequer resistido ou desafiado minhas ideias. Todo interesse pessoal estava perdido para a necessidade de ser capaz de dar as respostas “certas” mais tarde.

A escola repete esse exercício ao longo de toda a educação. Dê as respostas certas! Mas ser capaz de dar as respostas certas não significa que você entende o material, nem que você consiga aplicá-lo. Tampouco tem a ver com possíveis ambiguidades. Há sempre várias maneiras de abordar qualquer situação e várias podem ser efetivas. Então por que nós ensinamos a dar as “respostas certas”?

---

3 <http://www.knowmads.nl/> Uma pequena infundada Escola Internacional de Negócios que ajuda estudantes de 20-35 anos a tornarem seus sonhos negócios, profissões ou projetos, com vistas às necessidades do mundo ao seu redor.

Para a conveniência das escolas! Torna todos os resultados mensuráveis e o "progresso" pode ser medido em escalas. Assim, os testes para comprovar o progresso deformou a educação e esta prática danosa prossegue.

Uma vez que um gerente se queixou para mim: "*Expliquei-lhes todos os modelos (como ele os tinha aprendido na universidade), e eles não estão conseguindo. Como isso é possível?*". Ele era um tolo ou sua educação foi ruim? Eu conheci muitos administradores que não conseguem se comunicar normalmente com seus colegas de trabalho, não conseguem refletir sobre o seu próprio papel nem entender a diferença entre teoria e prática. Você pode imaginar o caos criado por milhões de tais administradores?

Observar esse tipo de situação fez com que eu me tornasse um inovador educacional. Eu prefiro me concentrar em ajudar os alunos a encontrarem suas próprias respostas. Principalmente, eu procuro ajudá-los a entrarem em contato com os seus valores, sonhos e ideais para que atuem de acordo com eles. Eu posso desafiar-los, questioná-los e ser compassivo quando falham ou cometem erros, porque os erros não significam fracasso. Os erros são lições sobre como fazer as coisas funcionarem para você. E provas estão fora de questão.

Caramba, nem mesmo todos os princípios universais ou diretrizes gerais ensinadas na escola funcionam bem para todos. Alguns oradores ruins são contadores de histórias brilhantes por causa de sua autenticidade. Por um tempo eu trabalhei com uma ativista/artista que nem precisava liderar, ela pedia ajuda de uma maneira muito doce e terna, e a ajuda viria em massa. Agora, eu deveria tê-la pressionado para seguir o que os manuais dizem sobre liderança e tomada de decisão?

Eu tento ajudar meus alunos a descobrirem como sua personalidade pode funcionar para eles. Mudá-la só faz sentido quando ela se torna um obstáculo no caminho para conseguir o que eles mesmos querem, e quando eles querem mudar. Para os demais, eu ajudo as pessoas a assumirem a preguiça e se tornarem invento-

res (pensando como algo pode ser feito de modo mais fácil), ou sua impaciência e usá-la como uma ferramenta para que as coisas sejam feitas. Então é mais uma questão de direcionar as características para onde elas possam render frutos do que encará-las como uma fraqueza.

O que funciona para cada indivíduo, associado a uma disposição saudável de se manter em constante aprimoramento e adaptação a um mundo em mudança, constitui uma educação muito forte, especialmente quando visa a contribuir para uma melhoria geral. Muitos dos nossos egressos em *Knowmads* incentivam que pessoas tenham experiências bonitas e façam tal contribuição, pois se apaixonaram pela nossa abordagem. Nós alimentamos pessoas que eram disléxicas, com TDAH, e que nunca conseguiram concluir nada antes, e também muitos com QI fora de série; banqueiro de investimentos, estilista de moda, músicos e administradores. Daí vem a minha defesa por um maior foco no desenvolvimento de dentro para fora, e ajudar estudantes a descobrirem o que funciona melhor de acordo com cada indivíduo, além de conhecimentos amplos e capacidades adaptativas.

Feitas tais observações, gostaria de levantar questões maiores: por que a história de Ken Robinson inspira tantos educadores, mas ela não é tão seguida? Como tantos jovens dispostos a fazer a diferença<sup>4</sup> acabem fazendo e sendo mais do mesmo, ainda que diante de novas tecnologias, tendências e novos problemas? Por que a educação leva tanto tempo para se adaptar e suprir um mundo em mudança que carrega problemas profundos na sua essência? E talvez o mais importante: como e por que a educação é parte desse problema?

---

4 Milhões de jovens apoiam o Greenpeace, a WMF, escoteiros, ajudam a arrecadar fundos para causas locais e globais, colecionam pôsteres com preocupações e chamados para a mudança. Entretanto, para quantos deles isso é só uma fase? Acho que deveria ser mais do que uma fase apenas.

## O QUE ESTÁ ERRADO NA ATUAL EDUCAÇÃO CONVENCIONAL

O que nós<sup>5</sup> de fato ensinamos pela maneira como educamos? A maneira como educamos é treinamento propriamente dito. Você, como estudante, deve adquirir pontos de vista<sup>6</sup> aprovados pelo governo. Você basicamente aprende a ver as coisas e a atuar de acordo com a maneira pela qual o governo e/ou a escola pensa que o mundo funciona. Quando você é bem sucedido nisso, é considerado digno de subir na escada corporativa ou governamental, já que mostrou a disposição para cumprir seus padrões. A maior parte de nós considera isso normal.

Com o tempo eu conheci muitos jovens conversando sobre seus estudos como se fosse um portal para conquistar o mundo. Uma vez ouvi um jovem falar sobre o quão duro ele trabalharia para ter o mesmo carrão que um dono de empresa tinha estacionado perto da escola. O dono de empresa sorriu e abertamente honesto contou ao estudante: “Você acha que trabalho duro vai lhe trazer esse carro? Trabalhe duro, rapaz, e vai acabar fazendo com que eu fique mais rico. Você olha para o carro e não vê o preço que paguei por ele. Dois casamentos fracassados, não vi meus filhos crescerem e tenho problemas cardíacos. Não conhecer os meu filhos direito é o que realmente dói”.

Enquanto isso, empresas ao redor do mundo gastam bilhões para compensarem o que tem faltado na educação, com formação e *coaching*. Estudantes sonham com empregos importantes e o que eles têm a oferecer para isso? Serem capazes de dar as respostas certas no momento certo. Muitos estudantes realmente pensam

---

5 Por ‘nós’ neste texto, eu faço referência em maior parte a educadores do Ocidente e qualquer um que se sinta contemplado.

6 Baseados em muitas pesquisas de acadêmicos, hábitos culturais e lobistas de vários grupos de interesse, especialmente, e compreensivelmente, indústrias dominantes com necessidade de oferta de mão de obra. Em alguns países, também se pode incluir pesado controle governamental, censura e propaganda sutis ou não tão sutis.

que quanto mais cumpram esse padrão, mais alto chegarão. Porém, toda concepção de carreira como uma pirâmide na qual você compete para galgar postos acima tem quatro grandes problemas.

O *bullying* aumenta onde existe a ideia de competição, onde são abraçados os conceitos de vencedores e perdedores. Estudantes entenderão isso como “coloque-se acima, ao empurrar para baixo aqueles que você considera estarem no seu caminho para o sucesso”. Quanto mais pressão, mais *bullying*.

Aqueles que podem se tornar autônomos e/ou começar um empreendimento não foram capacitados para pensarem por si mesmos, nem construir a autodisciplina para levantar da cama por si mesmos. Faculdades educam para empregos em grandes organizações.

A maioria das pessoas só quer um bom emprego, um salário suficiente para se sentirem seguros (Maslov) e passar tempo com amigos, família, coisas com as quais se importam. Isso não os torna piores estudantes ou pessoas, mas há uma loucura em todos que aspiram a alcançar o topo da pirâmide do poder, mesmo que às custas de amigos, saúde e da vida dos outros.

Ao mesmo tempo, alguns problemas muito reais não são abordados, nem como cada um de nós é parte desses problemas.

Claro que muito disso é feito com as melhores das intenções e muitas ideias educacionais do governo de fato fazem algum sentido. Então o que acontece? Escolhas rumo a uma melhor educação têm sido feitas com base em escolhas que uma vez fizeram sentido. Elas foram lentamente amontadas nesse sistema limitado (doentio?). Para mim, é muito triste que estudantes não se sintam livres para falar de seus próprios sonhos e ao invés disso prefiram entrar no jogo. Eu sinto que precisamos de uma mudança profunda!

A educação deveria parar de se omitir quantos aos problemas da nossa sociedade. Ela ensina aos estudantes que eles atingirão o sucesso se abrirem o caminho rumo ao topo à tapa. Eles são levados a aceitar que todos os efeitos colaterais dos nossos sistemas de crenças são normais. Ainda que todas essas questões – tais como poluição, guerras, pobreza, mortalidade infantil, aquecimento glo-

bal, corrupção, tráfico humano, escândalos bancários, entre outras – não mudarão enquanto prepararmos jovens para serem mais do mesmo! Desse modo, a educação só entrega uma sombra do que deveria fazer: educar as pessoas para que façam contribuições valiosas para sua própria comunidade e para o mundo; melhorá-lo para além dos atuais padrões danosos.

Os sistemas educacionais, desse modo, em grande parte mantêm o *status quo*. Essa é uma afirmação dura e pode ser dolorida para muitos bons professores, eu sei. Muitos da área de educação têm um coração de ouro. Eles dão vida, amor e o melhor de si para as próximas gerações. Só que ainda seguem os paradigmas dominantes, às vezes inteiramente conformados, às vezes lutando e resistindo, rebelando-se como podem. Muitas vezes são capturados por uma louca rede que parece ter vida própria. Eu defendo que essa loucura ameaça a vida na Terra ou, no mínimo, o futuro da nossa sociedade, tendo em vista a falta de consciência coletiva e de uma visão geral na educação.

É hora de uma revolução na educação. Neste ensaio, eu espero mostrar a você o preço que nós pagamos por essa abordagem no aprendizado e qual saída temos que buscar. Acredito na juventude como fonte de um potencial que pode contribuir grandemente, não apenas para suas próprias vidas, como para seus empregadores: eu espero oferecer o desenho de uma abordagem que possa trazer mais luz ao nosso planeta. Ou como alguém já me disse: “Você (Floris) não é louco por desejar mais sabedoria, brincadeira e amor na educação. O sistema inteiro está louco por isso”.

## COMO OS PROBLEMAS DO MUNDO SÃO AUMENTADOS PELA NOSSA “EDUCAÇÃO”

Então como nossos grandes problemas e a educação se relacionam? Primeiramente, o aprendizado nos proporciona lentes muito viesadas e estreitas para ver o mundo. Nós ficamos em silêncio frente o veneno que nos corrói lentamente, e gritamos quando umas poucas pessoas de minorias religiosas/de cor agem com violência.

Não olhamos o suficiente para o nosso papel em todo o sistema de conflitos e perigos ao redor do mundo, mas deveríamos. Isso pode ser tornar mais compreensível quando consideramos a “educação propaganda” que terroristas recebem, ou crianças de países que de alguma maneira precisamos considerar “inimigos”. Eles recebem o que consideramos besteiras nacionalistas e mentiras. Claro que nós mesmos não fazemos isso. Ou fazemos? Nós não consideramos também que ‘os outros’ são estranhos e nós, normais?

Mais e mais danos ecológicos são feitos ao nosso planeta<sup>7</sup>. Mesmo quando as intenções são boas, as coisas não progridem rápido o suficiente. Maximização do lucro e amoralidade (o que significa “quando as leis aceitam está tudo bem, mesmo que saibamos que não está”) são dois grandes condutores<sup>8</sup>. E isso mesmo quando não se inclui empresas que pressionam (às vezes até controlam) governos para tornar as leis favoráveis para si. Esses dois fatores mantêm a pressão sobre as empresas para que aumentem suas vendas de produtos que na produção, entrega, uso e descarte causam efetivo dano ao meio ambiente e à sociedade. Nossos filhos entram nesse sistema como novos parafusos, pinos e lubrificante para manter os motores funcionando. Dessa maneira, “nossa educação” é responsável por manter esse sistema intacto e criar “monstros” que aspiram a contribuir para manutenção de péssimas condições de trabalho, guerras de salário, prisão de manifestantes ou oferecer um serviço ruim, tudo em nome do lucro.

Isso é o que educadores querem, devem fazer? Sim, você poderia dizer, tantos outros encontram trabalhos positivos, fazem o

7 <http://www.forbes.com/sites/drewhansen/2016/02/09/unless-it-changes-capitalism-will-starve-humanity-by-2050/#48832f634a36>, <http://www.greenfacts.org/en/ecosystems/http://www.livescience.com/27692-deforestation.html> <http://www.conserve-energy-future.com/causes-and-effects-of-environmental-degradation.php> (este aqui deixa qualquer preocupado, por conta do dano tão alarmante, diverso e em larga escala) <http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/011111eeco08.pdf?expires=1454431557&id=id&accname=guest&checksum=5BABAF6376CE0DF4C48D5338D8CA568> (relatório completo da OCDE)

8 Leia *Swimming with Sharks*, livro sobre banqueiros, de Joris Luyendijk <http://www.ft.com/cms/s/0/efd16ff8-56e3-11e5-9846-de406ccb37f2.html>

bem, ajudam a melhorar o mundo. Quando consideramos os danos e o medo que um terrorista pode causar, também devemos olhar para aqueles estudantes que correm para se tornarem administradores e que gerando impacto negativo, tudo como uma urgência por uma “grande carreira” e “fazer muito dinheiro”, o que grande parte da educação diz que é o que devem fazer. Assim, diariamente, milhões de nossos ex-estudantes ajudam sua empresa, chefia ou seus acionistas a “se safarem”. Eles inclusive farão *lobby* contrário às descobertas de suas próprias pesquisas ou manipularão descobertas e produtos se eles comprometem lucros. Volkswagen, Van der Moolen, Shell, ITT, Dow Chemicals, Anderson Accounting, Monsanto, Nestlé, o sistema carcerário privado; muitas corporações têm sido parte de enormes escândalos. Milhões sofrem por causa do encobrimento de asbesto, tabagismo, leite em pó e medicamentos ruins, por causa de guerras planejadas por outros. Muitos desses “outros”, sendo administradores, fizeram escolhas cujas consequências eles mesmos não gostariam de sofrer.

Eu lhe pergunto que tipo de pessoa faria uma coisa dessas? Eu acredito que nenhum dos atos imorais acima, mesmo que totalmente aceitos pela lei, foram conscientemente promovidos pela educação. Só que a educação alimenta a lógica que nos prepara a achar normal colaborar com projetos que acarretam nesses efeitos. Mas por quê?

Nós, no Ocidente, consideramos em grande parte que o objetivo na educação é manter a “nossa economia forte” e educar as pessoas para que busquem boas carreiras nessa economia. Nós temos que ser honestos conosco: essa abordagem também é cheia de justificativas igualmente desorientadas. Temos que nos perguntar se realmente temos em mente nossos interesses e o futuro em comum pela maneira como educamos nossos filhos. Eu acho que não.

Então por que contamos a estudantes que ganhar um bônus e ser promovido significa que você está indo bem? Isso ocorre porque as pessoas são formadas para darem a “resposta certa” e não questionarão seu empregador. Pessoas que nunca foram ensinadas

a pensar criticamente fomentarão os lucros das empresas, ou o 1%, como chamam. Eles se manterão obedientes ao sistema, aos chefes e regulamentos, e se eles forem “bem-educados”, melhor eles se sairão nessa tarefa. Nós formamos crianças para que os interesses de seu país, sua religião ou seus empregos em empresas venham antes do bem-estar de todos e do todo, porque isso corresponde à nossa visão de economia saudável e ensinamos que nossos interesses vêm antes. Pensamos que competição é o que nos faz melhores e, como consumidores, felizes nós compramos bens e serviços daquelas empresas e alimentamos este sistema que causa dano às pessoas, à sociedade e à natureza.

É ainda mais difícil mudar agora que nós criamos um ambiente em que corporações geralmente têm ganhado mais poder que governos, poder esse usado para crescerem e protegerem seus interesses. Enviam diariamente lobistas para capitais ao redor do mundo com a finalidade de pressionar governos a regularem a economia e educação segundo seus próprios interesses. Basicamente dizem: “Ei, se você quer que seus filhos tenham emprego na nossa pirâmide de poder, capacite-os para que entrem no jogo”.

Por que não podemos mudar isso? Novas ideias como “*Cradle to Cradle*” e “ganha-ganha” abundam, muitas soluções para energia e produtos ecológicos estão à disposição. Todos nós sabemos que devemos buscar a mudança se queremos evitar enormes desastres futuros quando seguimos este caminho. Nós devemos criar uma educação que questione mais profundamente quem somos, como somos e com o quê contribuimos, e que ajude a desenvolver adultos que procurem contribuir mais positivamente para um planeta que floresça para todos, e que tenham a vontade e o conhecimento para levar adiante as mudanças que precisam acontecer em breve. É por isso que eu convoco todos a reconsiderarem toda educação que contribua para a manutenção da nossa relação destrutiva com o nosso planeta e as suas culturas. Não faz sentido educar de uma maneira que mantenha o que nós sabemos ser errado e danoso. Nós devemos ajudar os jovens a serem parte das soluções e se tor-

narem responsáveis. Não encarar isso de frente é imoral. Nós devemos perceber que neste planeta não há mais “o outro”.

No fim da guerra, quando os alemães foram confrontados com a realidade dos campos de concentração, muitos alegaram que não tinham conhecimento dos fatos. Não saber é ruim, mas não querer saber parece pior. Se educação é sobre abrir os olhos, então uma realidade maior tem que ser incluída. O risco ambiental que o nosso estilo de vida traz ao planeta deve ser abordado, e não só como preparação profissional. Todos os problemas e perigos estão nos afetando de volta. Questões como guerras, crises bancárias, escassez de água potável e aquecimento global impactarão nossas vidas diárias. Quanto mais o nosso sistema se torna uma complexidade integrada, mais facilmente um pequeno acidente em algum lugar distante pode nos atingir em casa. Estamos todos no mesmo barco, e ele para evitar que ele afunde precisamos consertar o todo, não apenas um lado do barco. Todos nós podemos decidir como e com o que contribuiremos. Precisamos educar nossos estudantes para que entendam isso primeiro e só então pensem em trabalho e negócios.

## CORPO E VISÃO GERAL

O fim não mais justifica os meios. Então como e por onde começar a mudança? Para o futuro compartilhado deste século, os seguintes quatro aspectos são considerados essenciais para a juventude:

- » Pensamento crítico (como ser crítico, como questionar e pesquisar a própria função nos padrões que moldam nosso mundo em meio a uma overdose de barulho midiático e comunicação);
- » Comunicação (como se conectar, se comunicar e expressar significados);
- » Colaboração (como trabalhar juntos, em vez de competir);
- » Criatividade & Coragem (como criar o novo, de acordo com necessidades reais, e questionar hábitos, pressupostos e regras prejudiciais).

Esses quatro aspectos devem ajudar estudantes a se tornarem parte da solução para um mundo melhor e mais saudável, e essa saúde deve começar na escola. Então como começar a ensinar tais aspectos? Vamos começar com: corpo e visão geral.

Iniciemos falando sobre a quantidade chocante de crianças que usam medicamentos pesados na escola, largam os estudos e apresentam sinais de esgotamento. Um número muito grande de crianças não tem nenhum apoio, apenas pressão para “tirar boas notas”, assim como pressão para se conformar ao mostrar excelência nisso. Somente quando você mostrou tal excelência e absorveu as convicções padrões você pode desenvolver sua própria trajetória, dentro da caixa que está agora arranjada. Claramente, muitos estudantes sofrem com essa pressão, talvez até com a intenção por trás dela. E as empresas farmacêuticas adoram oferecer soluções em forma de pílulas como Ritalina. Até o senso comum diz que isso é loucura. Então por que as empresas empurram suas vendas? Sim, pelos lucros, que permanecem como prioridade por causa da desconexão da vida pelos administradores e agentes de venda nessas empresas. Nós já vimos que a pressão por lucro passa por cima do senso de humanidade.

E como esses administradores, nós formamos nossos filhos para realizarem tarefas desconectadas de sentimentos. Resolver séries de problemas matemáticos que não tinham importância para mim fez exatamente isso. Para fazer essas séries de contas eu tinha que me desconectar de sentimentos, do corpo e de uma visão geral. Eu apenas tinha que focar muito, muito unidimensionalmente e aplicar o raciocínio num contexto muito limitado. Meu pai chamava isso de resistência, falta de disciplina. Eu chamo isso de treinar um cachorro para fazer um truque que não está em sintonia com a sua natureza.

Então aqui temos dois importantes aspectos para começarmos a mudar: conexão com o nosso próprio corpo e visão geral sobre como o grande sistema governa. Nós ganhamos liberdade e mais opções para a nossa vida diante de uma visão geral e da presença de corpo e alma. A partir daí faremos muito mais facilmente escolhas que incluam todos: a si mesmo, as pessoas e o planeta.

## A IMPORTÂNCIA DO CORPO NA APRENDIZAGEM

Em muito da educação atual apenas a mente - e somente a parte racional da mente - é contemplada. Quando você cumpre uma tarefa que fala apenas para a mente, não para o coração, repetições sem sentido, a alma sofre. E nós fazemos esse tipo de formação durante a vida inteira, a cada lição e cada tarefa que é só mental, que não inclui nosso coração. Não é de se espantar que o corpo mande sinais de estafa e sinta falta de ação.

Minha aula em ativismo social demonstra que essa “formação em desconexão” resultará em estudantes que não entendem como o conteúdo da aula pode ser aplicado em suas próprias vidas, apesar de terem prestado atenção nela. Eu defendo que é exatamente essa desconexão que cria administradores e líderes que desconhecem como suas decisões impactam a si mesmos e os outros. Pessoas que tomam decisões que podem beneficiar negócios, ainda que causem dano a pessoas e ao planeta.

Recentemente, alguns cientistas “descobriram” que se você deixa crianças brincarem um pouco mais antes que comecem a “trabalhar”, eles se tornam mais disciplinados e se concentram melhor. A pergunta que fizeram deve ter sido algo do tipo “como podemos conseguir que os alunos se concentrem em aula?”. Dizem eles que mais tempo para “brincar” com suas mentes ajuda as crianças a se comportarem de maneira mais ajustada. Desculpe, a meu ver, esses caras não têm ideia do que é mais essencial aqui, que é estar presente de corpo e alma. Algum espaço organizado para dançar e brincar não é uma ajuda para se conseguir melhor concentração; dançar e brincar livremente é um aprendizado em si mesmo. Ao agir para fora, ao se expressar através do corpo, nós aprendemos mais profundamente, de modo mais integrado, e nos tornamos socialmente conscientes. E através do corpo, ações deve ter coração. Para ensinar dessa forma realmente precisamos redesenhar a educação. Matemática por meio do comércio, medição por construções, história através de drama-

tização, línguas através de teatro, jogos, debates e outros temas. Com o nosso corpo presente, nós sentimos o impacto das nossas escolhas sobre os outros, o que resultará em tomada de decisões bem mais equilibradas e humanas.

Um dos meus estudos foi em teatro. Eu aprendi que habilidades de atuação não apenas despertam o corpo, mas também nos capacitam para aprender através do corpo. Novos estudos parecem mostrar que o tronco apresenta uma rede neurológica que pode ser tão complexa quanto o cérebro. Cientistas agora defendem que o corpo pode ter uma mente própria. Niels Bohr descobriu que alguns reflexos físicos são ativados antes que o sinal atinja o cérebro. Acho que todos os dançarinos, atores, atletas, acrobatas e afins viveram essa realidade ao longo dos séculos. Chineses, indianos e muitas indígenas apontam para a mesma direção, e nisso têm baseado suas abordagens para a cura, medicina e filosofia. Treinar artes marciais, por exemplo, ensina a integrar técnicas físicas tão profundamente que o seu corpo será capaz de desempenhá-las por instinto. Tal aprendizado, defendido com base em séculos de experiência, na verdade leva a maior sabedoria através da educação da sua relação com o seu corpo.

Pessoas com um melhor relacionamento com o próprio corpo são mais saudáveis, aprendem e cooperam melhor. Eu acredito totalmente nisso. Eu vivenciei isso por mim mesmo enquanto evoluía de um tímido e magro estudante para um estudante de rápido aprendizado na medida em que a minha consciência corporal se expandia. Ainda que essa ideia soe como senso comum (porque é), a ciência tem tido dificuldade para medi-la. Para muitos cientistas, a formação não interessa até que seja provada. O estranho é que eles parecem tentar prová-la sem vivenciá-la em seus próprios corpos. Isso é loucura. Como se crianças tivessem nascido para ficar sentadas paradas, deglutindo informação. Não é de se espantar que mais e mais crianças estejam sob medicação por serem desregradadas. Nós sabemos que com mais espaço para brincar, para atuar fisicamente, muitas dessas reclamações desaparecerão. Tristemente, muitos que

aconselham essa abordagem não podem enfrentar o poder do *lobby* de gigantes farmacêuticas que lucram com o atual *status quo*<sup>9</sup>.

## O PODER DE BRINCAR

Brincar não é um obstáculo para aprender nem uma saída para que se mantenham parados em suas cadeiras na sala de aula. Brincar é a essência da aprendizagem! Brincar é a maneira mais natural de aprender. É como a nossa biologia desenhou a aprendizagem. Vemos isso em todos os mamíferos. Nos 100 mil anos de história da humanidade em que andávamos em pequenas tribos, talvez nós apenas acrescentamos língua e a “contação” de histórias, compartilhando o que importa ao redor do fogo. Antes disso, o processo era seguir as pegadas dos mais velhos e imitar seus hábitos até que aprender de fato. O tipo de educação projetada para a era industrial excluiu ambos, compartilhar e brincar. Brincar era visto como indisciplina e tão integrado você não poderia controlar o que estava sendo aprendido. Quase toda aprendizagem foi feita para ser mensurável. Mensurabilidade é ótimo para a escola e o governo provarem o progresso, ainda que dificulte profundamente o mesmo progresso. Ela trabalha apenas uma dimensão por vez. Fazer uma centena de somas corretamente pode provar que eu pontuo bem o suficiente de acordo com alguma escala. No entanto, brincar com tijolos para construir uma casa de baixo orçamento pode fazer com que eu aprenda as mesmas somas, além de habilidades de cooperação, consciência espacial, contabilidade básica, habilidades de construção, habilidades de colaboração e mais, tudo ao mesmo tempo.

Uma vez em um seminário eu disse que “mensurabilidade é um crime de guerra”. Achei que tivesse exagerado um pouco, mas depois do seminário uma mulher veio até mim e me disse o quão certa era essa afirmação. Ela acrescentou à ideia de desvantagem da unidi-

<sup>9</sup> <http://www.theguardian.com/education/2010/may/11/ritalin-adhd-drugs>

mensionalidade do aprendizado a pressão sob as quais são postas milhões de crianças ao redor do mundo. Essa pressão de provar o seu progresso de acordo com resultados predeterminados esperados tem se tornado uma grande razão para o suicídio entre os jovens<sup>10</sup>.

Enquanto alguns professores podem considerar tais crianças muito fracas para se tornarem um sucesso, eu prefiro questionar o sistema de mensurabilidade como um todo. Considere na sua própria vida tudo que você aprendeu inconscientemente. Apenas se pergunte o que pode fazer agora com as habilidades que você achou que não tinha. Considere as lições mais importantes na sua vida. Veja-as em *flash* diante de seus olhos. Onde e como ocorreram? Quantas delas na escola, quantas fora? E quais na escola, em detrimento das intenções dela?

Será que o desejo de aprender – e a vida em si mesma – não são mais poderosos que os métodos aprovados pelo governo? Será que o resultado disso é que o estresse danifica certas qualidades, tais como compaixão, cuidado e sensibilidade? Qualidades que poderiam ser potencializadas, quando aceitas e abraçadas por educadores também?

## A IMPORTÂNCIA DA VISÃO GERAL NA APRENDIZAGEM

Em uma conferência sobre educação em Viena, a stEFFIE<sup>11</sup>, uma jovem estudante de 16 anos perguntou ao fórum de experts e políticos: “Eu só os ouço falar sobre nos preparar para bons empregos e ocupá-los. Que tal nos preparar para a nossa vida toda nesse mundo que muda tão rapidamente?”. Alguém poderia sentir o sa-

<sup>10</sup> Uma enquête feita no Reino Unido com 6020 estudantes (2002) mostrou que 70% de adolescentes com pensamentos suicidas que se automutilam admitiram ser a performance na escola e em provas a causa por suas preocupações. Na Índia, por volta de 20 estudantes se matam todos os dias em decorrência do estresse relacionado a provas, no afã de assegurar vagas em escolas prestigiadas, de acordo com a Agência de Registros de Crimes Nacionais.

<sup>11</sup> Festival Experimental Divertido pela Educação Inovadora é uma conferência de educação anual em Viena para inovadores, pioneiros, pensadores dentro e fora do sistema. stEFFIE também contempla novos tipos de formação em organizações e busca o diálogo com a educação oficial. A maior parte dela se dá no idioma alemão.

lão todo esperando por uma resposta útil do fórum, mas ela não veio. Eles pareciam não ter ideia. A educação atual prefere oferecer respostas para demandas conhecidas, não sabe formular respostas para demandas desconhecidas, para um mundo em rápida mudança, para viver um mundo cheio de significados, para além das fronteiras da profissão. De onde poderia vir esse tipo de formação? O segundo aspecto, visão geral, de impacto real, é o que astronautas obtêm quando veem a Terra do espaço. “*A Terra é uma nave espacial e todos nós somos seus tripulantes*” é um dito muito adequado. Quando alguém se forma com uma visão geral, abrangente, ao invés de se preparar apenas profissionalmente, torna-se muito mais capaz de avançar no conhecimento, adaptar-se a novas questões ou manter o todo em mente quando faz escolhas.

Claro que há muitos empregos valiosos para os quais devemos nos preparar profissionalmente. Muitos contribuem com trabalho para uma sociedade saudável, mas nem de longe o suficiente. Muitos jovens iniciantes que ingressam no mercado de trabalho parecem achar que ter um trabalho é tudo que importa, mas muitas vezes não há trabalho, ou eles não têm as habilidades realmente necessárias. Além disso, o mercado muda mais rápido do que aquilo que a universidade antecipou. Muitos jovens com seus vinte e sete anos parecem ter chegado a um esgotamento porque muitos empregos parecem não ter significado para eles.

Isso se liga à grande questão que Ken Robinson colocou em seu famoso *TED Talk* “Por que as escolas matam a criatividade?”. A questão era “como preparamos jovens para um futuro que não conhecemos ainda?”. A internet deu a muito jovens acesso a uma visão geral do que é mais factível. Mesmo assim, a maior parte das escolas forma para um trabalho estável em um mercado estável, mesmo que seja uma nova profissão, como trabalhar em novas mídias. Muitos jovens percebem enormes lacunas entre aquilo com que se preocupam no mundo e no que eles trabalham de fato. Apatia, cinismo, depressão, raiva, escapismo, crença em teorias da conspiração ou até fanáticas são resultado dessas lacunas.

## O ABENÇOADO DESCONTENTAMENTO

A boa notícia<sup>12</sup> é que também há milhões de pessoas que se importam, entram em ação e tentam impedir guerras, desastres ecológicos ou modos desumanos de promover o comércio e a política. Ainda assim, muitas vezes essas ideias são vistas como perturbadoras (*Occupy*), traição (Edward Snowden) ou não são levadas a sério (a ideia de que tornar todas as casas energeticamente autossustentáveis é muito possível, só que ruim para os grandes negócios de energia). O que devemos ver é que muitos estão protestando para mudar um sistema que sentem ser injusto.

O fato de esses manifestantes se importarem<sup>13</sup> tem a ver com a educação deles? Um bom número de professores inspirados e conscientes podem levantar questões relevantes em sala de aula. Acho que muitos redescobrem a importância que davam para o mundo ao redor deles quando crianças. É fora da escola que jovens conversam livremente. É quando eles encontram novas pessoas em novos círculos, quando começam a criar filhos e olhar ao redor. E ao colocar seus recém-descobertos ideais em ação, eles precisam trabalhar fora do sistema para gerar impacto. Sim, muitos do trabalho real para se fazer a diferença é feito fora do sistema para o qual preparamos nossos estudantes.

Indivíduos abrem ONG's, levantam recursos e criam movimentos. Somente depois, quando essa ação positiva se tornou enorme, a educação descobriu a preparação profissional para o sistema de ONG's. No entanto, essa abordagem ainda é a mesma que a usada para outros trabalhos. Assim, tristemente, em atitude, um lobista do Greenpeace pode não ser tão diferente de outro da energia nuclear. Logo, muitas ONG's são parte do sistema. Eis os limites

---

12 O vídeo “The Blessed Unrest” de 2007 fez com que aquelas milhões de pessoas trabalhando para a mudança percebessem que não estão sozinhas.

13 Há protestos que se originam de ansiedade (começando com medo: ‘livre-se desses estrangeiros’) e cuidado (começando com dor: ‘humanize-se a humanos como nós’). É importante separar os dois tipos.

determinados por governos e corporações que decidem sobre o financiamento delas. Então, uma boa parte das ONG's é, infelizmente, até mesmo parte do problema<sup>14</sup>. A assistência na África indiscutivelmente aprofundou ainda mais os problemas do continente.

Fazer a diferença é uma coisa muito complexa, e muitas escolas não lhe ajudam a questionar o que se trata, a procurar por novas possibilidades, muito menos a encontrar novas soluções. Porém, fico feliz em afirmar que isso está mudando<sup>15</sup>. Em muitos cantos da internet, você encontrará reportagens animadoras sobre aqueles que fizeram sua tentativa.

## A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA E DO ENTENDIMENTO

Muitas escolas ainda parecem matar todo o desejo de se importar ou fazer a diferença. As crianças que estão no primário se preocupam com natureza, guerras, meio ambiente, as pessoas não sendo legais umas com as outras, quando chegam aos doze não de idade parecem parar de se importar, tornam-se cínicas ou começam a focar na sua própria carreira, desistindo de se procurar sentido pelo todo maior.

Eu posso imaginar alguns de vocês se perguntando sobre isso. Como afirmado anteriormente, existe uma diferença essencial entre preparar pessoas para um trabalho e, por outra parte, prepará-las para viverem uma vida responsável e cooperativa em seu ambiente. Qual é a diferença e como podemos lidar com isso?

---

14 Alguns exemplos de ajuda deram errado: <http://matadornetwork.com/change/7-worst-international-aid-ideas/> - <http://oneworld.org/2015/03/17/disastrous-results-of-140m-uk-aid-for-nigerian-energy-privatisation/> <http://www.theguardian.com/commentisfree/2012/dec/30/disastrous-relief-for-haiti> Ou esta ajuda para a Somália, que terminou com: "De acordo com Michael W. McLaughlin de Principal, Consultoria MindShare LLC, nós somos vendidos para 'soluções de que podemos não precisar, sistemas que podem não funcionar, a um preço que não devemos pagar, numa língua que não entendemos'".

15 Nas redes, você encontra histórias de fazedores de mudança. Este é apenas um deles, trazendo arte e ativismo sociais para dentro da universidade: <https://www.youtube.com/watch?v=jEo-fYh68FU&feature=youtu.be>

Grande parte da educação tem um forte impacto sobre a nossa habilidade de nos conectarmos com nós mesmos, com a natureza e as sombras da sociedade. Ela pode nos desconectar de nós mesmos e do contexto geral. Se isso é feito de propósito (se você gosta de teorias da conspiração, vá em frente), ou se é efeito colateral de uma atenção desmedida por absorver conhecimento mental, é uma questão que eu deixo de lado. Pense em médicos sendo formados para exercer a medicina. A formação sobre contexto – como trabalhos e perigos da indústria farmacêutica, abordagem humana de pacientes – é fraca. A assistência médica alternativa é descreditada, enquanto placebos químicos da indústria farmacêutica funcionam ainda menos, são mais químicos e causam ainda mais danos à saúde. Então por que as alternativas são atacadas como “acientíficas” e o placebo empresarial como o que funciona de verdade? Além disso, empresários e seguradoras descobriram como precificar a vida. Médicos às vezes são obrigados a recusar tratamento devido regulamentos de custos. Como lidar com questões como essas, que dificilmente recebem a atenção devida?

Em seguida há o medo, uma grande questão. Aquele que protesta contra estruturas e regras que lhe parecem injustas é demitido, em alguns países chega a ser preso. E nós tememos ser demitidos, por termos aprendido na escola que ter um bom emprego torna uma pessoa valiosa. Empresas e governos conscientemente buscam prender pessoas a empregos e estruturas que as fazem temer desafiar o *status quo*; um *status quo* que devasta o planeta<sup>16</sup> e é insustentável. Então como ajudar a repensar as possibilidades? O que pode nos tornar mais conscientes e nos fazer agir com cuidado?

E aqui está um paradoxo. Eu sinto pressão para trabalhar mais conscientemente o dinheiro e ao mesmo tempo tenho a necessidade de assegurar minha própria renda enquanto contribuo

---

16 De quantos planetas precisaríamos agora para prover a todos como provemos agora? Esse número vem aumentando, o que é insustentável e os nossos filhos já estão vivendo a intensificação das consequências disso.

para o todo maior, parece ser injusto tendo em vista aqueles que asseguram sua própria renda às custas dos outros, incluindo o planeta. Devemos parar de ajudar porque não há ninguém pagando por isso?

## A FORÇA MAIS PROFUNDA DE UMA ABORDAGEM 'HIPPIE'

Os dois termos mais profundos que corpo e visão geral conduzem são conexão e amor. Educação sem ambos é desprovida de razão. Acredito ter mostrado exemplos suficientes de como o total de desconexão que deriva de uma falta de presença física e de uma falta de visão geral cria escolhas pungentes em todas as camadas da vida corporativa e política. Amor e conexão fazem com que nos tornemos (sintamos) essencialmente mais humanos. Pense em como a música faz com que você se sinta vivo e parte de algo maior. Pense em momentos em que você vivencia glória, superação, se sente profundamente tocado, momentos em que tudo fez sentido ou você sentiu que tudo valeu a pena. São esses os momentos em que *amor, conexão e significado se juntam*. Criar a possibilidade para tais sentimentos deveria ser o cerne da educação. É onde nasce o desejo intrínseco por contribuir, e isso ajuda a lidar com a dor que encontramos dentro e ao redor de nós, quando abrimos os olhos para o estado atual do mundo.

Estar em contato com seu próprio corpo, alinhando nossa intuição às nossas crenças dominantes, ajuda a identificar as várias discrepâncias que nos rodeiam. Sim, estar conectado pode doer quando você e/ou outros sofrem. Não devemos nos afastar timidamente dessa experiência. Viver a dor é o primeiro passo para a cura. Ser capaz de se conectar em níveis mais profundos também melhora relacionamentos reais. O calor humano aumenta, assim como empatia, cuidado e amor.

Sentir e tomar ciência dos padrões maiores trazidos pela visão geral leva a um maior cuidado pelo todo, mais vontade de contri-

buir para esse todo. Aumenta o nosso desejo de ser 'tripulação' do nosso planeta vivo. E o que as grandes corporações parecem temer é a ofensa aos seus próprios interesses. Uma empresa que verdadeiramente se importa com o meio ambiente vai mantê-lo vivo, mantendo dessa maneira seus lucros e clientes. É olhar para uma real e ampla perspectiva mais à frente no tempo. E usar a imaginação para "desenvolver o melhor mundo que os nossos corações sabem ser possível", como uma vez disse Charles Einstein. Esse mundo só pode nascer do amor profundo que todos nós carregamos pelo planeta. Esse mundo só será construído quando o coração for aceso através da educação. A palavra que originou educação, "*educare*", significa "crescer de dentro para fora", e não "jogar conhecimento para dentro".

Em *Knowmads*, nós educamos através de exercícios que ajudam as pessoas a descobrirem suas próprias respostas. Nós as ajudamos a tentar e a falhar. Na nossa escola, não há problema em repetir níveis. Provas não são necessárias (nem dadas), uma vez que a vida em si mesma é instrutiva o suficiente quanto ao que funciona de verdade, e o que não. Eu tenho sido recompensado com estudantes me dizendo que esta foi a melhor escola/educação da sua vida. Vi pessoas desenvolverem seu próprio emprego/negócio/projeto/destino com base no que elas se sentiam chamados para fazer. Nossos estudantes abriram empresas de restauração ecológica e *visual harvesting*. Outros começaram trabalhos como facilitadores de processos, inovadores, ou até cantores e compositores. Uma estudante voltou para design de moda, depois de deixar o mesmo emprego que ela chamava de "cheios de dias preenchidos com desenhos sem sentido". Quando perguntei por que, ela disse: "Ah, mas tudo agora está diferente. Eu não trabalho mais para agradar meu chefe. Trabalho de acordo com meus próprios valores, ouço mais a minha intuição e me mantenho verdadeiro ao que é saudável para mim. E meu chefe fica muito feliz com isso, porque tenho crescido muito no meu trabalho". Essa é a diferença que empoderamento pessoal pode fazer uma vez que integrado à educação.

## COMO ACENDER AMOR E CONEXÃO NA EDUCAÇÃO?

Estou convencido de que todas as oito abordagens básicas seguintes enriquecem a vida, estimulam a alma, a presença e a vitalidade, além de contribuir para conexões mais profundas e entendimento em níveis mais de auto-conhecimento. Todos esses aspectos estão sendo treinados ao redor do mundo, em maior parte em situações “não-acadêmicas”, e milhões de pessoas se beneficiam delas. São todas abordagens com séculos de cultura por trás delas, e foram desenvolvidas por meio da sabedoria de gerações.

Mais Artes para a educação. A arte é ambígua. Ela nos ajuda a considerar e revelar uma visão mais profunda, além de uma visão mais imaginativa das possibilidades. Onde meras somas exigem somente foco mental, a arte exige relação. A arte não lhe faz repetir o que os outros dizem; faz questionar e expressar sua própria relação com o mundo ao redor de você.

Mais Corpo para a educação. Precisamos sobrecarregar bem menos o cérebro quando começamos a escutar a nossa intuição. Uma relação melhor com o seu corpo lhe torna mais consciente do que é saudável e do que não é, além de melhorar seu relacionamento com o seu entorno.

Mais Natureza para a educação. Crescimento absoluto não existe. Trata-se de ciclos e relacionamentos. Natureza é o que somos essencialmente. Estar dentro e com a natureza reflete a nossa relação com o que é essencial. Contribui para relacionar e entender o todo maior de que somos parte, usando muito mais os sentidos que a mente.

Mais Realidade para a educação. Falar sobre “outros povos” como objetos é bem diferente de conhecê-los de fato. Resolver casos conceituais é bem diferente de ajudar pessoas reais com questões reais. Escolas e seus estudantes muitas vezes exercem papéis importantes nas suas comunidades e podem fazê-lo ainda mais.

Mais Brincar na educação. É a mais rápida e completa maneira de aprender, bem como profunda, multidimensional, e que vai além do entendimento cognitivo. É também divertida.

Mais Sabedoria na educação. Depois de fatos, vem conhecimento. Depois de conhecimento, vem *insight*. Depois de *insight*, vem capacidade para implementar. Experiência com implementação desenvolve sabedoria. Sabedoria é entender e relacionar princípios pessoais, locais e universais.

Mais Inteligência Coletiva na educação. Os outros já sabem o que você busca. A resposta está presente no ar. Ajudar um o outro a progredir, ao invés de competir, faz com que estudantes ensinem um ao outro. Ensinar é a melhor maneira de entender e captar o essencial, e os torna menos dependentes de outros.

Mais Amor para a educação. Traga mais amor como professor, amor pelos estudantes, material e o planeta inteiro. Estimule o amor por questões e disciplinas fora do programa, para que o amor fortaleça a motivação intrínseca. Motivação intrínseca fortalecida sempre leva a mais questões e vontade de aprender mais.

Todas as oito abordagens sofrerão quando testadas, ainda que já aparentemente presentes na educação atual. Sofrerão quando desconectadas umas das outras<sup>17</sup>, quando aplicadas como passos e métodos mensuráveis. O como trabalhar com elas é tão essencial quanto o porquê de trabalhar com elas. É fazer com que essas abordagens tomem vida, uma vez que elas dão vida aos estudantes. É sobre colocar lenha na fogueira que existe em cada um, acender o encanto, a curiosidade, o sentido de amor e beleza e o sentimento de que a sua vida importa. Mesmo quando não se tem certeza, a vida é um mistério e você tem um propósito.

## ABRAÇANDO UBUNTU

Quando botamos mãos à obra, nós devemos admitir que somos parte de um sistema maior. É tudo Ubuntu, “eu sou porque

---

<sup>17</sup> Misture-as, brinque com intersecções, encontre combinações interessantes entre essas oito abordagens. A vida é integrada, assim como as experiências dos estudantes deveria ser.

nós somos”. Nós só podemos alcançar a paz global quando todos a alcançarem, quando cada um dispuser de uma parte justa em condições sustentáveis. Nosso planeta só continuará nos sustentando se ajudarmos a natureza – e as pessoas nela – a crescer, florescer e se desenvolver; não apenas danificá-la menos. Precisamos que nós, em nossas profissões, ajudemos com isso. Precisamos que as organizações, o direito, a economia e a política vejam isso como essencial e prática normal. Precisamos aceitar, reconhecer e confiar na necessidade por diversidade nas culturas e natureza. Não há uma resposta ou abordagem únicas. A diversidade na natureza sempre mantém as opções abertas. Monoculturas em plantações tanto quanto uniformidade cultural causam danos ao meio ambiente, uma vez que cegam as culturas para os seus próprios defeitos. Precisamos aprender daqueles que claramente não são “nós” nem são “eles”. Como afirmado antes, “a Terra é a espaçonave e nós, sua tripulação”. Então a educação deve nos treinar para que sejamos tripulantes. Dentro e através do nosso trabalho devemos servir o todo maior de toda a vida, interiormente e ao redor de nós. Nós não devemos confiar que o nosso local de trabalho faça a reflexão sobre isso por nós.

Eu sigo este caminho. Eu me conectei com muitos outros seres humanos que desejam e atuam no sentido de constituírem alternativas, que contribuem com o que profundamente importa para eles. Eu descobri a plenitude em ser parte disso. Quando você der o passo inicial neste caminho, sua vida não será chata, nem seu trabalho será sem sentido. Quando abrimos nossos olhos através das oito abordagens básicas, a vida se torna mais mágica. Nós podemos ficar maravilhados e sermos surpreendidos novamente, o que significa que conexão em níveis mais profundos é abertura. E quando vivemos com encanto, vivemos para contribuir com o “todo maior”, nós descobrimos que podemos nos conectar com tudo. Nós podemos descobrir que toda existência é, na verdade, uma expressão do amor, e que nós também temos o poder de contribuir para essa expressão. Nós nos tornaremos parte de uma dan-

ça maior, não importando o quão grande ou pequeno seja o nosso papel nela. Para ajudar todos a dançarem esta dança, é nesse encanto que devemos conduzir a educação. Que comece a música.

## NOSSO MURAL CHEIO DE QUESTÕES PARA NOSSA ESCOLA E NOSSOS EDUCADORES

*Querido educador, eu realmente adoro o seu trabalho conosco. Eu também acho que você recebe muito pouco, comparado a cargos de gerência em nossa escola e nosso governo. Posso lhe perguntar estas questões? Se não puder respondê-las, peço o favor de perguntá-las para seus superiores e seus colegas na sua organização. Lateralmente também, para seus colegas, para que saibamos que não somos os únicos que se preocupam e querem aprender mais profundamente do que oferecem. E por favor se lembre que (A) isto não é um ataque à sua posição, é uma ajuda para melhorar; e (B) nós somos na verdade os clientes aqui, mesmo quando obrigados a participar, você oferece um serviço que nos ajuda na preparação para a vida. Então você pode nos ajudar a melhorar esse serviço do qual dependem nosso futuro e o do mundo?*

Por que devo mostrar que posso memorizar com excelência respostas pré-estabelecidas, quando a vida é cheia de ambiguidade, uma diversidade de opções para cada problema e a internet oferece milhares de fatos em questão de segundos?

Por que devo ver altas pontuações que me ajudam a conseguir um emprego corporativo ou título acadêmico, enquanto meus ideais, sonhos e visão para a minha própria vida não são bem vistos, nem reconhecidos, estimulados e muito menos convidados a estarem em meus projetos escolares na maior parte do tempo?

Por que não há lições em rebelião construtiva para criar o mundo melhor que sonhamos, e mais foco em pensamento crítico com relação a tudo que nos é oferecido? Precisamos desse tipo de pensamento também, quando na internet nos perdemos em meio a tantas mentiras, concepções equivocadas, manipulação de relações públicas e tentações.

Por que pessoas com estudos acadêmicos sabem o que é bom pra nós, e nós, que vivemos as nossas próprias vidas, não nos envolvemos em processos de tomada de decisão? É porque (A) Você não confia em nós? (B) Não acredita na nossa capacidade? (C) Você teme que possa ser complexo lidar com o que surgir? (D) Você adoraria, mas teme os que estão acima de você na hierarquia? (E) Ou?

Você sabia que Einstein uma vez disse “imaginação é mais importante que conhecimento” e “brincar é a maior forma de pesquisa”? Se ele é um ícone na ciência, então por que o conhecimento é considerado muito mais importante que a escola? Por que não brincamos mais? Como pode que você considere brincar uma perturbação, se ao mesmo tempo considera que é como a natureza inventou a aprendizagem para os mamíferos? Por que você não está buscando que brincadeiras, ação e aprendizagem experiencial possam ser uma parte muito maior e mais divertida a constituir a escola?

Nós nos perguntamos: tudo bem se levantarmos estas questões nos murais de todas as salas de aula? Se isso não for permitido, por que não é? O que você teme que aconteça? É pelo seu interesse ou pelo nosso? Se for pelo nosso, você nos ajudaria a traduzir essas questões para que até os mais novos da escola possam entendê-las? E como podemos lhe ajudar a perguntar essas questões para os seus superiores?

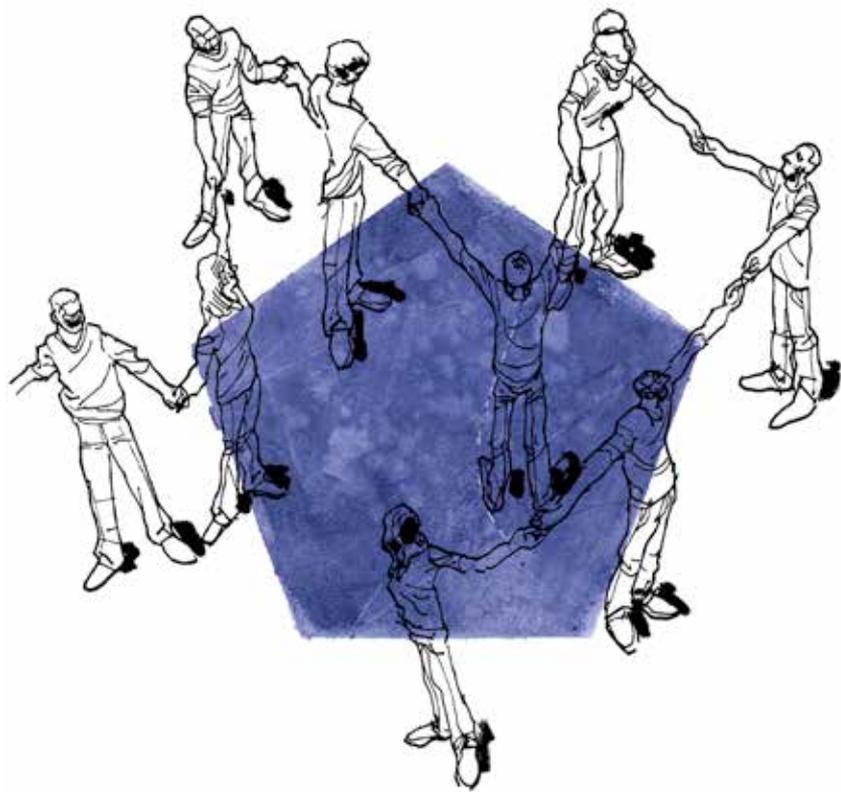
Você sabia que a palavra escola vem do grego “tempo para si mesmo”, e educação vem de “desenvolver de dentro para fora”? Não é estranho então que a escola seja organizada como “tempo obrigatório e regulado” para incutir, na sua maior parte, informações “de fora para dentro”? Como podemos ter mais tempo para desvelar nossa motivação intrínseca pelos nossos próprios interesses e desenvolvê-los de dentro para fora? Você não acha que isso poderia aumentar a diversidade em resultados e dar a cada um de nós um estímulo maior para vir à escola?

Minhas questões são:

*Queridos pais. Vocês me veem ou nos veem sofrendo na escola? Vocês se preocupam comigo ou conosco? Vocês estão cientes de que muitas*

*outras crianças (também) sofrem? Vocês ousariam acreditar que poderia ser o caso de, não ser as crianças quem não se encaixam, mas o sistema não caber em muitos de nós? Vocês acham que todas as provas, toda a pressão são muita coisa? Você acha que o espaço para crescimento pessoal é muito pequeno? Se você respondeu sim algumas vezes, você ajudará a mudar o sistema, para que ele caiba em nós? Procurará outros pais e apoiará organizações que trazem essas questões à luz?*

*Vocês veem meus professores trabalharem a mais e darem seu melhor para fazer a diferença, com eles sentindo que passam por momentos difíceis também? (Se a resposta é não, e vocês os vivenciaram como punidores amargurados que causam danos a crianças, por favor, ajudem-nos para que saiam). Vocês podem ajudá-los a se organizarem para se justificarem durante a inspeção da escola ou para seus chefes, e ajudar a exigirem um melhor serviço, melhores ferramentas e um currículo escolar mais realista e atual, para que possamos enfrentar o futuro quando ele vier?*



# UMA NOVA CONSCIÊNCIA SOCIAL

*Galorian*

Agora temos as ferramentas e a tecnologia para alcançar um despertar coletivo e a partir daí crescer o círculo do “Nós” para, juntos, solucionarmos os desafios da nossa sociedade. Passo a passo e, em breve, o dinheiro, os sistemas sociais e a educação serão democratizados através da utilização integral do poder da rede.

A necessidade de uma moral universal é real. A sobrevivência da espécie humana está fortemente relacionada a solidariedade e cooperação entre todas as pessoas.

## COMO PODE UMA MORAL UNIVERSAL SURGIR E SE ESPALHAR NA SOCIEDADE?

Tradicionalmente, as religiões determinavam as regras de moralidade. Os Dez Mandamentos do Judaísmo e Cristianismo, doutrinas e princípios do Islã e a vida de acordo com o Budismo são só alguns exemplos. A hegemonia da ciência reduziu o poder dos ensinamentos religiosos que instruíam humanos sobre como se comportar, e muitos buscam a ciência para receber direcionamento prático. É chegado o momento de se considerar seriamente os novos valores aceitos por todos, independentemente de crença, religião ou origem.

“Algumas pessoas veem as coisas como elas são e perguntam: Por quê?? Eu sonho com coisas que nunca aconteceram e pergunto: por que não?”, disse o Presidente Kennedy. Sonhar com um mundo que você gostaria de ver não significa ter ilusões sem sentido. “Nunca duvide do poder que um pequeno grupo de pessoas pode ter de mudar o mundo”, disse Margaret Mid. Mahatma Gandhi foi ainda mais enfático: “Seja a mudança que você deseja ver no mundo”. Eles estavam certos. Quando você desenvolve o seu conhecimento e a sua ciência, você tem nas suas mãos o poder de mudar o mundo.

## POR QUE A CONSCIÊNCIA TEM ESSE PODER TÃO GRANDE?

A explicação é simples: em uma estrutura decisória, até mesmo pequenas “flutuações” podem mudar o destino do sistema. A flutuação na forma da consciência mais desenvolvida é muito poderosa. Uma consciência mais evoluída significa uma nova mentalidade e é a chave para uma nova civilização. Hoje em dia, mais e mais pessoas adquirem nova apreciação e respeito pela natureza; elas desenvolvem sensibilidade por outros seres humanos e descobrem que, diferenças como de sexo, raça, cor, língua, convicção política ou crença religiosa não são ameaçadoras, mas sim interessantes e enriquecedoras. Essas pessoas entendem que os outros, quer sejam vizinhos ou estejam do outro lado do oceano ou ainda pertençam a gerações futuras, não são diferentes delas e não há mais espaço para se ter indiferença com relação ao destino deles.

## O QUE DEVERÍAMOS FAZER?

Nós temos que começar a focar nossas mentes no fato de que somos parte de um sistema único que inclui todos os seres humanos, e devemos começar a tratar os outros de acordo com essa premissa. Uma atitude altruísta para com os outros significa voltar a sua in-

tenção, os seus pensamentos e a sua preocupação para beneficiar os outros. Ou seja, desejar que todas as outras pessoas recebam tudo o que é necessário para sua existência, mas algo que vai além da preocupação disseminada com assistencialismo. Isso significa concentrar seus pensamentos para elevar o nível de consciência dos outros. Você deve desejar que todos se sintam parte de um sistema único.

Isso é em primeiro lugar um trabalho interior, no nível do pensamento. É importante mergulhar nesta ideia e não deixá-la se dispersar de nossas mentes, entendê-la como se fosse algo líquido e certo de acontecer. Devemos dar grande importância a esses pensamentos como sendo coisas das quais nossa felicidade e nossa paz dependem, e com a ajuda deles podemos superar todos os problemas. Embora inicialmente o tema pareça abstrato, dele depende o nosso futuro.

Além de uma atitude altruísta direcionada aos outros no nível do nosso pensamento, também podemos praticar ações altruístas – como compartilhar com os outros o nosso conhecimento sobre o propósito da vida e sobre como implementá-lo. Se compartilhássemos a importância desse conhecimento e dessa ciência com os outros, e eles passassem a compreender mesmo um pouco disso, reconhecendo o problema e se movendo em direção a uma solução, então teríamos causado uma mudança positiva no mesmo sistema do qual todos somos parte. Como resultado disso, nosso conhecimento e nossa ciência das coisas irão se intensificar mais e mais, e certamente iremos sentir essas mudanças positivas em nossas vidas.

Uma pessoa que ajusta sua atitude perante os outros está fazendo uma diferença na humanidade como um todo. Na verdade, é possível definir a relação entre você e o resto da humanidade da seguinte forma: você e toda a espécie humana estão no mesmo sistema, mas os outros dependem inteiramente de como você se relaciona com eles. O mundo inteiro está em suas mãos.

Lembre-se! Uma sociedade em que valores como “se importar com os outros” e “ter compaixão” são da maior importância logo se torna uma sociedade mais justa.

Mentalidade criativa não é somente importar-se e ser compassivo, a distância tecnológica que nos separa dos animais não nos faz mais humanos do que já somos e não nos diferencia deles. A nova mentalidade coletiva quer dizer um despertar criativo que leva a justiça e integridade.

Nós nos especializamos em aprender, em fazer associações e em imitar. Altruísmo, generosidade e cooperação são traços que nos definem como humanos. Nós reinamos supremos, capazes de fazer o nosso melhor e o nosso pior, amor e violência, bem e mal, nós conquistamos o mundo, mas e agora, o que está por vir?

## A REALIZAÇÃO DA LIVRE ESCOLHA

Se nós desejamos mudar a nossa relação com os outros de egoísta para altruísta, temos que nos levar a um estado em que queiramos nos importar com os outros, e então nos assegurar de que esta conexão será muito maior do que qualquer propósito egoísta. Isto pode ocorrer somente se a nossa sociedade considerar altruísmo como um valor supremo.

Nós fomos criados como seres sociais e egoístas, e para nós não há nada mais importante do que as opiniões dos outros à nossa volta. De fato, o propósito de nossa vida é ganhar apreciação e reconhecimento da sociedade. Estamos estritamente e involuntariamente controlados pela opinião da sociedade, e estamos dispostos a fazer tudo o que pudermos para receber apreciação, reconhecimento, honra e glória. Portanto, a sociedade pode injetar seus membros com diferentes valores e comportamentos, e que sejam mais abstratos.

A sociedade constrói os padrões pelos quais nós medimos nosso respeito e amor próprios. Assim, mesmo quando estamos sozinhos, agimos de acordo com os valores da sociedade. Em outras palavras, mesmo que ninguém saiba de uma ação específica que tenhamos tomado, agiremos para sentir mais amor próprio. Para que possamos começar construindo o arbítrio para nos importar-

mos com o bem dos outros e estabelecermos uma conexão entre nós como partes de um sistema único, devemos ser parte de uma sociedade que apoia isso. Se as pessoas à nossa volta apreciarem altruísmo como um valor supremo, então cada um de nós irá naturalmente obedecer e se adaptar.

Se aspirarmos estar em um lugar melhor, nossa força interior irá eventualmente nos levar a pessoas, organizações, guias, livros, ou em uma palavra – a um meio ambiente em que possamos evoluir. Quanto mais focarmos na ideia de melhorar o meio e tentar aplicar esse conceito às nossas vidas, mais possibilidades se abrirão para que isso se realize. Quando o nosso ambiente for composto de pessoas que também buscam alcançar equilíbrio social, nós teremos o exemplo delas, o encorajamento e o fortalecimento. Elas entenderão que queremos tratá-las com amor e nos permitirão assim fazer.

À medida em que mais e mais pessoas comecem a agir por uma relação mais justa entre os seres humanos, suas ações se tornarão opinião pública, e então a opinião pública terá afetado todos os outros. Por causa da conexão entre todos nós, cada pessoa no mundo, mesmo nas mais remotas localidades, começará imediatamente a sentir que ela está conectada a todos os seres humanos – ela depende deles e eles dependem dela.

Nós não podemos nos modificar diretamente, mas temos o poder de melhorar o nosso meio ambiente. Somos certamente capazes disso. Quando o impacto do meio ambiente sobre nós muda, nós mudamos. O ambiente é o guindaste nos elevando a um nível superior. Um indivíduo que investe sua energia em escolher e criar o ambiente correto para o seu desenvolvimento pode alcançar o seu potencial através desse ambiente. A compreensão desse princípio e a sua implementação requer um alto nível de consciência, e parece que atualmente muitos de nós já chegaram lá.

Quanto mais nos unirmos, formando redes de humanos preocupados com o futuro, mais facilmente encontraremos a força e a sabedoria para criar um futuro melhor para todos.

# RISCO DE COLAPSO!

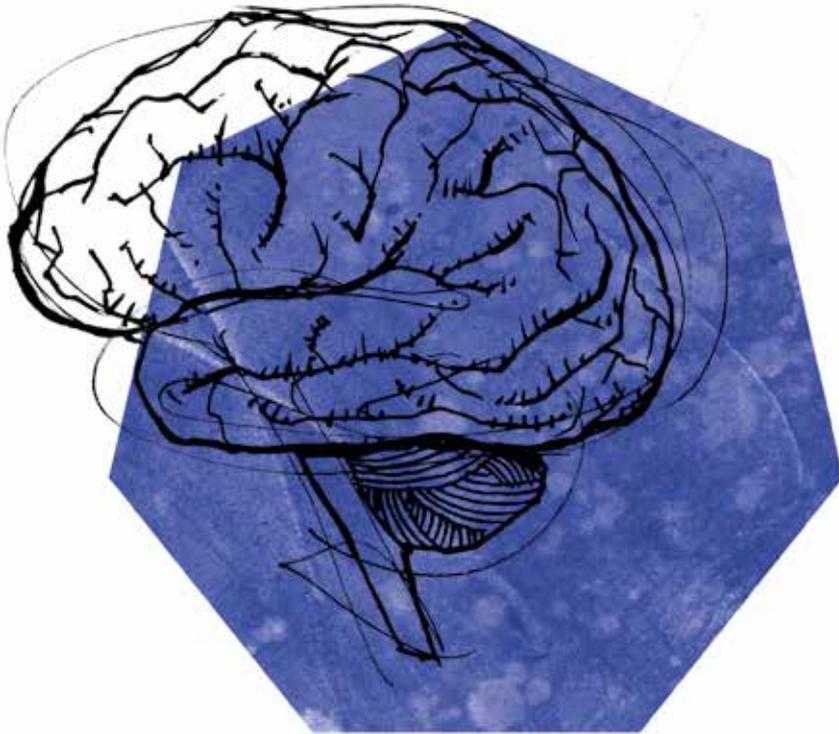
## COMO UM CONCEITO MODERNO DE APRENDIZADO MUDA NOSSO SISTEMA EDUCACIONAL

*Gerald Huether*

Por qual razão tão poucas pessoas têm a experiência de aprendizado, e o próprio desenvolvimento de seu potencial por meio de processos de aprendizagem de maneira alegre e emocionante? Eis a questão central deste artigo.

Há evidências que sugerem que a maneira como o aprendizado ainda é definido, e como o classificamos em nossas vidas está transformando o hábito inato de aprendizado humano em frustração de aprendizagem. Mas por qual razão? Restringimos nossa noção do que é o aprendizado na limitada estrutura pretendida pelas instituições, criadas especificamente para o propósito de ensinar. Há uma definição de aprendizado que vai muito além; do ponto de vista biológico, aprender significa sobreviver; ou seja, aquele que não consegue aprender está morto.

Isto é verdade não apenas para nós humanos, mas para todos os seres vivos. O que está acontecendo na maioria das instituições de ensino contemporâneas é determinado por um conceito de aprendizagem, que tem seus fundamentos questionados pelas recentes descobertas em biologia e neurociência. As antigas concepções em relação ao aprendizado ainda estão fortemente ancoradas na mente da maioria das pessoas, inclusive aquelas que são responsáveis pela educação, tornando-se grilhões que dificultam o desenvolvimento.



Com o objetivo de ampliar esta ideia, bem como libertar nosso pensamento e ações das limitações de um determinado conceito de aprendizado, que está relacionado apenas ao aprendizado acadêmico, sete teorias que ilustram o aprendizado do ponto de vista biológico são apresentadas e chegam a uma conclusão central: aprender não é apenas uma expressão do viver, mas também sua pressuposição.

## SETE TEORIAS DE EXTENSÃO DO CONCEITO ATUAL DE APRENDIZADO

### A EVOLUÇÃO DA VIDA É UMA CONTINUA EXTENSÃO DA HABILIDADE DE APRENDER DOS SERES VIVOS

Aprender não é uma conquista que nós humanos inventamos. E para aprender algo não é nem preciso ter um cérebro. Todos os seres vivos, mesmo as bactérias mais primitivas ou organismos unicelulares, necessitam aprender tudo aquilo que é relevante para sua sobrevivência – cada uma à sua maneira particular. Pois viver significa estabelecer e ser capaz de manter repetidamente a recém encontrada estabilidade com todas suas estruturas, mecanismos e relacionamentos desenvolvidos para este propósito, apesar das constantes mudanças em forma de distúrbios e ameaças. Todo ser vivo tem que ser capaz de fazer isso, caso contrário ele morre – seja uma alga azul ou um ser humano. Estas próprias reações particulares às mudanças perturbadoras e ameaçadoras em suas respectivas esferas de vida são conquistadas por todos os seres vivos, de dentro de si mesmos.

A escala do que organismos unicelulares conseguem aprender é bastante limitada, porém todos devem ser capazes de aprender um pouco, já que caso contrário, estariam ameaçados pela morte certa assim que as perturbações durassem por um período maior de tempo. E o que ocorre dentro de um organismo unicelular não é de todo diferente do que acontece em uma célula nervosa:

determinados genes são repetidamente anulados, as sequências proteicas relacionadas a eles são constantemente geradas, e entregues em forma de enzimas proteicas e proteínas estruturais.

As células de um organismo multicelular também aprendem a se adaptar a circunstâncias específicas de maneira similar, mas um pouco mais complexa. No entanto, neste caso outras células – às quais as células corporais e células nervosas estão estreitamente relacionadas –, causam as perturbações recorrentes. Como exemplo, uma célula do fígado aprende desta maneira a sobreviver apesar do contínuo consumo de álcool. Também, uma célula piramidal no lóbulo frontal do cérebro aprende a como reagir à constante liberação de transmissores de excitação da pré-sinapse dos neurônios próximos. A célula pode fazer isso, por exemplo, gerando constantemente axônios, dos quais serão liberados importantes transmissores que inibirão todas aquelas substâncias de excitação que a estão incomodando.

Isto se aplica não somente a organismos multicelulares. Uma comunidade humana, como por exemplo uma família, muda sua organização interna e adapta seus relacionamentos e atividades de seus membros a uma nova situação, como por exemplo, quando uma criança fica doente por um período prolongado. Esse também é um processo de aprendizado. Caso não seja bem sucedido, mais cedo ou mais tarde a família vai se desmoronar. Ecossistemas inteiros também passam por tais processos de mudança e adaptação, como certas plantas e animais de países estrangeiros que invadem o ecossistema local e começam a se propagar. Tanto a efetividade interna das experiências de aprendizado – ou seja, no nível físico – quanto a efetividade externa destas experiências – no nível social – tiveram as consequências de que até hoje a aprendizagem e as experiências de aprendizagem estiveram primordialmente localizadas e estudadas no nível cerebral. Na esfera do desenvolvimento de cérebros moldáveis é possível ancorar as próprias experiências de aprendizagem em sua estrutura. Processos de aprendizagem não estão mais limitados aos níveis

da expressão genética, da provisão maior ou menor de certas enzimas proteicas, proteínas estruturais ou de sua modificação pós-tradução. Agora é possível mudar estruturalmente redes neurais e padrões de interconexão sináptica e, desta maneira, ancorar de maneira sustentável experiências de aprendizado no cérebro. O espectro de possibilidades para tais experiências de aprendizado é particularmente amplo para aqueles animais que tem que adentrar relações complexas, intensas e sustentáveis com fenômenos de seu universo interno, e ligar as circunstâncias ao seu universo interno. E estes novamente foram aqueles que conseguiram estabelecer uma diversa gama de possibilidades de ligações ao longo do desenvolvimento do seu cérebro. O fator crucial para isto agora não é mais o número de opções de conexão controlado pelas predisposições genéticas, e sim a quantidade destas opções de conexão que podem efetivamente ser estabilizadas como padrões funcionais de interconexão. Em outras palavras: quanto mais variado o espectro de percepções, impressões, ideias e atividades em que uma criança está crescendo, mais multifacetados e intensos são os relacionamentos com os fenômenos do mundo, com outras pessoas e seres vivos que a criança é capaz de adentrar, e quanto mais diversas são as oportunidades que a criança pode encontrar para suas próprias descobertas, explorações e testes lúdicos de suas próprias possibilidades criativas, mais complexos então serão os padrões de interconexões que a criança pode estabelecer em seu cérebro.

### APRENDER É UM PROCESSO DE AUTO ORGANIZAÇÃO COM O OBJETIVO DE RECUPERAR COERÊNCIA

O que mais distingue seres vivos de todas as formas não-vivas é sua capacidade de balancear perturbações de seus sistemas internos, causados por mudanças em seu entorno através da ativação de certos padrões de reação, estabelecidos internamente.

Isso é uma conquista realizada pelo próprio ser vivo, e leva a novas perturbações de seu sistema interno de relacionamentos, bem como o ser vivo em questão novamente ativará certos padrões internos de reação a fim de recuperar sua coerência, etc. A reativação de certos padrões de reação interna tem como consequência – no contexto das respectivas possibilidades – que isto pode ser canalizado, expandido, e, portanto, tornar-se cada vez mais fácil de se ativar e utilizar de maneira eficiente. O sistema interno de relacionamentos mudou de certa maneira – o ser vivo em questão aprendeu algo novo.

Apesar do motivo que desencadeou este processo de aprendizado ter sido uma mudança ocorrida em seu entorno, o processo de aprendizado em questão não teria começado sem a perturbação causada em seu sistema interno de relacionamentos. Qualquer perturbação dos padrões de reação e relacionamento que estão estabelecidos em um ser vivo, e que são dependentes um dos outros, além de interconectados, é acompanhada por um consumo maior de energia. Fundamentalmente o real gatilho do processo de aprendizagem em questão é o déficit de energia criado por este aumento do seu consumo. E o que cada ser vivo aprende é uma reação ou resposta adequada para novamente reduzir a demanda de energia e sair de um estado de maior concentração de energia para um estado de menor energia. É por essa razão que o aprendizado é um processo de auto-organização, com o objetivo de recuperar a coerência.

Mas o que também pode ser aprendido com o apoio de um sistema nervoso e um cérebro acontece apenas quando há interrupções contínuas dos padrões de relacionamento, desenvolvidas pelas células nervosas até o momento. Também neste caso o processo de aprendizado é disparado pela maior demanda por energia causada pelo rompimento da estrutura de relacionamento existente; portanto uma escassez no fornecimento de energia da célula nervosa afetada e, resultante disso, a mudança do equilíbrio iônico intracelular. Entretanto, as células nervosas são mui-

to mais capazes do que outras células de transmitir mudanças em seu equilíbrio iônico para outras células nervosas. Como resultado, mudanças correspondentes são disparadas nelas, e desta maneira uma perturbação pode ser corrigida por meio de ação coordenada de células nervosas interligadas. Inicialmente um padrão característico de excitação é formado, seguido de sua transmissão e da implementação de um padrão de reação adequado. Quanto melhor isto funcionar, mais eficientemente a mudança de origem interna ou externa será balanceada. Os melhores resultados são sempre quando os padrões ativados de excitação podem ser estruturalmente estabelecidos também como novos padrões de conexão entre os grupos de células nervosas em questão.

No nível fenomenológico tal processo de aprendizagem pode ser detectado, por exemplo, quando se está aprendendo a dirigir um carro. No começo, tudo é novo e o motorista iniciante precisa se concentrar em todos os movimentos, podendo até mesmo ter uma dor de cabeça e se sentir bastante exausto após cada aula de direção. Isso ilustra o excesso de excitação inicial no cérebro e o maior consumo de energia que o acompanha. Os novos padrões de excitação e reação estabilizam mais a cada aula, passando a consumir quase nenhuma energia adicional. O cérebro encontrou coesão novamente, e a pessoa em questão aprendeu algo novo. O que era irritante e cansativo no começo agora é cada vez mais divertido e eventualmente funciona sozinho.

O mesmo princípio pode ser observado em todos os processos de aprendizagem que ocorrem em comunidades sociais: contanto que em uma comunidade a interação entre os membros funcione de forma ideal, tudo está bem – seja em uma colônia de formigas, grupo de elefantes ou em uma família de humanos. Assim que ocorre uma mudança que quebra de maneira severa a coexistência pré-existente, haverá irritações e desentendimentos crescentes entre seus membros. O consumo de energia aumenta rapidamente, os membros estão cada vez piores e a comunidade em questão, corre o risco de colapsar.

## O APRENDIZADO LEVA À FORMAÇÃO DE PADRÕES INSTÁVEIS DE RELACIONAMENTO PARA GERAR RELACIONAMENTOS ESTÁVEIS

No cérebro é particularmente fácil compreender como processos de aprendizagem ocorrem ao nível das células nervosas e sinapses ativadas no processo, e como elas estão estruturalmente ancoradas a longo prazo, na forma de padrões característicos de interconexão que se estabelecem entre as células nervosas e suas ligações. Deve sempre haver algo novo, seja externo (como um novo requerimento, um problema, um perigo, etc.) ou uma necessidade interna (incoerência surgindo no organismo) como um gatilho para o processo de aprendizagem. Em ambos os casos é chamada a atenção para um determinado fenômeno e é estabelecido um relacionamento com este fenômeno. A pessoa em questão portanto inicia um processo de aprendizado: no primeiro caso é necessário e inevitável, frente ao poder do novo, e no segundo caso a pessoa deseja por vontade própria.

Quando uma pessoa estabelece um relacionamento com um fenômeno por uma razão ou outra, sua percepção sensorial produz excitação, que é passada adiante para grupos de células nervosas no cérebro por meio de vias nervosas apropriadas e lá um padrão característico de excitação é disparado no nível da rede neural ativa. Como resultado, algumas das sinapses envolvidas em tal rede resultarão em uma transmissão ampliada de sinal, em outros como uma inibição. Se por um período de tempo a atenção permanece focada na percepção em questão, a excitação das conexões ativadas ao padrão de excitação e inibição surgindo nessa rede de sinapses é adaptada. Mudanças moleculares na transmissão de sinal ocorrem no nível do receptor das sinapses em questão, o que também persiste por um certo tempo depois da ativação desta rede. Neurocientistas descrevem esta mudança como uma potencialização a longo prazo ou inibição a longo prazo. Enquanto continuar, o padrão de excitação criado por esta

nova percepção permanece em estado ativo, ainda que não seja mais mantido pela percepção sensorial do fenômeno em questão. A pessoa, portanto, pode lembrar disso por um tempo, então ela aprendeu algo – ao menos por um período curto de tempo.

Mais interessantes e duradouros são todos aqueles processos nos quais não apenas o surgimento de um padrão de excitação sináptica, que ainda permanece presente por um certo período de tempo e que pode ser reativada de maneira particularmente fácil neste período de tempo, também pode ocorrer. Este é sempre o caso quando um novo padrão de excitação também pode estar estruturalmente ancorado na forma de um novo padrão de ligação sináptica. Então uma pequena memória ou a percepção de um aspecto parcial particular é suficiente para reativar toda a complexa rede e, portanto, relembrar a experiência de aprendizado previamente feita e estruturalmente ancorada. No entanto, para ativar tais processos estruturais de reconstrução neurolástica, é necessário mais do que um mero ou repetido relacionamento auto referenciado, com fenômenos sensivelmente perceptíveis. Para este propósito, a percepção em questão deve estar acompanhada de simultâneas ativações das áreas de excitação emocional nas estruturas mais profundas do cérebro.

A percepção, a experiência, o conteúdo de aprendizado devem ser muito importantes para esta pessoa, ou seja, subjetivamente significativos. É só então que é absorvido e apenas então as áreas emocionais correspondentes no cérebro médio são ativadas. É apenas nesse caso que as células nervosas lá situadas, no fim das suas longas e múltiplas ramificações, que se estendem por todas as regiões do cérebro, emitem suas mensagens especiais que levam ao aumento da emissão dos denominados fatores de crescimento neurolástico. E eles são utilizados para todos os processos de reconstrução estrutural, ativando uma cascata de tradução de sinal intracelular nas células nervosas afetadas, que chega ao seu núcleo celular e lá leva a uma depreciação maior de todas aquelas sequências genéticas, além de uma produção maior de todas

daquelas proteínas estruturais e enzimáticas que são responsáveis pelos processos de reconstrução estrutural das redes neurais, pela construção de novas pontes, pelas novas formações e estabilização das conexões sinápticas. Portanto, um conteúdo de aprendizado só pode ser estruturalmente - e, portanto, sustentavelmente – ancorado ao cérebro se é realmente importante para o indivíduo em questão, e se é compreendido como relevante por si só.

Mais importante do que uma incoerência inicial são os padrões de reação, as novas soluções que achamos para compensar por tal perturbação. Somos muito felizes com isso, e às vezes podemos até mesmo nos inspirar, levando à ativação destes centros emocionais e à liberação de mensageiros neurolásticos, bem como ao ancoramento da experiência de aprendizado correspondente. A estratégia de gestão em questão pode ser acessada de maneira cada vez mais automática e finalmente de maneira quase automatizada; no entanto, às custas das muitas linhas secundárias, que agora estão bastante desgastadas. Neste ponto a pessoa em questão está imersa em um certo padrão de pensamento ou comportamento, do qual ela sairá depois somente por meio de uma nova e diferente experiência de aprendizado.

#### UM SER VIVO APENAS PODE APRENDER ALGO QUE TENHA SIGNIFICADO PARA SUA VIDA.

Um ser vivo que permanece por toda sua existência da maneira como era no início pode sobreviver apenas em um ambiente que não é afetado por mudanças. No entanto, tal ambiente não existe, dado que a existência de um ser vivo envolve atividades específicas, que por sua vez têm um impacto em seu ambiente externo. Este princípio de interdependência vale para todo e qualquer ser vivo na Terra, os quais representam o ambiente um do outro. É este simples fato que faz com que seja impossível que um ambiente permaneça o mesmo por um longo período de tempo. É por isso que todo ser vivo tem que mudar ao longo de sua vida. E isto só pode ser feito aprendendo algo.

A pergunta que surge disto não é se um ou múltiplos organismos, ou sistemas de indivíduos sociais são capazes de aprender, mas sim de que maneira esse aprendizado ocorre.

O que é considerado importante para cada uma dessas células organismos e sistemas sociais varia tanto quanto suas próprias formas de vida. Portanto o modo como aprendem deve variar tanto quanto variam as coisas que lhes são importantes.

Mas o que é importante para um ser vivo em particular? Importante são apenas aquelas coisas que estão impossibilitando ao ser vivo permanecer da maneira que está no momento. Simultaneamente é importante notar que não é a mudança no universo exterior que urge para que o indivíduo se desenvolva, expanda e complete suas competências e conhecimento, mas sim a mudança no interior deste ser que não pode ser balanceada com os padrões de reações e respostas existentes dele. Portanto, não é o fenômeno percebido pelo ser vivo, mas sim o efeito que é disparado por essa percepção em seu interior, que coloca em movimento um processo de aprendizado correspondente.

No entanto varia de indivíduo para indivíduo o quanto, e com que profundidade tal mudança externa pode causar desordem na coesão do universo interno do ser vivo. Mesmo células do mesmo tipo (ex.: organismos unicelulares ou diferentes células do mesmo organismo multicelular) são mais ou menos vulneráveis a mudanças em seu universo interno. Em comparação, o mesmo é válido para indivíduos de uma espécie em particular ou sistemas sociais de diferentes origens culturais.

A extensão em que uma mudança interna é causada depende dos padrões existentes de reação, da resposta do ser vivo específico e da eficiência no uso e ativação desses padrões, que por sua vez depende das experiências prévias do ser vivo que foram usadas para combater problemas e desafios similares e, portanto, estão gravadas como padrões adequados de reação e resposta.

É esta experiência prévia que determina se uma mudança no universo interno ou externo de um indivíduo é percebido como

significativo e, portanto, se requer seu próprio processo de aprendizagem.

O aspecto que está sendo aprendido não são os problemas em si ou os resultados que um organismo em particular ou sistema social está enfrentando, mas o método de solução que ajuda aquele organismo em particular a reaver sua ordem interna, sua coesão.

Já que as experiências de aprendizado essenciais para configurar um ser vivo estão estruturalmente ancoradas em sua organização interna, todos os seres vivos desenvolvem seus respectivos padrões de reação e resposta por meio de soluções que eles encontraram no percurso de seu desenvolvimento até o momento. Estas soluções são importantes. Não objetiva e igualmente importante para todos, mas para aquele ser vivo em particular. Portanto, todos os processos de aprendizado são caracterizados pela atribuição subjetiva de significado, e só se pode aprender o que é relevante para um ser vivo.

## O APRENDIZADO É UM PROCESSO BASEADO NAS EXPERIÊNCIAS PASSADAS

Agora a função primária do sistema nervoso e do cérebro, e suas vantagens de desenvolvimento se tornam evidentes: com auxílio deste sistema, o ser vivo é capaz de reagir às mudanças que possam lhe oferecer perigo, antes que elas atinjam sua organização interna e o exponha a profundos distúrbios. A extensão de incoerência interna ou externa causada por um sistema nervoso pode ser reduzida em um estágio inicial, para que não exceda a resposta das células, dos órgãos e dos sistemas. Durante uma vida em que mudanças podem levar o ser vivo a profundos distúrbios de sua coerência, quanto mais ele for capaz de aprender, maiores serão suas chances de sobrevivência e reprodução em condições de mudança de vida constantes.

Tanto em casos unicelulares, quanto em multicelulares, cujo nível de organização celular é realizado em órgãos e sistemas, os processos de aprendizado são possíveis através da formação de

um sistema nervoso, e estão conectados a experiências prévias, que permitiram a aquisição de um espectro correspondente a diferentes reações padrão. Por este motivo, algo realmente novo nunca pode ser aprendido, mas sim estendido e combinado de uma nova maneira que já seja conhecida ou que esteja ancorada à organização interna do cérebro por experiências prévias de aprendizado. No cérebro, os neurônios estão ligados de maneira específica; qualquer experiência de aprendizado anterior deve ter sido desenvolvida com determinado padrão de rede neural e interconexão sináptica, de forma que algo novo possa ser adicionado ou conectado através de uma extensão ou de uma rede diferente. O novo conteúdo aprendido deve ser passível de conexão com algum conhecimento já existente.

Assim como no cérebro, algo novo pode ser desenvolvido em um contexto social, como em comunidade, família, clube de futebol, empresa ou comunidade religiosa, e ser conectado à organização interna.

Em todos estes casos, o aprendizado é um processo novo ou de expansão, baseado em experiências prévias. Portanto, não há um ponto de início ou de término em determinado estágio de desenvolvimento, ele começa com a formação das primeiras formas de vida, se preserva, e finaliza com a morte do ser.

### NENHUM SER VIVO CONSEGUE APRENDER ALGO SEM O INCENTIVO DE OUTROS, E SEM INSPIRAR OUTRAS PESSOAS COM O QUE APRENDEU

Desde o início, criaturas vivas têm que encontrar soluções para sobreviver e se reproduzir em condições constantemente modificadas pelos efeitos de outras criaturas vivas. Qualquer solução para assegurar a vida de um ser e seus filhos de uma forma particular de vida, inevitavelmente leva a uma mudança progressiva das condições de vida da própria espécie e de todas as criaturas que vivem no mesmo habitat.

Por este motivo, nenhum ser vivo era como é hoje. Todos os padrões de reação, conquistas e estruturas que os seres realizaram no curso do seu desenvolvimento são soluções encontradas em um processo persistente e co-evolucionário de aprendizado, realizado por diferentes formas de vida, como resposta às mudanças induzidas em suas próprias condições.

Acima de tudo, todas as mudanças causadas pelas atividades humanas levaram à destruição de diversas espécies que, há milhões de anos, originaram uma cultura humana muito antiga e diferente. Nós humanos nos desenvolvemos, na medida do possível, em condições extremas para criar o contexto necessário para nossa sobrevivência e reprodução. Assim como a forma mais apropriada de vida social, a comunidade individualizada desenvolvida pelos nossos ancestrais foi adotada por nós. Nestas comunidades individualizadas, as experiências de aprendizado vividas por um indivíduo podem ser transferidas com alta eficiência para outros membros, e aos filhos. Desta forma, todas as conquistas humanas têm sido espalhadas e transmitidas através de um processo de aprendizado entre gerações.

Nada do que um homem tenha aprendido até o presente momento de sua vida, o que ele sabe e pode fazer, é feito dele mesmo. Nós aprendemos não apenas através de leitura, escrita e aritmética, mas também através da fala e até do andar. Todas as experiências de aprendizados feitas em relação à outras pessoas foram conectadas na forma de relacionamentos e padrões de interconexões no cérebro de todo ser humano.

Portanto, o dom de se relacionar com outras pessoas é pré-requisito para assumir nossos conhecimentos e habilidades. Quanto mais fáceis e claros esses forem, mais poderão ser utilizadas as ideias e experiências que uma nova pessoa irá assumir de outros, e mais diversificadas serão as suas experiências de aprendizado.

Nós humanos já nascemos com uma enorme habilidade de empatia, e todas as crianças buscam uma relação próxima com as primeiras pessoas ao seu redor. Contanto que eles não tenham

tido nenhuma experiência negativa, eles estendem esta busca a todas as pessoas dentro de um determinado grupo ou família na qual crescem. O fator decisivo não é o número de pessoas com quem uma criança cria uma relação, mas a qualidade destas relações. Somente em relações em que haja um encontro entre os sujeitos, ou seja, somente quando uma criança se sente única e valorizada por outra pessoa, ela estará pronta para se abrir aos conhecimentos, habilidades e ideias do outro. Relações em que uma criança – ou posteriormente um adulto – é tratada como um objeto de avaliações, expectativas, intenções, interesses ou comparações, bloqueiam esta conquista de conhecimento e a força a uma experiência de aprendizado desfavorável. Nestas condições, a criança aprende primeiro a proteger a si própria de outras pessoas e suas intenções, seja fazendo delas um objeto de suas atividades ou as vendo como um objeto de seu comportamento.

As duas formas impedem interação e troca, e o processo de aprendizado perde suas características de co-criação e co-desenvolvimento. Assim, qualquer parte construtiva da interação e o compartilhamento de experiências de aprendizado é suprimida. A criança começa a se sentir pressionada e suas habilidades de interação com outros e compartilhamento de experiências e habilidades são restritas, a não ser que ela se comunique com a pessoa que a ameaça de braços abertos e condicione a relação sujeito-sujeito.

### SOMENTE PESSOAS SÃO CAPAZES DE UTILIZAR AS HABILIDADES DE APRENDIZADO DE OUTRAS PARA BUSCAREM SEUS PRÓPRIOS OBJETIVOS E INTENÇÕES

Até o século passado, se manteve a ideia de que a habilidade de aprendizado é uma característica única do homem. Esta visão; porém, não pode ser mantida diante de um número crescente de observações de aprendizados complexos em animais.

Esta crença foi substituída por outra, chamada “Teoria da Mente” por neurocientistas. Ela estabelece que apenas os humanos são capazes de aprender o que se passa na mente de outra pessoa, o que essa pessoa planeja, quais são as suas intenções e como isso influencia o que ela diz ou faz, mas isso também não é uma característica completamente particular de nós humanos. Os primatas relacionados a nós também têm esta habilidade. Eles também podem aprender através de uma ideia que outro primata ou que seu guardião humano esteja fazendo ou pretendendo. Enquanto isso, foram encontradas as primeiras indicações de que até cachorros e alguns pássaros são capazes de desenvolver uma ideia do que os outros estão planejando ou pensando.

Ainda há uma coisa que apenas os humanos podemos aprender e que realmente nos diferencia de outros animais: somente nós somos capazes de aprender a usar e tirar vantagem da habilidade de aprendizado de outras criaturas para conquistar nossas próprias intenções.

Somente nós podemos aprender a treinar outros animais de modo com que eles se comportem exatamente da maneira com que nós queremos. Hoje em dia, pesquisadores da mente e dos processos de aprendizado nomeiam isto como “condicionamento”. Porém, devido ao fato de que o desejado processo de aprendizado de animais, e especialmente de outras pessoas, pode ser conquistado através de recompensas ou punições, as pessoas aprenderam que as funções de condicionamento funcionam muito antes de Pavlov e seus experimentos com cachorros.

Entretanto, para que um professor seja capaz de ensinar um cachorro, um canário, um macaco ou outra pessoa a fazer algo que ele não faria normalmente através do processo de condicionamento, ele precisa ter a capacidade que apenas um ser humano pode aprender. Ele precisa ser capaz de considerar este outro ser vivo não como um sujeito, mas como um objeto, e então ele poderá usar suas intenções de condicionamento.

A habilidade de tratar outras criaturas ou seres humanos como objetos não é congênito. Ela não é inerente ao homem, mas

é obtida através de um processo de aprendizado em que a pessoa considera a si própria um objeto das intenções e objetivos de outras pessoas, suas avaliações, ensinamentos e treinamentos. Isto geralmente se inicia na infância, continua nas instituições de educação, e hoje, caracteriza a natureza da nossa coabitação contemporânea, convivência e coexistência. Ao invés de nos vermos uns aos outros como sujeitos individuais e aprendermos um com o outro, nós tratamos e usamos uns aos outros como objetos na busca pelas nossas intenções e objetivos.

Esta é uma notável conquista cultural, que pode ser obtida somente pelo ser humano e somente devido ao seu complexo cérebro e sua integração nas comunidades humanas. Esta habilidade poderia se desenvolver em uma conquista de aprendizado coletiva – e ser estruturalmente ancorada por instituições educacionais nas comunidades humanas, especificamente desenhadas e criadas para este propósito – pois é vantajoso ver, tratar e usar outros como objetos em determinadas circunstâncias.

Para colocar em termos concretos, tais condições e circunstâncias são angústia e sofrimento, pobreza e miséria causadas por catástrofes naturais, e principalmente por conflitos militares. Em geral, circunstâncias que ameaçam a própria existência, como a necessidade por segurança e controle causada por ansiedade e medo, que levou ao desenvolvimento desta notável conquista cultural.

A estratégia mais efetiva para lidar com este medo de uma comunidade humana ameaçada e assustada encontra-se no estabelecimento de uma ordem hierárquica e de uma estrutura social. Neste caso, apenas algumas pessoas tomam decisões sobre ações a serem tomadas como indivíduos independentes. Todos os outros tornam-se subordinados às decisões, medidas e ordens destas poucas pessoas.

Somente desta forma, soldados podem ser liderados e guerras vencidas. Entretanto, até agora esta não tem sido apenas uma maneira de prevenir ameaças coletivas, mas também de assegurar as

posses e privilégios adquiridos pelos líderes. Em primeiro lugar, é por esta razão que eles têm desenvolvido esta habilidade de usar outras pessoas como objetos para conquistar suas próprias intenções e objetivos. Então, instituições sociais e estruturas foram criadas para assegurar que sempre haverá crianças e jovens dispostos e prontos a serem utilizados como objetos suficientes. O que hoje em dia chamamos de “escolas” foi originado em instituições de padres e cadetes, onde até poucas gerações atrás, jovens eram preparados para suas futuras tarefas, obrigações e responsabilidades. Ainda que o bastão e a viga de madeira como métodos de punição sejam hoje abolidos, ainda é comum pensar que os estudantes precisam ser “motivados” a aprender, que, aparentemente, funciona melhor fazê-los objetos de expectativas e avaliações, ensinamentos, notas e outras medidas. Portanto, o espaço para diversão e criatividade envolvido no processo de descobrimento está completamente prejudicado.

## CONCLUSÃO

Manter a diversão, o prazer de descobrir e o desejo por criatividade inerente à cada indivíduo deve ser o objetivo mais importante para a educação da futura sociedade. A habilidade de aprender e descobrir é uma expressão de vitalidade intrínseca não apenas de seres humanos, mas de todos os seres vivos, começando com os procariontes, aos eucariontes e organismos multicelulares, até comunidades sociais. Sem a habilidade de aprender, a vida não seria capaz de se desenvolver em uma variedade como a que existe agora, nem se quer se desenvolver como um todo. Esta habilidade de aprender é inerente à todas as criaturas vivas, as quais são nutridas pela sua incrível capacidade de interação e aprendizado.

Quando começamos a compreender que não é possível existir vida sem aprendizado, torna-se evidente quanto o prazer de viver está definitivamente conectado com o prazer de aprender

– ou, mais claramente, por que a habilidade de aprender de todos os seres vivos não pode resultar em nada mais que um tipo de nova invenção que teve que aumentar o que era inato do contexto (condicionamento como uma forma de aumentar a habilidade de aprender). Esta diversão que vem junto com uma importante experiência de aprendizado vivida, vem junto com a diversão de estar vivo. Portanto, a habilidade de aprender não é somente uma expressão de vitalidade, mas ambos, aprendizado e vida, estão ligados um ao outro através do mesmo sentimento. O inverso também é verdadeiro: aqueles que perdem o desejo de aprender, perdem o desejo de viver.

Logo, a pergunta de que se uma pessoa teve sucesso em desenvolver seu prazer inato em aprender (e, portanto, seu prazer em estar vivo), não deve ser subestimada. Ou então, o oposto será verdadeiro: este aspecto possui um papel importante na vida da pessoa. Infelizmente, muitas pessoas perdem sua habilidade inata de aprendizado já em um estágio inicial de sua infância.

Isto acontece devido às experiências de aprendizado desfavoráveis, que foram estimuladas por outras pessoas, em geral adultos inconscientes e com más intenções. Ninguém perde sua facilidade de aprendizado assim. Para que isto aconteça, é necessário que haja outras pessoas envolvidas, que não entendam o que estão fazendo ou que elas mesmas, principalmente quando crianças, tenham passado pela experiência de terem sido tratados não como pessoas, mas como objetos.

Apenas quando mais e mais pessoas passam a entender este súbito processo entre geração de compartilhamento/passagem/transmissão de experiências negativas de aprendizado, é possível quebrá-lo. Pode ser que a pesquisa cerebral não contribua muito para a melhora do *design* do processo de aprendizado, mas o seu conhecimento pode ser modificado em termos de tempo e função através de novas experiências, o que nos leva a uma última concreta conclusão: nós podemos mudar. Nós podemos parar de fazer dos outros objetos de nossas intenções e metas, nossas ex-

pectativas e avaliações, nossos ensinamentos e conselhos, ou até mesmo nossa educação e treinamento. Ao invés disso, nós podemos (re)aprender a tratar os outros como sujeitos. Nós podemos convidar, motivar e inspirar outros a reconquistar o prazer de viver e aprender juntos. Então a velha rede pavimentada de padrões irá mudar e o cérebro irá seguir (quase automaticamente).

# MUDANÇA DE PARADIGMA<sup>1</sup>

*Helena Singer*



Nos últimos anos, vêm crescendo as iniciativas emancipadoras no campo da educação no Brasil, e alguns processos sociais possibilitam compreender este contexto favorável.

Em primeiro lugar, o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação tem facilitado os processos de aprendizagem autônoma, tornando obsoletas as estruturas de ensino baseadas em salas com as carteiras voltadas para a lousa, as aulas expositivas, o conhecimento fragmentado em disciplinas, o adulto que professa para seres sem luz e voz. Estas mesmas tecnologias possibilitam também novas formas de produção de conhecimento, baseadas em redes, superando a dependência das obras dos especialistas, produzidas e disseminadas de forma centralizada. No contexto da chamada sociedade do conhecimento fica ainda mais evidente o fato de que a educação implica o envolvimento das pessoas em múltiplos fluxos comunicativos, fluxos que serão mais educativos quanto mais rica for a trama de interações.

---

<sup>1</sup> Originalmente publicado como “Territórios Educativos e Transformação Social”, em Teresa Cunha and Boaventura De Sousa Santos (ed.), *International Colloquium Epistemologies of the South: South-South, South-North and North-South Global Learnings* – Proceedings.Coimbra: Centro de Estudos Sociais

O segundo processo que suscita mudanças no campo da educação é formado pelo conjunto dos avanços na pesquisa científica que o sociólogo português Boaventura Sousa Santos associa à emergência de um novo paradigma, baseado em estruturas não disciplinares nem evolutivas, mas sim promotoras de diálogos entre as diversas áreas do conhecimento, e também entre a ciência e os saberes tradicionais. O autor trata de um paradigma do senso comum, por uma vida prudente, que supera a racionalidade técnico-científica pela valorização da racionalidade estético-expressiva, reconhecendo as intertextualidades para a produção de projetos locais emancipatórios. Estes projetos baseiam-se na democracia participativa, em sistemas de produção alternativos, no multiculturalismo, nas formas alternativas de circulação do conhecimento e na internacionalização das lutas sociais. A experiência social mundial nestas áreas é ampla e variada, mas é constantemente desperdiçada (Santos, 2000).

Especificamente em relação aos processos cognitivos, as pesquisas feitas com base nas novas tecnologias, e seguindo os preceitos deste novo paradigma têm demonstrado o que educadores desde o século XIX já afirmavam: para aprender, as pessoas precisam estar afetivamente envolvidas com a informação, o que inclui os sentimentos e o corpo no processo. As estruturas educativas devem, portanto, buscar o envolvimento afetivo e a mobilização, superando a noção de que é preciso domesticar o corpo a fim de que a mente possa aprender.

A terceira tendência favorável à mudança está relacionada às transformações no mundo do trabalho no sentido da desregulamentação das relações, da imprevisibilidade das carreiras e da multiplicidade dos caminhos profissionais. O ingresso e a permanência longa e satisfatória no mundo do trabalho hoje dependem mais da capacidade dos sujeitos para aprender sempre, criar novos projetos e articular redes, do que dominar conhecimentos técnicos ultra especializados.

É neste contexto que o fracasso da escola vem sendo alardeado nas manchetes de jornais, e diariamente comprovado nas salas de

aula dominadas pelo desânimo de estudantes e professores, bem como nos corredores e pátios dominados pela violência. Mas o fracasso não é só da escola como instituição, é também das políticas públicas em educação que no Brasil e em diversos países do mundo passaram, a partir dos anos 90, a se orientar com base em provas nacionais de matemática e línguas em rankings internacionais, esvaziando de sentido um projeto educativo capaz de efetivamente formar cidadãos aptos a viver e promover a democracia.

Em resposta a esse evidente fracasso, um novo movimento pela transformação na educação ganha força, um movimento que se integra à mobilização de novos atores pela reinvenção da democracia nas suas várias dimensões. Trata-se de iniciativas de grupos da sociedade civil que buscam novos modos de fazer, modos criativos e solidários de desenvolver autonomia e cooperação que colaborem para o bem-estar social, tanto das gerações atuais quanto as futuras.

Neste novo movimento, educadores, comunicadores, artistas, pesquisadores, estudantes e ativistas de diversos campos vêm criando novas experiências educacionais que resgatam e atualizam propostas de pensadores como Leon Tolstói, John Dewey, Janusz Korczak, Celestin Freinet, Ivan Illich, Paulo Freire, entre outros que se dedicaram à formulação de propostas educativas emancipadoras.

## MOVIMENTOS SOCIAIS PELA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

A nível mundial, existe um movimento que começou a se articular no final dos anos 90 do século passado. Trata-se da rede internacional de educação democrática (International Education Network – IDEC). Os pontos mais fortes desta rede estão na Europa, nos Estados Unidos e em Israel, além de estar presente em diversos países espalhados pelos cinco continentes. O movimento articula, sobretudo, iniciativas escolares que promovem a democracia da gestão e do conhecimento: estudantes, educadores e fun-

cionários participam do processo de gestão e o currículo se constrói seguindo os interesses dos estudantes.<sup>2</sup>

No Brasil, após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em dezembro de 1996, escolas começaram a se estruturar sobre estas mesmas bases. No estado de São Paulo, em diversas cidades, há escolas democráticas particulares sem fins lucrativos que oferecem a educação infantil e o ensino fundamental, e escolas democráticas públicas municipais que oferecem o ensino fundamental tanto regular, quanto na modalidade de educação de jovens e adultos. Se as escolas municipais paulistas vêm construindo projetos político-pedagógicos democráticos exercendo sua autonomia, na cidade do Rio de Janeiro, projetos do governo municipal tem possibilitado a criação de escolas que rompem com a estrutura disciplinar e ainda a aproximam da comunidade. Na Bahia, também encontramos escolas particulares sem fins lucrativos democráticas. No Amazonas, escolas indígenas do Alto do Rio Negro passaram a se estruturar de forma a garantir que suas línguas e culturas fossem reconhecidas e valorizadas em um diálogo enriquecedor com a cultura acadêmica<sup>3</sup>. Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, escolas ligadas ao Movimento dos Sem Terra criaram grupos de trabalho para a transformação de seu projeto político pedagógico no sentido da democratização.

Mais recentemente, outra agenda passou a ganhar força no campo da educação no país. Trata-se do movimento pela educação integral, que propõe a articulação dos diversos espaços e agentes de um território para garantir o desenvolvimento dos indivíduos em todas as suas dimensões - intelectual, afetiva, corporal e social<sup>4</sup>. Compreende-se que para tão complexa tarefa, é necessária a integração de diversos atores em torno de um projeto comum, um

---

2 A reflexão histórico-conceitual sobre educação democrática foi feita em Singer, 2010.

3 Sobre estas experiências já há alguns trabalhos acadêmicos. Ver, por exemplo, Abbonizio, 2013.

4 A principal referência sobre este movimento é o livro organizado por Jacqueline Moll, quando era coordenadora do departamento de Currículo do Ministério da Educação: Moll, 2012.

projeto que possa transformar localidades em bairros que se educam. A escola tem papel primordial neste processo, já que ela tem em sua missão o papel de educar as novas gerações. Mas, para que se integre às famílias e demais agentes educativos da comunidade, ela precisa de um projeto político pedagógico democrático e inovador. É neste ponto que o movimento pela educação democrática se encontra com o movimento pela educação integral.

De início, a agenda da educação integral foi assumida não por movimentos sociais, e sim por governos. Governos municipais como o de Belo Horizonte, em Minas Gerais, e o de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, entre outros, criaram programas que promoviam a articulação intersetorial em torno de um projeto educativo, e estratégias para a articulação da escola com a comunidade, visando à oferta de maior diversidade de oportunidades educativas nos territórios. Estas experiências municipais inspiraram o governo federal que, em 2007, criou um grupo de trabalho formado por gestores públicos, organizações da sociedade civil e universidades públicas para elaborar um programa que pudesse induzir políticas de educação integral no país. Assim nasceu o programa Mais Educação,<sup>5</sup> que em 2015 disponibilizou recursos diretamente para mais de 40 mil escolas espalhadas pelo país, visando à elaboração de projetos políticos pedagógicos que incluem os atores da comunidade como agentes educativos, e a ampliação dos tempos e espaços de aprender.

---

5 O Programa Mais Educação, realizado desde 2008 pelo Ministério da Educação (MEC), disponibiliza recursos para ampliação da jornada escolar, para no mínimo 7 horas diárias, que não precisam ser cumpridas dentro do prédio escolar, mas sim nos espaços disponíveis em seu entorno. Os recursos chegam diretamente às escolas que aderem ao Programa e são usados para a organização de atividades a que os estudantes aderem por interesse. Os recursos do MEC voltam-se para ressarcimento de monitores, aquisição dos kits de materiais, contratação de pequenos serviços e obtenção de materiais de consumo e permanentes, além da alimentação. As secretarias municipais ou estaduais devem fornecer os professores comunitários, responsáveis pela organização do programa em cada escola. O Programa conta, em sua estrutura, com Comitês Metropolitanos ou Regionais, constituídos por representantes das secretarias, gestores escolares e outros parceiros, entre os quais as universidades, e Comitês Locais, formados por representantes da comunidade escolar e do entorno. Mais informações no Portal do MEC acessado em 30.03.2014 por <http://portal.mec.gov.br/>.

No entanto, apesar de atingir milhares de escolas, não é em todos os lugares do país que o Mais Educação efetivamente induz a projetos emancipadores de educação integral. Para que isso aconteça, é preciso, em primeiro lugar, que os governos municipais ou estaduais, responsáveis pela educação básica, tenham políticas voltadas para a educação integral. Mas, mais importante, é preciso que a escola integre as práticas educativas comunitárias e se integre aos movimentos emancipatórios, que há décadas se organizam no Brasil.

Certamente um dos movimentos mais significativos na educação brasileira na história recente foi aquele que nasceu nos anos 60 em Recife, capital pernambucana, sob o nome de Movimento de Cultura Popular (MCP), cujos objetivos eram alfabetizar crianças e adultos e difundir a arte popular regional. Em uma de suas frentes, a prefeitura disponibilizava materiais para os pais construírem bancadas escolares e assim criavam-se salas de alfabetização para as crianças em igrejas, clubes recreativos e associações. Em outra frente organizavam-se espetáculos em praças públicas, grupos artísticos, oficinas, cursos de arte e exposições. Os livros e cartilhas dialogavam e integravam o trabalho de alfabetização com a valorização da cultura popular. Foi ali que o educador Paulo Freire começou a consolidar suas teorias e práticas voltadas para a emancipação popular. O movimento espalhou-se por outras cidades e depois foi reprimido pela ditadura militar.<sup>6</sup> A educação integral retoma este movimento sempre que promove a ocupação criativa dos espaços públicos, o fortalecimento das iniciativas e das produções culturais locais, a democratização das oportunidades educativas e, sobretudo, quando promove o reconhecimento e integração do currículo escolar com os saberes comunitários e expressões populares - não só as tradicionais, mas também as novíssimas expressões culturais das juventudes brasileiras.

---

6 A obra de Paulo Freire é referência mundial para a reflexão sobre a emancipação na educação. Seu livro mais traduzido é *Pedagogia do Oprimido*, escrito em 1968, quando o autor estava exilado no Chile. Proibido no Brasil, somente foi publicado no país em 1974. (Freire, 1970).

No período da redemocratização, outro importante movimento na educação começou a se delinear, com a criação de organizações da sociedade civil voltadas para processos educativos que promovem a criatividade, a solidariedade e a autonomia nas diversas áreas que garantem o bem-estar humano. Começam a se espalhar, assim, as muitas iniciativas de arte-educação, educomunicação<sup>7</sup>, educação audiovisual<sup>8</sup>, educação digital, educação ambiental<sup>9</sup>, educação em direitos humanos<sup>10</sup>, educação para paz. Quando projetos de educação integral reconhecem, legitimam e integram estas iniciativas com as escolas, fortalecem os movimentos sociais pelos direitos à cultura, à comunicação, à inclusão digital, ao meio ambiente sustentável, à paz, ampliando o espectro do direito à educação. A parceria das escolas com estas organizações não só diversifica os espaços e tempos de aprender, como traz para o currículo as questões sociais locais e a cultura democrática.

Aos poucos, redes envolvendo estas iniciativas começam a se organizar, criando as condições para um potente movimento social na educação.

A rede do Mais Educação estruturou-se em polos regionais e encontros nacionais, nos quais são debatidos os princípios e a agenda da educação integral no país. Durante o encontro de 2013 em Brasília, lançou-se uma Carta Aberta – Manifesto em que se afirma a educação integral como elemento fundamental do sistema de garantia de direitos.

No mesmo ano foi criado o Centro de Referências em Educação Integral<sup>11</sup>, uma iniciativa de organizações governamentais e não governamentais para promover a pesquisa, o desenvolvimento,

---

7 Especialmente elucidativas da convergência entre educação integral e educomunicação são as publicações organizadas pela Rede de Comunicação, Educação e Participação (Rede CEP) em parceria com a UNICEF. Por exemplo, (Volpi e Palazzo, 2010).

8 Uma boa revisão histórica da educação audiovisual do ponto de vista da educação emancipatória encontra-se em (Cirello, 2010).

9 O reconhecimento de que a educação integral, e especialmente a perspectiva dos territórios educativos, é promotora da agenda da sustentabilidade social e ambiental encontra-se na publicação (Rede Nossa São Paulo *et al.*, 2010).

10 A perspectiva dos direitos humanos como uma alternativa emancipadora da educação é analisada em (Schilling, 2005).

11 A plataforma virtual do Centro de Referências é acessada pelo seguinte endereço: <http://>

aprimoramento e difusão gratuita de referências que contribuam para a gestão de políticas públicas nesta área.

Ainda em 2013 foi lançado o Manifesto “Mudar a Escola, Melhorar a Educação: Transformar um País”<sup>12</sup>, escrito por educadores, ativistas e pesquisadores que desde 2008 se articulam em uma rede cuja página virtual conta com mais de dois mil membros ligados a algumas centenas de iniciativas democráticas de todo o país. Encontros regionais desta rede passaram a debater princípios comuns a uma proposta de transformação social a partir da educação. O Manifesto afirma a necessidade de se garantir a gestão democrática das escolas, o fortalecimento das “comunidades de aprendizagem concebidas por um projeto coletivo baseado num projeto local de desenvolvimento” e a educação integral como uma proposta que supera a fragmentação do conhecimento nas séries e disciplinas.

O Manifesto foi lançado durante a Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação (1º CONANE), em Brasília, e depois entregue ao Ministério da Educação e debatido em mais de trinta cidades, incluindo Câmaras dos Vereadores, comunidades e secretarias de educação.

Novos pontos da rede se fortaleceram. Em rede social virtual, criou-se a página da Rede Nacional de Educação Democrática.<sup>13</sup>

Encontros presenciais começaram a acontecer mensalmente em diferentes partes do país. Ativistas estrangeiros promoveram a integração à rede internacional da educação democrática. Está em permanente elaboração uma plataforma colaborativa mundial onde as pessoas incluem as experiências com as quais estão envolvidas nos diversos países. Filmes e livros, financiados coletivamente, começam a registrar a diversidade das experiências,

---

educacaointegral.org.br/ acessado em 30.03.14.

12 O conteúdo do Manifesto pode ser conhecido em seu blog, <http://manifestopelaeducacao.blogspot.com.br/> acessado em 30.03.14.

13 A página é um grupo aberto na rede social do Facebook, <https://facebook.com/groups/redenacionaldeeducacaodemocratica/> acessado em 30.03.14.

mapas coletivos mostram a distribuição destas pelo mundo,<sup>14</sup> festivais anunciam as novas possibilidades.

## TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Ao se abrir e envolver-se com as questões sociais locais, a escola passa a catalisar processos que podem tornar os territórios educativos. Esta é a outra vertente que o movimento assume hoje. Busca-se criar condições para que os diversos atores dos lugares onde vivem as crianças e os jovens reconheçam sua responsabilidade na educação das novas gerações e se organizem em torno de um projeto comum.

A conceituação, assim como a experiência dos territórios educativos, ainda é vaga e incipiente. Neste artigo, vamos adotar a perspectiva dos territórios educativos que vem sendo construída pela Associação Cidade Escola Aprendiz<sup>15</sup> desde 1997, uma organização social de interesse público, com sede na cidade de São Paulo e atuação em diversas cidades do país, que hoje assume a gestão do Centro de Referências em Educação Integral.

Esta visão de território parte do princípio de que, quando nos referirmos ao espaço usado pelas pessoas, tratamos, ao mesmo tempo, de conteúdo, de meio e processo das relações sociais. Compreende-se o território, assim, como produto das dinâmicas sociais. Essa noção de “território usado” remete a uma construção feita pelas pessoas, a partir dos percursos diários trabalho-casa, casa-escola, das relações que se estabelecem no uso dos espaços ao longo da vida, dos dias, do cotidiano das pessoas. O sentimento de pertencimento é elemento central aqui, decorrente da experiência das pessoas e da

---

14 Os sites com listagens e mapas sobre as experiências alternativas em educação são principalmente da International Democratic Network (<http://idennetwork.org> acessada em 26.12.14) e da rede ibero-americana Reevo (<http://map.reevo.org/> acessado em 30.03.14).

15 Sobre esta organização, há diversas publicações disponíveis para download em seu site <http://cidadeescolaaprendiz.org.br/> acessado em 30.03.2014. Visões gerais de sua metodologia apresentadas por diferentes autores em português, inglês e espanhol encontram-se em (Alves, 2004); (Medeiros Filho e Galiano, 2005) e (Leadbeater, 2012) a insere em um contexto mundial de inovação na educação.

quilo que exercem e projetam sobre os espaços. O território envolve, assim, dimensões concretas, bem como dimensões de representação do espaço em que se vive. Do mesmo modo que as relações identitárias, as relações de vizinhança incidem fortemente na distribuição das pessoas sobre o território. Essas relações também vão pautar a interação da população com os serviços no nível local que ocorrem nos territórios. A visão sobre essa complexidade em torno da ideia de território procura ultrapassar a frequente segmentação de demandas e focalização de ações que fragmenta as políticas públicas.<sup>16</sup>

Tal complexidade é necessária para a concepção do território educativo. Para a Cidade Escola Aprendiz, o território torna-se educativo quando quatro condições são alcançadas:

Em primeiro lugar, existe um Plano Educativo Local (PEL), elaborado e monitorado de forma democrática, garantindo-se uma perspectiva intersetorial, interdisciplinar e intergeracional, que justamente supera a fragmentação das políticas públicas.

Este PEL prevê as escolas como catalisadoras do território educativo. Desta forma, o segundo elemento do território educativo é, portanto, conquistado quando as escolas passam a reconhecer os saberes comunitários, envolvem-se com as problemáticas locais e promovem a apropriação do território.

A terceira condição é a de que a rede sociopedagógica – aquela formada por todos os equipamentos públicos e organizações da sociedade civil voltados para as crianças, os adolescentes e os jovens - trabalhe de forma integrada, compartilhando dados e agendas, alinhando princípios e construindo estratégias comuns para o trabalho.

Por fim, o PEL deve orientar planos de ação que possibilitem a ampliação e diversificação das oportunidades via reconhecimento e envolvimento de seus diversos agentes. Alguns exemplos: um restaurante cede espaço para cursos de informática em que ado-

---

16 A caracterização de território educativo na perspectiva do Bairro-escola foi desenvolvida pela arquiteta Bía Goulart (Goulart, 2008) e pela socióloga Lara Xavier (Xavier, no prelo).

lescentes ensinam idosos; museus criam programações voltadas para públicos comumente alijados destes espaços, como crianças pequenas, imigrantes ou pessoas com deficiência; criam-se espaços de cultura geridos pela comunidade em escolas públicas; praças são revitalizadas pelas intervenções criativas dos artistas e da comunidade e depois passam a ser utilizadas para atividades de skate, malabares, horta, basquete, mostras e shows.

## BAIRRO EDUCADOR DE HELIÓPOLIS: UMA EXPERIÊNCIA DE TERRITÓRIO EDUCATIVO

A caracterização de território educativo que estamos adotando neste artigo nos auxilia a conhecer uma experiência que se desenvolve desde a virada do milênio em uma região periférica da cidade de São Paulo, o bairro de Heliópolis, na zona sudeste da cidade.

Embora esta experiência tenha se realizado em diálogo com a Cidade Escola Aprendiz, seus autores são exclusivamente os agentes do território. Foi por sua iniciativa, que hoje Heliópolis se apresenta como um Bairro Educador, ou seja, um território que tem a educação como eixo condutor e organizador da comunidade na luta por seus direitos. Um território onde, como descreve Arlete Persoli, gestora do Centro de Convivência Educativa e Cultural de Heliópolis, “a busca por uma educação libertária extrapola os muros da escola e se espalha pelas ruas e vielas, quebrando preconceitos, fortalecendo a identidade da comunidade e promovendo sua integração com a cidade” (Santis e Persoli, 2013: 17-9).

O primeiro elemento do território educativo, o plano educativo local, é possível devido à presença da União de Núcleos e Associações dos Moradores de Heliópolis e região (UNAS), fundada no início dos anos 80, resultado da organização democrática para a luta pelos direitos fundamentais das pessoas dali. A busca por uma vida digna exigiu da UNAS a superação de uma visão disciplinar, passando a atuar em áreas tão diversas quanto moradia, educação, cultura, saúde, meio-ambiente, esporte, lazer, geração de renda. Como explica Geronino Bar-

bosa, gestor do Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) Parceiros da Criança, “quando a gente acredita na transformação de um bairro, de uma comunidade, de uma sociedade, de um país, a gente não atua só em uma coisa, atua em tudo. Então hoje eu atuo na área de moradia, na área de educação, de comunicação...” (Santis e Persoli, 2013: 42-3).

A UNAS e suas lideranças também precisaram buscar a inter-setorialidade, efetivando parcerias com poder público, empresas privadas, organizações da sociedade civil. Cleide Alves, presidente da associação, recorda:

“Eu comemoro o dia de Heliópolis a partir da primeira luta dos moradores. O dia da luta. Por isso que a gente tem a Rua da Mina, onde é a sede da UNAS, porque era lá que a gente sentava com todo mundo, todas as lideranças, todas as comissões de moradores, e a gente discutia o que estava acontecendo em cada local. Nós conseguimos que todos os prefeitos viessem aqui, fizessem algum tipo de intervenção... É essa vontade que a gente sempre teve, do poder público estar presente, fazendo o papel dele” (Santis e Persoli, 2013: 40-1).

Nesses mais de quarenta anos de luta, uniram-se adultos, jovens, idosos, crianças e adolescentes. A gestora do Centro para Crianças e Adolescentes da Rua da Mina Genésia Miranda sabe que é “essa nova geração que hoje está dentro da UNAS, esses projetos... são eles que vão dar continuidade, e a gente tem muitos desafios aí pela frente” (Santis e Persoli, 2013: 31-4). Os jovens crescidos em Heliópolis e formados na UNAS não temem os desafios. Wellington de Souza, por exemplo, aproveitou as várias oportunidades de cursos e formações que a União lhe ofereceu, sendo a última uma bolsa do governo de Cuba para estudar medicina humanitária naquele país e “realizar um sonho que nunca teve” (Santis e Persoli, 2013: 63-4).

Atualmente, a organização se volta para a construção das premissas e estratégias de um território educativo, que atinja as 125 mil pessoas dali. Segundo o líder comunitário José Geraldo (Santis e Persoli, 2013: 47-51), na projeção que a comunidade faz para o

futuro, os moradores vão conquistar a regularização de suas moradias, as ruas vão ser prioridade das pessoas, não dos carros, as escolas serão administradas pela comunidade. O processo já começou. Em 2011, foram inaugurados os primeiros 162 apartamentos projetados pelo arquiteto Ruy Ohtake para o Residencial Heliópolis. Implantado em um terreno que fazia parte das instalações da Sabesp, a Companhia de Água e Esgotos do Estado de São Paulo, o condomínio chama a atenção pela forma cilíndrica dos edifícios, apelidados pela mídia e pelos moradores de “redondinhos”. Redondos e coloridos, os prédios distribuem-se de forma generosa pelo terreno, deixando ao centro espaço para *playground*, quadra esportiva e um ambiente de uso comunitário.

O segundo aspecto que cria as condições para que Heliópolis se torne esse território educativo é que há ali uma escola catalisadora do plano educativo local. A origem do movimento pelo Bairro Educador, o Movimento Sol da Paz, está na relação da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Campos Salles com a comunidade. Desde que Braz assumiu a direção, em 1995, a escola articulou-se com as lideranças locais para se transformar em um centro de luta pela efetivação dos direitos das pessoas. Com esta clara missão em mente e o vínculo cada vez mais forte com a comunidade, Braz aos poucos constituiu uma equipe de professores que, em conjunto com os estudantes, pais e lideranças, formulou um projeto político pedagógico de uma escola democrática. Com mais de mil estudantes, ali não há aulas. Nem salas de aula. Em um ambiente que valoriza a convivência democrática, a estrutura é de amplos salões, com mesas onde grupos de estudantes trabalham juntos, com base em roteiros de pesquisas escolhidos por eles. Quando precisam de ajuda, podem recorrer aos três professores que estão no espaço no momento. Os professores trabalham em parceria, rompendo com a estrutura do isolamento da sala de aula. A gestão da convivência escolar é feita pela República de Alunos, em que há um prefeito e vereadores eleitos pelo conjunto de estudantes, secretários nomeados pelo prefeito e comissões mediadoras.

A Campos Salles assumiu assim seu lugar de liderança na comunidade e as outras escolas vão pelo mesmo caminho. Ou caminhada. Na Caminhada da Paz, que há 16 anos invade as ruas do bairro, cada equipamento educativo participa levando bandeiras e cartazes, resultantes de pesquisas que envolvem estudantes e educadores ao longo do ano. Como diz Genésia, o Bairro Educador vem para garantir a “qualidade da aprendizagem”, superando esse “método tradicional que não avança, do fazer de qualquer jeito”, que ao longo dos anos “favoreceu a exclusão”. Seu marido, João Miranda, presidente de honra da UNAS, completa:

“Não pode estar dentro de quatro paredes, mas também não pode ser só na rua... Eu falo muito isso pros jovens: Vocês são do RAP, vocês têm um movimento já. O Didi, o mestre de capoeira, não sabe ler, não sabe escrever, mas quando tem batizado de capoeira, enche a quadra de gente... Então é nessa educação que eu acredito.” (Santis e Persoli, 2013: 34-7).

As escolas do Bairro Educador também acreditam nessa educação que valoriza os saberes locais. José Geraldo não esquece a emoção que as professoras da Campos Salles sentiram quando foram pela primeira vez às casas de seus estudantes e puderam compreender a situação de miséria em que viviam.

Nessas visitas, os educadores entram em contato com a sabedoria das pessoas dali. Uma sabedoria advinda da sobrevivência nas condições mais precárias. Conhecimentos complexos de quem sabe construir a própria casa, cavar poço para obter água, abrir e gerir negócios com recursos muito escassos, criar os filhos amorosamente, mesmo tendo que estar longe deles por longos períodos do dia. A sabedoria da resistência à injustiça, resistência pela organização política, com criação de comissões, alianças, abaixo-assinados, veículos de comunicação próprios. Mas também a resistência pelo enfrentamento, com pressão sobre juízes, prefeitos e outros poderosos, com as ocupações, a interceptação física de tratores e armas, sempre que se faz necessário. O conhecimento acumulado sobre os direitos de todos, sobre as políticas, as estratégias de poder.

A sabedoria de quem pede apoio, mas também ajuda quem precisa, o conhecimento sobre a força da união manifesta em tantos mutirões e campanhas solidárias, conhecimento este que João Miranda considera sua maior conquista: “Do ponto de vista do aprendizado, de acreditar no coletivo, de entender que não sou sozinho”. A sabedoria de quem aprende com a vida, como Mércia dos Santos, gestora do abrigo Raios de Sol - “Para mim, aonde eu vou, eu vejo como uma aprendizagem. Primeiro eu pergunto pra mim mesma o que eu posso dar, e segundo eu vejo o que eu posso aprender” (Santis e Persoli, 2013: 45-7).

A sabedoria de quem conhece a própria história e a história do seu lugar, como a vendedora Norma Soares, onde “a dificuldade houve, sempre haverá, mas também a vitória, e isso depende de cada um de nós. Depende da nossa união. Porque se você pensa em viver só num bairro pronto, você não sabe como ele nasceu. Mas aqui, não; aqui a gente sabe como nasceu” (Santis e Persoli, 2013: 78-80).

O terceiro elemento de um território educativo que encontramos em Heliópolis é a integração da rede que atende as crianças, adolescentes e jovens dali. Essa integração, ainda que parcial, é uma possibilidade dada sua estrutura vinculada a UNAS. São onze Centros de Educação Infantil (CEI), oito CCAs, dois núcleos do Serviço de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, e mais o Serviço de Atendimento Social a Família (SASF), geridos pela associação com base em convênios com o poder público.

Mas a integração da rede de proteção social no bairro não se reduz aos equipamentos públicos de assistência social, educação e saúde. Certo dia uma criança perdida chegou à Rádio Heliópolis conduzida por policiais. O locutor Danilo de Oliveira pensou que a polícia estava lá para fechar a rádio, que ainda não era legalizada, mas os policiais esclareceram: “Nós precisamos da ajuda de vocês: a rádio é um ponto positivo dentro de Heliópolis e vocês poderiam nos ajudar”. O anúncio foi feito e a mãe pode reencontrar seu filho.

Por fim, vem o elemento que talvez seja o mais visível na conquista do território educativo de Heliópolis: a democratização das

oportunidades educativas para todos. No Centro de Convivência, a comunidade conquistou uma escola de ensino fundamental, uma escola de ensino infantil, três CEIs, uma escola técnica e um centro cultural. Na escola técnica, são oferecidos cursos de escolha da comunidade – nutrição, edificações e *webdesign*. No centro cultural, há uma galeria de arte e um cinema, que também pode ser usado como teatro, e espaços para diversos cursos. Um centro poliesportivo encontra-se em fase final de construção.

A poucos metros dali encontra-se o Instituto Baccarelli, que oferece cursos com foco em formação musical e artística, desenvolvimento pessoal e oportunidade de profissionalização, e abriga a Orquestra Sinfônica Heliópolis, uma referência na cidade. A UNAS faz a gestão de uma biblioteca comunitária, três telecentros, sete núcleos do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), um Ponto de Cultura, uma escola de marcenaria, além da Rádio Comunitária.

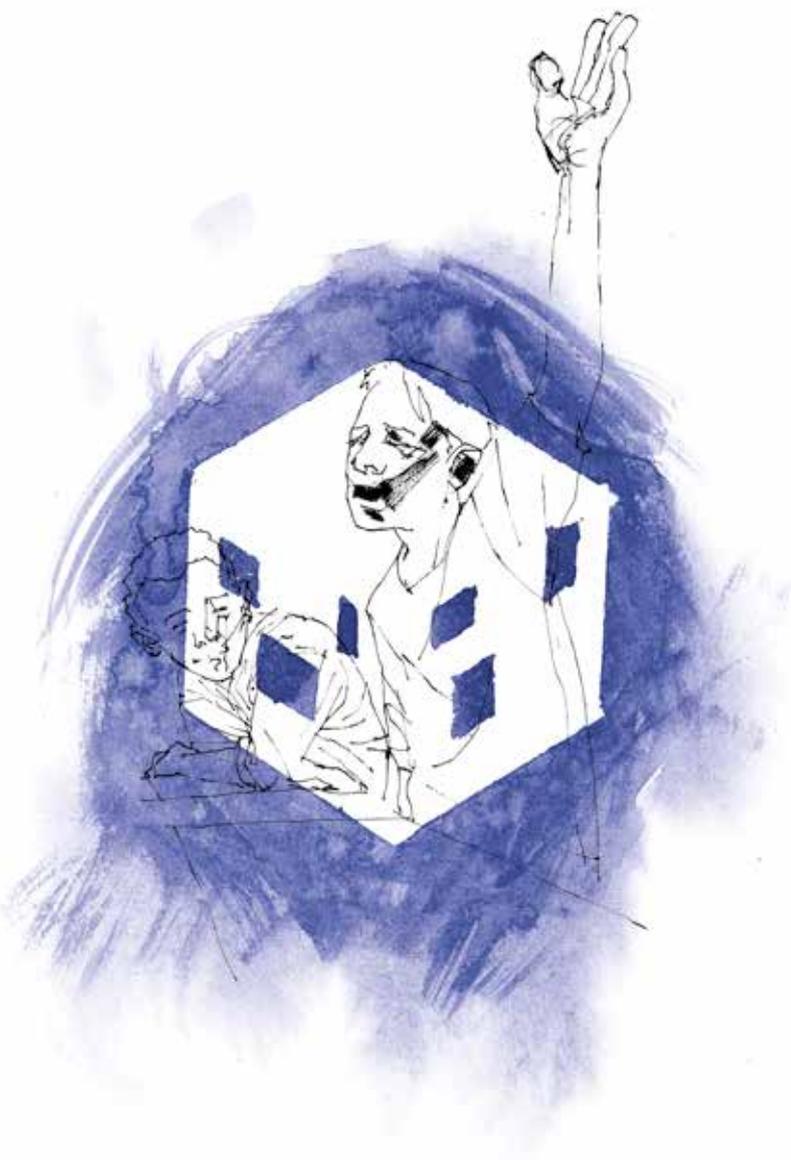
Em todas estas oportunidades criadas pelo território educativo, o que conta é a qualidade. Como define João Miranda: não são apenas espaços para a mãe deixar os filhos enquanto trabalha, “o que beneficia só patrão”, são lugares que acompanham o desenvolvimento das crianças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbonizio, Aline C. O. (2013). Educação escolar indígena como inovação educacional: a escola e as aspirações de futuro das comunidades. Tese de doutorado defendida junto à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- Alves, Rubens (2004), *Aprendiz de mim: um bairro que virou escola*, Campinas: Papirus.
- Medeiros Filho, Barnabé e Galiano, Mônica Beatriz (2005), *Neighborhood as School: Mobilising the educational potential of the community/Barrio-Escuela: Movilizando el potencial educativo de la comunidad*, São Paulo: Cidade Escola Aprendiz/Fundação Abrinq/Unicef.
- Cirello, Moira Toledo Dias Guerra (2010), “Educação audiovisual popular no Brasil - Panorama, 1990-2009”. Tese de Doutorado em Estudo dos

Meios e da Produção Mediática defendida junto à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

- Freire, Paulo (1970). *Pedagogy of the Oppressed*. New York, Continuum.
- Goulart, Bia (2008), *Centro SP: uma Sala de Aula*. São Paulo: Casa Redonda/Peirópolis.
- Leadbeater, Charles (2012), *Innovation in Education: Lessons from Pioneers Around World*. Doha: Bloomsbury Qatar Foundation Publishing, 2012.
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996.
- Moll, Jaqueline *et. all* (2012) *Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. (Porto Alegre: Penso)
- Rede Nossa São Paulo *et al.*, *Plataforma Cidades Sustentáveis*, São Paulo, 2010, “Educação para a Sustentabilidade e Qualidade de Vida
- Santis, Mária de; Persoli, Arlete (org.), (2013), *Memórias de Heliópolis: raízes e contemporaneidade*. São Paulo: Editora Kuzuá.
- Santos, Boaventura de Sousa, 2000. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. Vol. 1 - Para um novo senso comum: a ciência, o direito, a política na transição paradigmática. SP: Cortez.
- Schilling, Flávia (org.) (2005). *Direitos Humanos e Educação: Outras palavras, outras práticas*. São Paulo: Cortez/FAPESP.
- Singer, Helena (2010). *República de crianças: sobre experiências escolares de resistência*. Campinas: Mercado de Letras.
- Volpi, Mario e Palazzo, Ludmila (org.) (2010). *Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo: sistematização da experiência em Educomunicação*. São Paulo: Unicef/Rede CEP.
- Xavier, Iara Rolnik, “Um olhar sobre o território na estratégia do Bairro-escola”. in Helena Singer (org.), *Territórios Educativos: Experiências em Diálogo com o Bairro-escola* – vol. 2, São Paulo: Moderna, no prelo.



## APRENDER EM COMUNIDADE

*José Pacheco*

Os projetos humanos contemporâneos não se coadunam com as práticas escolares que ainda temos, carecem de um novo sistema ético e de uma matriz axiológica clara, baseada no saber cuidar e conviver. Requerem que abandonemos estereótipos e preconceitos, exigem que se transforme uma escola obsoleta numa escola que a todos e a cada qual dê oportunidades de ser e de aprender.

Diz-nos Maturana que a educação acontece na convivência, de maneira recíproca entre os que convivem. Se a modernidade tende a remeter-nos para uma ética individualista, nunca será demais falar de convivência, diálogo e participação, enquanto condições de aprendizagem.

A escola é produto histórico de uma época e de necessidades sociais da modernidade. Entre o século XVIII e o século XIX, cumpriu expectativas e desígnios nela depositados. Depois, perdeu-se em atalhos cartesianos ou economicistas. Hoje, a Sociedade e a Escola são arquipélagos de solidões. A escola como núcleo de aprendizagens, segregada do todo social e separada da vida – a vida, que deveria ser constituinte de sua prática e de suas propostas –, representa hoje uma ideia ultrapassada e insuficiente para as demandas que lhe cabem.

Urge transformar a Educação, ultrapassar o âmbito restrito da educação escolar, agir em múltiplos espaços sociais, políticos e culturais. Em 1979, Lauro de Oliveira Lima escrevia:

*A expressão “escola de comunidade” procura significar o desenquistamento isolacionista da escola tradicional. Escola, no futuro, será um centro comunitário propulsor das equilibrações sincrônicas e diacrônicas do grupo social a que serve. Não só a escola utilizará como instrumento “escolar” o equipamento coletivo, como a comunidade utilizará o local da escola como centro de atividade. [...] a escola não se reduzirá a um lugar fixo murado.*

Entre a escola, o bairro, a habitação, o clube desportivo, a associação cultural e recreativa, o local de trabalho ou de lazer, há que estabelecer uma corrente de interação humana capaz de dar sentido ao cotidiano das pessoas e, assim, influenciar positivamente as suas trajetórias de vida. Estaremos, então, a contribuir para a criação de espaços que, pela sua densidade antropológica, podem servir para ajudar a despertar a vocação humana para a transcendência e, nessa medida, funcionar como verdadeiros laboratórios de laços sociais onde a vinculação ética ao outro tenha a marca da solicitude mútua, do respeito e da sensibilidade. Potenciado em práticas de autêntica relação social, o reconhecimento intersubjetivo surge-nos como condição de convivência, de paz e solidariedade. Valores estes que, como sabemos, o mundo contemporâneo reclama, com urgência.

Na Escola da Ponte de Portugal há mais de três décadas compreendemos que não deveríamos continuar a reproduzir o modo como nos adestravam em cursos e palestras. Em um tempo em que não havia computadores, assistíamos à projeção de transparências com súmulas de teorias e propostas de práticas. Nenhuma delas se encaixava no *hic et nunc* das nossas salas de aula, talvez porque nenhum dos palestrantes tivesse posto em prática as teorias e práticas que recomendava... E o que diziam aquelas sábias criaturas? Nas suas preleções, exortavam-nos ao uso de uma técnica ou falavam daquilo que tinham lido em livros; em livros que poderíamos ler, sem necessidade de perder tempo a ouvir palestras.

Em Portugal, após o incremento da formação continuada de professores, decorrente da institucionalização de um subsistema de formação e do investimento de milhões de euros, os resultados foram decepcionantes. Após vinte anos e milhares de cursos e palestras,

pouco ou nada se alterou na atitude dos professores, pouco ou nada terá mudado nas suas práticas: “o professor vai, fica ouvindo e, no fim, não aprende nada que consiga usar”. Conclusão: se a competência dos professores fosse medida pelo número de palestras a que assistiram, a sua qualificação seria extraordinária...

Na Ponte, acreditamos que as transformações acontecem quando alguém se decifra através de um diálogo entre o eu que age e o eu que se interroga. E que, sempre que um professor se assume individualmente responsável pelos atos do seu coletivo, reelabora a sua cultura pessoal e profissional, transforma espaços de solidão em espaços de convivência e diálogo. Nessa convicção, reagimos perante a hegemonia do modelo transmissivo, porque é a partir de questionamentos que se elaboram projetos de produção de vida e de sentido para a vida. Insistimos numa relação interpessoal e na relação com um território biológico e psicológico de partilha em redes de aprendizagem. Winnicott define o ser humano como *pessoa em relação, ser singular, que não pode existir sem a presença do outro*. O indivíduo-com-os-outros tem consciência do seu papel numa ordem simbólica complexa e concreta, que o protege dos efeitos mortais da uniformização. Se é verdade que o conceito de partilha está eivado de conotações moralistas, também é certo que é de partilha que se trata, da manifestação de um sentimento de partilha que rejeita atitudes de quem se julgue no direito de dar respostas a perguntas que não escutou.

Contrariando racionalidades mecanicistas, compreendemos que, numa relação de escuta, a circulação de afetos produz novos modos de estruturação social. Não negando o potencial da razão e da reflexão, juntamos-lhe as emoções, os sentimentos, as intuições e as experiências de vida. A escuta, para além do seu significado metodológico, terá de ser humanamente significativa e de assentar numa deontologia de troca “ganha-ganha”. Terá de abdicar de atitudes magistras, para que todos os intervenientes aprendam mediados pelo mundo.

Aos adeptos do pensamento único (que ainda encontro por aí...) direi ser necessário saber fazer silêncio “escutatório”, fundamento do reconhecimento do outro. Direi que precisamos rever a nossa necessi-

dade de desejar o outro conforme nossa imagem, respeitando-o numa perspectiva não-narcísica, ou seja, aquela que respeita o outro, o não-eu, o diferente de mim, aquele que não quer catequizar ninguém, que defende a liberdade de ideias e crenças, como nos avisaria Freud.

Onde houver turmas de alunos enfileirados em salas-celas dificilmente encontraremos resquícios de convivência. Que onde houver séries e aulas assentes na crença de ser possível ensinar a todos como se de um só se tratasse a participação estará ausente. Direi que, enquanto o professor estiver sozinho na sala de aula, será impossível pensar em dialogia, convivencialidade, participação.

É um escândalo que, em pleno século XXI, vejamos formadores e palestrantes estabelecerem a sequência e o ritmo da aula ou preleção, numa atitude paternalista de que não tomam consciência e cujas consequências – quero crer! – ignoram totalmente. Recorrem à apresentação de slides e vídeos, quando poderiam constituir-se em mediadores entre o saber constituído e o domínio das preocupações daqueles que com eles interagem. É lamentável que se insista na crença da transferibilidade linear de saberes. Talvez o façam porque tenham esquecido que o modo como o professor aprende é o modo como o professor ensina, que um curso ou palestra sobre autonomia, convivência e participação é, quase sempre, a negação do que pretendem transmitir, por se basear numa relação vertical, que gera dependência no objeto-ouvinte.

O modelo transmissivo de palestra e de aula, que ignora a possibilidade de produção de conhecimento a partir da interrogação e do diálogo, produz condicionantes socioculturais, que impedem a plena realização do ser humano. Ao longo dos últimos trinta anos, afastamo-nos desse modelo, mas verificamos que ele permanece dominante e quase hegemônico.

Diz-nos Clarisse Lispector que, em matéria de viver, nunca se pode chegar. E que a trajetória somos *nós mesmos*. Por isso, insisto na necessidade da metamorfose do professor, que deve sair de si (necessidade de se conhecer), sair do gueto da sala de aula (necessidade de reconhecer o outro) e sair do edifício-escola (necessidade de compreender o mundo). O *ethos* organizacional de uma escola depende da sua inser-

ção social, de relações de proximidade com outros atores sociais. Também depende do reconhecimento da imprevisibilidade de que se reveste todo o ato educativo. Enquanto ato de relação, ele é único, irrepetível, impossível de prever (de planejar) e de um-para-um (questionando abstrações como “turma” ou “grupo homogêneo”), nas dimensões cognitiva, afetiva, emocional, física, moral.

Alguém disse que o educador é mais aquilo que faz do que aquilo que sabe; quando na verdade é mais aquilo que é do que aquilo que faz. Acrescentaria que não transmitimos aquilo que dizemos, mas aquilo que somos. E acredito ser possível obter mudanças efetivas no comportamento e na cultura humana, questionando a estrutura das formas de educação que praticamos. O desenvolvimento de atitudes de respeito, solidariedade e preservação da vida pressupõe escapar de formulações e superar visões fragmentadas. Pressupõe aprender a ver as relações entre as coisas, os impactos coletivos gerados por ações individuais e vice-versa, ver os padrões de dominação e exploração presentes em nossa cultura.

Que esta asserção esteja presente na elaboração de políticas públicas e influencie positivamente os tecnocratas que controlam o sistema educativo, bem como as instituições de formação de professores. Porque a lei vigente cria obstáculos à relação e ao estabelecimento de vínculos. Um exemplo: se é sabido que aprendemos com quem sabe algo diferente daquilo que nós sabemos, e que pouco (ou mesmo nada) se aprende com quem tem a mesma idade, por que razão as séries e as turmas são predominantemente constituídas por jovens do mesmo grupo etário?

Urge reformular terminologias: desenvolver trabalho COM e não trabalho PARA; substituir o OU pelo E; trocar o EU pelo NÓS. Urge redefinir o perfil do mediador de aprendizagens, considerar o aluno como participante ativo de transformações sociais, reconfigurar práticas escolares, “desguetizar” as escolas. Bastará que os professores se interroguem. É dessa capacidade de interpelar as práticas que emergem dispositivos de mudança, não apenas nas escolas, mas em todos os espaços sociais onde ocorrem aprendizagens.

Os obstáculos que uma escola encontra, quando aspira a novas práticas, são problemas de relação. As escolas carecem de espaços de convivência reflexiva. Precisamos compreender que pessoas são aquelas com quem partilhamos os dias, quais são as suas necessidades (educativas e outras), cuidar da pessoa do professor, para que se veja na dignidade de pessoa humana e veja outros educadores como pessoas. Precisamos exercer a *consideração positiva incondicional* de que falava Carl Rogers, de praticar a *confirmação*, no dizer de Martin Buber, ou o *amor incondicional* postulado pela Alice Miller.

Na Escola da Ponte, ao longo de quarenta anos de projeto, compreendemos que os processos de aprendizagem não deverão estar centrados no professor nem no aluno, que tudo passa pela relação. Instituímos múltiplos mediadores, e tudo que diz respeito à criança e à escola deve ser estudado numa perspectiva relacional. Nesse sentido, o educador deverá saber gerir a imprevisibilidade da relação, por ser impossível prever a multiplicidade e a variedade de situações com que pode deparar. O educador reconhecerá que autonomia não rima com hierarquia, nem com burocracia. Que, assim como se aprende a ler, lendo, e aprende-se a fazer, fazendo, também se aprende a ser, sendo, e se aprende a conviver, convivendo. E que é a autoria que confere dignidade ao ato educativo. No Brasil do século XXI, a Escola do Projeto Âncora prova a possibilidade de todos aprenderem e serem felizes. Na Catalunha, colégios jesuítas erradicam as aulas e outros anacronismos. Por que se mantém a “normose”?

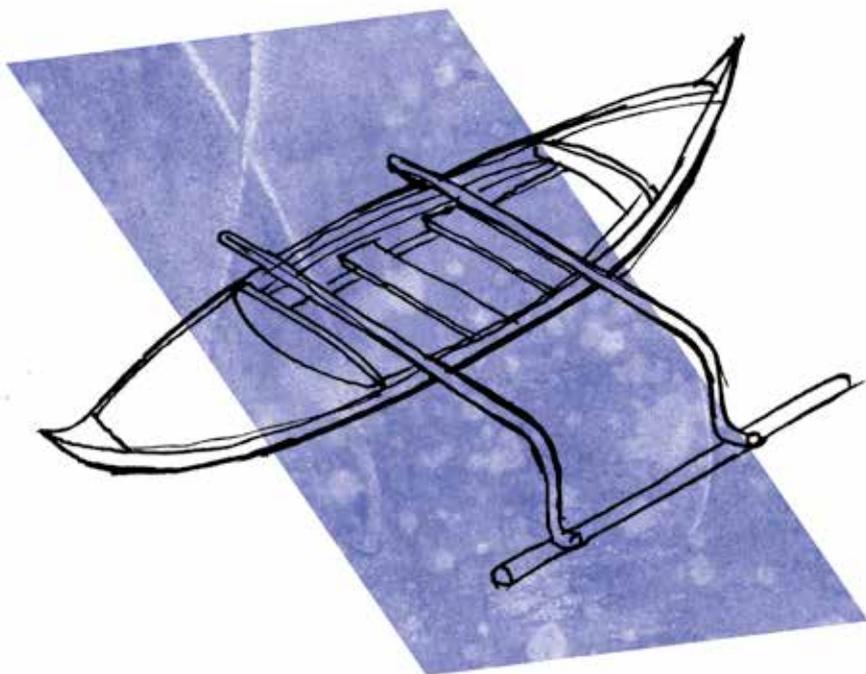
Obrigado cada um a ser o outro-igual-a-todos é negar-lhe a possibilidade de existir como pessoa livre e consciente. Infelizmente, vemos que a educação continua ainda a ser justificada mais como meio de controle social do que como instrumento de aperfeiçoamento pessoal. Com efeito, a teoria e a prática educacional mais recente transferiram a base filosófica da educação do político para o técnico, onde a primazia é entregue à eficácia e ao controle. A organização do trabalho escolar continua centrada em tarefas que têm uma base de informação igual para todos, o mesmo tipo de meios e técnicas para todos, provas individuais de adaptação ao padrão exigido para

o “aluno médio” (padrão de capacidade ao qual se compara cada aluno individualmente). Regra geral, a criança é incluída num grupo rígido de crianças-alunos a quem o professor ensina como um todo, no mesmo tempo, fazendo-se ouvir no mesmo código, exigindo o atingir dos mesmos objetivos... por todos. É tão comum este procedimento que dificilmente se avalia os seus efeitos no tratamento de um ser singular como objeto de ensino estandardizado.

Ensinar não é inculcar, nem transmitir; é mediar e aprender. O professor não é aquele que impõe as respostas, mas aquele que renova questões. É nesse papel que ele é insubstituível. Como diria o poeta Manoel de Barros, “aprender é desaprender, para vencer o que nos encerra e aliena”. Tudo o que é meramente transmitido tem pouca influência no comportamento da pessoa. Os conhecimentos que podem influenciar os conhecimentos do indivíduo são os que ele próprio descobre e de que se apropria. O ato intencional caracteriza a existência digna, sempre que um aluno se faz participante de um projeto coletivo. A cidadania é uma “técnica de vida”. Por isso é que, na Ponte, recusamos educar para a cidadania – educamos na cidadania. E cada aprendiz da Ponte – criança, jovem ou adulto – é individualmente responsável pelos atos do seu coletivo.

Sei que é possível passar do absurdo à utopia. As escolas onde passei a minha vida de professor mostram formas possíveis de concretizar utopias. Sei que àquilo que é novo não se deve aplicar raciocínios dedutivos e que deverá existir coerência entre aquilo que se crê e aquilo que se faz. Daí decorre o modo como ajo durante as minhas intervenções públicas: escuto questionamentos e desejos; aprendo dialogando. É o modo como ajo no contexto de palestras, como no chão das escolas, desassossegando educadores e inspirando novas práticas.

Subsiste um senão... Sempre assumi que o modo como eu procedo é tão válido como o modo como outros agem e que respeito e tento compreender práticas diferentes daquela que eu adoto. Porém, aquilo que é diferente perturba, e lamento que ainda haja quem recuse sequer tentar compreender que há muitos modos de fazer educação. Resta-me a crença na capacidade de agir daqueles que ousam perguntar.



## ILHA À VISTA

*Kū Kahakalau*

### INTRODUÇÃO

*Eia 'o Hawai'i, a he moku, a he kanaka - Aqui está o Havaí, uma ilha, um homem. (Antiga canção Havaiana)*

Quando a canoa do chefe supremo Mō'ikeha chegou à ilha do Hawai'i, no século XII, seu filho de criação e navegador Kamahua-lele, numa tentativa de convencê-lo a assentar-se aqui, cantou “Eia Hawai'i, a he moku, a he kanaka - Aqui está o Havaí, uma ilha, um homem.” Após navegar por 2600 milhas (4.184 km) em mar aberto, finalmente eles têm a ilha à vista. Assim como seus ancestrais polinésios, os quais se fixaram no Hawai'i há milhares de anos atrás, Mō'ikeha era um explorador, um tomador de risco sem medo de achar soluções para os Problemas que enfrenta. Sua amada esposa Lu'ukia acreditou nas mentiras de um homem invejoso, o qual dizia que Mō'ikeha estava publicamente difamando-a, e assim decidiu não amá-lo mais. Ela ordenou aos seus empregados que a amarrassem com uma corda, cobrindo suas áreas pudentes, evitando assim o contato dele. Assim que Mō'ikeha percebeu que Lu'ukia estava amarrada desde a cintura até a coxa, com as pontas da corda escondidas na amarração - impossibilitando que fosse desfeita, ele pediu explicações. Após seguidas noites aguardando uma resposta,

ele disse que ao invés de continuar com esse problema, ele iria para qualquer outro lugar.

“Ilha à Vista” é uma história sobre descobrimento que se passa nas ilhas do Havaí, navegadas pela população indígena havaiana *kanaka maoli*, numa tentativa de solucionar os problemas em educação dos havaianos nativos. Por muitas gerações, pessoas ao redor do mundo usaram histórias para contar proezas do passado, explicando acontecimentos e ideias do momento, bem como compartilhando perspectivas para o futuro. E esta é uma dessas histórias, a história da exploração dos havaianos nativos, para determinar nosso próprio caminho na educação, confiando nos ensinamentos de nossos ancestrais, para nos levar ao nosso destino. Quase duzentos anos após a assimilação imposta pelo sistema ocidental de educação, criando problemas impossíveis de serem desfeitos, como o pa’ū (tirania), ou a saia de Lu’ukia, decidimos implantar nossa própria jornada rumo a um sistema de educação de qualidade referente ao havaiano nativo do século XXI, o qual é guiado por premissas culturais, orientado por valores familiares, fundamentado no regional, sustentável e autônomo. É baseado nos nossos valores, nossa tradição, nossos valores filosóficos, interesses e preferências. Essa história conta a evolução desse sistema de educação havaiano e a pedagogia do “Aloha”, a qual direcionou o conceito desta nova - e ainda assim tradicional - maneira de ensinar e aprender. De fato, após décadas de busca por um caminho, nosso destino finalmente está à vista.

## O GRANDE ROMPIMENTO

*Kalo kanu o ka ‘āina*

*Taro plantou na terra - Os nativos de gerações atrás. (Antigo provérbio Havaiano)*

Assim como a maioria das histórias havaianas, esta começa na antiguidade, com o encontro do Pai do Céu Wākea com a Mãe Terra PaPa, resultando no nascimento das Ilhas Havaianas, berço da primeira planta Taro e do primeiro havaiano. Esta genealogia

da criação afirma nossa relação familiar como havaianos uns com os outros, com Taro (nosso antigo irmão), com o meio ambiente e com os deuses.

Além disso, o fato de tudo descrito acima ser parte de uma família genealógica conectada determina nossos anseios comportamentais, conduz nossas iniciativas e influencia tudo o que fazemos, inclusive a maneira como ensinamos e aprendemos.

O contato com o ocidente em 1778 iniciou a horrível disrupção do estilo de vida, caracterizado pela preocupação mútua e recíproca - evoluído por milhares de anos. Como dito, essa visão de mundo considerava todos os havaianos - isto é, todos os seres humanos, como também a terra e o mundo espiritual, como a família. De fato, não tínhamos o conceito de “os outros” até os ocidentais começarem a perceber e realçar as fraquezas, falhas e deficiências dos havaianos, em um momento parecerem mais espertos, fortes e melhores de uma maneira geral. Sendo percebidos como “outro” menos inteligente, menos hábil, menos capaz e menos qualificado academicamente em nossa própria terra natal, um grande choque tomou os havaianos nativos, afligindo profundamente a maioria de nós. Na verdade, muitos havaianos nativos ainda sofrem esse choque, já que continuamos expostos a uma contínua discriminação em nossa terra.

Provavelmente o impacto mais devastador foi o contínuo preconceito sentido pelos havaianos nativos do Departamento do Estado Havaiano de Educação (DEHE), o único sistema de escolas públicas Hawai’i’s. Esse racismo institucionalizado resultou em iniquidades contínuas documentadas, as quais identificam o havaiano nativo como o maior grupo étnico sem educação e ignorante da nossa ilha. Com efeito, informações de décadas - armazenadas por esta autora e outros - colocam os havaianos nativos na base de todos os indicadores de performance de educação positivos, e no topo de todos os indicadores de performance negativos, quando comparados com não-nativos ou grupos multiétnicos.

A derrota do DEHE é particularmente evidente nas comunidades rurais, com grande concentração de havaianos nativos. Ano

após ano, estatísticas confirmam que escolas públicas Hawai'i mostram maiores taxas de estudantes que não têm proficiência em leitura, matemática nem ciência; são ausentes, têm padrões baixos em testes escolares de leitura e necessitam se inscrever em cursos de apoio quando ingressam na faculdade. Deveras, escolas com ou mais de 50% de alunos havaianos nativos têm o dobro de chance de serem selecionadas para reestruturação, em virtude de seu contínuo insucesso na Avaliação Anual de Progresso Adequado (APA), em comparação a uma escola com menos de 50% de alunos havaianos nativos. Ademais, na maioria dessas escolas, mais de um terço dos estudantes recebem serviços educacionais e programas motivacionais especiais, frequentemente feitos exclusivamente para havaianos nativos.

Sem surpreender, esses estudantes, taxados como “insuficientes” pelo sistema educacional, geralmente vêm de famílias economicamente em desvantagem. Esse é o resultado direto de gerações de havaianos nativos em escolas públicas, deixando o sistema sem as habilidades básicas necessárias para ganhar a vida, não porque somos menos espertos ou menos educados do que os Hawai'i's e grupos étnicos, mas sim pois o DEHE foi incapaz de prover a educação que ressoasse nossa maneira de aprender e que fosse relevante para nós.

Indo além, a vergonha imposta à identidade e cultura havaiana, que permanece até hoje no sistema de escola pública e através do Hawai'i, afetou a identidade própria do havaiano nativo, também desconectando muitos de nós da nossa tradicional maneira de aprender.

Essa degradação do havaiano também contribuiu significativamente para o rompimento familiar, além do enfraquecimento dos laços culturais e espirituais. Além disso, a evidente americanização, iniciada pelo sistema público de educação após a ocupação estadunidense em 1893, endossou o crescimento das crianças havaianas nativas desconectado com nosso idioma e cultura tradicionais. Logo, não é surpreendente que vários havaianos nativos de

hoje, indiferentemente da idade, saibam pouquíssimo sobre nossa história e cultura nativa, sejam incapazes de manter uma simples conversa em havaiano ou participem do Protocolo Havaiano, bem como de outras atividades culturais. Muitos também desconhecem nossa relação ancestral com a terra e com Taro, e o fato de que um provérbio antigo descreva tudo aquilo que é nativo da terra, como *kalo kanu o ka 'āina*, ou Taro plantado na terra.

## REVITALIZAÇÃO CULTURAL

*E kūkulu kumuhana! Vamos juntar nossas forças – física, emocional, intelectual e espiritual – para um propósito comum (Período de perdão e reconciliação no Havaiano antigo)*

Nos anos 70, fortaleceu-se a jornada pelo tradicional, em meio a um processo de renascimento havaiano, o qual continua atualmente. Desde 2013, dois polinésios, usando apenas técnicas antigas de navegação para viajar em canoas, navegaram pelos oceanos da Terra para fomentar um movimento global por um mundo mais sustentável, carinhosamente adotado pelos nossos ancestrais havaianos. Houve também um rejuvenescimento do idioma e da cultura havaiana, inclusive *hula* (dança havaiana), canções e outros tipos de artes tradicionais, assim como o retorno do tradicional estilo de vida chamado *kū a kanaka*, viver como um havaiano. O Renascimento Havaiano também influenciou o atraso da evidente americanização, iniciada em 1893 pela ocupação estadunidense no nosso reconhecido internacionalmente Reino do Hawai'i, o qual não somente tirou nossa soberania, mas também foi o responsável pela perda de nossa língua e de vários valores, tradições e práticas culturais.

Para lidar com essa falta de conhecimento havaiano, o Renascimento Havaiano incitou o Artigo X Seção 4 da Constituição do Estado Havaiano de 1978, o qual define que o Estado deve promover o estudo nas escolas públicas do idioma, da história e da cultura Havaiana. Apesar da DEHE ter mais de 40 anos, nenhum programa relevante foi institucionalizado. Em virtude da violação por parte

do DEHE da Constituição do Estado do Havaí, o difundido e documentado desconhecimento da história, idioma e cultura havaiana – não apenas entre os havaianos nativos mas entre todos os alunos das escolas públicas – continua.

Logo, o DEHE é ineficiente para atender às necessidades de sua grande e crescente população de estudantes étnicos. Esta incapacidade do DEHE em educar os havaianos nativos foi exposta no começo de 1983, numa avaliação das necessidades educacionais, a qual apontou para iniquidades significantes na educação dos havaianos nativos, e descobriu que os mesmos têm necessidades educacionais diretamente relacionadas com nossa situação cultural singular. Este estudo resultou na passagem do Ato Educacional Havaiano Nativo de 1988, o qual proporcionou, até agora, cerca de 1 bilhão de dólares para potenciais ações corretivas na educação de crianças e jovens havaianas nativas. Lamentavelmente, o impacto do Ato foi mínimo, já que a maioria dos programas não consegue se manter sem o apoio de um fundo federal. Além do mais, uma vez que esses fundos são distribuídos por meio de disputadas bolsas concedidas pelos burocratas desconectados de Washington DC, tendem a colocar organizações de havaianos nativos umas contra as outras, ao invés de encorajar uma aproximação.

O Renascimento Havaiano também fomentou o movimento de imersão na língua havaiana, iniciado no começo dos anos 80, resultando, em 1984, na primeira pré-escola de língua havaiana, baseada nos modelos de sucesso dos Maori, na Aotearoa (Nova Zelândia), nossos primos polinésios. Estes programas de imersão na língua havaiana, os quais abrangem desde a infância até o doutorado, servem para menos de 5% de todas as escolas públicas. Por décadas, milhares fluentes em Havaiano foram graduados e preveniu-se a perda da língua havaiana, após o último grupo de falantes nativos ter falecido no início do século XXI.

Comunidades havaianas se inspiraram no Renascimento Havaiano e iniciaram programas extra curriculares focados no desenvolvimento do havaiano, especialmente em áreas consideradas

*kīpuka* cultural, ou banco de sementes. Esse foco na subsistência *kīpuka* encaixa-se perfeitamente na reconexão entre aprendizes havaianos nativos de todas as idades, não somente com sua cultura e idioma, mas também com a terra. Esses esforços incluem dezenas de acampamentos de verão para imersão na cultura e idioma havaiano, fundados no começo dos anos 1990 no histórico Vale Waipi'o localizado na ilha do Havaí, e baseado no conceito Kūkulu Kumuhana, a associação de forças – física, emocional, intelectual, espiritual – para um propósito em comum. Este propósito verifica se as maneiras tradicionais de educar praticadas pelos ancestrais havaianos se aplicariam hoje e se ajudariam os estudantes havaianos nativos a terem sucesso na educação e na vida. Concebido por um grupo de jovens havaianos especialistas culturais e linguísticos, incluindo a autora, estes acampamentos geralmente duram um ciclo de lua e integram, ininterruptamente, todas as áreas de conteúdo nas atividades diárias de subsistência.

Desde o começo, os acampamentos Kūkulu Kumuhana confirmaram que a educação antiga é moderna. Esta constatação está no centro do movimento educacional dos nativos havaianos. Ano após ano, nosso centro de pesquisa validou que as maneiras práticas usadas por nossos ancestrais para transmitir o conhecimento não apenas funcionam hoje em dia, como também são a melhor maneira de educar as próximas gerações, já que estão fundamentados em milhares de anos de atitudes propositais, impulsionados por uma busca incessante por sabedoria e justiça, ou *pono*. Mais, nossa pesquisa revelou que muitas estratégias educacionais praticadas pelos ancestrais havaianos são atualmente consideradas as melhores, e vão ao encontro das necessidades dos havaianos nativos do século XXI.

Esses acampamentos também demonstram que os havaianos aprendem melhor em ambientes familiares, numa atmosfera de apreço, onde todos os membros são tratados com *aloha* e respeito. Isso foi especialmente evidente em *hō'iike*, uma tradicional avaliação havaiana, conhecida pelos educadores modernos como um formato de avaliação baseada em uma apresentação pública,

a qual encerra cada acampamento. Esse *hō'iike* permite às crianças e aos jovens demonstrarem seus aprendizados aos familiares, amigos e à comunidade Waipi'o, os quais ficam admirados pelo desenvolvimento acadêmico, cultural e pessoal de cada aprendiz. Ao longo dos anos, esses acampamentos de verão se expandiram de Waipi'o para outros distritos da ilha do Havaí e também para outras ilhas. Essa implementação em outras localidades demonstrou claramente que o currículo havaiano deve ser localmente baseado. Isto significa que os recursos particulares de cada lugar moldam o processo de aprendizagem, já que os estudantes aprendem as histórias de suas comunidades, descobrem os recursos da comunidade, resolvem problemas da comunidade e planejam o futuro da comunidade.

Em 1997, as lições aprendidas pelo nosso acampamento Kūkulu Kumuhana foram integradas à Academia Especializada em Havaiano, uma escola para alunos de 9 a 12 anos, e para um colegial de escola pública na ilha do Havaí, fundada e gerenciada pela autora. Essa Academia Havaiana bem-sucedida evidencia que a educação focada no Havaiano pode também ser academicamente rigorosa, refutando o preconceito comum dos professores e administradores de escolas públicas e privadas, de que a educação focada no havaiano era paliativa, com falta de rigor e mérito. Em 2000, a Academia Havaiana passou para o primeiro lugar de dezenas de escolas públicas baseadas em Havaiano em 3 ilhas, as quais atenderam anualmente mais de 2000 havaianos nativos. Em 2009, essa escola K-12 bem-sucedida, fundada e administrada pela autora durante os primeiros dez anos, recebeu certificação integral WASC de 6 anos e, em 2010, seus 250 alunos levaram ao recebimento do primeiro certificado LEED *platinum* em educação do Havaí, parte de um *kauhale* entre gerações, ou destinação do aprendizado havaiano, definido pelo autora.

Para ajudar nas necessidades educacionais de outras comunidades de havaianos nativos, a autora concebeu uma inovadora licença para professores em Havaiano, assim como um programa bilingue

de Havaiano para crianças de 0 a 5 anos. Recentemente, a autora desenvolveu um programa digital e interativo, cultural e idiomático havaiano, o qual complementa o aprendizado dos acampamentos e proporciona aos estudantes de todas as idades oportunidades sem precedentes de aprender a cultura e o idioma havaiano em seu próprio tempo, e em um ambiente seguro.

## A EMERGÊNCIA DA PEDAGOGIA DE ALOHA

*Ua ola loko i ke aloha. O amor dá vida dentro. O amor é imperativo para o bem-estar mental e físico (antigo provérbio havaiano).*

Para validar o efeito destes vários programas focados no Havaiano em aprendizes do Havaí Nativo, a autora em 1996 começou a desenhar e implementar, como parte de sua pesquisa de doutorado em Educação Indígena, um projeto de pesquisa de ação indígena longitudinal. Utilizando dados qualitativos e quantitativos, esta pesquisa tem medido o impacto da educação focada no Havaiano em alunos de todas as idades há quase 20 anos, validando claramente que os havaianos nativos preferem modelos de educação focados no havaiano e que podemos ter sucesso na educação, quando é feito do nosso jeito. Também resultou na evolução de uma metodologia de pesquisa exclusivamente havaiana chamada *Mā'awe Pono*, que se alinha com as metodologias emergentes de pesquisa indígena em todo o mundo.

A pesquisa da autora também resultou na descoberta e articulação de uma Pedagogia de *Aloha*, que se tornou a base para o movimento havaiano de educação focada. Pedagogia de *Aloha* enfatiza o imperativo do valor havaiano de *aloha*, que pode ser definido como amor, compaixão, carinho, bondade, caridade e muito mais, na educação havaiana. Este valor de *aloha* permeou a educação havaiana desde o início dos tempos. Nossos antepassados capturaram esta noção de que *aloha* é essencial para o sucesso na educação e na vida, no provérbio, *ua ola loko i ke aloha*, que pode ser traduzido como, “o amor dá vida interior, e nos lembra que o amor é impera-

tivo para a mente e bem-estar físico”, o encorajamento para “*aloha* outros” também se reflete no antigo provérbio *aloha kekahi i kekahi*, ou seja, amar uns aos outros. Este tratamento dos outros com compaixão e respeito se manifesta na educação dirigida ao havaiano, através do cultivo de relações amorosas e solidárias entre todos os interessados, e um ambiente de apoio mútuo e assistência ao longo do processo de aprendizagem. O jargão educacional moderno se refere a abordagens semelhantes como a Pedagogia do Coração, ou Educação Afetiva.

Curiosamente, dados tão remotos como os primeiros acampamentos de imersão, validam que uma atmosfera de respeito mútuo e cuidados recíprocos é fundamental para que a experiência de aprendizagem seja bem-sucedida. No entanto, a autora levou quase uma década de pesquisa-ação, reunindo e analisando montanhas de dados quantitativos e qualitativos, incluindo observações pessoais, entrevistas, pesquisas e discussões informais com centenas de co-pesquisadores nativos havaianos, para declarar oficialmente que para os nativos havaianos, o sucesso acadêmico necessita primeiramente da presença de *aloha*.

Por mais simples que possa parecer, este reconhecimento baseado em pesquisas alegando que *aloha* é a solução para os complexos e complicados problemas enfrentados pelos nativos havaianos na educação é, na verdade, bastante profundo. Por um lado, aponta diretamente para o poder de nossos antigos valores e práticas culturais para resolver problemas modernos. Ele também deixa claro que o recurso primário, o ingrediente mais importante para uma educação bem-sucedida, não é apenas livre e abundante, mas que está dentro de todos nós, esperando para ser cultivado. Isto vale especialmente para havaianos nativos, que são conhecidos internacionalmente pelo nosso *aloha*. Além disso, emocionantemente, a solução para o nosso dilema na educação não é um recurso finito, que temos de lutar com os outros, ou um recurso que pode ser esgotado e usado ao longo do tempo. Como acontece, *aloha* realmente aumenta, quando circulado e compartilhado com os outros.

Hoje, inúmeros dados qualitativos e quantitativos, internos e externos confirmam que *aloha* é, sem dúvida, a solução. De fato, ensinar e aprender em uma atmosfera de *aloha*, que desde então se tornou conhecida no Havaí como Educação com Aloha, ou EA para abreviar, foi implementada com sucesso não apenas em escolas charter havaianas-dirigidas, mas também em muitos outros programas havaianos-dirigidos. Ao educar e apoiar carinhosamente todos os alunos e mergulhá-los em um ambiente permeado com *aloha*, onde todos se sentem amados e seguros, esses programas são capazes de atingir até mesmo os alunos mais alienados.

Crescer em meio à cultura do *aloha* requer esforços conscientes em muitos níveis; isso inclui priorizar o estabelecimento e manutenção de relações amistosas entre todos os envolvidos no processo educacional, sobre coisas como pontuações de testes, notas ou estar certo. Envolve também certificar-se de que os conflitos são endereçados convenientemente usando métodos tradicionais da definição do problema, e selecionar professores e candidatos a professor baseados em sua compaixão e amor para com crianças e jovens nativos do Havaí. Isso é feito com o entendimento de que habilidades específicas relacionadas à educação podem ser ensinadas, enquanto *aloha*, ou amor incondicional, para todos os alunos e uma firme crença na bondade inata de crianças e jovens, é algo que o professor já deve ter.

Estabelecer uma cultura de *aloha* também inclui o uso de terminologia familiar como *kupuna*, ou avô quando se fala com anciãos, tios e tias para dirigir-se a adultos, incluindo professores e administradores, e irmão e irmã para se referir a alunos. A prática de abordar uns aos outros usando termos familiares ainda é comum entre os nativos havaianos hoje. Com os jovens, pelo menos aqueles que foram criados com valores havaianos, é obrigado a *honi* (beijar) um adulto nativo havaiano quando se encontram, e referem-se a eles como tio ou tia, independentemente de qualquer relação de sangue conhecida. Usando termos familiares, a Educação com Aloha estabelece relações familiares e recíprocas, que continuam mesmo após o aluno se formar.

Este conceito havaiano de reciprocidade é articulado no provérbio *kōkua aku, kōkua mai, pēlā ihola ka nohona ‘ohana*, que traduzindo, “dá e recebe ajuda, tal é a vida familiar”. Estabelecer e manter relações recíprocas entre as famílias de aprendizes reflete não apenas nossas formas tradicionais de educação, mas também é apoiada pela pesquisa ocidental longitudinal. Educação com *Aloha* inclui muito trabalho em grupo, ensino de pares, projetos colaborativos, demonstrações coletivas de conhecimento, além de aprendizagem multi-idade e intergeracional. Como foi entre as famílias havaianas antigas, é esperado que os alunos mais experientes cuidem e apoiem os alunos mais novos, enquanto os alunos mais novos são esperados para assistir e aprender com as ações dos alunos mais velhos.

A educação com *aloha* também faz avançar a prática de *aloha* entre alunos nativos havaianos e os outros descendentes do pai do céu *Wākea* e *Papa Mãe-Terra*, que incluem a terra, e o *Taro*, nosso irmão mais velho. Ao integrar o ambiente em um nível extremamente alto, a educação com *aloha* ajuda os alunos a reestabelecer uma relação recíproca e familiar entre si, o ambiente físico e o mundo espiritual, confirmada por nossas genealogias cosmogônicas. Além disso, colocar os alunos em experiências de aprendizagem cultural multi-idade no ambiente ensina-lhes não somente como cuidar da terra, mas permite-lhes desenvolver um amor profundo para a terra, conhecido em Havaiano como *aloha ‘āina*.

Educação com *aloha* também abraça o conceito de educação aplicada, refletida no provérbio havaiano, *ma ka hana ka ‘ike*, que significa “através do trabalho, vem o conhecimento”. Esta abordagem tradicional muito prática para a educação é definida hoje como Educação Experiencial, Educação Prática, ou Hands-on Education. Para a Educação com alunos *aloha* isso significa participação em uma variedade de projetos, estágios, aprendizado de serviço e mentorias de vários anos. Estas experiências do mundo real baseiam-se em práticas educacionais havaianas como *nānā ka maka, hana ka lima*, que significa literalmente, “os olhos olham e as

mãos fazem”, e refere-se a um modo de aprendizagem que envolve a demonstração, seguido pela aplicação imediata do conhecimento. Este conceito de prática antes da teoria distingue a Educação de Aloha como um modelo de educação indígena.

## PARA UM SISTEMA HAVAIANO DE EDUCAÇÃO

*E kanu i ka huli, «oi hā’ule ka ua. Plante um talo de Taro enquanto a chuva está caindo. Faça seu trabalho quando a oportunidade aparece (provérbio havaiano antigo).*

Ao longo dos últimos quinze anos, a Educação com *Aloha* claramente se estabeleceu como uma forma viável, muito mais bem-sucedida de educação do que a abordagem HIDEOE, quando se trata de satisfazer as necessidades de 70.000 havaianos, e os havaianos nativos estudantes da escola pública. Na verdade, abordagens culturalmente impulsionadas foram validadas não só aqui no Havaí, mas em todo o mundo indígena. No entanto, apesar deste sucesso sem precedentes, continua a existir uma desconcertante falta de apoio sistêmico, evidenciada por um financiamento ineficiente, insuficiente e uma burocracia cada vez mais sufocante. Essa resistência sistêmica à mudança, mesmo quando beneficia diretamente aqueles que o sistema tem a tarefa de servir, mas não conseguiu, levou a autora a deixar a educação pública em 2010 e iniciar o projeto de um sistema independente e autossustentado de desenvolvimento de educação havaiana-focada. Ao criar um protótipo capaz de sustentar-se com um mínimo de financiamento externo, a autora espera superar um obstáculo gigantesco, ou seja, a dependência de financiamento externo, o que até agora impediu os nativos havaianos para assumir o controle sobre nossos próprios processos de educação.

Já em 1997, um relatório do Conselho de Educação Nativo Havaiano, financiado pelo governo federal, recomendou a criação de um sistema de educação nativo havaiano que fosse culturalmente orientado, voltado para a família e baseado na comunidade. A cria-

ção de um sistema independente de educação havaiana também se alinha a um direito internacional aprovado pelas Nações Unidas em 2007, e assinado pelo Presidente Obama em 2014, que valida o direito dos povos indígenas, incluindo os nativos havaianos, de estabelecer e controlar nossos próprios sistemas educacionais e instituições que prestem educação em nossas próprias línguas, de forma adequada aos nossos métodos culturais de ensino e aprendizagem. Além disso, a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (UNDRIP) especifica claramente que os povos indígenas têm o direito de revitalizar, usar, desenvolver e transmitir às futuras gerações histórias, línguas, tradições orais, filosofias, sistemas de escrita e literaturas, bem como para designar e manter os nossos próprios nomes para comunidades, lugares e pessoas.

Como nativos da terra do Havaí de gerações atrás, referido em nossos provérbios como *kalo kanu o ka ʻāina*, ou “Taro plantado na terra”, havaianos nativos não têm apenas o direito, e sim a responsabilidade de criar nossos próprios processos de educação. Tal movimento também se alinharia com o provérbio antigo *E kanu i ka huli, ʻoi hāʻule ka ua*, que significa “plantar o talo de Taro enquanto a chuva está caindo”, ou engajar quando a oportunidade se apresenta. Tal oportunidade está surgindo agora, motivada pelas implosões de sistemas de educação ocidentais desatualizadas, tornadas obsoletas há várias décadas, que neste momento estão se concentrando principalmente em servirem a si mesmos e certificar-se de que a máquina permanece viva, em vez de atender às necessidades de seus alunos. À medida em que os fracassos dos atuais sistemas de educação são expostos, a fé inabalável do público em geral, incluindo os nativos havaianos, na virtude e na validade da educação pública está se deteriorando lentamente. Esta crença generalizada de que o sistema atual de educação pública é a única maneira possível de educar tem dificultado seriamente os esforços para introduzir inovações que estão fora das atuais práticas HIDOE. Em outras palavras, a mudança é apoiada, desde que o po-

der permaneça com uma agência central em Honolulu, e contanto que os professores “altamente qualificados” - que podem ser ineficientes - ensinam um assunto específico para mais de 30 alunos da mesma idade por um período por dia, e em salas de aula com altíssimas temperaturas internas durante o ano todo.

O sistema de educação do Havaí com *aloha* apoia uma modernização radical do processo de educação, alinhado às modificações extensivas nas finanças, na saúde, nas comunicações, e em outros aspectos da vida. Isso significa uma exploração de novas formas - que no nosso caso são frequentemente também formas antigas - para atender às necessidades dos modernos havaianos nativos e as comunidades em que vivemos. De fato, uma ideia principal avançada pela Educação com *Aloha* é que um sistema havaiano de educação deve ser baseado na comunidade. Isto significa, em vez de um sistema “de cima para baixo” centrado em Honolulu, uma metrópole urbana, desconectada das realidades rurais do nativo havaiano, Educação com *Aloha* defende que cada comunidade nativa havaiana trace seu próprio curso de educação, fazendo o que é melhor para seus alunos, utilizando recursos únicos e ativos disponíveis para eles. Ou seja, a extensa comunidade nativa havaiana de anciãos, tios e tias, crianças e jovens, torna-se a espinha dorsal do nosso sistema havaiano de educação.

A utilização de um processo ascendente permite que as comunidades controlem o processo de educação a nível comunitário, e criem medidas que lhes permitam atingir os seus marcos. Ao mesmo tempo, enquanto o poder de decisão, a alocação de recursos e a autoridade educacional estão enraizados na comunidade, está sendo projetado um sistema fluido, flexível e com suporte técnico centralizado para fornecer o apoio para as comunidades havaianas quando necessário. O gerenciamento “de baixo para cima” permite que as comunidades utilizem plenamente seus recursos exclusivos à medida em que criam modelos de educação relevantes, baseados no local que se concentram alunos aprendendo sobre seu lugar, e encontrando soluções para questões ambientais, sociais e cultu-

rais enfrentadas por suas comunidades. Nossa pesquisa também mostra que as abordagens “de baixo para cima” na educação não só melhoram a autoestima, como também melhoram a produtividade, uma vez que a confiança depositada nos indivíduos os inspira a esforçarem-se mais para alcançar metas e objetivos de maneiras que funcione melhor para eles.

Estas abordagens baseadas na comunidade devem ser culturalmente impulsionadas, incorporando as habilidades e talentos de membros conhecedores da língua, cultura e práticas tradicionais havaianas, mas não necessariamente “altamente qualificados” pelos padrões ocidentais. A participação de peritos culturais de alto nível no processo educativo tem sido extremamente bem-sucedida, uma vez que, em geral, esses praticantes culturais, por serem baseados em valores havaianos, não são muito eficazes, mas estão acostumados a fornecer conteúdo rigoroso em uma atmosfera de *aloha*. “Culturalmente conduzido a nós” significa que não só é a pedagogia havaiana, mas o currículo também, centra-se na revitalização da língua e cultura havaiana. Na verdade, todo o conteúdo explorado começa e é centrado no lugar de um aluno, irradiando para fora em círculos concêntricos. Nossa pesquisa descobriu que quanto mais havaianos nativos sabem sobre nossa impressionante cultura e história, mais nos sentimos bem não apenas sobre ser havaianos nativos, mas sobre nós mesmos como indivíduos valiosos e importantes.

Este tipo de autoconfiança foi encontrado para ter um impacto significativo em quase tudo o que uma pessoa faz, incluindo a forma como eles se envolvem em atividades, lidar com desafios e interagir com os outros. Foi também descoberto que a autoestima tem um efeito importante sobre o desempenho acadêmico. Em outras palavras, embora a baixa autoestima diminua, em geral, o desejo de aprender dos alunos, sua capacidade de concentração e sua disposição para assumir riscos; a autoestima positiva, por outro lado, fornece uma base sólida para o aprendizado e é um dos alicerces para o sucesso educacional. Além disso, o conhecimento da língua

havaiana ajuda os alunos nativos obterem uma compreensão de nossos valores tradicionais e formas de pensar, e as razões pelas quais fazemos o que fazemos. Culturalmente conduzido também significa que a nossa avaliação é fundamentada em práticas tradicionais como *hō'iike*, conhecida como avaliação baseada em desempenho para um público autêntico.

Uma abordagem “de baixo para cima” também é orientada para a família, pois apoia o envolvimento de famílias inteiras no processo educacional. Na verdade, um objetivo de longo alcance da Educação com *Aloha* é restabelecer a unidade familiar no centro do processo educacional. No tradicional Havaí, a unidade familiar, isto é, pais e avós, auxiliados por tios e tias e outras famílias extensas, fornecem os fundamentos educacionais. A partir daí, a juventude entrou em treinamento especial com mestres em várias habilidades de empreendimento econômico, recolocando a família no processo da instrução, de característica multi-idade, proporcionando oportunidades intergeracionais da aprendizagem, tais como a língua havaiana orientada para a família, e acampamentos de imersão, uma vez que nossa pesquisa mostra que havaianos aprendem melhor em uma atmosfera familiar e de carinho com *aloha* e respeito, onde as responsabilidades são claramente delineadas com base nas hierarquias familiares tradicionais.

Para implementar tais modelos comunitários e orientados para a família de ensino e aprendizagem, Educação com *Aloha* defende a criação de *kauhale*, ou destinos de aprendizagem intergeracional em comunidades nativas havaianas, onde os alunos de todas as idades podem se reunir para praticar a língua e cultura havaianas. Estes *kauhale* permitem que os alunos aproveitem as forças encontradas em indivíduos, famílias e comunidades nativas havaianas e usem esses pontos fortes para construir sólidos fundamentos culturais, sociais, econômicos e espirituais, profundamente enraizados nos recursos e bens encontrados em cada comunidade havaiana. Em todo o Havaí, as comunidades nativas já começaram a criar tais “*kauhale* dirigidos para a família” ou destinos de aprendizagem,

que reúnem havaianos nativos e permitir-lhes aprender coisas de seus interesse, não apenas no que diz respeito à cultura havaiana e seu local, mas também assuntos como tecnologia, alfabetização financeira, etc. Geralmente, estes *kauhale* sediam diversos programas de educação e serviços sociais, incluindo oportunidades para crianças de educação infantil, de ensino primário, secundário, de ensino superior, e oportunidade também para desenvolvimento da força de trabalho e programas de educação comunitária.

Além de oferecer oportunidades educacionais, esses *kauhale* também são centros de inovação comunitária e empreendimentos inovadores, projetados para auxiliar nos esforços de auto sustentabilidade da comunidade. Nossa pesquisa nas últimas décadas confirma a extrema necessidade de sustentabilidade fiscal. De fato, os dados indicam que fluxos confiáveis e de longo prazo de receita de financiamento equitativo são necessários para implementar modelos de educação de alta qualidade, focados no havaiano no nível da comunidade. Em 1999, os nativos havaianos, liderados pelo autora, se juntaram ao movimento de escola charter, porque estávamos entusiasmados com a inovação e flexibilidade prometida pela lei de escola charter. Acreditamos também que, como prometido, o financiamento viria. No entanto, embora os estudantes nativos havaianos de escolas charter públicas havaianas-dirigidas continuam a superar os nativos havaianos em escolas públicas DOE, a equidade esperada no financiamento nunca foi homenageado pelo HIDOE. O financiamento inadequado e tênue também restringe severamente o potencial da maioria dos outros programas educacionais públicos e privados focados no havaiano hoje. Porque aprendemos que não podemos depender de financiamento externo, a necessidade de criar um sistema de auto sustentação da educação havaiana é primordial. Isto está sendo feito envolvendo estudantes e membros da comunidade na criação de empresas sociais geradoras de renda que beneficiam a comunidade, fornecendo empregos, treinamento, fluxos de receita contínua e ajuda com a segurança financeira.

Outra área de sustentabilidade abordada pelo *kauhale* havaiano, ou destinos de aprendizagem, diz respeito à soberania alimentar. Na verdade, o modelo *kauhale* não só ensina os alunos a cultivar alimentos e outros itens essenciais, mas também fornece áreas onde os membros da comunidade nativa havaiana podem cultivar as plantas de que necessitam para subsistência, práticas culturais e empreendimentos empresariais. Nosso sistema havaiano de Educação com *Aloha* também alinha com as metas do Estado do Havai para dobrar a produção de alimentos locais de 10 a 20 por cento até 2030, e pretende desempenhar um papel intrincado no restabelecimento da soberania alimentar e uma economia insular autossustentável.

Pesquisas desta autora, nos últimos 30 anos, confirmam inegavelmente que um sistema de educação havaiana com *Aloha* deve ser autônomo. Em outras palavras, tal sistema pode ser bem-sucedido se aos havaianos são dadas completa autonomia para criar modelos de educação do modo havaiano sem interferência externa e limitações, como currículo “comum”. Curiosamente, a Educação com *Aloha* ou EA para abreviar, significa soberania em havaiano, uma declaração implícita da libertação de nativos havaianos, nascidos em um sistema que é comprovadamente incapaz de atender às necessidades exclusivas de sua maior população de estudantes étnicos. Embora se esperasse que as escolas charter tivessem a prometida autonomia para que os nativos havaianos dessem e controlassem nossa própria educação, a burocracia imposta pelo Estado do Havai em suas escolas charter desde 2000, que está crescendo continuamente, deixa claro que apenas a autonomia total do HIDOE permitirá a liberdade acadêmica necessária para projetar e implementar processos bem-sucedidos de educação havaiana.

Ao mesmo tempo, os nativos havaianos têm descoberto a necessidade de projetar nosso próprio sistema de educação autônomo, além de descobrir fatos sobre nossa história, escondidos por aqueles no poder, que revelam claramente a resistência de nossos bisavós aos esforços de anexação dos Estados Unidos. Além disso,

aprendemos sobre as ações ilegais dos EUA para assumir o Reino do Havaí independente, reconhecido mundialmente, violando suas próprias leis, que afirmam nosso direito humano internacional à independência política. Enquanto vários movimentos de soberania havaiana têm estado em andamento há décadas, mais recentemente havaianos nativos apaixonados que pedem por total independência dos Estados Unidos têm surgido em todo o arquipélago. De fato, durante uma visita de 2014 ao território das comunidades havaianas, o Departamento de Interior dos EUA se deparou com demandas esmagadoras para desocupação imediata.

Essas exigências para se tornar mais uma vez independentes estão aumentando entre os nativos havaianos, que compõem quase 25% da população multiétnica do Havaí, conforme as dificuldades econômicas continuam a crescer, por causa do alto custo de vida no Havaí, que é o mais alto dos Estados Unidos. As estatísticas de 2010 mostram taxas de pobreza entre os nativos havaianos em 39% em comparação com a média estadual de 10%, tornando os nativos havaianos o grupo étnico mais socioeconomicamente desfavorecido do Havaí. Além disso, com famílias nativas havaianas tendendo a ser maior do que a média, a nossa renda comparativamente baixa deve apoiar um maior número de indivíduos. Devido ao alto custo de vida, a falta de moradia desde 2013 aumentou 68%, tendo 33% dos sem-teto de etnia havaiana nativa. A destituição de moradias também afeta as estatísticas da criminalidade, com os nativos havaianos representando mais de 40% dos homens, mulheres e jovens encarcerados. Finalmente, os altos custos de vida do Havaí forçaram quase 50% de havaianos nativos a se mudar para o continente americano, resultando em uma enorme fuga de cérebros, por um lado, e uma maior desconexão de 250.000 nativos havaianos de nossas práticas tradicionais e nossas raízes.

Estas e outras estatísticas indicam inequivocamente que a ocupação dos EUA, a introdução de princípios econômicos ocidentais e um sistema de escolarização ocidental não beneficiaram os havaianos nativos. Na verdade, os dados apontam para uma enorme necessidade de iniciativas que reconectam os havaianos nativos às nossas

tradições e práticas, incluindo a nossa capacidade de conversar em havaiano, para que possamos novamente *kū a kanaka*, ou viver como havaianos. Essas iniciativas devem ir além de criar oportunidades educacionais desconectadas, o que chamamos de abordagens de band-aid, que têm sido a norma até o momento, mas sim se concentrar na criação de um sistema abrangente de educação havaiana que se baseia nas forças culturais e sociais que formam a base das famílias e comunidades nativas havaianas. A Educação com *Aloha* afirma que ao investir em capital humano nativo havaiano, ou seja, as habilidades, conhecimentos e experiências possuídas pelos nativos havaianos e nossa história de resistência e resiliência, podemos criar não apenas um sistema de educação havaiana autossustentável, mas também no restabelecimento de prósperas comunidades havaianas e uma nação havaiana independente.

## CONCLUSÃO

*Pipi holo ka'ao. Polvilhado, o conto funciona (final tradicional de histórias havaianas).*

Três décadas de intensa pesquisa de ação indígena, envolvendo milhares de alunos nativos havaianos de todas as idades, proporcionaram aos havaianos nativos - incluindo esta autora - uma notável percepção do que constitui a qualidade de ensino havaiano. Isso inclui compreender que o ensino e a aprendizagem são processos dinâmicos, não-lineares, processos em espiral, que se baseiam em experiências passadas para buscar soluções para o futuro, e é vital que todos os envolvidos no processo educacional sejam valorizados e apoiados. Além disso, nossa pesquisa-ação não só informa nossa Pedagogia de *Aloha*, mas resultou em uma organização baseada na educação coletiva, assegurando que todo trabalho é culturalmente alinhado e tem valor e impacto positivo.

Ele também nos forneceu uma imagem clara sobre como um futuro sistema de educação havaiana deve ser. Em outras palavras, nossa ilha está à vista. Sabemos para onde estamos indo e sabemos

o que fazer quando chegarmos lá. O que precisamos agora é de um vento que nos empurre para frente e nos leve ao nosso destino. Este vento pode vir de muitas formas, podendo incluir investimento de anjos a *startups*, contratos de impacto social, *vouchers*, parcerias com organizações existentes e / ou outros recursos e fundos de *startup*, necessários para projetar e implementar um piloto de dez anos do nosso projeto: sistema havaiano de Educação com Aloha, como explicado nesta história.

No entanto, não vamos esperar que esses fundos se materializem. Havaianos nativos têm esperado o suficiente pelo HIDOE e outros para corrigir a sua incapacidade de proporcionar aos nossos jovens uma educação de qualidade. Durante décadas, assistimos especialistas em educação altamente remunerados da Ivy League Universities irem e voltarem dos continentes; porém nossas estatísticas permanecem as mesmas. Em 2010, o HIDOE recebeu 11 milhões de dólares em subsídios federais para melhoria de escolas e reverter as escolas com avaliações persistentemente mais baixas. No entanto, de acordo com um relatório do DOE de janeiro de 2017, intitulado Subsídios para Melhorias Escolares (SIG): Implementação e Eficácia, esses fundos e o restante dos US\$ 7 bilhões investidos na educação pela Administração Obama não tiveram impactos significativos no teste de matemática ou leitura, graduação no ensino médio, matrículas de faculdade ou conquistas do aluno em geral.

Mais de três décadas de pesquisas confirmam que ao olhar o passado, as comunidades nativas podem criar modelos de educação de qualidade que sejam ao mesmo tempo práticos, orientados para as habilidades, conscientes do ambiente e concernentes. Outros fatores conhecidos por contribuir com resultados excepcionalmente positivos dos alunos nativos havaianos são um currículo pertinente, baseado na cultura local, avaliação baseada no desempenho e um alto nível de envolvimento da família no processo educacional. Além disso, pesquisas atuais na epistemologia havaiana corroboram que os modelos havaianos modernos de educação devem refletir, respeitar e aderir os valores culturais havaianos, filosofias e ideologias,

que nos guiaram por milhares de anos. Esses valores continuarão a nos guiar enquanto continuarmos a expandir nosso sistema independente e autossustentável de Educação com *Aloha*, ou EA, como parte de nossa busca de independência.

Esta história termina com uma frase usada geralmente no fim das narrativas havaianas, que denota que esta história não está terminada. Na verdade, nosso conto de Educação com *Aloha* continua enquanto falamos, com mais e mais havaianos nativos reunindo-se para juntar nossas forças e fortalecer-nos, retornando um estilo de vida que chamamos *kū a kanaka*, ancorado em valores havaianos tradicionais, genealogias cosmogônicas, Histórias tradicionais e práticas, transmitidas dentro das famílias *kanaka* de geração em geração.

*Pīpī holo ka'ao.* Compartilhado, o conto funciona.



# A ACADEMIA DE INOVAÇÃO SOCIAL EM UGANDA

*Philipp Mäntele*

## EDUCAÇÃO PARA CRIADORES DE TRABALHO AO INVÉS DE CANDIDATOS A VAGAS DE EMPREGO

O ar fresco está soprando através da janela aberta da minha caminhonete Toyota ano 1987. Eram 3 horas e 48 minutos da manhã, e ainda estava escuro lá fora. Eu tinha acabado de pousar em Uganda há 45 minutos atrás, após um voo noturno de oito horas. Miiro, um facilitador da Academia de Inovação Social (SINA) estava me esperando com um grande sorriso no hall de chegada. Ainda que bastante sonolento, eu estava muito feliz de vê-lo, porque senão eu teria que gastar pelo menos 10 minutos explicando e negociando com um daqueles taxistas que ficam próximos ao portão de desembarque. Eu teria que explicar que não sou um turista, que eu sei sobre os preços justos e a distância. Com Miiro eu posso ser eu mesmo. Diferente de mim, ele estava cheio de energia e feliz ao dirigir o carro em torno de buracos e incontáveis redutores de velocidade. De onde é que ele tira tanta energia tão cedo, especialmente sem ter dormido? O nosso percurso de 90 minutos levou-nos do Aeroporto de Entebbe às margens do poderoso Lago Victoria, atravessando a capital de Uganda, Kampala, para uma pequena cidade quase exatamente na linha do equador: Mpigi. Tão no comecinho da manhã, as ruas de Kampala

já estavam cheias de vida, mas felizmente sem congestionamento de tráfego que, ao contrário de outras horas do dia, pode fazer a viagem para o aeroporto demorar até quatro horas. Apesar de saber que havia um atalho diretamente do aeroporto para a cidade de Mpigi, Miuro disse que essa opção nem sempre era a melhor ideia.



Alguns minutos após o pequeno centro da cidade de Mpigi, no topo de uma colina idílico, chegamos à SINA. Eram 6 horas da manhã. O sol ainda não havia surgido, mas alguma luz já brilhava por trás das colinas, à distância. Olhando naquela mesma direção, pude observar duas pessoas transportando ferramentas e materiais de construção. À medida em que eles foram se aproximando, pude reconhecer que eram Robbin e Henry. Fiquei confuso sobre o que eles estariam fazendo ali tão cedo. Eles me cumprimentaram com alegria e explicaram que haviam decidido lidar com o problema da falta de moradia na SINA através da construção de algumas cabanas a mais. Tais cabanas eram feitas ao estilo local que os antepassados costumavam fazer: uma tecnologia indígena usando lama, grama, madeira e outros materiais naturais para a construção de casas com um ar condicionado natural. Infelizmente, esta técnica tornou-se rara quando as chapas de ferro se tornaram proeminentes, mesmo com o sol equatorial, que ao bater nessas lâminas deixa as casas extremamente quentes. As pessoas preferem usá-las por serem mais duradouras do que a grama.

Henry me disse que eles têm um monte de tarefas e responsabilidades durante o dia, por isso se comprometeram a construir as barra-

cas nas primeiras horas da manhã. Robbin explicou que ele aprendeu a construir essas casas feitas com grama e palha com sua família, que pertence a uma tribo que ainda constrói dessa maneira. Henry se interessou pela ideia e ofereceu sua ajuda, enquanto também poderia aprender mais sobre esta tecnologia de construção. Robbin me disse que Henry é um aluno muito bom, eu sorri porque vi que na realidade Robbin era o estudante e Henry, o professor. Já me sentia como se estivesse em casa na SINA e então mais uma vez tive que me lembrar de substituir as palavras “professor” e “aluno”, por “facilitador” e “estudante”, ou simplesmente aprendizes. Fui educado em uma daquelas típicas escolas alemãs, onde éramos condicionados a acreditar que o conhecimento vinha de um professor ou um livro. Ainda com um sorriso no meu rosto, percebi que já haviam outras pessoas acordadas. A área da cozinha estava cheia de vida; ao me aproximar, pude sentir o cheiro vindo da frigideira e ver as pessoas que preparavam o alimento. Era a equipe de cozinha, composta por estudantes e facilitadores com um interesse em cozinhar e em estabelecer um restaurante profissional. Eles estavam preparando o café da manhã.

Estabelecer um restaurante, criando novos postos de trabalho, me fez lembrar naquele momento como toda a ideia da SINA nasceu. Foi um workshop de dois dias, onde um grupo de 15 estudantes, um pouco antes ou após o A-level, haviam se reunido a fim de buscar uma solução para os 83% de desemprego formal entre os jovens de Uganda. O rígido sistema de educação na Uganda está treinando pessoas para se tornarem funcionários em uma indústria que não está mais presente na economia do país. Os participantes queriam trabalhar este desajuste, liberando os estudantes do sistema rígido, e capacitando-os para criarem seus próprios empregos inovadores baseando-se em potenciais locais. Essas empresas deveriam não apenas beneficiar o estudante, mas também a sociedade circunvizinha. Havia nascido a ideia de promover o empreendedorismo social. Cooperação em vez de competição.

Enquanto descarregávamos a minha bagagem, pude ouvir vários telefones tocando, vindo da “Nigéria” e “Bangladesh”. Todos os

quartos tinham nomes de países, pois a disposição das construções em SINA lembrava um mapa do mundo. Mais e mais pessoas estavam acordando e enchendo SINA de vida. Eu vi algumas pessoas checando se seus vizinhos também já percebiam que um novo dia havia começado. Podia-se ouvir “bom dia” em várias línguas. Levei minhas malas para “Kosovo” e me juntei ao grupo para o café da manhã.

Reconheci um monte de rostos e os conhecidos me acolheram como se eu nunca tivesse me ausentado. Eles me apresentaram a vários novos estudantes. Um tempo atrás eu havia visto fotos de uma seleção de estudantes, mas poder de fato conhecer essas pessoas ao vivo me fez sentir muito feliz. Lembrei-me do tempo em que desenvolvemos as primeiras seleções de facilitadores e estudantes. Nós planejamos dias cheios de atividades em equipe e cooperação. Quando a noite caía, os participantes não queriam sair, e pude observar novos amigos trocando contatos. Até onde fiquei sabendo, duas outras ONGs haviam sido fundadas depois daqueles dias, pois ali, pessoas com interesses semelhantes se conectaram. Nós não tínhamos requisitos formais e focávamos apenas em habilidades sociais, como o trabalho em equipe.

Às 8 horas e 30 minutos eu estava caminhando em direção à aldeia de aprendizagem. Haviam passado um pano úmido no chão do “Canadá”, e então vi as pessoas tirando os sapatos ao entrar. Quando a última pessoa a entrar removeu seus sapatos, todos os membros da SINA estavam juntos para uma reunião matinal, dentro de uma casa construída com garrafas de plástico.

As paredes que me cercavam eram feitas de garrafas PET descartadas, que normalmente seriam queimadas na frente das casas das pessoas, liberando altos gases tóxicos. Os frascos foram preenchidos com terra



e compactados. Isso serve para manter o edifício fresco e forte. A cabana foi construída por estudantes e facilitadores, além de contar com o apoio da comunidade local. A conscientização de que resíduos podem ser um recurso valioso espalhou-se rapidamente desde o início da construção à base de garrafas, em julho de 2014.

O piso é feito de sacos de plástico e cascas de ovos combinados com cimento branco, uma ideia que foi trazida e implementada por um facilitador, juntamente com três estudantes, e se tornou o primeiro empreendimento social da SINA. A equipe montou uma fábrica em Kampala que instala pisos e a invenção foi patenteada. O telhado acima é outra grande criação de um voluntário. Ele é feito de pneu de carro velho para fazer telhas para completar a construção de “Canadá”, no total de 16 mil garrafas de plástico, inúmeras cascas de ovos e 400 pneus de carro. Enquanto todo mundo na cabana estava se assentando, eu pude ver as tampas de garrafa das mais variadas cores. Enquanto me perdia naquele belo mosaico, eu me recordei de todos os momentos da construção em que celebramos o trabalho em equipe, mas também os momentos de fracasso.

“EUA” foi a primeira cabana que construímos e a primeira na qual experimentamos usar as garrafas em vez de tijolos queimados, que contribuem para o desmatamento. Sentíamos-nos confiantes sobre o nosso trabalho até o momento em que nosso engenheiro civil identificou muitos desafios. A construção chegou a ser suspensa, pois as paredes e pilares não eram suficientemente confiáveis para sustentar um telhado. Esta foi uma experiência de aprendizagem não só para mim. Juntos, decidimos criar pilares externos e uma varanda para segurar o telhado. Incorporando todos os erros como aprendizado, os pilares foram construídos com muita solidez e agora sustentam um robusto telhado de palha, a quatro metros de altura.

Enquanto eu pensava que o real aprendizado está em superar barreiras e colher ensinamentos valiosos a partir dos erros, fui interrompido por meu vizinho Henry, me dizendo que hoje Kato havia definido a meta de superar sua timidez e que teve a ideia de criar e apresentar notícias sobre a SINA: atualizações, desafios, problemas, realizações

e *insights* sobre projetos e acontecimentos na SINA. Na última sessão de *coaching* pessoal que Henry teve com Kato, ele havia refletido sobre coisas que ele poderia fazer para ganhar mais autoestima e trazer para fora sua criatividade.

Kato começou dizendo: “Eu sou Kato e hoje vou apresentar-lhes as notícias quentes desta semana”. Enquanto ele estava falando, seus olhos se concentravam sobre as anotações que ele estava segurando em suas mãos. Eu senti que ele estava nervoso. Certamente ele está fora de sua zona de conforto. Mas ele continuou:

“Hoje teremos sol e um leve vento de norte/leste, enquanto a temperatura sobe até 23°C. Ontem, a equipe de futebol SINA marcou 4 a 3 contra os líderes locais de ‘Boda Boda’. Naquele momento, o time de futebol SINA havia vencido a sua quarta partida seguida. Felicitei todos os jogadores e também todas as pessoas que haviam apoiado a nossa equipe durante a partida. A aldeia SINA ia tomando mais forma, com 5 das 6 cabanas já concluídas. Como havia mencionado antes, nós queríamos, principalmente, usar essas cabanas para hospedar turistas e clientes e, portanto, resolver parte dos nossos problemas com espaço limitado. Enquanto isso, a construção do hall principal está também sendo realizada. Ele continuou: “O projeto de tijolo de solo estabilizado já produziu um bom número de tijolos que serão usados para construir o salão principal. Nossos engenheiros progridem com a manutenção da unidade de biogás e os aumentos de produção, e convidam todos a continuar fazendo doações”. Uma breve pausa ocorreu, e eu pude ver Kato com um sorriso em seu rosto, além de sentir como ele ficou mais confiável ao falar na frente do grupo. “O projeto de bijuterias criou novos colares e pulseiras que estão à venda agora na cafeteria, bem como em sua loja online. Sou Kato, seu âncora de notícias semanais, desejando-lhe um dia frutífero”.

Na próxima sessão de *coaching* pessoal, Kato então refletiria sobre aquele seu momento, para decidir quais seriam os seus próximos passos. Henry, portanto, não estava definindo o caminho para ele, mas sim auxiliando Kato a superar as suas crenças limitantes, e criando passos em sua jornada a fim de alcançar seus sonhos.

Após a reunião da manhã, vi as pessoas se espalhando em todas as direções. Era hora de trabalhar competências e Josephine estava me convidando para se juntar a ela no projeto de artesanato. Depois de entrar no “México”, me vi cercado por diferentes tipos de artesanato. Eu vi uma pessoa trabalhando em uma máquina de costura, outras praticando encadernação, e também um pequeno grupo que estava sentado junto, discutindo sobre o marketing de seus brincos, pulseiras e colares que produziam. Não me senti confuso com toda aquela variedade de atividades, mas me coloquei a pensar se a ideia por trás dessas habilidades ainda era a mesma. Assim, perguntei para um grupo de estudantes sobre o que eles pensavam:

“Há uma variedade de habilidades para obter vários *insights*, mas eu gosto mais do projeto das bijuterias”.

“Primeiro pensei que era tudo sobre habilidades práticas, mas agora também estamos fazendo marketing”.

“Primeiro eu não conseguia pensar em construção, mas depois tive a impressão de que há muito mais do que o trabalho físico”.

Ouvir aquelas opiniões me fez sentir feliz, porque minha necessidade de reflexão foi atendida. Como começamos com as habilidades, pensávamos que a obtenção de conhecimentos para tal finalidade poderia abrir uma perspectiva mais ampla de profissões para os estudantes. Mas ao trabalhar com as habilidades, percebemos que a grande variedade de atividades dentro de cada uma delas foi ainda mais útil, e ao saber que a construção não só consistiria na colocação de tijolo sobre tijolo, abriu-se uma nova perspectiva para a colaboração e trabalho em equipe.

Enquanto caminhava para a área da “África”, onde a aldeia de hóspedes e os animais eram localizados, eu me encontrei com Ruth. Quando perguntei a ela de qual treinamento de habilidade que ela estava vindo, ela me disse que naquele dia ela havia apenas conseguido uma entrevista com um médico para seu projeto, o “Educação Sexual App”, pelo qual fiquei bastante interessado. Já tinha ouvido falar sobre sua ideia através de outras pessoas, mas elas não compreenderam os detalhes quando pedi para explicarem mais. Ela começou a falar sobre cultura, conscientização, equívoco e sua história

pessoal. Eu sei que ela recebeu treinamento para divulgar e alavancar sua ideia, a fim de conseguir financiá-la e iniciá-lo, eu estava ansioso para ouvir mais sobre isso, e ver como tudo seria apresentado.

“Eu cresci em um orfanato em Uganda. Meus pais faleceram quando eu era jovem por causa da AIDS. O orfanato me apoiou até o final da escola primária. Depois da escola primária, eu não sabia o que viria a seguir. Uma ONG alemã acreditou em mim e me deu suporte para fazer o ensino secundário. Eu tinha que aproveitar esta oportunidade e trabalhei duro.



Tornei-me uma das melhores alunas em toda a escola. Por causa disso, pude me juntar à Academia de Inovação Social, após a os exames. Minha irmã também morreu de AIDS, mas antes de morrer ela perdeu um monte de cabelo, peso, e sua pele estava coberta de erupções cutâneas. Os vizinhos da nossa aldeia pensaram que era bruxaria ou uma maldição, porque ela era muito jovem para ter tido encontros sexuais. Ela foi levada para um santuário para ser purificada, mas foi tudo em vão. Pamela nasceu com HIV. Ela morreu muito jovem por causa da ignorância e falta de sensibilização e conscientização sobre o HIV. Ela poderia ter sido salva se fosse tratada

por médicos. Depois disso eu desenvolvi um grande interesse por questões médicas. Na África, normalmente são a tia e o tio quem ensinam sobre educação sexual para meninas e meninos, respectivamente; no entanto tios e tias estão negligenciando seu papel cada vez mais. O tópico também não é mais discutido nas escolas, porque não é considerado como acadêmico. Baseada nesta experiência eu fiz uma extensa pesquisa, inquirindo diferentes grupos de jovens sobre o que eles sabem sobre a saúde reprodutiva e sexual. Fiquei chocada com a quantidade de informações falsas que as pessoas realmente acreditam. Por exemplo: quando você dorme com uma virgem, você vai ficar curado do HIV. O estigma sobre o HIV é especialmente forte e muitas pessoas acreditam que é possível contrair o vírus ao compartilhar um copo, ou um prato com uma pessoa infectada”.

Fiquei muito tocado com a história de Ruth, bem como impressionado com sua autoestima e sua força para ser um agente de mudança. O HIV é ainda um grande desafio, e muitas pessoas estão morrendo todos os dias, mesmo havendo tratamento disponível. Em Kampala, grandes banners incentivam as pessoas a receberem tratamento. Enquanto eu estava falando com Ruth, o tempo de treinamento de habilidades tinha acabado, e a partir de então, todos os membros tinham tempo para estruturar o seu próprio programa. Eu pude ver as pessoas trabalhando em seus projetos, recebendo orientação ou trabalhando dentro de grupos de aprendizagem.

Brian se aproximou e me convidou para uma reunião do grupo de aprendizagem em Facilitação. Na SINA, grupos de aprendizagem fazem o mesmo trabalho que as divisões de uma empresa normal fariam. Cada membro da SINA está trazendo suas experiências e talentos para compartilhar em um grupo de aprendizagem. E assim acontecia que contadores formados, bem como estudantes, estavam trabalhando em conjunto na contabilidade da academia. Os grupos de aprendizagem têm uma reunião estruturada no início de cada semana, onde eles discutem o que precisa ser feito e o resto tem de ser organizado pelo próprio grupo. Dar às pessoas a responsabilidade de estruturar o seu próprio tempo é uma grande

experiência de aprendizagem. Quando os estudantes deixarem a academia eles terão aprendido a gerenciar o seu tempo de forma eficiente.

Eu estava sentado na reunião e depois de terem feito o *follow-up* das tarefas antigas, novos desafios foram identificados, e os membros do grupo atribuíam tarefas a si mesmos.

O relógio marcou 13h e cada uma das 50 pessoas que viviam e aprendiam em SINA estavam reunidas para o almoço. Eu podia ver uma fila de pessoas que crescia rapidamente na frente da estrutura de madeira. O aroma de cebolas fritas e batatas cozidas enchia o ar. Construída a partir de pranchas de madeira rústica que haviam sobrado da construção, a cozinha contava com uma área aberta onde as pessoas se serviam de um lado; e do outro, uma área para cozinhar, protegida do vento. Panelas de alumínio pesados eram levadas do fogão de biogás e colocadas em cima do balcão. Rose abriu a tampa de uma panela. Enquanto ela desdobrava as folhas, podíamos ver *matoke* amassado, um dos pratos favoritos entre os membros. Depois que as pessoas se serviram, pude ver todos se sentando juntos em pequenos grupos. Durante todo o almoço, procurei conversar e saber como andava a vida dos meus amigos. O tempo estava correndo, e logo pude ver pessoas carregando seus pratos vazios de volta para a área da cozinha.

Uma vez na semana todos os membros se reuniam para as apresentações dos projetos. Às 14 horas, todos os membros estavam juntos na cabana de aprendizagem e começaram a apresentar os seus projetos. Alguns ainda eram bastante novos, enquanto outros contavam com protótipos já construídos. Estava curioso sobre elas, então acompanhei cada apresentação atentamente. Ruth, que havia compartilhado sua história comigo naquela mesma manhã, estava de pé diante dos outros membros, e apresentou a sua ideia:

“Minha ideia é promover a saúde reprodutiva através da criação de um aplicativo sobre educação sexual, o ‘Educação Sexual App’. A partir de entrevistas que realizei, observei que os jovens são muito tímidos para falar sobre sexo em Uganda e acabam acreditando

em mitos comuns. A informação falsa estigmatiza as pessoas e lhes causam danos graves. A taxa de HIV é alta, a gravidez indesejada e na adolescência são comuns, e a discriminação das mulheres é um problema prevalente. O aplicativo poderia fornecer informações verdadeiras aos jovens do Leste Africano, desmascarar mitos e servir como uma plataforma interativa para fazer perguntas anônimas aos médicos especialistas, quando e onde as pessoas precisarem, sem medo ou vergonha. Os usuários receberão respostas imediatas que poderiam salvá-los da transmissão do HIV, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, etc. Um jogo educativo de perguntas e respostas poderia tornar o conhecimento sobre educação sexual mais divertido. Para as pessoas do campo sem *smartphones*, podemos configurar um serviço de SMS, no qual as pessoas podem fazer suas perguntas e obter respostas instantaneamente. Para este serviço pode ser cobrada uma pequena taxa por mensagem, e é dessa forma que os custos de funcionamento podem ser cobertos”.

Utilizando projetor e papel pardo, ela mostrou primeiros esboços da interface do usuário. O público pôde obter uma visão geral sobre os temas que ela gostaria de abordar em seu aplicativo. Ruth terminou sua apresentação agradecendo ao público.



Imediatamente, vários ouvintes levantaram a mão. Ao compartilhar inspirações e *feedbacks*, eles demonstraram respeito pela ideia de Ruth e deram-lhe novas ideias. Pude perceber que o *feedback* foi dado de coração. Diferente das escolas, os estudantes não estavam competindo; queriam ver os seus pares obterem sucesso. Dar e receber *feedback* tem uma grande importância na cultura da SINA. Os membros são introduzidos à comunicação não-violenta, bem como à escuta ativa. A comunicação não-violenta é uma maneira de expressar seus sentimentos sem julgar os outros. Ao assistir às apresentações dos projetos e ouvir o *feedback* que veio do coração, pude imaginar o impressionante impacto sobre o desenvolvimento dos indivíduos que tudo isso poderia ter. Olhando para trás, para a minha própria história escolar, percebia como receber *feedbacks* era difícil. Ao invés disso, recebia um monte de julgamento sobre detalhes específicos do meu trabalho e comportamento, também conhecido como notas. A cultura que se vive na SINA fornece a cada indivíduo, de forma contínua, um feedback pessoal.

Depois de um tempo determinado, a pessoa responsável por marcar o tempo pediu para encerrar a sessão de feedback, dando espaço, assim, para o início da apresentação seguinte. Robbin então se dirigiu à frente, se apresentou, e começou a falar sobre seu projeto.

“Eu cresci na aldeia, que é isolada e mais longe da civilização. Em meus primeiros anos de vida, eu não sabia que existia algo chamado eletricidade, porque nós na minha casa, bem como todos os outros na aldeia, utilizávamos principalmente lanternas de querosene *taboda* e velas para a luz. Em casos extremos, especialmente quando não havia dinheiro para comprar o querosene ou velas, usávamos grama para a iluminação – também utilizada para brincar, uma vez que éramos jovens sem muita noção das consequências de tais ações.

Na tenra idade dos 12 anos, aconteceu um incidente que mudou meu foco e conseqüentemente meus sonhos. Na casa de um vizinho, onde um bom amigo meu morava, sua mãe foi para o centro comercial. Ela deixou seu filho em casa e, infelizmente, ela não apagou o *taboda*. Na metade de seu caminho de volta, ouviu pessoas gritando

seu nome. Imediatamente ela correu para casa. No momento em que ela chegou, toda a casa estava em chamas com seu filho dentro. A bebezinha de dois anos não pôde descobrir o que era a vida, ela não teve chance de descobrir seus potenciais por causa do *taboda* que incendiou a casa, e nem mesmo os vizinhos conseguiram resgatar a criança. Foi essa memória desagradável que continuou me atormentando que me levou a embarcar em uma jornada para trazer energia limpa à minha casa e meu povo, pessoas em comunidades rurais. Eu decidi fundar um centro técnico rural que cria sistemas de energia solar domésticos, que são acessíveis e duráveis, para as pessoas em áreas rurais. Porque todas as empresas de energia solar em Uganda operam no centro e não alcançam as áreas rurais...”

Ele nos mostrou alguns protótipos de sistemas solares que ele mesmo havia construído, que captam a luz e podem carregar um telefone celular. Os modelos foram construídos a partir de componentes elétricos reciclados. Para sua próxima apresentação, ele gostaria de colocar todos os componentes em uma única caixa para ficar mais fácil para as pessoas instalarem. Ele recebeu o *feedback* de seus colegas, e as apresentações dos projetos continuavam. Uma vasta gama de ideias foi apresentada. Alguns eram projetos individuais, mas a maioria era em grupo. Todos estavam em seu caminho para se tornarem empresas sociais que gerarão emprego para a equipe, ao mesmo tempo em que demonstram um evidente impacto positivo sobre o meio ambiente e a sociedade.

Após a conclusão das apresentações, algumas pessoas permaneceram no local. Eram os mentores do projeto. Eles discutiam as apresentações, os progressos individuais e traçavam estratégias para ajudar os projetos a crescerem mais rápido. O sistema de incubação tinha vários níveis pelos quais cada projeto precisaria passar. Quando um projeto atingia os níveis finais, estava pronto para sair pelo mundo, e registrar-se como uma empresa ou uma ONG. Mas enquanto esse ponto não era alcançado, a cada projeto dos estudantes eram atribuídos dois mentores. Os mentores orientavam os estudantes com seus melhores conhecimentos, conectavam pessoas de fora com o estudan-

te, e faziam tudo que se podia imaginar para construir um solo fértil para a ideia do projeto crescer. Eles faziam o seu melhor para não julgar a ideia, e sim apontar quais desafios e oportunidades que a atual interpretação trazia. Desde o início, os estudantes eram convidados a sair da academia e falar com potenciais clientes para ampliar e aprofundar a compreensão de suas ideias. Assim eles obtinham *feedback* valioso e podiam compreender o potencial dessas ideias.

A esta altura do dia, estava realmente exausto. Mas quando eu saí da cabana, vi membros jogando futebol e voleibol. Embora eu estivesse realmente cansado, não consegui resistir e joguei uma partida mesmo assim, porque eu amo essa interação natural entre estudantes e facilitadores. É um forte contraste com o papel conformador que os estudantes têm no sistema escolar de Uganda. Na SINA, a relação do facilitador é mais comparável a um irmão ou irmã mais velho: alguém que você respeita, mas que também não tenha receio de compartilhar seus medos e desafios.

Eram 6 horas da tarde e estava anoitecendo. Sentei-me junto a alguns membros na varanda e começamos a discutir sobre educação, alguém me perguntou como a educação será no futuro. Depois de um breve momento de silêncio, eu comecei:

“A educação é um aspecto importante para a reprodução cultural das comunidades. Ela deve equilibrar seus papéis de explicar o funcionamento do mundo e construir espaços para encorajar o desenvolvimento pessoal. A educação que eu tinha experienciado em um país ocidental focou principalmente na primeira parte, porque com o advento da revolução industrial, surgiu a necessidade de trabalhadores especializados. Mas para um crescente número de pessoas ao redor do mundo, ser um empregado na indústria não é uma perspectiva viável, gerando, dessa forma, uma falha nos conceitos atuais de educação. Ao possibilitar um espaço bem maior para o desenvolvimento pessoal, em comparação com o sistema escolar ocidental que eu havia frequentado, a Academia de Inovação Social buscava recuperar o equilíbrio. As experiências que pude viver na SINA fortaleceram o meu sentimento de que este equilíbrio é a chave para

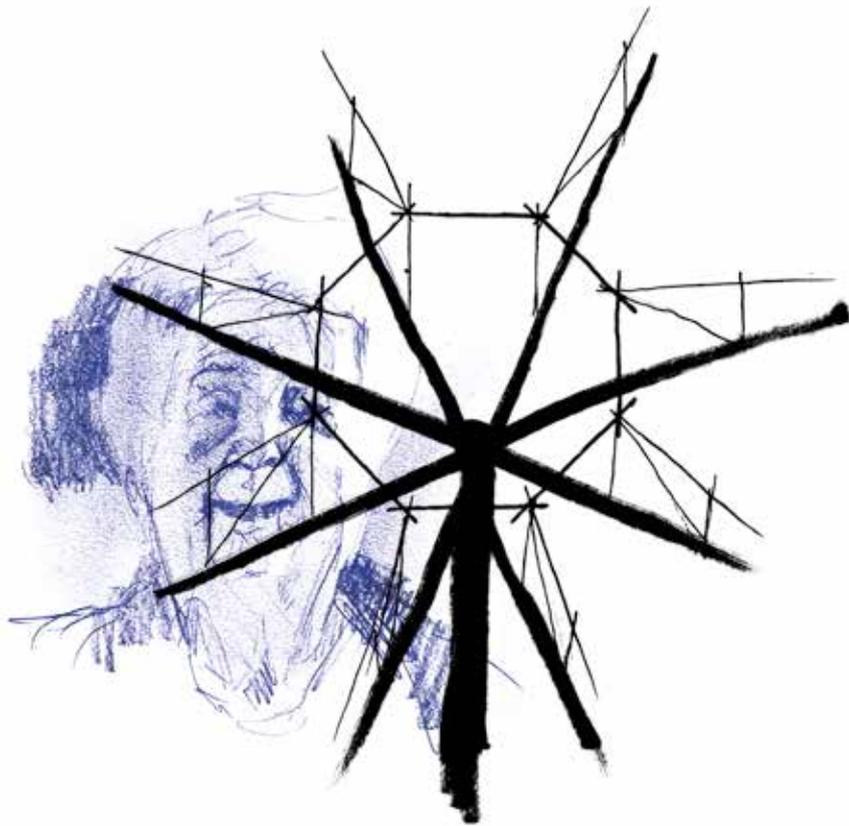
uma cultura sustentável. Liberdade e responsabilidade vêm com a compreensão da realidade e a capacidade de questioná-la”.

Enquanto eu pensava sobre educação, sobre as histórias dos estudantes e os trabalhos que eu vi naquele dia, refleti sobre o aspecto fundamental da aprendizagem. Durante todo o dia eu senti que os estudantes estavam construindo-se, a partir de seus interesses e motivações. Na SINA, eu estava experimentando a educação como um processo de criação de espaços para o desenvolvimento, em vez de apenas tentar desenvolver. Neste ambiente, a aprendizagem de alguma forma parecia acontecer naturalmente. Tive a forte sensação de que a aprendizagem não poderia ser limitada pelo espaço, tempo ou intenção. Levando isso em consideração, a educação deve ser vista como um processo natural que acontece dentro de uma cultura.

Eu estava ficando com sono e assim eu me preparava para a noite, antes de me deitar, sob o mosquiteiro. Movido pelas histórias de Ruth e Robbin, pensamentos correm pela minha mente. Fiquei interessado em como as suas jornadas continuarão. Em breve, eles deixariam a SINA com empregos que eles próprios criarão, com empresas que enfrentarão um desafio social. Ficarão conectadas com a SINA, na ideia de que existe um grande potencial em todas as pessoas, que pode ser revelado. Sairão pelo mundo, e com tudo o que fizerem, irão transmitir esta cultura, irão educar. Parece confortável nos dias de hoje localizar a educação em prédios escolares, embora seja uma parte integrante da cultura. Antes de finalmente fechar os olhos à noite, lembrei-me das palavras de Miro de manhã cedo, que um atalho não é sempre o melhor caminho.

*“A escola como a conhecemos hoje está ligada à aprendizagem como um bordel ao amor”*

*Miro*



## ENTREVISTA A THEREZITA PAGANI

*por Tathyana e Philippe*

*Você poderia nos contar um pouco sobre a sua trajetória de vida?*

No dia 22 de agosto de 1931, vinha à luz em Colatina, no norte do Espírito Santo (Brasil), em um sombreado de uma frondosa mangueira e ao murmúrio das águas barrentas do Rio Doce, que corria no fundo do quintal, depois de muitas horas de dores e sofrimento da jovem mãe de 20 anos, uma segunda filha, para fazer companhia ao primogênito. Assim que fui limpa e entregue de volta à mãe pela parteira jovem vinda do Rio de Janeiro, ela disse: “Esta criança não vai andar nem falar, porque nasceu com problemas neurológicos”.

Felizmente a minha avó Tetê estava por perto, e com a vivência de ter parido 19 vezes me pegou com carinho e firmeza e assumiu meus primeiros dias, porque eu não quis pegar nos peitos fartos da minha mãe. Por isso fui alimentada pela vovó Tetê, com biscoito de polvilho socado e água fervida fria, através de uma trouxinha de pano no formato do bico dos seios. Tive vários irmãos de leite que, passados os anos, quando nos encontravam, também pediam a benção à mamãe, em um ato de respeito e gratidão.

Fui a primeira neta que recebeu o nome da minha vó materna, Thereza com “h” e “z”, mas recebi com a condição de ser apelidada

de Therezita, bailarina espanhola que havia encantado a todos na cidade de Colatina (ES), cortada pela recente estrada de ferro Vitória-Minas, cujo o primeiro agente concursado foi vovô Adalberto, que com instrução e hábil em comunicação Morse, deixou com a família a fazenda falida em Campos, no Estado do Rio de Janeiro, e da opulência passaram a viver na pequena casa da estação de ferro. Nunca foi verbalizado o porquê do ocorrido e ninguém da família falava a respeito. Porém, minha avó, mulher forte e amorosa, alegre e caridosa, garantiu os estudos à prole, fazendo de todos os filhos homens e mulheres independentes trabalhando com o que gostavam. Vô Adalberto faleceu no Rio de Janeiro, e eu soube que ele amava ler, e uma das suas leituras era Júlio Verne. Isso chegou aos meus ouvidos pelo querido, estudioso e brincalhão primo Lúcio Correa de Castro Soares, que também amava os livros, filho do irmão mais velho da minha mãe, tio Arthur e tia Marieta, ela meu modelo pelas botas, indumentária carioca e por falar francês com minha mãe, com o cacoete dos “sss”.

Eu e meu irmão Beto, sempre esperávamos por este primo nas férias, pois vinha passá-las na casa da vovó em Colatina.

Mamãe falava que meu batizado foi na igreja de Colatina Velha, e a dindinha foi sua irmã mais velha Agnalda, tia Petita, e o meu padrinho seu irmão caçula tio Anchises, farmacêutico formado no Rio de Janeiro, que também foi uma pessoa que começou a alertar a minha mãe sobre a minha deficiência alfabética aos 7 anos (mais à frente voltarei ao assunto).

Aos 6 meses mais ou menos, estando próximo de Afonso Cláudio, numa pequena cidade de fontes termais para tratamento de vias aéreas para o Beto, onde papai chegava só para passar o fim de semana e deixava o dinheiro para os pagamentos, eu estava no colo da mamãe junto à mesa e ela, viajando no pensamento de solidão e responsabilidades, não percebeu que eu ágil nos braços e mãos peguei a nota de dinheiro e a coloquei na boca. Mamãe só acordou da letargia quando ouviu o som da língua e o estalo diferente de meu balbuciar e sentiu a falta do dinheiro sobre a mesa. Assustada

passou o dedo na minha boca e retirou, não mais a nota, mas o véu do dinheiro, sem valor. Peguei em horas ameba infecciosa que custou a minha ida para o Rio de Janeiro, procurar o Doutor Vitrock, médico famoso na época. Estive em coma alguns dias, mas teimosa sai dessa pela primeira vez, ficando com dieta alimentar até os 7 anos, à base de leite, feijão preto coado, pão torrado e biscoito de polvilho, “engano” que mais uma vez me acompanhou.

Tive a minha primeira infância ao lado da vovó Tetê, que para mim era a mãe verdadeira, mas nunca morei com ela, embora passasse a maior parte do dia na sua casa. Recebi logo o apelido de “Cabrita Branca”, porque não andava, conforme me disseram, só corria e não parava de investigar tudo sem noção de perigo.

Meu pai, mesmo sem saber que seu segundo filho seria uma menina, importou da Alemanha um piano armário meia cauda Schudmayer, piano forte fabricado em Stuttgart. E aos 3 anos de idade comecei a estudar com Dona Mercedes Resende, vizinha da vovó. Hoje sei que foi de suma importância minha alfabetização acontecer pela música. Aos 5 anos, fiz meu primeiro recital solo acompanhado por violino pelo Frei Miguel, auxiliar da Igreja Matriz. O concerto foi no clube que tio Antoninho Pagani, irmão mais velho do meu pai, construiu em Colatina. Toquei serenatas de Schubert e de Toselli, escritas para criança. Não errei e nem fiquei com vergonha, só não lembro como sentei e saí da banqueta para o piano “moche”, que era alto. Eu usava um vestido lindo, todo bordado e pregado com rendas fazendo ondas, entre pequenas margaridas de miolos amarelos de rococó; os cabelos cheios de cachos à la Shirley Temple, que eu gostava de imitar (mas o sapateado nunca consegui).

Lugares inacessíveis e tudo o que era difícil me estimulava, enquanto o fácil me entediava. Como bem dizia Paul Valéry, “não quero o que está à vista!”, queria sempre descobrir o invisível, o porquê. E sempre sentir que a vida era simples.

Vovó havia comprado uma máquina de costura Singer para fazer o enxoval da mamãe, e continuava costurando suas batas,

roupas de cama, como também meus lindos vestidos de chita para cada dia do reisado: vermelho, azul e amarelo, com muitos babados e sianinhas. Eram os dias em que eu saía do branco engomado e rendado, cujos pedaços sempre ficavam na cerca de arame farpado, nas goiabeiras e nos cajueiros que os nodoavam. Diziam as lavadeiras que as manchas só sairiam no ano seguinte! Isso sem contar os joelhos sempre feridos, o que para dormir era uma tortura, pois o lençol não podia tocar, e a camisola nem se fala.

Voltando à máquina de costura, aprendi a costurar sentada no colo da vovó: ela pedalava e eu dirigia o pano. Aprendi a encher carretilha, e quebrei muita agulha nos dedos, pois esquecia de tirar a mão. Vovó, sempre tranquila e paciente, deixava chorar, retirava o pedaço quebrado da agulha, passava iodo e dizia: “o que arde cura e o que aperta segura”.

Vovó sempre gostava de saber dos nossos sonhos para poder fazer o jogo do bicho, e nos “financiar” à tardinha com picolés de groselha, limão, coco e gengibirra (feita de casca de abacaxi fermentada). Gostava também de comprar pirulito que um menino passava vendendo cantando: “quem quer pirulito, enrolado no papel enfiado num palito”.

Muitas vezes era a hora dos soldados levarem os bêbados para a cadeia. A maioria não conseguia caminhar, caía e apanhava. Vovó me chamava e me dava algodão embebido em amoníaco, para que eu lhes colocasse no nariz. Após cheirarem logo levantavam. Os soldados já me conheciam e nunca me fizeram mal.

Cantava roda, brincava de esconde-esconde, patinete, rema-rema, velocípede, bola de gude, ferrinho, pula corda, foguinho, olho de boi catado na beirada do rio (atualmente, 5 Marias), equilíbrio nos trilhos da estrada de ferro, gangorra em pé, conduzia arco com distância e chegada (brinquedo que nós mesmos construíamos com um pedaço de tábua e arame, para conduzir a roda ou o arco).

Toda sexta-feira, ajudava a fazer o rol e a trouxa de roupa que a filha da lavadeira, uma menina com Síndrome de Down, levava com equilíbrio, coisa que eu invejava, pois nunca consegui tal

proeza. Assim como trazer o tabuleiro com a roupa passada na cabeça, e terno e vestido engomado nas mãos, sem arrastar no chão. Eu não podia entender o porquê eu não conseguia.

Outra coisa era ir brincar na casa da menina cega, que comia sentada no chão junto com os irmãos no quintal. O prato era a lata limpa de goiabada e não havia talheres, comíamos com as mãos. As galinhas e pintinhos não comiam e nem bicavam a comida deles, mas a minha eles a devoravam e eu ficava com fome. Eles riam e diziam para que eu as enxotasse.

Outra casa que eu gostava muito de visitar era a da telefonista, que tinha uma filha surda. Fazia mímicas igual ao meu grande amigo jardineiro, o Mudinho. Ele me deixava conversar com os amores-perfeitos, perguntando a cada um por que estavam zangados, por que estavam tristes e também por que estavam rindo e alegres; perguntava também às violetas por que se escondiam tanto debaixo das folhas. Mas o meu preferido era o girassol, sempre em movimento à procura do Sol. Mudinho me dava colares de flores das quais não me recordo o nome, feitos com uma flor enfiada dentro da outra. Chorei muito quando ele morreu por causa da chifrada de um boi bravo, da boiada que passava na cidade.

Os ciganos eram outra alegria quando acampavam perto do jardim. As músicas, as danças, as feitura dos tachos, o fogo, e o cheiro das comidas me faziam ficar sem medo de que eles me roubassem.

Gostava de trepar, brincar nas toras que eram levadas de trem para Vitória (ES). O cheiro dessas madeiras de lei me envolvia, e todos os madeireiros já me conheciam. E assim brincava sem perigo.

Também me fascinava quando a caminho da aula de piano passava ouvindo os sons do trabalho do ferreiro na forja, na bigorna, o fogo, na confecção das ferramentas como enxada, foice, ancinho, rastelo, machado.

Um belo dia, ganhei a primeira bicicleta de mulher. Aprendi a andar rápido, mas não sabia frear. Certa vez desci a ladeira da mi-

nha rua e só não morri porque Manoel Caolho, que trabalhava no armazém de meu pai – e mais tarde me convidou para ser comadre dele –, prevendo a tragédia, abriu as pernas e braços, me segurou e caímos os três sãos e salvos: eu, ele e a bicicleta, no exato instante em que o trem passava bem onde eu atravessaria se não fosse por Manoel Caolho.

Falando de morte, mais ou menos no mesmo ano, brincando com a vizinha da casa da vovó, de casinha, em um barranco fizemos uma caverna, e lá brincávamos de cozinhar e tomar conta dos filhos das bonecas de pano. Fui pegar verdura verdadeira na horta, para a salada, e quando voltei, o barranco havia soterrado a minha amiga. Saí correndo e gritando para buscar socorro e qual não foi a surpresa: ela foi retirada morta. Fui ao velório levar flores colhidas no jardim da vovó e as pessoas diziam que eu vivi outra vez e outras coisas parecidas.

Beto, meu irmão, gostava de me levar para o morro do quintal que dava para outra rua. Era muito íngreme. Uma vez ele levou pneus, me fez ficar dentro e disse:

- Agora segura!

Aí soltou o pneu e eu caí dentro dos arcos enferrujados de barris de onde saí gritando e ensanguentada. Vovó me curou e disse:

- Brincadeira de menino é assim mesmo.

Os aniversários eram preparados com meses de antecedência, com tudo feito em casa, e a cidade inteira era convidada.

Assim como na festa da Primeira Comunhão, que acontecia sempre no último dia das Missões católicas. Nós éramos preparadas por um padre missionário e ele falava:

- Jesus entra no coração dos mais pobres, com roupas usadas e limpas, tênis limpos com alvaiade, Jesus fica mais feliz.

Ao sair do catecismo conversando com uma menina pobre, perguntei a ela se queria trocar comigo o vestido, véu e sapato. Ela ficou contente e eu mais feliz. À tarde ela apareceu em casa com a roupa no cabide e o tênis branquinho e minha mãe logo perguntou se ela queria se vestir ali, e eu rapidamente respondi:

- Não, eu troquei a minha roupa com ela, contando a mamãe o que o padre havia dito no catecismo.

Mamãe me levou à casa da vovó que disse:

- Vou fazer um vestido parecido com o seu e os sapatos serão iguais.

Tirou as medidas e costurou a noite toda. O vestido ficou lindo, e eu cada vez gostava mais da vovó.

Aos 4 para 5 anos, mamãe estava pintando um “frontal”, uma toalha de altar para a festa de 8 de maio, que era o aniversário de Beto, e a coroação de Nossa Senhora. Eu sempre perto querendo ajudar. Assim que mamãe foi atender a uma comadre, eu me apoderei da pintura e fiz as minhas margaridas. Quando ela voltou eu ainda estava pintando. Ela ficou furiosa, me tirou gritando de raiva e me dando vários cascudos que doíam muito. Fiquei assustada e com muito medo da pintura. Levei anos sem usar o desenho e a pintura, mas no Sion, a harpista e professora de desenho Mère Sebastiana, que sofria de reumatismo deformante, me tirou o medo e me fez amante dos desenhos a bico de pena e pintura aquarela; me ensinou a bordar a ouro e o bordado à matiz e no bastidor de pé – que eu doe. Ensinou-me também pintura de natureza morta das cravinas, copo-de-leite e outros. Com as cravinas cheguei a ser escolhida pela Fábrica de Tecidos de Petrópolis Estamparia, e tenho roupas feitas com essa estampa em tecido de algodão cru.

Voltando aos 3 anos, passei por um novo acidente, e desta vez o coma foi bem prolongado. Sempre aos domingos, depois da missa das 6 ou 7h, passávamos fora de Colatina, na beirada do Rio Pancas, para que o papai pudesse tarrafejar e pescar cascudo que a mamãe limpava, nos mostrando como fazia. Pegava folhas grandes e enrolava os peixes, enquanto isso Beto e eu fazíamos buracos na areia firme e saíamos atrás de folhas secas e gravetos, para com a mamãe fazer o fogo até vitrificar a areia. Depois os peixes eram colocados para assar cobertos de areia seca. A toalha para “convescote”, segundo papai, também não podia faltar. Os pratos, feitos de folhas, e os dedos serviam de talher; as mãos eram copos que

seguravam a água cristalina do Rio Pancas. Só o pão italiano era feito em casa e levado. Mamãe e papai tomavam vinho português, e às vezes cerveja preta na caneca de ágata azul ou branca. A sobremesa eram frutas colhidas na mata: maracujá, pitanga, jabuticaba, coquinho sapucaia e tudo que não fosse veneno. Depois era descansar, mas eu sempre ia atrás das borboletas, que em profusão voavam para o meu encanto. Às vezes, aparecia a azul enorme que vinha bailar à minha volta e depois entrava mata adentro. Como ia contando, em um domingo fatídico, ocorreu o atropelamento. Antes de chegarmos à margem do rio, mamãe me segurava na mão, Beto ao lado dela e papai fazendo manobra com o Ford bigode, como era conhecido. Antes de terminar a manobra, mamãe me soltou, ele não viu e continuou. Felizmente um toco que havia no local me protegeu, prensando a roda e meu corpo. Fui retirada desfalecida, segundo relatos da mamãe e levada para a casa da vovó, que só me deixou quando resmunguei. Dias depois saí do coma e as peraltices da “Cabrita Branca” retornaram para o alívio da família. Anos depois, na Te-Arte, recebi um menino que foi atropelado na calçada e que estava com as pernas engessadas. Quando meu pai o viu perguntou o que havia acontecido, e o menino contou que foi atropelado na calçada junto com o pai e o irmão. O irmão morreu, mas ele só ficou muito machucado, e isso foi no dia do Natal, em Juiz de Fora. Meu pai falou:

- Igual no dia em que eu atropelei você.

E ficou muito emocionado.

Certa vez, meu pai caçou uma garça branca. Minha mãe conseguiu empalhar as asas da garça e com elas fazer asas de anjo para que eu usasse nas festas religiosas. Convidada para uma dessas festas, já pronta como anjo fui testar as asas. Havia na minha casa uma calçada cujo lado era mais alto que um metro e dava para a rua. Saí correndo, pulei daí para o voo e me esborrachei no chão. Fiquei com o vestido ensanguentado e a cara esfolada. A sorte é que minha vó tinha um vestido de reserva. Fui um anjo de cara esfolada.

Outra peripécia minha, dessa época, foi na primeira casa construída pelo meu pai, na qual passava no quintal uma cachoeira. E aí o meu pai mandou fazer uma cerca de arame farpado. Eu fui à cachoeira pegar umas flores chamadas onze-horas, pisei no limo e escorreguei. Felizmente os anjos me ajudaram e não me enrosquei nos arames farpados e nem fui pega pelo cachorro do vizinho.

Aos 6 anos comecei a ter aula de crochê para fazer o enxoval da minha irmã e afilhada Lélia, que queria que nascesse em agosto com cabelos bem pretos. Para que tudo acontecesse assim, comecei a ir à missa todos os dias às 6 horas da manhã. O vigário foi em casa perguntar à minha mãe o porquê e ela contou que eu queria uma irmã diferente, de cabelos pretos, e que nascesse em agosto, o que seria impossível segundo os médicos. E não é que, com fé, ela nasceu dia 1º de agosto, e com os cabelos bem pretos!? O enxoval de crochê ficou pronto e lindo, sem faltar nenhuma fita e pompom nos casaquinhos e sapatos, de vários tamanhos. Os padrinhos, fomos eu e o Beto.

Aos sete anos entrei no primeiro ano no Colégio Cristo Rei, trazido a Colatina pelas famílias colatinenses, e a família Pagani colaborou muito. Infelizmente fui aluna destas freiras sem preparo religioso e muito menos pedagógico, e recebi a “pecha” (marca) de “burra” pela freira que tomava conta da primeira série (alfabetização). Minha mãe marcou reunião com a diretora e a mestra. E qual não foi o espanto de minha mãe quando ouviu da tal mestra a frase: “A senhora deveria estar satisfeita e muito de ser rica, e aceitar ter uma filha burra e com dificuldade de aprender a ler e escrever”. Minha mãe mostrou os boletins que havia recebido com notas nove, dez e laços de honra, e a diretora não teve como explicar, interrompendo a reunião. A palavra “burra” ficou latejando em minha cabeça até os meus 12 anos.

Depois fui ter aula de reforço com uma professora do grupo escolar, com quem me identifiquei e aprendi a ler e fazer as quatro operações matemáticas. Também tive muita ajuda da Anita na minha alfabetização (ela tinha muita paciência), empregada a qual

eu pedi à mamãe, aos 3 anos, para que trabalhasse em casa. Aos noventa e seis anos Anita morreu em meu apartamento, na cidade de São Paulo. Anita sempre foi muito querida por mim, mais querida que qualquer parente de sangue.

Dona Clotildes Paiva, foi a professora que me ajudou para o exame de admissão ao ginásio, na capital de Vitória, no qual passei com louvor, para o Colégio do Carmo, onde anteriormente a mamãe e minhas tias haviam cursado o Normal (também conhecido como Magistério do Primeiro Grau ou Pedagógico, sendo um tipo de habilitação para o magistério nas séries iniciais do ensino fundamental). Esperei acabar a Grande Guerra, e fui para o Colégio Sion em Petrópolis (RJ), para realizar o meu sonho de falar francês como a Tia Marieta e a mamãe, mesmo sabendo que com isso eu iria repetir de ano, não poderia passar as férias de junho em casa, por serem quinze dias, e também ser muito caro. Mas me senti realizada.

Notre Mère Maria José (superiora) foi a pessoa que mais me ajudou elevando a minha autoestima. Mais tarde terminei o ginásio e fui para o Rio de Janeiro-RJ, fazer o Instituto Nacional de Música, o Clássico e Científico, no Colégio Santos Anjos, no alto da Tijuca. Nesse tempo tive uma experiência de meses na casa da Tia Escolástica “Santinha”; não suportei. Consegui ficar morando no Colégio Santos Anjos, estudando, saindo para o Instituto, frequentando o Municipal e ajudando as crianças da favela do Salgueiro-RJ.

Foi no último ano de piano e Clássico, quando em junho, durante as férias, conheci um engenheiro sanitário com quem eu me simpatizei, mais tarde namorei e iria morar no Quênia em razão do trabalho dele. Minha mãe me deu todo apoio necessário, já meu pai não. Em agosto, eu iria completar dezoito anos e ficar noiva. Mamãe, então com quarenta anos, estava esperando o décimo terceiro filho; e papai estava com quarenta e um anos. Papai não me deixou ir a Colatina para o aniversário e noivado. Eu e mamãe sempre tivemos um diálogo franco e muita leitura (nos grupos

de estudo da Te-Arte mantemos esse diálogo franco e com muitas leituras de livros de pedagogias atuais. Atualmente nós estamos debatendo os livros do Professor Mário Sergio Cortella). Doutor Ciro de Almeida, professor de filosofia, me cativou e me preparou para o vestibular de filosofia. Terminando o Instituto Nacional de Música, o plano era eu morar no Rio de Janeiro, no apartamento em Grajaú, para tomar conta do Adalberto, José (Zezito) e da Lélia.

Infelizmente em outubro mamãe morreu no parto, assim como o seu filho. Meus planos e sonhos acabam ficando de lado, para assumir a herança de cuidar de meus irmãos, já que papai não quis casar novamente, e eu ainda não estava pronta para ir morar no Quênia. Com isso acabei ficando em Colatina, lecionando piano até a entrega do Colégio Marista, trazido pelo papai, e a construção sendo realizada para que os outros quatro filhos pudessem estudar. As meninas Lélia, Zélia, Margarida e Maria Isabel, papai concordou que continuassem estudando fora, no Sion. Quando Lélia terminou a faculdade papai pediu que ela tomasse conta da casa em Colatina. Então vim para São Paulo, para fazer o curso Montessori, com bolsa oferecida pelo Sion.

Voltei para as férias e havia ocorrido um desentendimento entre papai e Lélia; ela foi morar em Vitória, mas ele me proibiu de voltar a São Paulo, dizendo que ninguém ia mais estudar. O meu choque foi tão grande diante da situação que fiquei com uma tuberculose somática com hemoptise. Voltei a São Paulo, onde fui cuidada pela equipe médica da Santa Casa, do Doutor Naeron Trenche, pai da Maria Alice, colega do curso Montessori. E em contato com sua mãe, Dona Maria José – professora de português da Caetano de Campos, onde fiz estágio –, pude conhecer sua vasta biblioteca psicanalítica, com autores como Noemi Silveira, Virginia Bicudo, Miler de Paiva, Nelson Poggi, Luiz Adalberto Pi, Toreiras, da Clínica Toreiras no Rio de Janeiro.

Conheci Doutor Henrique Rocho, com o meu pai, para o tratamento do meu irmão Zezito. E ele disse para o meu pai: “Isso é coisa de adolescente e não é doença”. Mas meu pai não acreditando

fez com que ele fosse para o hospital psiquiátrico do Toreiras, em Laranjeiras (RJ). Ajudei no hospital com meu irmão Zezito, e fui convidada a fazer parte do tratamento moderno. Na ocasião não aceitei participar, mas fiquei interessada em estudar criança, família, me conhecer mais profundamente e não somatizar (Na Te-Arte, existe sempre o alerta aos pais sobre a criança que adoce somatizando, e a pergunta sempre é feita: o que está acontecendo com vocês pais?).

Voltando a São Paulo-SP, procurei Nelson Pocci a mandado da Clínica Toreiras, fiz grupo analítico e conheci Maria Célia Amado Calmon, com a qual trabalhei no ateliê de arte com crianças e adolescentes, com estamparia e cerâmica. Conheci também Mister Margarete Guil, que apresentei com peças de burricos com família retirante e para o dono da Mestre Ju, o jogador de boche agachado.

Saí da Maria Célia e fui trabalhar na Pró-Arte Brasil, com Gilberto Tinette, na Rua Sergipe, em São Paulo onde conheci Teodoro Rambergue, proprietário da Casa & Jardim e da Pró-Arte Brasil; conheci também Helena Silveira e fiz curso Orfe Cordalle Metafone em Teresópolis, pela Pró-Arte, com o professor Hélder Parente. Também em Teresópolis, conheci o grande e inesquecível Koellreutter, com todo o entusiasmo de transmitir a música nova e sua criação. Teca Alencar de Brito, uma das discípulas de Koellreutter, foi minha colaboradora com as crianças na Pró-Arte Brasil. Koellreutter foi um dos pioneiros na introdução do pensamento interdisciplinar e complexo de Morin, Varela, Maturana e Bateson.

Fui convidada para fazer curso Lato Sensu, com a temática da família sistêmica, com Ada Pellegrini Lemos, na PUC-SP, juntamente com a qual mantenho supervisão de trabalho e de família, até hoje. Na FAAP, fiz curso de xilogravura aos sábados, e Parapsicologia com o Padre Quevedo. Com a família Nomura, fui convidada a fazer um curso de controle mental e conheci Frei Hugolino Back, paranormal que me ajudou muito e me ensinou a imposição das mãos em Caldas da Imperatriz, em Santo Amaro, no Conventinho do Espírito Santo. Primeiro curso de Tai-Chi-Chuan, na Li-

berdade (bairro da cidade de São Paulo), também com a família Nomura, dado pelo mestre japonês. Fiz tear com o professor Aros-tegue e até hoje me faz muito bem.

Corpo vivido, com Maria Duchenes, método Laban, que me ajuda até hoje a proporcionar às crianças brincarem com movimentos simples e naturais. Fiz curso de Romain, com Simone Romain. Já trabalhando na Pró-Arte Brasil, São Paulo, conheci a Carmella e Marcelo Niteh, passávamos as manhãs de domingo no parque do Ibirapuera, pintando, modelando, cantando e brincando com as crianças enquanto os pais caminhavam, e ao meio-dia pegavam as crianças. Mais tarde a prefeitura resolveu assumir a atividade.

Passei a frequentar aos domingos os concertos da Pró-Arte, e Municipal. Nessa época, nasceu a Te-Arte no bairro do Pacaembu. Alguns anos depois, houve um desentendimento entre mim e outras duas sócias da Te-Arte (Ediva e Maria Isabel) e a sociedade foi desfeita. Para prosseguir com a Te-Arte, fui ajudada por uma advogada e então, com a divisão dos lucros, comprei uma chácara em Estação de Pereiras, onde passei a levar famílias com crianças. Foi um aprendizado muito, muito rico e diferente do período em que eu fazia arrendamentos de fazendas tombadas e viagens à Coroa Vermelha, Bahia, Espírito Santo, Nova Almeida, Praia do Canto, Goiabeira, onde alugava casa e passava férias com crianças que os pais visitavam e encontrávamos de surpresa no avião.

Compramos muitos instrumentos musicais primitivos, brinquedos de latas, carros, panelas de barro, frequentamos o Acampamento do Sol, levando famílias e crianças para conhecerem os índios e muitas festas folclóricas e aprendendo a tecer com o corpo. Durante o ano fazíamos danças com Raquel Trindade, no Vento Forte, e o Tião Carvalho (que apelidei carinhosamente de Estrela Cadente), que nos ajuda com conhecimento genuíno afro-brasileiro com carisma de mestre, compositor, brincante, que as crianças amam. Elas participam, no Morro do Querosene, bairro de São Paulo, do Boi do Maranhão, e eu tive a honra de ser madrinha do Boi, experiência que me fez lembrar a infância em Colatina,

acompanhando e correndo atrás da burrica, do boi e oferecendo licor, bolo e café na casa da vovó Tetê.

A minha grande alegria foi ganhar de presente o cavaquinho que acompanhava os festejos. Tenho o maior orgulho de ter mandado um loutier recuperá-lo. Recebi uma boa oferta pela idade e selo no instrumento, mas o deixei para a Te-Arte, assim como os tambores de troncos cavados, cuícas, reco-recos com cavas, castanholas, rabecas, matracas e outros.

Estar em contato com Paulo Dias e suas pesquisas me faz bem à alma, assim como o programa do Rolando Boldrin, o programa da Inezita Barroso, a qual infelizmente nos deixou fisicamente em 2016. O Revelando São Paulo, embora agora bem mais longe e mais mesclado de artes e culinárias atuais, ainda hoje proporciona a mim lembranças alegres do nosso Brasil, indígena, colonial, imigrante e com rituais.

Na comunicação televisiva, sabendo procurar, encontro bons programas, mas ainda prefiro bons pensadores. Atualmente estou interessada por livros sobre ética geral e profissional. “Por que filosofia?”, “Pronto para partir?”, “Reflexões Jurídicas e Filosóficas sobre a morte”, ambos do José Renato Nalini. Também os livros do professor Cortella e do Marcos Ferreira Santos. Assim como quando cheguei a São Paulo-SP, fui indicada pelo Doutor Nelson Pocci a ler os livros: “Homo Ludens Filosofia”, de Johan Huizinga, da editora Perspectiva; e a “Poética do Espaço”, de Gaston Bachelard, da editora Martins Fontes; e a coleção de Françoise Dolto, de Martins Fontes, hoje traduzida.

Prática diária com as crianças e famílias me deixa mais ávida a continuar me conhecendo melhor, e me fazendo entender pelas crianças que são mais rápidas, sinceras e ainda não foram poluídas pela hipocrisia dos adultos. Um bom remédio para mim é o que lançou o artista plástico Reinaldo Domingues na sua obra de arte da “Tarja Preta e Vermelha”, “Bom Senso 700 mg, Uso Adulto e Pediátrico Sem Prescrição Médica”; destaco também “O Menino do Dinheiro - Educação Financeira” ([www.regerarte.com.br](http://www.regerarte.com.br)). Entre

leituras recentes, comungo das ideias do professor português Carlos Neto, da Faculdade de Motricidade Humana (FMH) de Lisboa. Também fiquei bem impressionada com o capítulo “Caminhos e Tropeços da Educação”, do livro da jornalista Miriam Leitão, “História do Futuro - Horizonte do Brasil no Século XXI”.

Não quero ser injusta com todo o meu aprendizado, leitura e palestra dos nossos grandes brasileiros que nos legaram mudanças reais nas escolas. Precisamos estar nos imbuindo deste acervo e somando com as novas técnicas sem, contudo, esquecer do nosso corpo, exercitar conforme necessitamos como seres humanos, ter uma alimentação saudável, sem muito sal, açúcar e refrigerantes, mas sim verduras, legumes, grãos, frutas sendo todas as da época; água, e horário para dormir e descansar, mas também muita brincadeira e música, sem agendas para exaurir a criança. Os pais devem ficar atentos às falas e sentimentos dos filhos em relação ao que sentem no espaço que elas frequentam e se é verdadeira a proposta do ambiente e ensino.

Quando você me pergunta a respeito da minha trajetória de vida, não posso deixar de lembrar os marcos mais importantes de minha vida, pois foi através da minha história, dos meus diagnósticos, das minhas dificuldades e das minhas vivências que pude perceber a importância da família sólida em seus pilares para uma boa educação das crianças. Aprendi vivendo, aprendi experimentando, ajudando, buscando, estudando e descobrindo. E hoje já há alguns anos as crianças que por mim passaram também puderam aprender através da investigação, da exploração e da colaboração.

Com todo esse meu corpo vivido, procuro não repetir as mesmas funestas e prejudiciais atitudes que cortam temporariamente, ou para sempre, a criatividade, o lúdico das crianças. O limite deve ser dado, porém com as próprias palavras de mamãe, “calma e paciência”, e não com agressão física. Para atender aos princípios da transversalidade e da ludicidade na Te-Arte, acredito que eles só podem ocorrer pelo corpo vivido de cada criança, currículo este que foi vivido fisicamente e mais tarde estudado academicamente,

questionado, debatido e experimentado com as crianças no espaço junto à natureza e outras crianças de idades e etnias diferenciadas.

Na minha família convivi com quatro gerações de irmãos, e cada geração acompanhou as mudanças sociais, educacionais, científicas, industriais, econômicas e o avanço na comunicação com telefone, rádio, televisão, jornais, revistas. As mulheres reivindicando e reivindicando poderes de voto, novos trabalhos e estudando muito, mas sem, contudo, terceirizarem os filhos, como estamos vivenciando hoje, embora as empregadas domésticas eram em número suficiente para que a mãe de família pudesse exercer os outros papéis.

Felizmente, nasci em uma família que pai e mãe eram formados, gostavam de ler, gostavam de estar ligados artisticamente com a música, museus, viagens, literatura, culinária, vestuário e outros. Enfim, nessa trajetória de 85 anos de vida, completados em 22 de agosto de 2016, a saúde começou com um rodopio na cozinha em janeiro do último ano. Levei uma bela queda, o que me assustou muito, pois estava de férias e havia dado férias à Nilzabete (a Beti). Ela é o meu braço direito e está comigo há 18 anos.

No dia em que caí, ela resolveu me visitar... é uma pessoa intuitiva. Eu e ela fazemos uma boa dupla! Ela me socorreu na queda e acabou passando a semana dormindo aqui em casa etc. Felizmente o meu neurologista chegou de viagem e me tirou do sufoco. Voltei normalmente à Te-Arte, trabalhando das 7h30 às 12h30 com muitas entrevistas e supervisão de a cada 15 dias.

Gosto de viajar. Aproveitei o Carnaval deste ano em Dourado (SP), com minha irmã caçula, em um hotel fazenda com muito espaço para andar e desferrujar. Foram dias de cura corporal, social, mental e espiritual. Levei livros muito bons que me ajudaram muito a preparar reuniões dos colaboradores e pais. Comecei um curso em abril, à noite. É sobre a morte, tema que tem me instigado.

Em 2014, fui várias vezes ao Centro-Oeste, e andei por Goiânia, Goiás Velho, Chapada dos Veadeiros, Araguaia, Brasília. Viajo com uma família que eu amo de verdade. Aldo, Luana, Mariá, Maia. Va-

mos de avião, de carro, de barco, de canoa. A vida com a natureza e a simplicidade me proporcionam amar cada vez mais o aprendizado verdadeiro do Brasil, com sua diversidade humana e geográfica. Lembro-me de ouvir minha mãe dizer: “Viajar vale mais a pena do que as escolas que só fazem decorar e não ensinam a vivência das diferenças”.

Ainda em 2014 fui com a mesma família para Ouro Preto, Mariana e arredores. Ficamos em uma pousada que me fez lembrar o que passei depois da morte de minha mãe com a atitude inadequada de meu pai comigo, pois o mesmo aconteceu com Sinhá Olímpia, que dá nome à Pousada em que nos hospedamos. Fiquei triste ao ler um cordel relatando a sua história, mas ao mesmo tempo feliz por não ter sucumbido, e sim sublimado para a educação dos pequerruchos de zero a 7 anos, idade que eu acredito no ser humano cuidado, ouvido, brincante, respeitado, desejado, não terceirizado e lúdico. Este vai ser o homem criativo, respeitoso, ético. Porque é de dentro para fora que a criança conhece as suas emoções: chorando, com raiva, com medo, triste, alegre, odiando, fazendo birra, tendo limite para não entrar no caos. Aprendendo a se gostar, conhecendo o seu corpo, suas limitações e aprendendo a superá-las, olho no olho, não “engolir girino para não vomitar sapo”, e sempre aprender a lidar com os elementos: terra, água, ar, fogo e com as plantas e animais.

Em 2013, fui com a Renata à Bahia, em Feira de Santana, para colaborar e levar a semente para a Lara Queiroz que está montando uma escola semelhante à Te-Arte. De lá fui a Brasília encontrar com a Fernanda Figueiredo para a exibição do filme “Sementes do Nosso Quintal” (documentário sobre a Te-Arte dirigido pela Fernanda, sobre o qual falarei mais à frente), seguida de debates com plateia lotada. Era parte da programação da I CONANE – Conferência Alternativa para uma Nova Escola, da qual éramos convidadas e fizemos o encerramento. A Elni Willms, que havia defendido a tese de doutorado “Escrevivendo”, na USP, nos presenteou com a sua presença contando-nos um pouco sobre o que a levou a optar em sua tese pela Te-Arte e Guimarães Rosa.

Em 2012, o Henrique Schuman, que tem uma pousada na Gamboa, em Santa Catarina, convidou-me para a semana com vários mestres e naturalistas, para debater o filme “Sementes do nosso quintal” com a Fernanda e a rede pública estadual. O contato foi muito, muito amplo. Assuntos como sustentabilidade, eurritmia, agricultura, yoga e mandala orgânica. Foi ótimo.

O brasileiro é muito generoso e sempre aprendo muito com artesãos, museus, culinária regional e folclore. Tenho me emocionado com a coragem da Fernanda e, ao mesmo tempo, ao sentir que sementes estão sendo semeadas ao universo, em favor de crianças cidadãs e brincantes de 8 meses aos 7 anos, das 8 às 12h. Estive ainda com a Fernanda em Cuiabá (MT), em Maceió (AL), no Sul do país, em Atibaia (SP).

*Você já acompanhou a infância de muitas crianças de diferentes gerações, como você vê a nova geração?*

Tenho possibilidade de trabalhar e valorizar a equipe com conteúdo lúdico, mantendo valores éticos e de cidadãos atuais, aproveitando todas as novas técnicas, rápidas a meu ver. Sinto-as excessivamente mutáveis em tempos que não dá para aprofundar e nem entender. As crianças e adolescentes, a cada ano que passa, são taxados de hiperativos, com déficit de atenção, medicados e recomendados à terapia comportamental. Aí me pergunto: essas crianças, desde qual idade frequentam berçários? Em quais horários convivem com a família? Quem as olha nos olhos? Quem as ouve e conversa com elas? Quem faz companhia para elas?

As mães trabalhando em multinacionais estão ganhando mais que os pais e assim geram crianças sem vínculo afetivo materno. Por outro lado, os pais estão assumindo sem parceria e ficando perdidos e tensionados. Muitas vezes socialmente são humilhados por essas mães, que mandam eles trocar fraldas, fazer madeiras, brincar, pôr para dormir e outras coisas mais. Nestes casos, a tensão significa incerteza e cria, a meu ver, o sentimento

que as crianças intuitivamente percebem e em seguida dão o troco rejeitando-os. Peço também que respondam a essa questão os meus atuais colaboradores:

**Eduardo** - As crianças têm mais pressa (o mundo em si também tem), os brinquedos normalmente estão ligados à tecnologia se esquecendo do básico e do essencial. A aprendizagem está mais ligada à obtenção da informação do que à vivência. E o consumo por tudo isso se tornou um leão faminto, as pessoas compram sem saber o porquê e nem para que. É a busca incessante do ter.’

**Adriana** – Acredito que as crianças continuam as mesmas, daí a denominação de criança universal. São, por natureza, muito inteligentes e ricas em capacidades, sensações, percepções e sentimentos. Porém as novas gerações estão infelizmente passando por mudanças não muito positivas devido ao que ocorre em todo o mundo em termos de aceleração, falta de contato humano, falta de sintonia com a natureza, foco extremo no dinheiro e valor material de tudo, automatização e sedentarismo. Daí que o verbo brincar, com brinquedos simples, construídos e não fabricados, feitos de materiais vindos da natureza são cada vez mais raros. Hoje em dia, os pais vêm e cuidam cada vez menos dos seus próprios filhos e as relações familiares estão ficando superficiais. A tecnologia infelizmente está cada vez mais presente na vida das crianças e os adultos muitas vezes estimulam esta situação, não percebendo o quanto isso prejudica o seu desenvolvimento, trazendo-lhes danos inclusive neurológicos. Por outro lado, a educação se encontra cada vez mais sistematizada e são exigidos resultados das crianças resultados, sem considerar todo o processo seu de aprendizagem, sua capacidade e seu ritmo, sua idade cronológica e maturacional, que varia de criança para criança. Isso tudo é um desrespeito à infância, as crianças não estão sendo vistas como seres humanos, mas como seres produtivos e manipuláveis à mercê da ganância humana.

**Tânia** – Atualmente estou na terceira geração. Observo que nada mudou nas crianças, suas necessidades, curiosidades, seus interesses por brincar, expressar são os mesmos. Porém o que mudou expressivamente foram as expectativas dos pais em relação ao aprendizado dos filhos. E a sociedade exigindo cada vez mais das crianças uma postura competitiva, preocupados com o desenvolvimento informativo, em busca de um melhor aproveitamento material futuro. Introduzindo os mesmos em carga de atividades didáticas e tecnológicas, deixando estas crianças cada vez mais estressadas e introspectivas, vivendo em contato com redes sociais, internet, etc. Deixando em segundo plano as relações familiares e coletivas.

**Josiane (Jô)** – As crianças e adolescentes estão vivendo numa sociedade do “primeiro eu”, “eu posso”, “eu quero”, “se ele tiver eu também preciso ter”. Dificilmente se perguntam “eu realmente preciso disso?”, “tenho condições de ter?”. Reciclar, reusar, reaproveitar, transformar, tudo isso só se aprende se a criança vive dentro de ambientes que fazem isso no dia a dia. Não basta ter o dia do brinquedo de sucata, o dia de recolher pilhas ou óleo!

**Tábata** – Vejo a nova geração mais distante do simples e mais próxima do tecnológico. Hoje as crianças recriam as brincadeiras trazendo características atuais da realidade em que vivem, exigem histórias contadas, seguindo à risca o que está escrito e que por sinal elas já sabem de cor de tanto que a mídia já as repetiu. Têm desejos por brinquedos prontos, modernos, cheios de luz e sons. Se interessam menos por criar e recriar. Imaginam pouco e copiam muito os modelos impostos por propagandas. Desejam saber ler e escrever logo, sabem muito sobre comerciais e tudo que neles é apresentado: livros, brinquedos, filmes, hotéis, jogos, videogames, celulares, tablets, TVs e seus últimos lançamentos. Dominam o mundo tecnológico e são vistos pelos pais

como futuros empreendedores, estes que já criam com a intenção de que eles sejam profissionais de sucesso com excelentes cargos e salários.

**Renata** – Em pleno 2015, as crianças estão sendo atacadas pela tecnologia de uma forma bastante agressiva, prejudicando a visão, a audição, as articulações, a mente, o físico, criando uma dependência sem volta. Os brinquedos são celulares, Iphone, Ipad, tablets, notebooks, computadores, brinquedos com controle remoto, bonecas que falam, andam, cantam, choram e apresentam um modelo de mulher esquelética e “siliconizada”. Além dos *fast foods*, shoppings abertos de segunda a segunda e pais que trabalham de segunda à sexta e nos finais de semana enchem os filhos de guloseimas e brinquedos para diminuir a culpa de ter terceirizado o filho para as babás, avós, escola e amigos. Meninas se transformando em adultas erotizadas com maquiagem, salto, esmaltes, limpeza de pele, tratamento para os cabelos e participam de eventos glamurosos, onde se destaca a que tiver mais brilho. Os meninos se tornando adultos antes da hora, sendo estimulados para lutar e vencer quando necessário. Pais projetando nos filhos o que um dia desejaram ser, desta forma, não permitindo que a criança seja autêntica e saiba lidar com as frustrações. Com isto as crianças estão sendo criadas sem regras, fazem birras, esperneiam e conseguem o que desejam, e os adultos, que também querem desfrutar da tecnologia, não têm paciência e acabam cedendo. Acredito em alguns fatores que contribuem para que isto aconteça.

**Angelique** – A nova geração está tendo contato cada vez mais cedo com o aspecto tecnológico disponível hoje em dia. As crianças são expostas ao computador cada vez com menos idade. E parece que as pessoas, de maneira geral, estão ficando com a falsa noção de que o tempo do computador, da internet, é o tempo das coisas. A velocidade com que ocorrem determinadas mudanças

parece ser o parâmetro para que ocorram outras, de outra natureza, no meu entender. O nosso amadurecimento interno (seja psicológico, emocional), por exemplo, tem um ritmo, é uma velocidade totalmente diferente do ritmo da velocidade em que se passam as coisas na internet. O mundo virtual, digamos assim, não é o mundo em que vivemos. Tenho a impressão de que precisávamos de um pouco mais de “substância” e menos aparência.

Outra coisa, também relacionada à tecnologia e internet... Sinto que precisamos todos ficar atentos para não confundir acúmulo de informações com conhecimento e muito menos com sabedoria. Como hoje podemos ter acesso muito fácil aos mais variados tipos de informação, podemos correr o risco de achar que saber das coisas é fácil e rápido. Tendência que me parece bem forte nas crianças de hoje. Mas acredito que seja importante olharmos atentamente as informações. Talvez um exemplo de habilidade aprendida para ilustrar a questão: se soubermos, apenas por informações, exatamente o que precisamos fazer para guiar um carro, sabemos dirigir? Além da questão chamada prática há aspectos ainda mais sutis. Um computador que compõe uma peça musical tem conhecimento? Essa peça será arte? Ou será o que o programador levou em conta para fazer suas escolhas ao programar? Parece-me que estão presentes aspectos importantes que podem envolver valores e crenças. O que estou querendo dizer é: penso que é muito importante o que a Therezita chama de “corpo vivido”. É a vida de cada um, ninguém contou, a pessoa viveu! É algo relacionado a estarmos presentes, algo que extrapola as palavras. Eu diria que, de maneira geral, as diferenças apresentadas hoje pelas crianças no que se relaciona a brinquedos, tecnologia, consumo e relacionamento com os pais, tem muito mais a ver com a aparência do que com a essência. Acredito que, enquanto seres humanos que somos, as nossas questões são as mesmas. No que se refere às crianças tenho a impressão que o principal é receberem atenção verdadeira, diretamente ligada ao afeto e limites.

*Se no futuro o que chamamos de escola for uma instituição muito diferente da que conhecemos hoje, quais seriam as pedras fundamentais que precisariam ser preservadas para as futuras gerações?*

A escola precisa ser humana, respeitar, com bom senso, a criança. Criança esta que deve ser desejada desde a concepção, e não vista como mais uma coisa, terceirizando-a, já as levando para berçários desde os três meses, sendo cuidadas por pessoas que na maioria das vezes não têm preparo e conhecimento das etapas fundamentais do desenvolvimento mental, corporal e transcendental da criança.

Por outro lado, os progenitores apresentam-se mais ávidos pelo desejo do consumismo e cheios de culpa, enchendo os filhos de mimos, esquecendo-se do principal, que é o afeto, o olho no olho, o compartilhamento dos pais na atmosfera do lar. E não preteridos pelas máquinas eletrônicas cada vez mais aceleradas, sofisticadas e atraentes. Estas máquinas são mundiais e noticiam as guerras, as corrupções, os desperdícios e o distanciamento do homem dele mesmo e de seu semelhante. O vínculo não existe e quando existe é interesseiro. E sem vínculo e sem afeto não se constroem seres humanos.

Não sou contra as máquinas e a modernidade, mas sinto que não há mais limites, e princípios básicos de cidadania estão sendo pulverizados.

Saudosista? Antiquada? Retrógrada? Não! A escola deve educar para a cidadania e a possibilidade maior é fugir da homogeneidade e partir para a diferença de idade, gênero, raças, conhecimentos, espaços físicos acidentados, plantas, animais, música, caminhos, vários espaços sempre mutáveis, desordem aparente para se trabalhar o fora e o dentro, o olhar com o olho de achar. Como diz a frase de um quadrinho que hoje fica pendurado na marcenaria da Te-Arte: “Deus, abençoe esta bagunça”.

O exercício de saber ouvir sem atropelar; o exercício de “tirar barriga”, sem desviar dos objetos que estão no meio do caminho

no chão; a verdade nunca deve ser ocultada; o saber errar, assumir o erro e fazer dele o acerto; “do limão fazer uma limonada”; ter calma e paciência para saber esperar o tempo do outro; maturidade e confiança em si; trocar figurinhas sem ser o dono da verdade, mas sem se omitir, e não ser “Maria vai com as outras”; perceber e não ser fofoqueiro muito menos permanecer em tal ambiente; sanar o mal pela raiz, isso pode ser feito em forma de rodas de conversa com os envolvidos; ler muito; ser humilde, mas não a humildade do “sepulcro caído”, sendo hipócrita; deve-se estar aberto a aprender em todos os momentos com as crianças. Enfim, estas são algumas atitudes fundamentais e diárias para a educação das crianças pequenas.

*Se pudéssemos projetar um mundo como gostaríamos, como seria a educação no futuro para você?*

Espero que a educação do futuro seja participativa, atuante, generosa, cada um aprendendo a viver e produzir, criar sem monopolizar para si todo o saber, com medo da competição. A educação deve estar aberta ao simples, chegar mais perto dos artesãos e artesãs, pois eles possuem a vivência manual, a construção empírica do aproveitamento dos materiais disponíveis, e quando procurados sempre têm a atitude de disponibilidade. São mestres que nos educam, com exemplos de atitudes, tanto em suas artes como para a vida.

Gosto muito do exemplo do Almir Sater, com a escola que criou junto com a esposa, verdadeiramente alfabetizadora, que semeou, como polinizadora, mais outras escolas no mesmo estilo, ajudando as famílias ao convívio do lar, com seus princípios éticos, morais, comunitários, simples e cuidadores, preservando o universo assim como sempre fizeram os indígenas, que até hoje lutam por seus direitos usurpados pelos colonizadores, que ao invés de somar desrespeitaram, escravizaram e dizimaram sem nenhuma ética moral, tudo em nome da exploração econômica.

É necessário registrar que durante estes quarenta e tantos anos produziram-se muitos frutos com a ajuda dos pais e avós das crianças da Te-Arte, dentre os quais menciono Francisco Miragaia (Pai), Francisco Miragaia (Filho), Fábio Calabi, Andrea Calabi, Philippe Reischtul, Pérsio Arida entre tantos outros que não menciono aqui, mas aos quais sou grata. Frutos importantes foram os livros “Quintal mágico” e “De volta ao quintal mágico”, de Dulcília Schroeder Buitoni, resultado de sua tese de livre-docência apresentada à ECA-USP e que registra com acuidade como se dá o trabalho na Te-Arte. O documentário o que já mencionei anteriormente, “Sementes do Nosso Quintal”, dirigido por Fernanda Heinz Figueiredo, que foi aluna da Te-Arte dos 2 aos 6 anos, bem como seu irmão Gustavo Figueiredo. Fernanda, na maturidade, voltou à escola com uma câmera e olhar de educadora ambiental. Registro também artigos de minha autoria publicados por mais de um ano pelo jornal “Folha de São Paulo”.

Obrigada Therezita!



# SE EU SOU O UNIVERSO, COM QUEM ESTOU FALANDO?

*Thomas Heide*

COMO INVESTIGAR A NÓS MESMOS COMO  
REPRESENTANTES DO UNIVERSO, INCORPORANDO  
TODOS OS ENSINAMENTOS E PROCESSOS DE  
APRENDIZADO

O que eu realmente desejo dividir com vocês irá, quase certamente, fazer com que eu pareça maluco. Aparentemente, é assim que as coisas acontecem. Eu tentei escrever vários artigos lúcidos. No primeiro, eu quis mostrar o que aconteceria se transferíssemos todas as esperanças que projetamos na educação para a sociedade real. No segundo, eu quis propor que pessoas de todos os lugares deveriam se unir em grupos nos quais cada participante falasse um idioma diferente, para investigar a possibilidade de que eles conseguiriam se comunicar e entender um ao outro enquanto falam apenas sua língua materna. Ambos os artigos poderiam ter se saído bem, o problema é que eu realmente estou interessado em apenas um tema “nerd”: a natureza do universo, ou, talvez de uma maneira melhor formatada, como reduzir o universo até seus elementos fundamentais, através de um processo de investigação curiosa. Então, em vez de abordar mais ou menos os resultados arbitrários disso, eu finalmente me despi de todas as (maravilhosas) balelas

e decidi que eu preferiria escrever um breve artigo focado nesse assunto que tanto prezo, do que um longo artigo que o abordasse apenas tangencialmente.

Eu não vou entediá-lo com todo o raciocínio lógico que me levou a crer que consegui resolver o mistério do universo e criar uma base para explicar de forma precisa os modos e motivos por trás da escolha de vivenciar qualquer experiência. Se você tem interesse em aprender mais sobre esse aspecto do meu trabalho, por favor, entre em contato. Agora, eu gostaria de propor uma ou duas questões que deveriam integrar qualquer situação de aprendizado ou programa educacional. Eu afirmo que tentar ensinar qualquer coisa para alguém sem antes abordar o contexto universal do ensino é, na melhor das hipóteses, tolice e na pior delas, prejudicial ou uma forma de manipulação.

Apesar de todos os programas de desenvolvimento humano admitirem que a relação com o sujeito da aprendizagem e o objeto sendo ensinado ser intocável, minha proposta indica que qualquer relação deve ser analisada de fora para dentro, o que tornaria, em primeiro lugar, a relação possível. Para que nós possamos existir no universo, nossa existência depende, obviamente, da experiência da existência, no entanto, deve ser considerado que essa experiência deve estar incorporada na estrutura que é parte da nossa experiência de existência e parte da possibilidade da experiência de existência em si mesma. Para entender qualquer coisa relacionada à experiência da existência, nós devemos abordar a possibilidade do aspecto produtivo incorporador da totalidade. De certo modo, podemos dizer que qualquer que seja a minha experiência ou a análise dessa experiência, nenhuma delas terá qualquer legitimidade sem um diagrama infalsificável da estrutura motivadora do universo como experiência.

O problema com essa afirmação, ou ponto de vista, é que ele remove efetivamente toda a autoridade formal e habilidades relacionadas aos valores do conhecimento. Na realidade, percepção de que os princípios que regem tudo precede aglomerados pree-

xistentes de verdades, é uma afirmativa possível do conhecimento válido sobre nós mesmos e o mundo não irá acontecer até que nós consigamos compreender quem e o que somos como representantes da totalidade objetiva em que estamos inseridos. A ciência já patenteou, praticamente, toda propriedade presente no universo identificado e é uma forte adversária quando o assunto é o direito de definir os caminhos para a verdade.

É óbvio para o observador atento que a ciência falhou completamente em oferecer para a humanidade uma alternativa confiável para as orientações irracionais da religião em geral. O estudante crítico que não confia nem na ciência compartimentalizada ou na ideia de um universo governado por múltiplos deuses, encontra-se, muitas vezes, sozinho, tentando se apoiar em uma pilastra de afirmações parcialmente ou não documentadas e ao mesmo tempo em um abismo de incertezas onde nenhuma das regras científicas ou religiosas pode ser aplicada.

Podemos dizer que seres humanos, assim como todo o resto do universo, são o universo ou que pertencem ao que identificamos como universo. Por alguma razão, seres humanos evitam esse fato, como se existisse alguma regra mitológica que proibisse seres humanos de se identificarem justamente como representantes genuínos da totalidade em que estão inseridos. Este texto não é o local para discorrer sobre arqueologia social. Eu desejo apenas apontar o óbvio, ou seja, que Física, Biologia, Química, Astronomia e viagem espacial dependem da rígida barreira que separa o observador do objeto, uma barreira que é, na realidade, mais um constructo social ativado pelos padrões instintivos de comportamento do que o resultado de uma série de decisões racionais. Para investigar o universo, não precisamos de nada além de nós mesmos. Eu repito: nós somos o universo. Não existe “lá fora”. Na mente do *nerd*, seria algo assim: nós como seres humanos somos, provavelmente, o mais perto que jamais vamos chegar ao exterior do universo e na posição ideal para observarmos a nós mesmos no universo.

Eu acredito nas minhas próprias respostas às perguntas que surgem a partir das definições da relação entre mundo e humanidade mencionadas anteriormente. Eu também acredito que a lição mais importante que aprendi do processo de desafiar o pensamento vigente sobre ciência e cultura foi que os meus resultados, sejam eles bons, medíocres ou simplesmente loucos, são, antes de tudo, espelhos das indagações que eles respondiam. Pessoalmente, eu não gostei disso, mas eu poderia ter começado perguntando apenas: *qual a pergunta que eu devo fazer para poder chegar na resposta para verificar a soma de todo o meu sistema de crenças como genuinamente válida?* Isso me encaminharia diretamente para a única pergunta relevante capaz de indicar uma resposta possível: *o que é o universo?* O que, por sua vez, me levaria à questão que deu início ao meu trabalho: *qual a relação entre fluidez e solidez?*

Se nós queremos construir uma base sólida para o aprendizado, devemos nos perguntar: *o que é o universo?* Essa questão, entretanto, tende a produzir abstrações ao invés de respostas concretas, uma vez que a própria pergunta carrega em si o vírus da ciência, a busca por subjetividade independente de objetividade. A produção de questões práticas requer uma sintaxe que reinsira o universo como sujeito e elimine as armadilhas do dualismo. Um modo de elaborar tais questões é combinar as propriedades complementares presentes tanto no exterior presumido quanto no interior presumido. No caso da oposição proposta, sujeito versus universo, os fatores complementares podem ser identificados, por exemplo, como fluidez e solidez. Eu sou e estou mudando. O universo é e, ainda assim, está mudando. O universo e eu compartilhamos essa propriedade complementar. Embora seja uma dedução equivocada dizer que o compartilhamento de quaisquer propriedades torna as partes da partilha iguais, é verdade que a experiência do objeto e a experiência do objeto no universo é experiência de algo que muda, portanto, nunca se apresentando por si mesmo. Perguntar: *qual é a relação entre fluidez e solidez?* torna

possível investigar alguma das mais fundamentais questões do universo de forma objetiva e subjetiva simultaneamente. A característica mais importante e o motivo pelo qual complementaridade deve estar presente nesta questão é a descoberta inerente de uma questão originada em um paradoxo, de que algo não está certo e que sua falha principal não foi considerada pela ciência tradicional. Uma boa falha é sempre expressa por ser mutuamente exclusiva. Um bom processo de aprendizado é descobrir qual é a falha paradoxal e tentar resolvê-la dentro dos hábitos de autopreservação da nossa cognição coletiva. Não é necessário lembrar que a sua pergunta deve ser baseada em experiência ou ser empírica. Se você é o universo, a sua experiência é a experiência do universo. Portanto: *como eu experimento o universo e a eu mesmo como o universo tanto como sólido e fluido?*

Se você quer impulsionar o processo de aprendizado que você está facilitando ou se você quer impulsionar o desempenho de um estudante, independentemente da idade, contexto geral, características e nível educacional, é minha afirmação que você e/ou o estudante irão se beneficiar tremendamente em recuperar as patentes da ideia de universo, seja criando as suas próprias perguntas baseadas em experiência ou por utilizar as minhas como base e reformá-las de acordo com a sua própria imagem. Ao trazer esse tipo de questão ao seu processo de aprendizado, você reconhece o que está em jogo além de microcosmos de humanidade e que o verdadeiro processo de aprendizado depende da integração dos pré-requisitos da própria vida, especialmente a compreensão do universo em sua totalidade.

Se você se encontra um tanto perdido durante a minha apresentação, utilize o pensamento seguinte como uma âncora antes de pular do abismo: se eu sou o universo, eu devo ter mais de mil questões próprias. Por exemplo: *Se eu sou o universo, com quem estou falando?*



## ENTREVISTA A TIÃO ROCHA

*por Tathyana e Philippe*

*Se pudéssemos projetar um mundo como gostaríamos, como seria para você a educação das crianças e jovens?*

Eu acho - não é só o que eu gostaria, e sim é o que eu acho que vai acontecer -, que daqui alguns anos, lá por 2050 (está um pouco distante da nossa geração, mas eu acho que é a tendência), que a educação será entendida como aprendizado em tempo integral, não necessariamente na escola. Aliás, nem sei se haverá escola no futuro, se vai precisar ter escola. Vai é precisar ter formação permanente, que as crianças possam aprender tudo o que precisam no seu tempo, no seu ritmo, na sua idade biológica e intelectual, usando todos os recursos disponíveis a sua volta, na sua família, da sua comunidade, do seu entorno, e o que vai dar sentido a isso é pensar numa sociedade que está evoluindo para um patamar que é de realizar sua capacidade de humanidade. Se pensarmos esse lugar que nós vivemos, esse condomínio chamado Terra, que ela seja um lugar mais humano, que seja para todos e que seja para sempre, então acho que essa educação tem que almejar alcançar isso, essa meta que é a plenitude da nossa humanidade. Por isso eu acredito e sonho, não vou ver acontecer para todo mundo, mas espero que aconteça algum dia.

*Como você vê a ação dos atuais educadores no processo de transformação dessa educação?*

Eu acho que nós estamos neste momento de tomada de posição. A questão que eu me fiz há 30 anos é aprender a diferenciar o papel de ser educador e ser professor. Então eu acho que essa ainda é uma dicotomia, não são sinônimos necessariamente nem se completam. Porque professor é aquele que ensina e o educador é aquele que aprende. Fundamentalmente, o que nós precisamos formar são educadores, aprendizes permanentes de novos caminhos, novos jeitos de construir um mundo melhor, não necessariamente professor. Você pode ser um repetidor de ideias alheias, um belo citador de bibliografias e de pés de páginas, fala sempre entre aspas e não fala do ponto de vista da sua vivência. Eu acho que um dia vamos caminhar para sair deste papel da “ensinagem” e que essas pessoas terão o papel da aprendizagem. E ao ser um aprendiz eles necessariamente vão construir uma pedagogia própria, um jeito de cada um mostrar e contribuir para esse processo. Ainda estamos nessa fase de entender que não são sinônimos.

*Então você entende que ainda estamos numa fase introdutória desse processo de transformação?*

Eu sinto que toda a fase da vida da gente é uma fase de passagem, de transformação. Como diria Guimarães Rosa, “o homem é travessia, está sempre nessa travessia, nesse caminho”. Se ele vai construir a terceira margem do rio, é um processo custoso, demorado. Mas eu acho que hoje ou nós queremos que o planeta se destrua em pouco tempo ou queremos preservá-lo para gerações futuras. Então o uso, a adequação da tecnologia, da biociência, da nanotecnologia, aos valores de uma ética de pensar um mundo para todos, sem exclusão, sem fome, sem miséria, é uma discussão fundamental para pensarmos o que queremos. Nesse aspecto, até por uma razão de sobrevivência, é melhor pensar um mundo para todos do que um mundo só para

poucos. Nesse sentido o papel, a função da Educação, é o do aprender a viver neste mundo melhor. Essa será a supremacia da função do educador: superar essa dicotomia entre professor e educador.

*E como a transformação da sociedade se dá com a educação?*

Tem que ser junto, é uma relação, que em um primeiro momento pode ser a pedagogia do conflito de visões de mundo. Pessoas diferentes com olhares diferentes e ajustar isso, criar coerência. Aprender é ocupar os espaços vazios, é a complementaridade, isso é diálogo, é o caminho natural. A grande questão é que hoje em muitos lugares não se vê uma pedagogia do conflito, mas uma pedagogia do confronto, que é a tentativa de imposição de uma determinada lógica em detrimento de outra. Esta não é uma relação entre diferentes, mas entre desiguais. Pessoas, instituições, ideologias que pressupõem que a supremacia das técnicas sobre o humano, da tecnologia sofisticada sobre relações sociais, a substituição do contato humano só para contato virtual, uma tentativa de imposição, como se fossem coisas que não poderiam conviver, teria que respeitar os limites de cada um, não substituir uma coisa pela outra, pois se completam. Superada essa fase do confronto, a prática, a experiência é a descoberta de caminhos de convívio, o tradicional com o contemporâneo, como essas coisas podem dialogar, esse deveria ser o bom senso.

*Você poderia exemplificar como você vê hoje isso acontecendo?*

Eu trabalho no Vale do Jequitinhonha, que é demarcado historicamente pelo fatalismo, é o vale da fome, da miséria. Isso causou um impacto absolutamente negativo na formação e na mentalidade dessas populações. Quase que por nascimento existe um autodesprezo, nascer em um lugar que é fadado ao fracasso. A gente pensou em como romper com um processo longo, histórico, para diariamente sair deste buraco. Quando as novas gerações começam a trabalhar com a gente no projeto com tecnologias, com software, com cinema,

como podemos mostrar para essa criança não o lado vazio do copo, mas o lado cheio. Para fazer isso não fui discutir o futuro, eu fui lá atrás, chamei todo mundo pra ler “As Cidades Invisíveis” de Ítalo Calvino, que mostra o Marco Polo contando as histórias dele pro sultão, isso faz parte da memória da literatura universal, pra mim esse livro é emblemático - um cara que passou as noites contando pro sultão de todas aquelas cidades que ele passou. Será que existiram mesmo essas sociedades, ou será que só existiram na cabeça dele? É tão bem feito, tão bem construído, que você quase sente o cheiro desses lugares.

Então essa história volta hoje para Araçuaí para ver o que há de invisível, mas sobrevive, aí eles foram nas tradições, nos valores, nas conversas com os avós, com os ancestrais, nas cantorias, tudo isso que dá sentido, mas que não aparece. Eles foram atrás disso tudo, e contam essas histórias, em filmes de um minuto, ou em jogos, banco de dados, eu não entendo muito esse negócio de software, mas eles vão para isso, fazendo essa ponte entre o que é mais sofisticado com o que é mais primário na formação dessa comunidade, essa relação de beber destas fontes para fazer projeções de futuro, isso é fundamental, não há nada de novo nisso, o que tem é a ressemantização disso. Como diz Guimarães Rosa, se você quer ir para o paraíso, você tem que rezar em todas as religiões. Porque uma religião só para mim é pouco. Se o cara quer ir para o reino do céu, reza em todas, não sabe qual vai dar certo, não perde nenhuma, não. Beber de todas as fontes é um jeito de se alimentar e fazer projeção de onde você quer ir. Então, se o paraíso é sua meta, agarra em todos os santos, não deixa nenhum de fora não, as vezes é ele que tem a chave da porta!

### *Que aspectos da atual educação precisariam ser preservados para as futuras gerações?*

Eu acho que o que deveria ser preservado é a valorização e autonomia do educador como o personagem central desse processo. Eu aprendi nesses 30 anos que é possível sim fazer uma educação em qualquer lugar, sem escola, fazer educação de baixo do pé de

manga, mas que é impossível fazer uma boa educação sem bons educadores. Só bons educadores produzem a boa educação. O contrário, infelizmente, também é verdadeiro.

Então a ideia que me persegue é descobrir onde estão os bons educadores. A gente percebeu que eles não estão necessariamente formados pela academia, nem pelo magistério, nem pelas universidades. Eles já existem inclusive nas comunidades que a gente vive. A ideia é como a gente desperta essas pessoas para que elas ocupem essa função social, que é gerar processo de aprendizado. Preservar esse profissional da educação, garantir que ele possa ser um construtor de pedagogias e de metodologias e que ele sempre fale a partir das experiências vivenciadas e refletidas e nunca simplesmente um cara que fica citando, mas que incorporou esse processo. Essa relação é uma relação de crença.

Isso me lembra o livro do Eduardo Galeano, o Livro dos Abraços. Um livro genial. Galeano que nos deixou recentemente, infelizmente, ele andou pela América Latina ouvindo pessoas e foi pegando essas cápsulas de sabedoria, boas histórias, causos. Tem uma história bem pequenininha de um parágrafo que resume bem isso. “Diego não conhecia o mar, o pai o levou para conhecer, entraram no carro, viajaram, chegando na praia, atravessaram as dunas de areia e o menino, quando chegou em frente ao mar, ficou parado, olhando por muito muito, muito tempo em absoluto silêncio e depois desse silêncio ele virou pro pai e disse: “me ajuda a olhar?”, e assim termina a história. Galeano chamou isso de a função da arte. Eu quando li essa história fiquei imaginando o que um pai teria respondido, porque agora não é mais a função da arte, é a função do educador. Poderia ter terceirizado a resposta, dizer “vambora, já viu, vai ter trânsito”, ou “depois você pesquisa, pergunta para sua mãe”. Um mais ousado diria, “entra lá, toma um banho, aproveita”. Mas o que eu acho que um educador teria respondido diante disso seria para cada “me ajuda a olhar?”, um “me ensina o que você viu?”. É isso que vai acontecer sempre, qualquer menino hoje ou daqui 50 anos vai fazer a mesma pergunta “me ajuda a olhar”, “eu

vim aqui para você me ajudar a olhar”. O que você do outro lado tem que perceber é “você quer olhar para onde?” “para frente, para baixo, para dentro, para o alto, para longe?”, “me ensina o que você já viu, me mostra um pouco dos seus olhares, vamos olhar juntos”. Eu acho que essa lógica de busca de olhares, para onde vamos projetar nosso futuro, os nossos sonhos e nossas utopias, é esse o papel do educador, ser um cara que consiga dialogar, pra cada “me ajuda a olhar” - “ensinar o que você viu” e juntos construiremos uma caixa de diálogo e ressonância dessas possibilidades.

*Uma pergunta um pouco mais pessoal, quem ou o que te “ajudou a olhar” para a educação?*

Ah...acho que tem vários, eu dei muito trabalho para o meu analista... acho que o meu primeiro impacto nisso, lógico que a consciência é recente, mas o fato é antigo, foi quando eu tinha 7 anos. Fui para a escola pela primeira vez na Escola Sandoval de Azevedo e nunca tinha ido pra escola, no primeiro dia de aula, a professora Maria Luiza Travasco sentou todo mundo no chão da sala, pegou o livro da Dona Lúcia Casasanta, “Mais Belas Histórias”, e começou a ler. “Era uma vez num país muito distante que tinha um rei e uma rainha”, eu levantei a mão e falei assim: “professora, eu tenho uma tia que é rainha”, ela falou “tá bom, fica quietinho, presta atenção na história” e ela continuou contando, contando história e lá pelas tantas levantei a mão e disse “eu tenho uma tia que é rainha” e ela disse “isso é mentirinha, história da carochinha que te contaram”, na terceira vez que eu levantei a mão ela já falou “cala boca, fica quieto, está me atrapalhando”. Então fui levado pra sala da diretora dizendo que estava atrapalhando a aula. “Quer que eu chame sua mãe? Quer ficar de castigo? Ou vai ficar calado?”, não tinha mais opção, fiquei lá, não abri mais a boca, fiquei quietinho, não tinha saída.

Fui para ginásio e pensei “bom, agora é outra coisa”, mas dei um azar danado. Primeiro dia de aula, aula de história do Brasil. O professor começou “os reis de Portugal, da Espanha...” eu levantei a mão

e falei “professor eu tenho uma tia que é a rainha” ele disse “como você se chama?”, “Tião”, “ah, não me enche o saco, isso é gozação”. Poxa vida, calou a minha boca, nunca mais falei nada na escola.

Na época do vestibular não tinha nada que me interessava. Fui pra Ouro Preto, estava lendo um livro chamado “A um deus desconhecido”, era um dia com muita chuva e frio, atrás da Igreja das Mercês, atrás do cemitério, eu já tinha tomado uma cachacinha, não sei se foi o livro ou a cachaça, mas eu tive o que os americanos chamam de *insight*, aqui chamamos de clarão - gente eu não conheço nada da história de Ouro Preto! Aliás, eu não conheço nada da minha história! Me lembrei da minha tia que já tinha morrido há muitos anos e nessa hora resolvi fazer curso de história. Fui pra Belo Horizonte, prestei vestibular e fiz o curso de História. Acho que fui o melhor aluno do curso de história, sabia sobre todos os reis e rainhas que você possa imaginar. E nunca tive uma história sobre minha tia. No último ano falei com o professor Caio Boris, “eu vim aqui pra estudar a história da minha tia!” e o professor disse você veio pro curso errado, tinha que ter ido estudar antropologia.

Fui estudar antropologia, me especializei em cultura popular e por acaso encontrei um fragmento da história dela lá como folclore. Minha tia foi rainha perpétua do congado. Todo mês de agosto e o mês de outubro, todos os domingos, as irmandades saiam dançando e cantando em homenagem a Nossa Senhora, naquela procissão, ela ia por baixo do pátio vermelho com o cetro, era de verdade. Um dia caiu a ficha que eu precisava identificar outras rainhas, reis, dinastias e sobrinhos por aí fora. Então esse foi o primeiro.

O outro foi doloroso. Quando eu me formei fui dar aula, ser professor, depois fui trabalhar com antropologia, mas durante muitos anos dei aula de história em muitos lugares, daqueles [professores] que começavam as 7 da manhã e iam até 11 da noite. Uma das escolas era bem pequenininha, destinada a famílias ricas em Belo Horizonte, eu tinha uma turma da oitava série, que era uma turma especial porque tinha um aluno que era muito especial, chamado Álvaro. Quando eu pensava “onde é que eu vou dar aula amanhã?”

e via que era lá, eu parava tudo o que eu estava fazendo pra estudar, porque eu sabia que no dia seguinte na hora que eu desse bom dia ele iria me levantar uma questão.

Ele lia tudo que eu pedia para ele e muito mais, ele sempre tinha uma questão, e ele praticamente me obrigou a mudar o jeito de dar aula. Eu fazia uma roda, fazia com que todo mundo lesse, entrasse na discussão. Era tão intensa que o tempo não dava para terminar todas essas coisas que a gente fazia. Ele era um menino brilhante, jogava bola, paquerava as meninas, era boa gente, alegre. E um belo dia eu chego na escola e estava tendo uma confusão de carros. “Gente mas o que que tá acontecendo?”. “A essa hora?” Me mostraram que havia um problema com o Álvaro, o Álvaro morreu. “Mas como morreu? Ele tem 14 anos”, “O Álvaro morreu e estamos todos indo para o velório”. Chegando no velório um casal perto de mim disse: “o senhor é o professor Tião Rocha?”, “sim”, “Nós somos o pai e a mãe do Álvaro”. Eu falei: “O que aconteceu com ele?”, “Professor, o Álvaro se jogou do alto de um prédio” e eu falei “Mas porque isso?” “O porque não sabemos... Nós não sabemos o porquê... nós estamos procurando informações, alguma resposta um bilhete, um papel, alguma coisa, e nada” mas, disse a mãe, “O Álvaro só falava no senhor na hora do almoço. Ele falava ‘tem o professor Tião Rocha que é o cara, ele sabe disso e sabe daquilo, vou discutir isso’. Você era a pessoa mais falada lá em casa.. Responda para a gente, porque nosso filho se matou professor?!?” e eu falei “não sei” “como não sabe?” “não sei, desculpa, não sei...” “se o senhor não sabe, ninguém ficará sabendo”. “Sinto muito, eu não sei...” Aquilo para mim foi um baque tão forte que depois daquele dia eu saí daquele velório e vi que só teria duas alternativas: ou eu nunca mais volto para a sala de aula, porque não vou aguentar outro baque de perder outro menino, ou eu volto pra lá e nunca mais perco nenhum menino. Essa foi a opção. Nós pegamos todos os textos dele, tudo que ele escreveu, as poesias e eu procurava o tempo todo. O Álvaro deve ter me dito ao longo do tempo de convívio que ele ia pular, que ele queria saltar da ponte da vida e

eu tenho certeza que ele me disse só que eu não consegui perceber o sinal, a piscadela, o ponto do doce, porque eu estava tão perdido motivado a discutir a Revolução Russa, a Revolução Francesa, o imperialismo inglês, todo problema de história, que era nossa prosa, que eu nunca tinha me atentado pra história dele, e naquele momento eu percebi o seguinte: não me interessa ser professor de história, história contemporânea, de falar de revoluções francesa, russa, americana, se eu não puder primeiro compreender a história dos meus alunos.

Então mudei radicalmente. A partir daquele dia a primeira coisa que me interessa é ouvir sobre o outro, aprender com o outro, a possibilidade de trocar, e isso me mudou. O Álvaro virou um anjo, meu anjo da guarda, aonde eu vou ele vai comigo e ele me orienta e me inspira. Eu fiz esse propósito, nunca mais eu perco um menino. Claro que eu já perdi outros, por outros motivos, daí você vai aprendendo a fechar as várias torneiras... um dia eu quero aprender a ser um educador, pois educador é o que não perde ninguém. Essa deveria ser a função de toda escola, não perder nenhum, garantir a todos excelência, não perder por motivo algum. Essas duas marcas são fundamentais, que me inspiram, ele é meu anjo da guarda, está aqui nessa prosa agora.

[Pausa]

*Como você vê esse processo global de transformação acontecendo no Brasil?*

Há alguns anos eu aprendi o seguinte: eu me nego a fazer, a olhar para qualquer lugar, território, comunidade, estado ou país pelo mundo, pelo lado vazio do copo. Eu não faço diagnóstico de carência. Eu não meço carências, falhas, furos. As carências, quem mede isso é o IDH, que mede carência econômica, educacional, de saúde, é o lado vazio do copo. E o que eu percebi que quem trabalha a partir do IDH, todas as políticas públicas, que elas não são transformadoras, elas são reformistas, porque quando você olha sempre as pessoas, uma comu-

nidade, pelo lado vazio, a solução nunca está lá dentro, está lá fora. No copo vazio você tem que encher, colocar coisas dentro dele e quando você põe, você põe outra coisa que não estava lá dentro, você põe outra coisa que em geral não se mistura, como água e o óleo, não há transformação. Eu percebi que quando você coloca algo de fora para dentro, aquilo desaparece, e o que permanece, às vezes um pouquinho, às vezes é tanta carência que só tem um pouquinho, que é a própria resistência, isso não pode ser olhado pelo olhar do IDH.

Então nós criamos um indicador chamado IPDH - Índice de Potencial de Desenvolvimento Humano, “o que dá potência para o desenvolvimento humano?”. A capacidade que existe em qualquer lugar de acolhimento, de convivência, de aprendizagem e de oportunidade. Então eu trabalho com essas coisas: acolhimento - gerar colo, para não perder ninguém; convivência - pra não excluir ninguém respeitar as diferenças, todas; aprendizagem - dos conhecimentos, habilidades, atitudes; e oportunidade - as oportunidades para as pessoas se realizarem plenamente, fazerem as melhores coisas. Se juntar essas letras, vai ter a palavra AÇÃO, quando se olha para o lado luminoso, se vê para onde caminhar.

O que a gente vem fazendo atualmente no CPCD, no Vale de Jequitinhonha, no interior do Maranhão, no sul da Bahia, na África, Moçambique, no Peru, na selva peruana, que são lugares que se eu fosse olhar para o lado vazio do copo poderiam parecer problemas insolúveis, mas quando eu olho para o outro lado começamos a pensar em como se pode construir centros de excelência em educação do campo e desenvolvimento sustentável. É nisso que hoje a gente tem se dedicado, pensar o território, pensar aquelas unidades através de casas familiares rurais, escola agrícola, em lugares que não tem isso a gente cria essa bandeira, essa causa. No Vale do Jequitinhonha foi onde a gente começou um centro de excelência em educação no campo. O que isso significa? Ela tem que cumprir algumas dimensões importantes, primeiro ela tem que produzir educação integral, humana e inclusiva, ou seja, não perder nenhuma criança para o corte de cana, nenhum sair da escola para trabalhar. Depois

nós trabalhamos com formação na Carta da Terra. Isso para mim é um ponto fundamental para encaminhar essa resposta.

Há algum tempo nós percebemos que a Carta da Terra é o documento mais importante que a humanidade já produziu no século XX. Não tem nada mais significativo, mais importante, que a carta da Terra. Foram mais de 10 anos de discussão, 185 países discutindo isso, mais de 5.000 pessoas e instituições envolvidas. Tenho para mim que são os 16 princípios e objetivos mais importantes, só que ela está lá bonitinha guardadinha na Costa Rica. Mas como é que se pratica isso? Então nós incluímos os 16 princípios no processo de formação: como é que nos formamos para viver bem como inquilinos na nossa morada de uma forma ética? Essa é uma base. A outra é a formação em permacultura e bioconstrução. Como trabalhar sem desgastar a natureza, em respeito à natureza sem produção de excedentes, para garantir a todos. Trabalhamos depois a pedagogia da alternância, os meninos passam na escola 15 dias e 15 dias na comunidade, no espaço aberto, sob um plano de integração de conteúdos. Não tem mais disciplina, não tem parede, nós temos temas. Por exemplo, lá no Maranhão temos alguns indicadores - esse ano não temos nenhum caminhão pipa que vai entregar água, nós teremos autossuficiência hídrica, faremos captação da água da chuva, depois de mais um ano a autossuficiência alimentícia, não vai precisar mais entrar merenda de fora, e no terceiro ano autonomia financeira, não vamos precisar pedir dinheiro para ninguém que nós mesmos iremos produzir nossas coisas, fazer nossas bolsas, nossos projetos. Como fazer projetos de autossuficiência a partir dos recursos que se tem, essa experiência que começou aqui (Minas Gerais - Brasil), mas já estamos indo para o Amapá, pra Guatemala, para o Uruguai, Colômbia, vai pra África. Como é que isso um dia torna-se possível de ser levado? Porque isso é uma ideia, é uma bandeira, não é uma receita de como criar centro de excelência, é algo que se mostrou possível de ser feito.

Outro grande desafio que hoje me move: ano passado, 1º de Maio, estava passando um pronunciamento da Presidente da Repú-

blica Dilma Rousseff, o qual resolvi assistir e ela falava das coisas do governo, do pré-sal, em um determinado momento ela falava da importância desses recursos porque o desejo dela era pensar o Brasil como uma Pátria Educadora, eu levei o maior susto, jamais imaginei que ouviria da Dilma sobre uma Pátria Educadora. Aquela noite não dormi, passei a noite inteira pensando que isso teria sido dito por Darcy Ribeiro, Cristóvam Buarque, Rubem Alves, Anísio Teixeira, pessoas do ramo, educadores, mas foi ela. Eu fiquei imaginando o que seria então construir uma Pátria Educadora. Aí voltei no Guimarães Rosa, que tinha uma expressão que dizia “Minas, patriazinha” o que será que ele chamava de patriazinha? É um povo? Um estado? É muito mais, é algo que tem profundidade, afeto, valor, mas infelizmente nós deixamos de nos pensar como pátria, passamos a pensar como governo, mais do que isso é pensar esse lugar, esse território, essa mistura e ainda a definir como Educadora. No dia seguinte eu criei uma página no Facebook cujo tema era esse, “Brasil Pátria Educadora”. Comecei a pensar, levantar essa bandeira, passei o ano pensando, discutindo sobre isso, é uma pena que ninguém do governo conseguiu ver a dimensão disso, tem gente que diz que acabou virando uma coisa de marqueteiro, mas pra mim continua sendo uma causa. Eu acho, eu sou otimista, que nós teremos experiências transformadoras, que mostram outros paradigmas. Eu fui passar uma temporada na Costa Rica, lá eles não falam “bom dia”, “boa tarde”, lá é “pura vida”, “pura vida” e mais nada, não precisa de mais, é muito melhor do que bom dia, é algo fantástico. Coisas dessas que acontecem na Bolívia, na América, essas experiências que ainda não ocupam os espaços da mídia nem os espaços de reflexão da academia, mas que elas têm um poder transformador, eu acredito e eu quero contribuir nesse sentido.

Eu estava lendo agora um texto do Adalberto Soares sobre a questão da Utopia, ele diz uma coisa simples, que o que é o sonho para o indivíduo é a utopia de uma comunidade, e utopia não é pensar como Dom Quixote, um sonho impossível, uma divagação, é o que não foi feito ainda. Nós somos movidos pelo que ainda não foi feito,

o que já foi feito já foi feito, bem ou mal, nós vamos usar, vamos carregar essas heranças, pagar um preço histórico, por umas bobagens que outros fizeram, que nós estamos herdando, carregando e fazendo. Mas quando você pensa no não feito ainda, o que move. Será que esses avanços serão capazes de acabar com a utopia, com o sonho humano? Eu acredito que não, que essa tecnologia também é fruto de utopias. Se isso foi feito na ciência, isso pode ser feito em todas as áreas. Às vezes me perguntam: como você acha que deveria ser estruturada a política educacional brasileira pelo MEC? Para mim é simples, o MEC deveria estabelecer que todas as escolas públicas ou privadas do maternal 1 até o Pós-Doc, todos eles deveriam organizar suas agendas, seus currículos, da maneira que eles quisessem, mas a partir da Carta da Terra, só isso. Você vai ser médico? Vai! Mas seu curso de medicina foi baseado na carta da terra. Se formou em Direito, Enfermagem, Mecânica, vai aprender a cuidar um do outro, cuidando da vida, do planeta, tem que ter uma formação, por mais sofisticada que seja em termos tecnológicos, ela vai estar umbilicalmente amarrada a uma causa, que é a razão do nosso tempo aqui, nosso tempo aqui não é longo, a vida não tem segundo turno, rebaixamento, é tudo corrido, não tem isso não. É isso.

Muito bom. Muito obrigado Tião!

# DE UM PARADIGMA DE PIRÂMIDE A UM PARADIGMA DE REDE

*Yaacov Hecht*

YAACOV HECHT EM DIÁLOGOS COM SIR KEN  
ROBINSON

Em 1987, eu fundei e passei a dirigir a Escola Democrática em Hadera, Israel, uma escola pública experimental para quatrocentas crianças entre 4 e 18 anos de idade. Em uma escola democrática, cada criança constrói seu programa de estudos pessoal e determina o que, como, quando, onde e com quem aprender. A escola é gerida democraticamente e todos os professores, alunos e pais são bem-vindos a se tornarem parceiros na gestão escolar.

Com o tempo, passei a me envolver na fundação de escolas similares tanto em Israel quanto em outras partes do mundo e desenvolvi um treinamento profissional projetado especificamente para professores que atuam em escolas democráticas.

Progressivamente, comecei a liderar processos no espírito da Educação Democrática em centenas de escolas tradicionais e a partir daí, iniciei o desenvolvimento do *modelo de Cidades Educacionais*, cujo objetivo é transformar a cidade inteira em uma grande escola. Em *Cidades Educacionais*, a organização que administro hoje, desenvolvemos colaborações municipais entre instituições públicas e organizações privadas que atuam na cidade, com o pro-



pósito de expandir as rotas de desenvolvimento singulares que estão disponíveis para cada criança em idade escolar. Hoje, atuamos em mais de 10 cidades e municípios, trabalhando com cerca de 10% das crianças Israelitas, e nossa taxa de desenvolvimento cresce rapidamente.

Diversas vezes fui perguntado, por que decidi chamar a escola em Hadera de Democrática. Não seriam todas as escolas em uma sociedade democrática, também escolas democráticas?

Nomeei a escola em Hadera como “Democrática” porque percebi que o modelo tradicional de escola que preparava as crianças para a vida em uma sociedade não-democrática de mais de um século atrás não poderia continuar existindo e preparando crianças para a vida na sociedade democrática em que vivemos hoje. Escolas no passado, que preparavam seus estudantes para a vida como trabalhadores na indústria, que requeriam principalmente disciplina e obediência, não podem prepará-los para a vida em organizações contemporâneas que exigem criatividade e iniciativa.

Percebi que a educação democrática é a peça que falta num quebra-cabeça maior chamado estado democrático.

A interface entre um sistema educacional que prepara as crianças para um mundo que não existe mais, e a realidade social e tecnológica que se forma rapidamente diante de nossos olhos, é uma das causas da “fratura” que desencadeia a formação de “massivas ondas tsunami” que explicam algumas das crises econômicas que temos testemunhado recentemente.

Neste artigo, escrito mais de trinta anos após eu ter iniciado a minha jornada como um empreendedor no mundo da educação, falarei sobre os “tsunamis” e suas consequências. Também procurarei explicar o mecanismo que ativa essas ondas.

Simultaneamente, compartilharei *insights* da minha jornada no processo de implementar inovações no sistema público de educação. Processos estes que demandam mudanças no velho paradigma educacional, o Paradigma de Pirâmide, e uma mudança para o trabalho em um novo paradigma, o Paradigma de Rede.

Antes de nos lançarmos nesta viagem, gostaria de agradecer ao meu amigo, Sir Ken Robinson, por seu importante apoio no processo de escrita deste artigo. Eu e ele palestramos juntos na AERO Conferência de 2010 em Portland Oregon, e desde então temos mantido conversas estimulantes – uma incrível fonte de inspiração.

Também gostaria de agradecer a Sheerly, minha esposa, que defende vigorosamente cada letra no processo de escrever precisamente as ideias.

E a todos os meus amigos das *Cidades Educacionais* – tudo começa a partir das conversas que tenho com vocês.

## “ERA DO TSUNAMI”

Nos últimos anos, temos testemunhado grandes mudanças em todos os aspectos da vida. Na verdade, muitos acreditam que estes sejam apenas os primeiros sinais para mudanças muito maiores que rapidamente se aproximam e indicam uma revolução em todos os setores da sociedade.

John Hennessey, presidente da Universidade Stanford, declarou no verão de 2012 um alerta de “tsunami” no New York Times.

Hennessey se referia ao “tsunami” que estava prestes a transformar o mundo do ensino superior como conhecemos hoje (principalmente em face do desenvolvimento do MOOC). Contudo, muitos outros grupos pelo mundo começaram a usar a mesma metáfora para explicar a situação socioeconômica no mundo atual – em outras palavras, o “Tsunami” ameaça vários aspectos de nossas vidas (e não apenas o ensino superior).

Veja por exemplo uma ilustração que foi publicada no The Economist em 18 de Janeiro de 2014:

Ondas gigantes de inovação estão prestes a nos inundar e desencadear a destruição do velho sistema socioeconômico e a emergência de mudanças significativas na estrutura da sociedade em que vivemos. Essas ondas carregam em si grandes perigos e opor-

tunidades inigualáveis. É importante apontar que este não é um evento único de tsunami, após o qual tudo voltará ao normal; esta é uma nova era – “uma era do tsunami”, caracterizada por tsunamis rotineiramente recorrentes. No passado, a mudança no uso do cavalo e da carruagem, por exemplo, para o carro, ocorreu ao longo de muitos anos. Por isso, o choque levado por profissionais também foi gradual. Em contraste, hoje, muitas linhas de trabalho passam por mudanças rápidas e revolucionárias, e toda mudança desse tipo gera a perda de muitos empregos em um período muito curto de tempo.

Familiarizar-nos com a natureza desse tsunami será instrumental na preparação para ele. Para logarmos isso, pesquisamos no Wikipédia e aprendemos sobre os cinco estágios do termo geográfico “tsunami”:

- » Um terremoto abala o fundo do oceano
- » A fratura gera um movimento ascendente de um grande corpo de água
- » Esse corpo de água se torna uma onda e começa a se mover em direção à costa
- » Logo antes da costa ser inundada, a linha do litoral retrocede, expondo uma grande área de terra
- » O tsunami inunda a terra

Isso impõe a questão; em que estágio do “tsunami socioeconômico” estamos?

Em alguns lugares do mundo, o “tsunami” está no quarto estágio – o retrocesso da linha litorânea – e tentativas têm sido feitas para proteger o status existente, utilizando ferramentas que funcionaram bem no passado, mas não funcionam mais no presente, como por exemplo, o excesso de exames que inundam alguns dos sistemas de educação são uma tentativa de protegê-los das mudanças emergentes.

Em outros lugares, o “tsunami” já está no quinto estágio e a grande onda já começa a invadir o litoral. Veja, por exemplo, a ex-

pansão do efeito “Geração Perdida” – jovens que seguiram o “caminho acadêmico certo” que os prometia sucesso na vida, mas se viram sem trabalho e sem futuro. Esses jovens percebem hoje que o sistema educacional fez um ótimo trabalho em prepará-los para a “vida no passado”, mas não para a vida no presente e certamente nem para a vida no futuro.

Outro exemplo é a cidade de Detroit (EUA), que decretou falência em 18 de julho de 2013. Cidade com dois milhões de residentes, costumava ser a capital da indústria automobilística nos EUA. O tsunami que atingiu Detroit veio em forma de realocação da maior parte dessa indústria para o Extremo Oriente e a substituição de milhares de trabalhadores por robôs e equipes de trabalho *lean*.

Tsunamis são dirigidos por uma força chamada pelo professor Clayton M. Christensen como Inovação Disruptiva, caracterizada por dois componentes principais:

- » Ela cria produtos complexos e processos simples
- » Reduz o custo de diferentes produtos (frequentemente oferecendo-os gratuitamente para os usuários)

Esses dois processos essencialmente dirigem a inovação global. Por exemplo, o desenvolvimento da fotografia digital causou a extinção da fotografia analógica, um processo longo e caro que requeria laboratórios especiais para revelação. A fotografia hoje é instantânea, acessível e gratuita.

Ou, por exemplo, chamadas telefônicas, que se tornaram dinâmicas (disponíveis de qualquer lugar) e gratuitas. Há inúmeras inovações iminentes, tais como a revolução dos veículos autônomos, que eliminará completamente a necessidade de motoristas, ou a revolução da impressão 3D.

Na essência, as duas características da Inovação Disruptiva são ubíquas atualmente em todos os aspectos de nossas vidas (transporte, energia medicina, agricultura, comunicação, e mais) na forma de desenvolvimento tecnológico acelerado, que tem produzido, e continuará a produzir num futuro próximo uma

cadeia massivamente longa de mudanças sociais, cuja natureza despertou um debate.

De fato, como mencionado anteriormente, estamos diante de uma nova era. E se mudanças no passado eram introduzidas gradualmente, hoje elas têm acelerado. Os tsunamis se tornarão eventos rotineiros em nossas vidas.

Jaron *Lanier* – Uma das pessoas à frente da indústria de alta tecnologia e um pioneiro no campo da realidade virtual, que acredita que a inovação tecnológica produzirá um colapso das pirâmides gigantes, seguido por um severo abalo na classe média.

Após passar 30 anos auxiliando a inserção da humanidade na nova tecnológica, Jaron Lanier admite: “Eu estava errado. Nos perdemos no caminho”. Como um exemplo do efeito destrutivo da internet, ele traz o colapso da empresa Kodak e seus 10.000 funcionários, comparado à emergência do Instagram e seus 13 funcionários: “Nós, pessoas da área de tecnologia, esquecemos algumas das responsabilidades que temos com o resto da sociedade. Promovemos tecnologias que têm uma dimensão anti-humana, que tem levado pessoas à falência ao invés de ajudá-las. Isso não funciona. O paraíso que estamos criando simplesmente não funciona para um grande número de pessoas”.

Em contraste, Peter Diamandis, fundador, sócio e presidente da Singularity University, e fundador e presidente da X PRIZE, acredita que estamos às portas de uma era ímpar de abundância (Abundância é o nosso Futuro) na história da humanidade, e que a transbordante criatividade online trará resolução para os maiores problemas enfrentados pelo mundo atualmente.

Portanto, se desejamos saber como lidar com os “tsunamis”, precisamos primeiro entender seu movimento: onde elas se originam e em que direção estão seguindo. Se pudermos responder essas questões, seremos capazes de construir ferramentas para prever o trajeto dos tsunamis – em direção a quais orlas elas se dirigem; o que se pode esperar da força das ondas; e como podemos minimizar a destruição e predominantemente como podemos aumentar as oportunidades que elas carregam consigo.

## DE PIRÂMIDE A REDE – UMA MUDANÇA DE PARADIGMA

Acreditamos que a principal causa para a elevação das “tsunamis socioeconômicas” (a fratura no fundo do oceano) está na emergência da “onda de conhecimentos”.

Em seus escritos, Alvin Toffler descreve três ondas econômicas:

A Onda Agrária – nesse período, a maioria da população sobrevivia do trabalho na agricultura.

A Onda Industrial – nesse período, a maioria da população sobrevivia do trabalho na indústria.

E a Onda da Informação – nesse período, a maioria da população sobrevive do trabalho no campo da informação.

Atualmente, a quarta onda está emergindo da Onda da Informação, a Onda do Conhecimento. Em seu ápice, no futuro, a maioria da população mundial ganhará seu sustento criando novos conhecimentos.

Essa situação é possível? Todas pessoas são suficientemente criativas para produzir novos conhecimentos? Como sequer podemos imaginar que o que um dia era o destino de poucos gênios excepcionalmente criativos – um grupo extremamente raro na população – se tornará universal?

Em nosso velho mundo familiar, esse tipo de fenômeno é, de fato, inconcebível. No entanto, nosso velho mundo familiar está prestes a mudar completamente como resultado da emergência da Onda do Conhecimento. E a mudança fundamental será expressa na criação de um novo paradigma laboral – se durante a Onda Industrial e no começo da Onda da Informação, as pessoas trabalhavam em estruturas organizacionais similares a pirâmides, nas quais ideias se moviam principalmente de cima para baixo; atualmente, mais e mais do trabalho se dá em estruturas de rede, organizações nas quais cada membro é ao mesmo tempo desenvolvedor/produtor e consumidor (Alvin Toffler chama isso de *Prosumidor* – um consumidor que é também um produtor). Dr. Moisés

Naím explica esse fato como um fenômeno colossal de colapso dos velhos centros de poder. Jaron Lanier está certo, então – se a maior parte da humanidade continuar a viver em sistemas socioeconômicos que trabalham no velho paradigma de pirâmide, o colapso dessas pirâmides resultará num severo golpe a grandes setores da população. Na mesma ótica, o Professor Tyler Cowen descreve o futuro em seu livro: *Average is over* (O Mediocre está acabado), como um mundo de extremos (15% da população será rico e o resto será pobre).

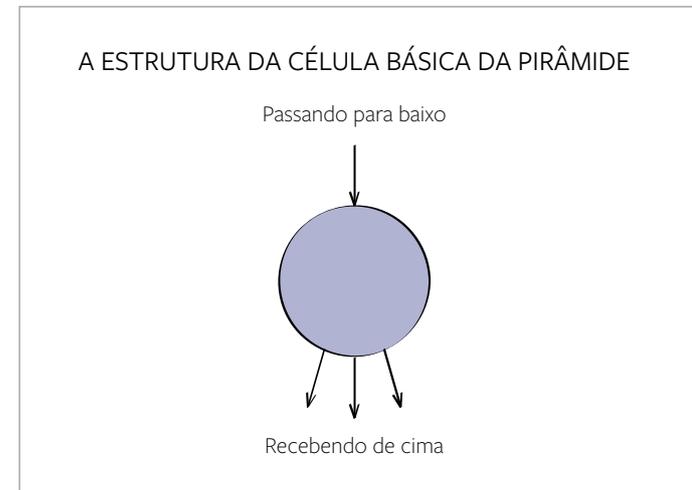
Ao mesmo tempo, Peter Diamandis também está certo – Indivíduos que trabalharão na estrutura de redes sociais e econômicas experimentarão um mundo de abundância (acredito que Lanier concorde com essa afirmação também... desde que a maior parte da população seja capaz de trabalhar numa configuração de rede).

Sendo assim, é possível que a maior parte da humanidade começará a trabalhar em redes de produção de conhecimento? Para compreender a transição de um paradigma de pirâmide para um paradigma de rede, precisamos primeiro nos familiarizar com a estrutura de “células de pirâmide” e “células de rede” (um modelo que construí enquanto trabalhava no desenvolvimento de sistemas de educação) e, em segundo lugar, precisamos esclarecer quais são as condições que facilitarão a emergência dessa mudança.

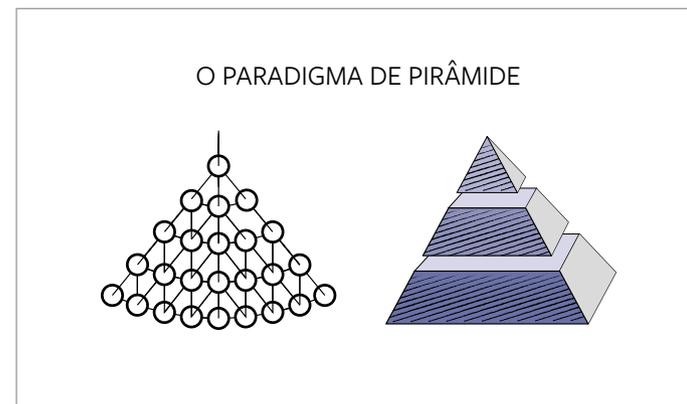
### CARACTERÍSTICAS DE UMA “CÉLULA DE PIRÂMIDE”

Uma célula de pirâmide é uma “célula de transferência” e é uma célula vazia, e sua função é receber informação de “cima” e transferi-la para “baixo”.

Uma célula de pirâmide é vazia porque sua função é transferir. Ela é proibida de intervir ou mudar a “informação” que passa adiante e, é claro, é proibida de dar-lhe uma cor própria ou um pensamento independente. Ela deve cumprir apenas a tarefa de “transferência” (portanto sua tremenda utilidade durante a onda da informação, quando a tarefa principal era apenas transferir informação num movimento descendente).



A célula de pirâmide representa um único componente na sociedade – uma pessoa ou uma organização (grupo). Segue uma visão geral de um grupo estruturado como pirâmide:



Todos estão em uma competição – o objetivo é mover-se para cima, para níveis mais elevados, alcançar os níveis mais altos, onde o poder, o sucesso e a influência estão centralizados

1. As ideias se movem de cima para baixo
2. O papel determina o status do indivíduo (a célula)

## POR QUE ORGANIZAÇÕES NO MODELO DE PIRÂMIDE NÃO SOBREVIVEM AOS TSUNAMIS DE INOVAÇÃO?

Para sobreviver, uma organização precisa rapidamente adotar ou gerar novas ideias. O sucesso dessa mudança leva à realização dos objetivos da organização com mais simplicidade e efetividade de custos (como previamente mencionado, esses são os dois componentes da inovação). A Organização Pirâmide é essencialmente uma “organização de preservação” que tem dificuldade com mudanças rápidas. Inovações, por natureza, tendem mais ao fracasso do que ações rotineiras. As decisões que estabelecem novos experimentos requerem um longo processo de autorizações. Tipicamente, essas autorizações são emitidas por pessoas que estão nos níveis superiores da pirâmide e cuja maior preocupação é preservar as coisas como elas são. Ideias inovadoras que são geradas nos níveis mais baixos da pirâmide movem-se vagarosamente para cima, para evitar causar dano ao nível que “autorizará”, e também por conta do longo tempo requerido para encontrar a “maneira segura” de implementá-la. A “maneira segura” permite dar crédito para o nível que “autoriza” em caso de sucesso e o afasta de dano em caso de fracasso.

Ideias inovadoras que são geradas no topo da pirâmide, de maneira similar, serão retardadas pelos níveis intermediários que entenderão o atraso como uma maneira de manter seu status, à luz da sabedoria convencional de que “quando começamos a fazer mudanças, não sabemos onde exatamente elas nos levarão...”

E as ideias que são introduzidas a partir de fora da pirâmide serão, muito provavelmente, ignoradas por conta da crença de que todos de fora da pirâmide pertencem à categoria de competidores.

Portanto, quando o paradigma de pirâmide é empregado em um grupo/organização, a suposição básica é que cada célula é vazia, e a questão central que é posta é, com o que ela deveria ser preenchida? Desta forma, a célula que for preenchida, por exemplo, com a cor azul transferiria o “azul” para todas as células vazias abaixo dela.



Geralmente, no campo da velha educação, os administradores se perguntam, que conhecimentos faltam para os professores? E os professores então transferem a informação que recebem para os alunos. A principal questão é como transferir a informação com o método mais eficiente, e de forma que garanta que a maior parte dela chegará/preencherá “alunos vazios”.

Ninguém supõe, em qualquer nível, que talvez os professores ou as crianças que já têm conhecimento possam auxiliar e tornar a jornada educacional mais efetiva.

## CARACTERÍSTICAS DE UMA “CÉLULA DE REDE”

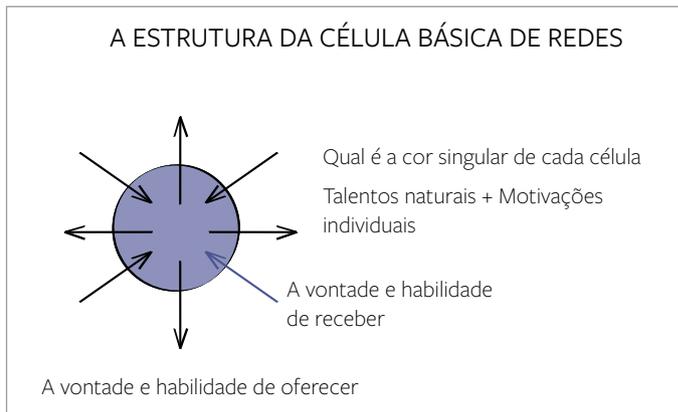
A função de uma célula de rede é a de servir como “célula de criação” em oposição à de “célula de transferência”. O objetivo de uma célula de rede é gerar novos conhecimentos.

Uma célula de rede tem três características:

- » Ela tem uma “cor singular” – uma cor que desenvolveu por si só. Cada informação que chega a ela (de diferentes direções) é influenciada por sua cor singular.
- » Ela recebe informação de todas as direções (aprendendo de seus colegas, supervisores e alunos).
- » Ela transfere informação em todas as direções.

Quando falamos em encontrar uma “cor singular”, nos referimos ao processo por meio do qual cada indivíduo ou organização encontra o seu “elemento”, como descrito no livro de Sir. Ken Robinson. Em outras palavras, encontrar o lugar onde nossos talentos singulares se fundem com nossas paixões é essencial para o desenvolvimento de um sistema de rede.

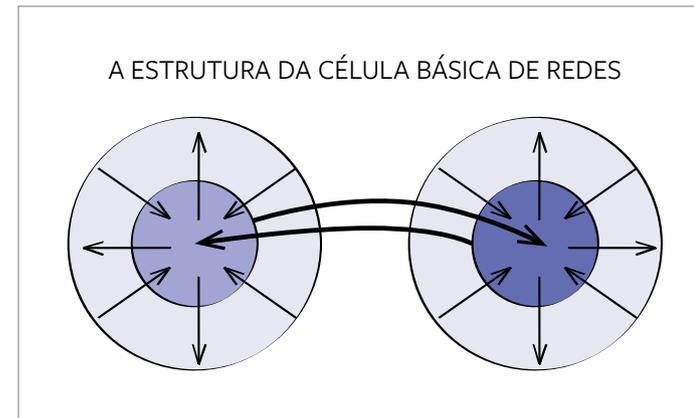
Subseqüentemente ou concomitantemente, receber informação de todas as direções e transferi-la em todas as direções é significativo. Pode-se dizer que um componente central no desenvolvimento do “elemento” é guiar ou compartilhar nossos conhecimentos singulares com os outros.



Uma célula de rede é um “ser social”. Ela se realiza quando entra em contato com “outra célula social”. Pode-se conceituar uma célula de rede única como “energia potencial”.

Quando duas células de rede entram em contato, cada célula transfere para a outra “sua cor singular” e assim transforma a energia potencial em energia cinética, ou em outras palavras, em energia que se forma durante o movimento. E da mesma forma que na física, quanto maior o peso e a velocidade da célula, maior a energia gerada.

O filósofo do século XVII, Gottfried Wilhelm von Leibniz, chamou isso de *vis viva* (do latim, “força vital”).



Por esta razão, quanto mais bem definido e desenvolvido o “elemento” de um indivíduo ou organização (peso), e quanto maior a sua habilidade e adaptabilidade de aprendizagem (velocidade), mais significativa será a energia gerada na rede e, por sua vez, a organização responderá à definição de “força vital” e se tornará uma “organização viva”.

Portanto, no centro da mudança de paradigma está a distinção entre a vida e a máquina. A pirâmide funciona como uma grande máquina cujos membros são partes sujeitas a suas regras. Por outro lado, a organização em rede funciona como um organismo vivo cujos membros, de acordo com a teoria de Leibniz, são nutridos e desenvolvidos a partir da troca de energia entre eles. Eles têm poderes intrínsecos de criação que são independentes das demandas de seus “supervisores”.

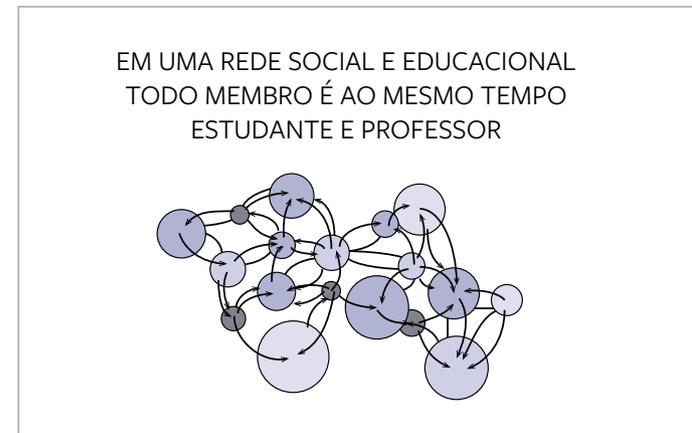
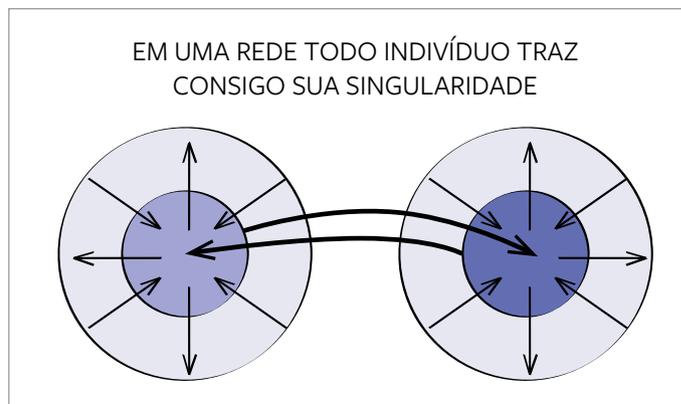
res”. Uma organização em rede é aquela que entende a singularidade e o desenvolvimento das colaborações de cada indivíduo como uma grande oportunidade para o progresso da organização. Quando uma “organização viva” se depara com um Tsunami de ideias sociais, ao invés de destruí-la, a simplicidade e a capacitação econômica da onda expandem as possibilidades de escolha de expressão da organização, bem como a cooperação entre seus membros, proporcionando oportunidades para geração de novas ideias e de iniciativas pioneiras.

### A ORGANIZAÇÃO EM REDE – UMA ORGANIZAÇÃO VIVA

Quando certo número de “células de rede” entra em contato umas com as outras, uma organização viva – uma organização em rede se forma.

Características de uma organização em rede:

1. Cada membro é encorajado a expressar sua singularidade.
2. A organização investe recursos e esforço intencional para dar suporte e assistência a todos os membros da organização, em sua busca para encontrar e expressar sua singularidade.
3. A organização gradualmente desenvolve colaborações entre seus membros, com o propósito de encontrar definir e expressar o “elemento organizacional”, ou a singularidade da organização.



Pirâmides podem existir dentro de uma organização em rede; e redes podem existir dentro de organizações em pirâmide.

Um membro de rede pode ser encontrado no topo de uma pirâmide e na base de outra.

### POR QUE PIRÂMIDES ENTRAM EM COLAPSO E AS REDES CRESCEM ATUALMENTE?

Numa estrutura em pirâmide, as pessoas fazem o papel de máquinas (O filme de Charlie Chaplin, “Tempos Modernos” é um bom exemplo disso). O colapso da pirâmide a partir da emergência de uma Inovação Disruptiva na forma de um computador, um robô, uma impressora 3D, que por fim substituem o “robô humano” e libertam o homem criativo, um indivíduo cujo campo de atuação renovável está incorporado a uma rede de colaborações formada por criadores assim como ele. Em outras palavras, a humanização é a força que dirige o colapso da pirâmide, bem como o desenvolvimento das redes.

A grande questão é como e se a transição entre os dois paradigmas representará sucesso para a maior parte da humanidade, e de que forma isso poderá não resultar, em vez disso, num aumento ao invés da redução das disparidades sociais.

## UMA POSSÍVEL RESPOSTA PARA O TSUNAMI

Após examinar a estrutura de pirâmides e redes, podemos agora revisitar as profecias de Lanier e Diamandis.

Ambos os cenários (a destruição e a abundância) são plausíveis, e a escolha entre os dois está em nossas mãos.

Como Jaron Lanier, eu também acredito que o tsunami atingirá vigorosamente todos os trabalhadores da pirâmide – pois vivemos na era das “pirâmides em colapso”. No entanto, ao mesmo tempo, temos a resposta – a emergência de organizações em rede.

Esses tipos de organização não são apenas “à prova de tsunamis” (simplesmente porque robôs não podem substituir a força da criatividade humana), as organizações em rede sabem como utilizar novas ideias que se desenvolvem em torno da Onda da Informação de maneira que nos permitiria surfar nessas ondas e alcançar novos horizontes de abundância para a humanidade.

O que precisamos fazer hoje é permitir que indivíduos e grupos formem organizações em rede.

Ao mesmo tempo, se as velhas organizações em pirâmide desejam continuar existindo, elas também precisarão começar a desenvolver redes dentro e ao redor de suas organizações.

## O SISTEMA EDUCACIONAL É A “CHAVE”

Para acelerar o ritmo em que redes são criadas, o sistema de educação precisa mudar seu curso – precisa parar de preparar seus estudantes para a vida em pirâmides em colapso, e em vez disso começar a prepará-los para a vida na nova era, a era do conhecimento.

A melhor forma de realizar isso é trabalhar dentro do paradigma de rede. Assim como no passado, quando o sistema de educação que preparava seus alunos para a vida na onda industrial foi construído dentro do paradigma de “pirâmide”, para permitir que os estudantes se preparem para viver no mundo que encontrarão fora dos muros da escola; as novas escolas e o novo sistema de educação

precisam empregar o paradigma de rede para preparar seus estudantes para a vida no mundo atual e no mundo do futuro.

## O DESAFIO

Como será o novo sistema de educação – aquele que funcionará de acordo com o paradigma de rede?

Atualmente, pessoas e organizações da área de educação estão gerando diversas respostas, que deverão crescer e expandir-se em número.

A mídia, que está se tornando mais simples e acessível a todos, cria redes globais de educadores inovadores que geram, bem diante de nossos olhos, novos modelos educacionais dentro do paradigma de rede.

Neste capítulo, tentarei ilustrar que forma tomam essas soluções atualmente, na sala de aula, na escola, na cidade, no estado e no mundo.

### *Na sala de aula – uma mudança da sala de aula para uma comunidade de aprendizagem*

Na velha sala de aula em pirâmide, a premissa para o professor é que o aluno entra na sala vazio, e a principal questão era com o que preenchê-los e como fazer isso.

A sala de aula em rede tem uma nova premissa, de acordo com a qual as crianças estão em uma busca para descobrir sua “cor singular”; portanto elas trazem consigo um arco-íris de cores. Quando deparada com esta premissa, a sala de aula se transforma num time criativo, no qual professores e crianças se lançam em uma jornada de exploração. Nessa jornada, eles atacam juntos desafios em várias áreas do conhecimento, desafios estes que são relevantes para o mundo em que vivemos hoje.

No time criativo, os papéis do professor e das crianças também estão em mudança.

De um modelo de um professor e um grupo de crianças, a sala de aula se transforma em uma comunidade de aprendizagem na qual todos são ao mesmo tempo professores e estudantes.

Vários times formados por crianças, professores e especialistas da comunidade trabalham juntos na classe em desafios que compartilham.

O papel do professor é dar suporte ao desenvolvimento de uma comunidade de aprendizagem e criação, na qual o indivíduo é valorizado e o trabalho de criação é compartilhado, bem como ajudar cada uma das crianças a encontrar seu próprio “lugar” e a enxergar o “lugar” de seus colegas.

Cada criança se especializa na área que é o seu ponto forte, utilizando diversos recursos que estão à sua disposição.

No time criativo (a sala de aula em rede), aprendizagem por meio de parcerias entre alunos ocorre (o tipo mais profundo de aprendizagem). A aprendizagem em parcerias utiliza o ponto forte dos alunos.

Há vários modelos de aprendizagem em rede. Um deles é um modelo singular que desenvolvemos em Israel (Cidades Educacionais) – *O Time Educacional*.

O Time Educacional funciona como um time esportivo e segue apenas dois princípios –

Cada estudante é também um professor –

O professor em seu novo papel como treinador do Time Educacional ambiciona ajudar cada criança a encontrar o seu ponto forte. A criança se torna um “jovem professor” nessa área.

A sala de aula tem um desafio conjunto mensurável - O desafio pode ser de base acadêmica, social ou comunitária, a inovação é o desafio ser dividido por todos na classe ao invés de desafios individuais. Por exemplo, em um desafio acadêmico, a nota da turma é a média das notas individuais de cada participante do grupo.

Todos os alunos tomam parte na geração e implementação de ideias para melhorar a nota da classe por meio de aprendizagem em parceria e utilizando os pontos fortes.

Após quase três anos operando o programa, durante os quais desenvolvemos metodologias para o trabalho em sala de aula, temos testemunhado um grande sucesso em todas as dimensões. O modelo de Time Educacional entrelaça realizações acadêmicas com aprendizagem divertida com sucesso. E onde nós antes teste-

munhávamos rivalidade e competitividade, nós agora vemos “Arvut Haddadit” (termo hebraico para “responsabilidade mútua”).

Na escola – Uma encubadora para Empreendedorismo pedagógico-comunitário – Uma mudança de profissionais da educação que trabalham como indivíduos, para times educacionais que conduzem uma comunidade de aprendizagem.

Numa escola pirâmide – A premissa desse sistema é que o professor é “vazio”, sendo assim o sistema se preocupa em instruir o professor no que ele/ela precisa fazer enquanto limita a decisão do professor em delinear o programa de estudo e predominantemente a gestão de tempo. O professor é um “cavaleiro solitário” que tenta ser bem-sucedido em sua principal tarefa educacional - “transferir” materiais de estudo em sala de aula.

Numa escola em rede – Os professores são os líderes que conduzem a criação de uma comunidade de aprendizagem em toda a escola.

As escolas em rede funcionam como uma “Encubadora Educacional Comunitária” que permite a professores encontrar e expressar sua própria cor singular, e além disso, a encontrar seu “lugar correto” na escola, portanto:

Na primeira etapa – Professores são encorajados e apoiados a iniciar projetos que os fascinam.

Na segunda etapa – Redes de professores começam a se formar. Essas redes funcionam em cooperação e conduzem iniciativas de aprendizagem comunais na escola.

Na terceira etapa – Alunos e seus pais são encorajados a tomar parte na condução e desenvolvimento das iniciativas.

*Na cidade – Quando a cidade inteira se transforma em uma grande escola*

Numa cidade pirâmide – a maioria das organizações está em competição com outras organizações similares por um lado, e se afastando de organizações diferentes por outro. A velha escola entende outras escolas que estão ativas na cidade como competido-

res/opponentes em uma corrida por recursos limitados, e todas as outras organizações na cidade são “invisíveis” para ela.

Numa cidade em rede - a ideia fundamental é a de criar colaborações entre as organizações educacionais assim como com as outras organizações que atuam na cidade. Essas colaborações são destinadas a criar redes de “semelhantes”, professores, alunos e chefes de professores, lado a lado com redes de “dessemelhantes” com o foco em um desafio partilhado. Quando essas redes se formam, nós testemunhamos a emergência de uma Cidade Educadora.

Uma Cidade Educadora entende o sistema educacional como uma ferramenta essencial no desenvolvimento de toda cidade, e a cidade como uma ferramenta essencial no desenvolvimento do sistema educacional.

A cidade como uma grande escola - uma Cidade Educadora é uma rede social educacional focada na realização e desenvolvimento do indivíduo e a municipalidade via áreas de força e crescimento individuais, comunais e municipais.

Narrativa Local e Linguagem Local - Uma Cidade Educadora desenvolve uma narrativa local, uma linguagem local e um modo de vida local que são baseados nas áreas de força locais e alavancam futuras vias de desenvolvimento.

### *No estado – Cidades que sustentam colaborações*

No paradigma da pirâmide, cada cidade trabalha independentemente e entende outras cidades como seus competidores.

Em contraste, de acordo com a abordagem de rede, um senso de responsabilidade mútua e confiança se forma entre as cidades diferentes, e colaborações diferentes se formam, do tipo que permite a cada cidade expressar sua cor singular. O trabalho com outras cidades facilita o desenvolvimento de redes de “agentes de avanços educacionais”, que frequentemente se sentem isolados em suas comunidades de origem, e que agora estão se conectando em redes de aprendizagem e suporte em todo o país.

### *No mundo – Colaborações globais são tecidas – Aprendendo Globalmente e Trabalhando Localmente*

Tudo o que se passa em sala de aula, escolas, cidades e estados irão moldar o futuro do nosso mundo. O DNA de colaboração e responsabilidade mútua funciona igualmente bem em um jogo entre duas crianças de seis anos como também em uma colaboração regional entre dois países.

Consequentemente, a abordagem de rede, que defende a promoção de metas organizacionais simultaneamente com o reconhecimento do indivíduo, é também, traduzida globalmente em colaborações em todo o mundo lado a lado com o reconhecimento e apreciação do modo de vida local e com a sustentação da singularidade de cada pessoa e região. Colaborações globais permitem a professores de todo o mundo, se sentirem como parceiros vitais no desenvolvimento da nova educação em rede, uma educação que se diz capaz de conduzir

A seguinte parábola resume as mudanças requeridas nos sistemas de educação em todo o mundo:

### **A PARÁBOLA DO PESCADOR**

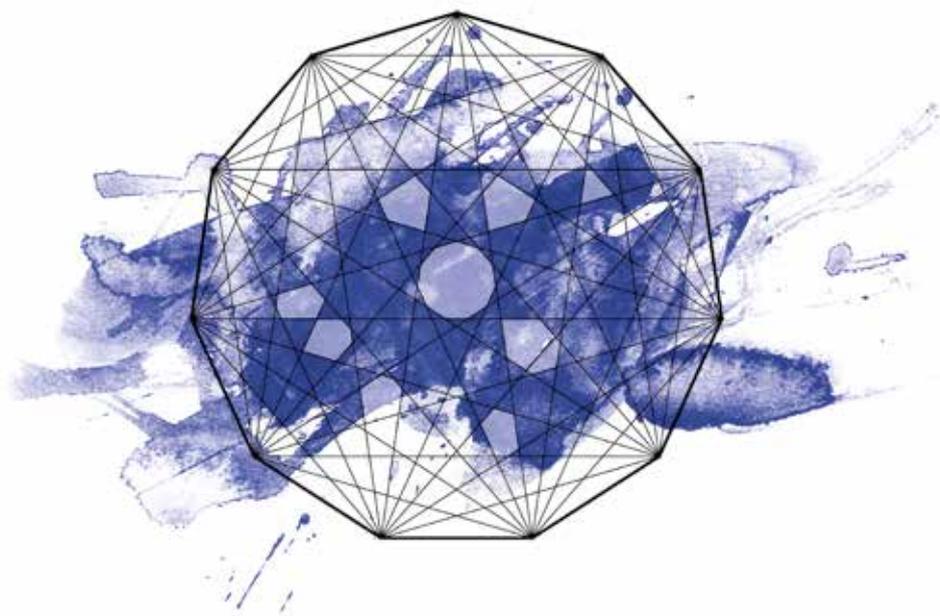
No passado, o sistema educacional dava peixes - transferia conhecimentos.

Nos dias atuais, o sistema educacional está dando varas de pescar - ensinando os estudantes como estudar por si mesmos.

No futuro, professores e alunos deverão sair para pescar juntos em colaboração com comunidades locais e globais - desenvolver comunidades de aprendizagem e criação que irão embarcar juntas na jornada para *Tikun Olam* (termo hebraico para “fazer do mundo um lugar melhor”).

# EXPERIÊNCIAS INSPIRADORAS

*Tathyana Gouvêa*



O convite para os autores deste livro foi para escreverem sobre o futuro da educação. Mas tanto em seus artigos quanto para nós, organizadores deste projeto, é muito claro que essas visões e conceitos já são realidade para muitos projetos em diversas partes do mundo.

Alguns mapeamos, como o da Rede de Educação Alternativa (REEVO), ou das associações específicas, como das Escolas Democráticas, Escolas Waldorf, Montessori, Freinet, entre outros, são exemplos dessas práticas.

Para este texto contamos com o mapeamento da InnoveEdu, realizado pelo PorVir do Instituto Inspirare, em parceria com a Edsurge, Innovation Unit e a World Innovation Summit for Education (WISE), da Qatar Foundation. Nesta plataforma (<http://innoveedu.org/>) são listadas 96 (noventa e seis) experiências ao redor do mundo, cujas imagens e conteúdos estão sob licença Creative Commons. Nesta seleção apresentaremos algumas delas a partir de outro recorte, ilustrando os conceitos que foram trazidos ao longo dos textos dos autores convidados.

Em um esforço de síntese, buscamos sistematizar o que os vários autores apresentaram de forma mais detalhada e rica, utilizando muitas vezes nomes distintos para conceitos semelhantes ou relacionados.

A conclusão que chegamos foi que os meios são diversos para chegarmos a objetivos comuns. Ao longo do livro, tanto a questão de quem são os educadores dessa educação do futuro, quanto o uso da tecnologia subsidiando essa mudança paradigmática estão muito presentes, ressaltando em especial o trabalho em rede e colaborativo. Porém aqui, o que buscaremos mostrar é que em sua maioria o que os autores nos revelaram é que os objetivos da educação do futuro poderiam se resumir em três grandes eixos: pertencer, expressar-se no mundo, e criar um projeto de vida comum. A intenção deste último capítulo é, portanto, apresentar experiências que já acontecem ao redor do mundo, e que revelam formas possíveis de se alcançar esses objetivos.

Esperamos assim ilustrar essa obra, inspirando o leitor a ver que o futuro da educação não está distante; está logo ali, esperando que cada um de nós nos apropriemos dele, e façamos a partir de nossos sonhos a realidade que queremos.

## PERTENCER

*Criação de territórios educativos | integração da família e sociedade nas práticas de aprendizagem | conhecimentos variados criados por fontes diversas*

Tanto alguns conceitos abordados, quanto projetos apresentados pelos autores revelam a importância das crianças, jovens e adultos se sentirem pertencentes ao espaço e projeto que integram. Criar um senso de pertencimento é algo profundo que requer níveis intensos de participação e integração entre os vários sujeitos que constroem aquela realidade. Alguns conceitos que foram trabalhados nos textos que ilustram essa ideia são os de território, comunidade de aprendizagem e de integração das famílias e comunidades. Poderíamos ressaltar também os projetos que repensam os conteúdos de aprendizagem, dando significado e valor aos diferentes tipos de saber provenientes de fontes variadas. A identidade dos estudantes é também constituída a partir dessas relações, valorizando o lugar e cultura a

que eles pertencem, mas também ampliando o horizonte de conhecimento e de possibilidades. Os projetos abaixo podem ser exemplos de algumas dessas ações:

## ESCOLA MUNICIPAL MARIA DO SOCORRO ROCHA DE CASTRO Prefeitura de Ouricuri (PE) - Brasil



Criada em 2000, a escola usa desde 2004, aspectos da realidade regional para incentivar que os alunos continuem os estudos e se mantenham motivados e interessados. A metodologia é a da educação contextualizada, que leva em conta a realidade dos alunos, valoriza diferenças e conhecimentos natos. A escola trabalha a educação informal, passada pelos pais e pela comunidade às crianças; a educação não formal, dada debaixo de um pé de árvore; e a educação formal, com carga horária e documentação. Além disso, familiares dos estudantes e a comunidade participam das atividades da escola. Os alunos enxergam suas atividades diárias como importantes e relevantes também no contexto escolar e, com isso, se sentem mais entusiasmados em aprender. Toda a comunidade local, composta por 42 famílias, e cerca de 250 pessoas no total, é beneficiada de forma direta ou indireta pelo trabalho realizado na escola. A leitura

e a escrita dos alunos melhoraram. Familiares e a comunidade se aproximaram da escola e passaram a valorizar o espaço e o aprendizado dos filhos. Começaram ainda a levar discussões feitas na escola para sua prática, como deixar de usar agrotóxicos nas plantações, por exemplo.

#### UFPR LITORAL

Universidade Federal do Paraná (UFPR), com apoio do governo do Paraná e de prefeituras locais - Brasil



A universidade, localizada em Matinhos, no litoral do Paraná, procura combater problemas enfrentados pelos estudantes da região, como pobreza, resignação, exclusão social e dificuldade para manter-se em um curso superior tradicional. Os 14 (quatroze) cursos de graduação também foram desenvolvidos de acordo com as necessidades da comunidade local, como gestão e empreendedorismo, gestão de turismo, agroecologia, educação do campo e saúde coletiva. Há ainda um curso de mestrado em desenvolvimento territorial sustentável, além de cursos de especialização, voltados principalmente a educadores. Os alunos cursam módulos com uma estrutura flexível no lugar de disciplinas. Existem três grandes eixos de aprendizagem: fundamentos teóricos práticos, projetos de

aprendizagem - construídos desde o primeiro ano para desenvolver habilidades como auto-organização e produtividade -, e interações culturais e humanísticas, atividades promovidas para o convívio entre estudantes, profissionais e a comunidade, que valorizam conhecimentos locais e a vida social. A participação da comunidade promove a mobilização e a possibilidade de que ela se aproprie da universidade ao lado dos educadores.

#### PROJETO DE EDUCAÇÃO DA CIDADE VELHA Prefeitura de Barcelona, governo da Catalunha, organizações sociais e comunidade - Espanha



Barcelona é conhecida por ser a primeira cidade do mundo a se declarar uma “Cidade Educadora”, apostando nos espaços públicos e na articulação de diferentes setores, a fim de garantir a educação integral de suas crianças e adolescentes. Foi lá que se realizou o 1º Encontro Mundial de Cidades Educadoras, em 1990. Nos últimos anos, o distrito de Ciutat Vella, na região central, se tornou um dos exemplos mais claros de território educativo na cidade, quando instituições educacionais, da iniciativa privada e da sociedade passaram a discutir como poderiam superar as desigualdades sociais, o abandono escolar e garantir a diversidade da região, garantindo uma educação que refletisse as características locais, marcada pela pre-

sença de diferentes etnias e rico patrimônio arquitetônico. A região abrange cinco bairros, tem cerca de 105 mil habitantes de 122 nacionalidades - 9,5% deles com idades entre 15 e 24 anos -, 49 escolas e mais de 200 instituições culturais. Os alunos passaram a ocupar cada vez mais o espaço público e a usá-lo para aprender. A participação dos pais nas decisões pedagógicas da escola aumentou. Há uma profunda articulação entre espaços e pessoas. As políticas educacionais passaram a funcionar em diálogo constante com a região. As políticas de Estado garantem programas de longo prazo. O terceiro setor participa de uma forma intensa, sem atuar de forma assistencialista; o desenvolvimento urbano passou a ser projetado de acordo com as necessidades da educação, e a evasão escolar diminuiu.

## HIGH TECH HIGH High Tech High Foundation – EUA



A rede de escolas públicas com administração privada começou a funcionar em 2000 com uma escola em San Diego, nos Estados Unidos. Hoje, a rede tem 12 escolas e uma instituição de ensino de

pós-graduação para professores. Com método de ensino inspirado no construtivismo de Paulo Freire, a proposta da rede de escolas se baseia em quatro pilares da educação do século 21: personalização, conexão com o mundo, interesse comum em aprender e professores atuando como designers do aprendizado. Os docentes do sistema guiam os estudantes em uma metodologia de aprendizagem baseada em projetos. No lugar de disciplinas estanques, os conteúdos são agrupados em eixos temáticos e trabalhados a partir da resolução de problemas concretos, baseados na realidade e interesse dos alunos. A ideia é que o processo de aprendizagem seja um reflexo real da vida do indivíduo, e que as escolas também zelem por momentos coletivos em que os alunos possam se reunir em grupos, fazendo reuniões e apresentações.

## EXPRESSAR-SE NO MUNDO

*Brincar | criar | empreender | movimentar-se e expressar-se por linguagens diversas | ser protagonista*

Ao longo do livro temos textos inteiros que destacam a importância das crianças e jovens brincarem, criarem e serem protagonistas de suas vidas. Tomando como base o senso de pertencimento já apresentado anteriormente, o expressar-se no mundo revela a autoria e autonomia do estudante frente ao mundo que lhe foi apresentado, e com o qual é participe. Independentemente da idade, este sujeito é dotado de cultura e manifesta sua subjetividade por meio dela, bem como através de sua criatividade em relacionar de maneira única e singular os elementos culturais que o constituem, e o vinculam com o mundo. As linguagens são múltiplas para manifestar-se no mundo, os menores por meio da brincadeira, os maiores por trabalhos artísticos e corporais, mas também criando soluções por meio do próprio trabalho para os diferentes contextos aos quais pertence, recebendo o nome de protagonistas, empreendedores, ativistas ou agentes de transformação. Trazemos abaixo alguns exemplos de projetos que ilustram esses conceitos:

## SISTEMA DE APRENDIZAJE TUTORIAL Fabretto - Nicaragua



O Sistema de Aprendizaje Tutorial (SAT), que começou a ser implantado no país em 2007, é um programa de educação rural inovadora, que oferece oportunidades de aprendizagem específicas para as populações rurais. O modelo de educação não formal, reconhecido pelo Ministério da Educação, fornece acesso ao ensino para a juventude rural e adultos em suas próprias comunidades. Isso permite que eles estudem e mantenham suas atividades agrícolas e de subsistência. A metodologia é a do aprender fazendo, com o uso de recursos pedagógicos que integram teoria e prática. Ao mesmo tempo em que estudam, os alunos trabalham em plantações, ou criam planos de negócios para vender sua produção. A ideia é que os jovens se tornem agentes de mudança no local onde vivem. A educação e as oportunidades de emprego nas zonas rurais podem ajudar a diminuir a migração e a imigração. Até 2013, mais de 9 mil kilos de frutas e vegetais já tinham sido vendidos para programas de merenda escolar das regiões atendidas pelo projeto, e ao menos 12 empresas criadas e operadas por estudantes já entraram em funcionamento.

## NORTHERN BEACHES CHRISTIAN SCHOOL Northern Beaches Christian School - Austrália

Criada em 1981, é uma organização sem fins lucrativos mantida com recursos do governo e taxas de matrícula. Em 1984, mudou-se para o campus atual, em Terrey Hills, situado em Sydney, onde oferece ensino da educação infantil até o ensino médio. Em 2005, a escola criou o Sydney Centre for Innovation in Learning (SCIL), para o desenvolvimento de práticas inovadoras na educação. Os alunos são autores da própria jornada pedagógica, co-criando seu processo de aprendizagem com os professores, que atuam como mentores, especialistas e guias. Tem foco no pensamento crítico e na aprendizagem prática, colaborativa e baseada em projetos. O objetivo é formar jovens com alta capacidade de liderança e criatividade. A tecnologia tem grande importância como ferramenta de aprendizado. Há ainda a possibilidade de praticar vários tipos de esportes, como natação, atletismo e ginástica, atividades extracurriculares, como música e teatro, e imersão em áreas de interesse, como equitação, gastronomia e mergulho.



## ESCUELAS EXPERIMENTALES

### Escuelas Experimentales - Argentina

A rede de 38 escolas adota a metodologia da educação democrática. O ensino é personalizado, colaborativo e tem como fios condutores artes plásticas e música. O método de ensino segue os preceitos da pedagogia da tolerância, criada pelo educador Paulo Freire, em que a educação está sempre em construção, com professores e alunos ensinando e aprendendo juntos. A proposta pedagógica começou a ser colocada em prática no ano de 1958 com três professoras, na casa de uma delas. A primeira escola pública foi criada em 1984, denominada Instituto de Educación Superior “Roberto Themis Speroni”. A avaliação dos alunos é feita pelas produções realizadas durante as aulas. Não há provas - música, poesia e teatro são formas para falar também de questões ligadas às tradições regionais. Os instrumentos musicais ficam à disposição dos alunos, para serem usados à vontade. Todos os dias os professores se reúnem por duas horas ao final do trabalho, para falar sobre os alunos e as atividades dadas, bem como programar o dia seguinte. As decisões são tomadas em conjunto.



## KAOSPILOT

### Kaospilot - Dinamarca



A Kaospilot é um espaço que procura enxergar o ser humano completo, com suas fraquezas, pontos fortes, sonhos e conhecimentos próprios (*backgrounds*). Para isso, busca continuamente descobrir o que motiva as pessoas a aprender, criar e liderar, além de proporcionar um ambiente que ajuda estudantes a respeitarem seus valores, e concretizarem sonhos em um mundo caótico e que precisa ser transformado. A Escola de Negócios Criativos foi fundada em 1991 por Uffe Elbaek na segunda maior cidade da Dinamarca, Aarhus. Os alunos se tornam profissionais protagonistas do seu próprio aprendizado, e estudos de caso são completamente substituídos por projetos reais com clientes de verdade. É a partir desses trabalhos e da reflexão sobre a prática que o currículo ganha vida. Durante a formação, os estudantes passam também por um grande desenvolvimento pessoal. O objetivo é que, quando eles terminarem os três anos de curso, saibam quem são e como podem utilizar suas habilidades da melhor forma para fazer uma mudança positiva no mundo. Um terço dos graduados na escola monta a própria empresa, ONG ou projeto.

## CRIAR UM PROJETO DE VIDA EM COMUNHÃO

*Pensar e agir para o bem comum | sustentabilidade | empatia | autoresponsabilidade | compartilhamento*

Compreendido o sujeito como parte de um todo, e que este sujeito tanto recebe como atua neste meio - desde a menor idade por meio de expressões culturais, ressaltamos dos trabalhos apresentados ao longo do livro um princípio norteador desta relação homem-mundo: a criação de um propósito comum. Tanto do senso de pertencimento, quanto de seu protagonismo na construção da realidade, surge a demanda de trabalharmos em prol de um bem comum. Conceitos como o de empatia, sustentabilidade, autoresponsabilidade ou mesmo de colaboração, trabalho em grupo, compartilhamento e criação de rede são formas de alimentar o respeito a si mesmo, ao próximo e ao planeta, compreendendo todos eles como parte integrante e de igual relevância para a vida. Os projetos abaixo são alguns exemplos de trabalho diante desta perspectiva:

### GREEN SCHOOL

#### Green School - Indonésia

Conhecida como a escola mais verde do mundo, a Green School foi fundada em 2008. A escola internacional fica no meio da floresta, e procura integrar os conteúdos acadêmicos tradicionais com a aprendizagem ambiental e experiencial, baseada em práticas sustentáveis e centrada no aprendizado personalizado. Há alunos de ao menos 25 países, mas 20% deles têm de ser crianças da própria ilha, que estudam com bolsa. Os professores também são de diferentes partes do mundo. Os prédios, em formato de espiral, foram construídos com bambu e não tem paredes. Painéis solares geram 80% da eletricidade. Banheiros são de compostagem e o lixo é reciclado ou composto. O campus tem hortas orgânicas e criações de animais, como uma vaca, um búfa-

lo e porcos. A comida é feita por cozinheiras da comunidade local em fogões e fornos artesanais, com produtos da agricultura da escola e da região. As salas têm luz natural e brisa. O desenvolvimento de habilidades como alfabetização, matemática, educação física, artes, ciência e tecnologia, design e investigação, ocorre em paralelo ao de valores, como integridade, empatia e confiança; de boas atitudes, como persistência, positividade e paixão; e hábitos, como organização, pensamento criativo e crítico e colaboração. A escola adota o modelo de educação progressiva, e busca levar os estudantes a atingir consciência interior e social. Reflexões sobre o passado são usadas para orientar o futuro, focando na proteção ambiental e na criação de um mundo mais justo ecológica e socialmente.



SCHUMACHER COLLEGE  
Dartington Hall Trust – Reino Unido



A instituição combate ainda outros grandes problemas da sociedade atual, como o individualismo, o consumismo, a falta de respeito entre os indivíduos, e a má alimentação. Fazendo isso, exercitam o senso de coletivo e a busca pela sustentabilidade nos espaços da escola. Há programas de pós-graduação, com 150 alunos, como ciências holísticas, sistemas de alimentação ecológicos e economia para a transição, além de cursos com curta duração. A casa onde vivem é administrada e cuidada por todos (alunos, funcionários, colaboradores), que começam o dia com um encontro. Em seguida, eles se dividem em grupos de trabalho com tarefas que envolvem culinária, jardinagem e limpeza. A comida é vegetariana. Parte dos alimentos é produzida na horta local ou vem de fornecedores locais de produtos orgânicos. Os alunos estudam de manhã e tem as tardes livres para reflexão. Todos os cursos são formados por turmas pequenas para que os estudantes possam ter atendimento individualizado por parte dos professores, muitos dos quais

são especialistas mundiais e ativistas. Os alunos têm tempo para aproveitar a biblioteca, que reúne uma coleção especial de livros e trabalhos sobre sustentabilidade e ecologia. Há também um quarto de meditação disponível. À noite, é comum ocorrerem palestras de professores visitantes, artistas e convidados ou o convívio social ocorre na sala de jantar ou no bar. A ideia é que a aprendizagem e a convivência transformem os participantes. Criatividade e lado emocional são incentivados durante toda a permanência na faculdade. Os participantes aprendem a praticar conceitos como colaboração, compaixão e compartilhamento. Passam a questionar a forma como se vive na sociedade atual, o consumo e os relacionamentos. Saem ainda com a capacidade de promover mudanças positivas nas próprias vidas, na dos outros à sua volta e no mundo.

ST PAUL'S SCHOOL  
St Paul's School - Austrália

As práticas pedagógicas da escola são desenvolvidas de acordo com as necessidades dos estudantes, incentivados a desenvolver a autonomia, aplicar seus conhecimentos no contexto do mundo atual, e aprender a partir de interesses e paixões pessoais. Outro projeto, chamado Independent Studies Time (Tempo de Estudos Independentes, em tradução livre), permite que eles montem seus projetos de aprendizagem sobre um tema relacionado às artes ou à tecnologia, e escolham os professores que serão seus mentores no trabalho, além de recursos e espaços necessários para o projeto. Eles também precisam participar



de projetos sociais, como atividades em comunidades de baixa renda. A construção do aprendizado a partir de competências, como criatividade, empatia, empreendedorismo, resiliência, colaboração e persistência ocorre pela adaptação dos estudos às necessidades do estudante, com a aplicação de rubricas para determinar a direção, o ritmo e o nível de habilidade desenvolvido. Um programa de preparação para a carreira também trabalha questões como autoconsciência, busca por oportunidades, tomada de decisão e transição entre escola e emprego.

## SUSTAINABILITY INSTITUTE

### Sustainability Institute – África do Sul



A organização combate problemas como a falta de equidade social e as práticas que levam à destruição do ecossistema. Tem como objetivo ainda reduzir e erradicar a pobreza. O instituto é um centro de moradia e aprendizado na área de desenvolvimento sustentável. Foi fundado em 1999 por Eve Annecke e Mark Swilling em uma comunidade chamada Lynedock EcoVillage, no en-

torno da cidade universitária de Stellenbosch, na África do Sul. A comunidade Lynedock EcoVillage, da qual o instituto faz parte, é um espaço de aprendizagem em práticas ecológicas, como o uso de energias renováveis e agricultura orgânica, e que mantém uma escola e uma creche para trabalhadores da região. O instituto gerencia ainda uma fazenda de agricultura orgânica, que é usada como um espaço de ensino para os programas de agricultura sustentável.

\* \* \*

Vários desses projetos poderiam estar em mais de um desses eixos, assim como centenas de outros projetos poderiam estar neste livro. Fica o convite para conhecermos mais sobre essas iniciativas, criarmos mais projetos que conectem e divulguem outra forma de se fazer educação; e principalmente, que busquemos viver em nosso dia a dia os valores que desejamos partilhar no presente e transmitir às futuras gerações!

# SOBRE OS AUTORES E TRADUTORES VOLUNTÁRIOS

## ORGANIZADORES

---



### PHILIPPE GREIER

Philippe é fundador da ONG austríaca “Presente!” e precursor de vários projetos bem sucedidos para transformar a educação por meio de um caminho colaborativo. Um hippie profissional que imagina um futuro construído sobre tolerância e escolhas conscientes. O que o move é a descoberta e a experimentação de novas realidades e formas de vivermos juntos em comunidades abundantes. Sua atenção agora está em unir diferentes movimentos de transformação da educação ([www.EDUshifts.world](http://www.EDUshifts.world)) e co-criar uma plataforma de aprendizagem colaborativa ([www.blosm.io](http://www.blosm.io)).

### TATHYANA GOUVÊA

Tathyana Gouvêa é pedagoga e administradora, fez seu mestrado sobre Gestão Escolar e doutorado sobre Inovação Educacional no Brasil. Atuou como professora, coordenadora de projetos sociais e pesquisadora. Trabalha com formação de professores e consultoria em gestão e inovação educacional. Recentemente fundou a Projeto Educação, uma empresa social que promove projetos de educação transformadora. É apaixonada pelo que faz e sonha com um mundo melhor para todos.

Contato: [tathyana.gouvea@gmail.com](mailto:tathyana.gouvea@gmail.com) / [projetoeducacao.pro.br](http://projetoeducacao.pro.br)

# AUTORES

---

## ADEBAYO AKOMOLAFE

Bayo é psicólogo clínico, professor e criador da Covenant University na Nigéria. É um conferencista internacional, poeta e ativista para uma mudança radical do paradigma de consciência e dos modos atuais de viver.

## AXINIA SAMOILOVA

Axinia é uma educadora visionária russa que vive na Áustria. Apaixonada pela perspectiva da pedagogia universal, atualmente escreve um livro sobre história e futuro da educação mundial, intitulado “A hora da Pedagogia Mundial” e está criando uma escola alternativa com o objetivo de unir as melhores práticas de aprendizagem do mundo para ser um exemplar inspirador de uma educação esclarecida.

## FLÁVIO BASSI

Flavio Bassi é antropólogo, biólogo e educador popular com 15 anos de experiência no setor social no Brasil e internacionalmente. Foi fundador e diretor executivo da ONG Ocareté, que atua no campo socioambiental, diretor regional da Ashoka para o sul da África, e atualmente lidera o programa Empatia e Escolas Transformadoras (Changemaker Schools) da Ashoka na América Latina. Em 2012 foi reconhecido como “Europe-Africa Young Leader” pela BMW Stiftung, e em 2013 recebeu o prêmio “Top 35 Under 35 Young Foreigners Making an Impact in Africa” pela Young People in International Affairs (YPIA).

## FLOR DILLON

Flor é da Universidade Viva Inkiri e vive na ecovila de Piracanga.

## FLORIS KOOT

Floris Koot está entre os co-fundadores de *Knowmads*, uma jovem startup alternativa em educação, cujo foco é educar quem faz a mudança. Ele também é um visionário educacional, inventando novos paradigmas através da brincadeira e mudando paradigmas. Antes disso, ele explorou toda uma vida de experiências em todos os tipos de profissões criativas. A tempo ele explorou todas as oito áreas (arte, brincar, comunidade, corpo, natureza, sabedoria, inteligência coletiva e amor) e aprendeu a abraçar novos paradigmas que desafiaram sua perspectiva para educações mais convencionais. Durante sua jornada, explorou a capacidade criadora de si mesmo e de outras pessoas, em jogos de dramatização para gerenciamento (Bouwfonds, Bank of Scotland, Shell, KPMG, Sogeti, De Baak) e festivais (NNF, Open UP). Ele brincou com o Fool Corporate (Foolservice) e desenhou e apresentou oficinas e eventos. Fala sobre estes e outros tópicos quando requerido. Desde 2004, juntou-se às forças da inovação educacional.

## GALORIAN

Galorian é autor, palestrante e conselheiro internacional em educação criativa para órgãos governamentais, instituições sem fins lucrativos e institutos de educação e cultura.

## GERALD HUETHER

Gerald é Professor de Neurobiologia e Chefe do Centro de Pesquisa Preventiva Neurobiológica da Universidade de Göttingen - Alemanha (Clínica Psiquiátrica) e do Instituto de Saúde Pública (Universidade de Mannheim). Especialista em desenvolvimento cerebral, Gerald é autor de numerosas publicações científicas, diretor da Academy for Potential Development e fundador do movimento de transformação da educação “Schule im Aufbruch”.

## HELENA SINGER

Helena nasceu na cidade de São Paulo, capital do estado de mesmo nome, no Brasil. É ali que passou a maior parte da vida e onde reside atualmente. É socióloga e desde sempre se dedicou aos temas da democracia e da inovação social, sendo que a maior parte dos seus projetos e ideias se concentra no campo da educação. Sua aposta é que as organizações sociais (estatais ou comunitárias), para serem efetivamente públicas, devem ser geridas democraticamente por seus funcionários e pelo público as quais são destinadas. Estes agentes, juntos, encontram formas inovadoras de superar os desafios cotidianos e estruturais. Helena foi diretora do Centro de Referências em Educação Integral, diretora Nacional de Ações Estratégicas e de Inovação do SESC e como Conselheira Especial do Ministério da Educação, presidiu a Iniciativa para a Inovação e a Criatividade na Educação Básica. É adepta da frase de Gilberto Gil, “o melhor lugar do mundo é aqui e agora”.

## JOSÉ PACHECO

José é um educador português que criou uma escola pioneira em Portugal, a Escola da Ponte. Em maio de 2004 foi premiado pelo presidente de Portugal Jorge Sampaio com a Ordem da Instrução Pública. Há dez anos vive no Brasil atraído pelo maior movimento inovador na área de educação. Ele também é escritor de alguns livros e de uma ampla gama de artigos.

## KŪ KAHAKALAU

Kū é uma educadora havaiana nativa, pesquisadora, compositora e especialista em língua, história e cultura havaianas. Depois de décadas criando e testando modelos havaianos de educação, Kū está desenvolvendo um sistema havaiano de educação orientado pela cultura e família, e baseado naquilo que é local e sustentável.

## MANISH JAIN

Manish é co-fundador da Shikshantar, instituto para repensar a educação e o desenvolvimento, da Swaraj University, da Creativity Adda, da Learning Societies Unconference, da rede Walkouts-Walkon, e da Udaipur, uma cidade educadora na Índia. Colaborou com a rede Ecoversities e antes disso trabalhou para a UNESCO, foi consultor da UNICEF, Banco Mundial, USAID na África, Ásia e ex-União Soviética. Manish também trabalhou na Morgan Stanley. Tenta desaprender sobre seu mestrado em Educação da Harvard University e seu B.A. em Economia da Universidade Brown. Ele e sua esposa Vidhi estão se desescolarizando juntos com sua filha, Kanku. Manish editou vários livros sobre temas como sociedades de aprendizagem, cultura da abundância, mídia comunitária e ferramentas para diálogos profundos.

## PHILIPP MÄNTELE

Philipp é co-fundador da Academia de Inovação Social de Uganda. Ele é apaixonado por Empreendedorismo Social, e depois de se formar como engenheiro eletricista, decidiu se dedicar a um mestrado em educação profissional e design.

## THEREZITA PAGANI

Thereza Soares Pagani nasceu em Colatina, Espírito Santo em 1931. Formou-se em piano no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro e deu aulas de piano durante muitos anos. Já em São Paulo, trabalhou em meados da década de 1960 por mais de 10 anos na Pró-Arte Brasil, entidade de ensino e divulgação de música dirigida pelo pianista Gilberto Tinetti, desenvolvendo um trabalho de artes-plásticas com crianças. Em 1975 fundou a escola Te-Arte de Criatividade Infantil em uma casa no bairro de Perdizes atendendo crianças de 8 meses a 7 anos pela manhã e de 8 a 15 anos à tarde. Ela e sua equipe formaram-se em psicodrama com Marisa Greeb, em dança brasileira com Raquel Trindade, em judô

com o mestre Kurachi. Em 1981 mudou a escola para um terreno no Butantã com instalações construídas especialmente para compor as bases da sua pedagogia orgânica. Escreveu durante quase 2 anos artigos publicados na Folha Equilíbrio e participou de inúmeros seminários e congressos sobre arte-educação e educação infantil. Adquiriu sempre na atuação prática e nos estudos teóricos, profundos conhecimentos sobre desenvolvimento infantil e humano, o brincar e a cultura da infância, psicanálise, arte-educação, relações familiares, corporeidade, cultura popular brasileira. Tornou-se referência no Brasil por seu método de trabalho e por sua escola Te-Arte.

### THOMAS HEIDE

Heide é filósofo educacional dinamarquês, autor, designer de objetos filosóficos e empreendedor educacional, tem Mestrado da Universidade de Aarhus e é co-fundador da Kaospilots na Dinamarca.

thomas.heide@post.au.dk

### TIÃO ROCHA

Tião é educador, antropólogo e folclorista brasileiro. Autor de livros sobre desenvolvimento cultural e comunitário e membro de diversas organizações que promovem iniciativas culturais em comunidades. Tião é fundador e presidente do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), uma organização não governamental sem fins lucrativos, estabelecida em 1984 em Belo Horizonte, para promover educação informal e desenvolvimento comunitário por meio da cultura, aprendizagem entre pares, jogos, bibliotecas móveis, teatro e música. Ele e o CPDC têm estimulado a criação de cidades educadoras e sustentáveis no Brasil, na América do Sul e África. Tião Rocha em 2007 foi reconhecido pela Fundação Schwab como Empreendedor Social Brasileiro.

### YAACOV HECHT

Yaacov é um visionário líder internacional da educação democrática e da mudança social. Em 2005, “The Marker” - a maior revista econômica de Israel - nomeou Hecht uma das 10 pessoas mais influentes nas áreas sociais e educacionais em Israel. Ele convocou a primeira Conferência Internacional de Educação Democrática (IDEC) e fundou o Instituto para a Educação Democrática em Israel (IDE), com o objetivo de fazer mudanças no sistema de escolas públicas por meio da educação democrática. Em 2010, Yaacov co-fundou a Education Cities - the Art of Collaborations, uma organização com foco em transformar o sistema educacional no centro de desenvolvimento das cidades.

## TRADUTORES

---

### ADELA JURIA

Com sede em Viena (Áustria) Adela Jurja é uma Gerente de Vendas Internacional multilíngue com experiência de trabalho em diferentes indústrias. É Mestre em Estudos de Tradução pela Universidade de Viena e Bacharel em Energias Renováveis pelo TGM (Technologisches Gewerbemuseum) em Viena. Apaixonada por educação, completou o Curso de Pedagogia Mundial na Associação GLEE com Axinia Samoilova.

### AI-LIEN NGUYEN VASCONCELOS

Ai-Lien é professora de inglês e tradutora, formada em literatura inglesa e estudos da língua portuguesa. Seus interesses incluem plantas, poesia, e conversando sobre a política de raça, gênero e sexualidade.

## **ANA HUPFER**

### **BIANCA CASTIGLIONE**

Bianca Correa de Queiroz Castiglione, facilitadora, educadora popular, tradutora de mundos, curiosa, palhaça, repleta de vivências e pesquisas dentro do campo da inovação e da educação.  
bianca.castiglione@gmail.com

### **DIEGO KASHIURA**

Diego Kashiura, farmacêutico apaixonado por educação. Como profissional de saúde e humano, busca novas formas de transmitir conhecimento e aprender em colaboração com outras pessoas.  
dt.kashiura@gmail.com

## **ELEN CANTO**

### **FELIPE SIMAS**

Felipe Nogueira Bello Simas (D.Sc) - Engenheiro agrônomo, cientista do solo e professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, atuando no curso de Licenciatura em Educação do Campo: habilitação Ciências da Natureza. Atua em projetos de fortalecimento de comunidades rurais, facilitando processos de aprendizagem colaborativa e educação sustentável.  
fnbsimas@gmail.com

### **FIDEL MADEIRA**

Fidel Madeira é redator de São Paulo, com trabalhos em jornalismo e publicidade publicados no Brasil, Inglaterra e Estados Unidos.  
delmadeira@gmail.com

## **GABRIELA SIMÕES**

## **JULIJA SCHNEIDER**

Julija Schneider é whorfianista convencida e, portanto, acredita firmemente que a linguagem não é uma mera forma de expressar os pensamentos e ideias de uma cultura, mas é em si mesma um meio que molda esses pensamentos e ideias em primeiro lugar.

## **JULIANA MAGALHAES**

### **KARIN KAORI**

### **LAURA ZELLMEISTER**

### **LIA CAROLINA ORTIZ DE BARROS GLAZ**

Lia Glaz é mestre pela School of International and Public Affairs da Columbia University, onde se especializou em desenvolvimento político e econômico, e bacharel em administração pública pela Fundação Getúlio Vargas. Nos últimos 12 anos, trabalhou em empresas e organizações sociais no Brasil, Canadá e Suíça nas áreas de educação pública, alimentação saudável, esporte, sustentabilidade e microfinanças. Atualmente é gerente de projetos do Instituto Península, Lemann Fellow e voluntária sempre que possível. Ela acredita que o Brasil pode ser um país muito melhor para todos.  
liacarolina.glaz@gmail.com

### **MARCELA LORENZONI**

### **MARCELO LUNA**

Especialista em Empreendedorismo e pesquisador de Educação Inovadora e Autoconhecimento. Voluntário em Educação Básica e Preservação da Natureza. Experiência de 20 anos nos EUA, Europa e Brasil. Leitor voraz, praticante de meditação e viajante.  
mlunamorais@gmail.com

## MIKE CURTIS

Mike trabalhou como professor de escola e universidade, como arquiteto, e desenvolvedor de software. Atualmente pesquisa os impactos sociais de mudanças rápidas na tecnologia e como torná-los seus benefícios disponíveis a todos.

mike@janusweb.org

## NATASHA NAKAMURA CORDEIRO

Natasha Nakamura Cordeiro é uma Internacionalista brasileira estudando Pedagogia. Professora assistente em escola socioconstrutivista e mediadora em projetos sociais e colaborativos. Morou na China e Nova York. Entusiasta da vida e da Educação como ferramenta de empoderamento e transformação social.

natasha.nakacorde@gmail.com

## NATHALIE NAHAS

Nathalie é brasileira e mora em São Paulo. Ela trabalha e tem paixão pela área de sustentabilidade com um foco em educação. Acredita que a educação cada vez mais deve passar por mudanças que deem aos alunos as ferramentas para garantir um futuro verdadeiramente sustentável.

natnahas@gmail.com

## PEDRO BARRERA

Pedro Barrera se interessa por história, psicologia, antropologia, sociologia e línguas; ouve Metallica, Loreena Mckennitt e Dead can Dance; lê Murakami, Tolkien e Hesse; assiste Battlestar Galactica, Gladiador e Matrix; e um dia vai terminar de escrever sua fantasia épica medieval. Também é jurista e servidor público no Paraná (Brasil).

## PENELOPE VALENTE

Penélope Valente é paulista formada em Biologia e em Publicidade, atua como tradutora, professora e com publicidade. Tem um gato e é apaixonada por descobrir novos lugares e idiomas, conhecer culturas, aromas e paisagens diferentes!

penelopefvalente@gmail.com

## RICARDO SATO

### ROGER LAI

Roger Lai é formado em Relações Internacionais pela USP e acumula experiências no terceiro setor, pelas quais passou a se interessar por Educação Popular, Psicologia e metodologias colaborativas. Trabalhou junto a movimentos sociais, foi educador no cursinho popular do Núcleo de Consciência Negra, e dá aulas de inglês. Acredita que o mundo pode ser transformado por meio da descolonização de nossos corpos e mentes.

rogerlairi9@gmail.com

### SIMONE MITIE TANIMARU

Simone Mitie Tanimaru. Nasceu em São Roque e cresceu em Ibiúna (“cidade do alface”). Morou 2 anos no Japão. Formou-se em Engenharia de Produção na UFSCar onde participou da AIESEC, cursinho social voluntário, Liga de Mercado Financeiro e fez intercâmbio de 1 ano nos Estados Unidos como bolsista. Hoje vive em São Paulo e vê na Educação a oportunidade para mudança social e liberdade.

### TERESA J. FRITH

Teresa trabalhou como diretora-chefe na Marinha Americana até 2011. Atuou como jornalista, escritora e editora. Possui licenciatura em inglês pela Western Illinois University. Nasceu em Washington D.C e agora mora com o marido, Arthur, em Nashville, Michigan.



**ADEBAYO** AKOMOLAFE

**AXINIA** SAMOILOVA

**FLÁVIO** BASSI

**FLOR** DILLON

**FLORIS** KOOT

**GALORIAN**

**GERALD** HUETHER

**HELENA** SINGER

**JOSÉ** PACHECO

**KU** KAHAKALAU

**MANISH** JAIN

**PHILIPP** MÄNTELE

**PHILIPPE** GREIER

**TATHYANA** GOUVÊA

**THEREZITA** PAGANI

**THOMAS** HEIDE

**TIÃO** ROCHA

**YAACOV** HECHT